A. GONÇALVES DIAS

BRAZIL

E

A OCEANIA

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

OBRAS POSTHUMAS

DE

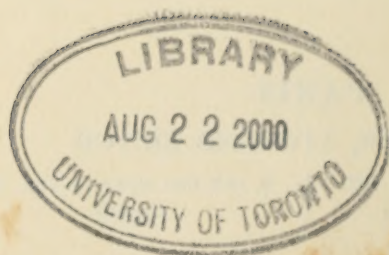
A. GONÇALVES DIAS

O Brazil e a Oceania

PARIS

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO-DE-JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

INTRODUCÇÃO

Descrever o estado physico, moral e intellectual dos indigenas do Brazil, no tempo em que pela primeira vez se achavam em contacto com os seus descobridores; e ver que probabilidade ou facilidade offerecião nessa época a empreza da cathequese ou da colonisação, — eis a primeira parte do problema que devo desenvolver.

Não serão precisos encarecimentos para fazer comprehender quão difficil é a tarefa, principalmente pelo decurso de mais de tres seculos, acompanhados de uma tal multiplicidade e variedade de successos, que ou poseram em esquecimento aquellas primeiras paginas da nossa historia, ou as tornáram mais confusas.

Longe de mim a louca presumpção de deixar por uma vez aclarados e definidos factos relatados de maneira tão diversa, obervações tão disparatadas e tão pouco congruentes de autoridades igualmente respeitaveis. Só com o tempo se poderão resolver algumas duras questões, que parecendo affectar exclusivamente aos nossos indigenas, dizem por ventura respeito á ínfancia de todos os póvos.

Pela minha parte, contentei-me de colligir, de con frontar e de combinar no que pude o que a tal respeito achei escripto, tirando conclusões que me parecêram justas, e formando conjecturas que se me antolháram como as mais plausiveis, se não são verdadeiras. Mas ainda assim, não será inutil este trabalho, ou extracto, se o quizerem — de chronicas antigas, de livros pouco vulgares, de memorias e relações pouco lidas, — e com difficuldade encontradas.

Os que se applicarem a estes estudos agradecer-me-hão talvez o empenho do resumir em um só corpo as observações e asserções dos primeiros viajantes, credores por isso de maior conceito, — apresentando-as como um só todo, cuja unidade se descortina atravez da diversidade de materias de que me tenho de occupar.

O Brazil e a Oceania

CAPITULO I

EMIGRAÇÃO DOS INDIGENAS DO BRAZIL

Tendo de me occupar com os homens que habitavão a porção da America Meridional, que chamamos Brazil — na época em que pela primeira vez se acháram em contacto com os Europeos, não seria fóra de proposito tratarmos primeiro que tudo da sua historia anterior, se tal nome póde caber a alguns factos desconnexos, e a algumas hypotheses que por mais bem fundadas que pareçam mal chegam áquelle limite duvidoso onde o verdadeiro e verosimil se amalgamam.

Pouco se poderá dizer de um povo sem meios nem possibilidade de transmittir os seus actos á posteridade, — e cujas recordações não passam além da memoria de um homem, ou das tradições de uma familia, — tradições, que de ordinario reciprocamente se contradizem e combatem nas relações de tribus, e havia muitas dispersas e separadas, — ou limitrophes que se contrapunham n'um estado de hostilidade permanente, e de odios reciprocos, que longe de se abrandarem com o tempo, se encrudesciam cada vez mais pelo proprio facto da vizinhança. Acharemos

comtudo com o Sr. Ferdinand Denis (1), na falta de dados positivos e seguros, — e dos documentos que usamos consultar quando se trata da historia de um povo policiado, que as considerações tiradas do estado em que achamos os habitantes desta parte do novo mundo, — a semelhança de linguagem e de crenças, — a identidade de indole e de costumes nos pódem conduzir á probabilidade historica, o maximo ponto a que nos é permittido chegar, ao menos por em quanto.

O povo, corpo collectivo de individuos, é com razão assemelhado a cada uma das unidades de que se compõe. Ora, assim como o individuo conserva sempre resquicios da sua primeira educação, e, seu máo grado, se deixa influenciar das pessoas e cousas, que na sua infancia o cercáram; — assim tambem o povo, á semelhança d'aquellas nuvens que, segundo a expressão do poeta, vão tomando a configuração dos logares por onde passam, não se podendo nunca desquitar completamente da lembrança do seu passado, conserva os traços da sua educação politica e social, — donde com o andar dos tempos, quando por ventura se chega a converter e constituir em nação, se vão formando as idéas, desenvolvendo as tendencias, manifestando os instinctos, que formam o seu caracter social. Quando pois queremos achar a razão dessas idéas, tendencias e instinctos, — ou melhor — dos seus usos, leis e costumes, convem lançar uma vista d'olhos no seu passado, até onde elles alcançarem, como escavariamos a terra em roda de uma arvore, para descobrir no seu seio o logar onde principiou a germinar a semente.

(1) *L'Univers — Le Brésil* por F. Denis.

Esta observação, apezar de generica, terá todo o cabimento quando me occupar da semelhança de costumes caracteristicos, que observamos entre os indigenas do Brazil e os da America do Norte; mas já não será ociosa neste logar, quando nos importa antes de tudo tratar do movimento da população americana no Brazil em épocas anteriores ao seu descobrimento.

Em um succinto trabalho, ha tempos publicado (1), em que me aventurei a tocar de passagem nesta materia, deixei dito como me parecia provavel que o movimento da população americana no Brazil se tivesse effectuado de norte á sul. Então como agora, deixamos de parte o exame de donde provieram esses póvos: questão que é sem duvida do mais alto interesse, mas que pouco faz ao nosso caso, accrescendo que no seu desenvolvimento arriscariamos perdernos, como alguns outros, no labyrintho inextricavel das épocas primitivas da historia.

Dissémos que a emigração teria caminhado do norte para o sul; e como no Oyapock e Amazonas encontrassemos tudo quanto era mister á vida do selvagem, — pareceu-me tambem que aquelles logares deveriam ter sido o centro donde partiram continuadas lévas de indios que com o crescimento da população, e instabilidade da sua vida, e curso dos annos se espalharam por todo o nosso líttoral. Não foi opinião formada sobre meras conjecturas para explicação de factos conhecidos: pois ainda agora tenho para mim que se baseia em factos, e se deduz do raciocinio.

(1) Estudos sobre os Annaes Historicos do Maranhão por T. P. de Berredo (2.ª edição) por A. G. Dias.

Em primeiro logar é para mim fóra de duvida que a raça tupy — longe de ser autochthona, — era a ultima ou a unica raça conquistadora. Uma prova do que avanço se encontra na propria linguagem de que usavam, — prova que se vai prender a considerações tiradas do seu estado, que fazem muito para o ponto em discussão.

Á renhida luta que em todas as partes os Tupys sustentavam contra as tribus do interior, poderia provir da sua indole bellicosa, — das suas instituições que consideravam o mais guerreiro como o mais digno de louvor e de estima, — reservando todos os premios da vida futura para aquelles que sabiam affrontar a morte, as privações e os trabalhos com indomavel coragem. É este um ponto de contacto que tem entre si todos os póvos selvagens, e principalmente os da America Meridional. Achamos a estes homens sempre em luta e desavindos, ainda que visivelmente provenham da mesma origem. Porém as tribus do interior muitas vezes tratavam pazes entre si, — assim como as do littoral umas com as outras; em quanto não ha exemplo, ou bem raros são, se os ha, de que ao menos temporariamente estas se alliassem á aquellas. Este facto grandemente significativo pela sua constancia, me faz crêr que entre umas e outras destas tribus, prevalecia uma causa de inimizade rancorosa e indelevel, — a lembrança de odios antigos e de sanguinolentas represalias, — ou antes a conquista, — unico motivo que poderia ter operado uma scisão tão profunda.

Factos desta ordem não podiam deixar de ter os equivalentes representados na linguagem commum. É uso o que observamos; porque ao passo que muitas vezes chamavam pelos seus nomes proprios as tribus

co-irmãs, com quem guerreavam, ou as indicavam como suas contrarias tapuyas — : as tribus do interior eram designadas sempre pela palavra generica « tapuys » ; — mas com a declaração de que eram outros differentes dos primeiros : « tapuyas caa-póra» inimigos habitantes do interior (1).

Ha ainda outro exemplo, tirado tambem da sua linguagem, e que me parece provar concludentemente que os tupys eram os conquistadores, e não os primitivos habitantes do paiz : é o uso de certas palavras, de certas frases, de certas interjeições, de que só as mulheres se serviam ; em quanto os homens tinham outras da mesma ordem exclusivamente suas, para designar os mesmos objectos ou exprimir os mesmos sentimentos.

Bastantes exemplos destes, e não somente alguns, como na sua Historia da Provincia da Santa Cruz, pretende Magalhães Gandavo (2) temos na lingua

(1) Em qualquer dos nossos antigos escriptores se encontra o verdadeiro sentido da palavra — tapuya — tão generica que a applicavam aos europeos, quando em estado de guerra com elles; ainda que para estes tivessem o termo proprio — *cobayana* — contrarios — mas que tanto vale como se dissessem « homens — d'além, — da outra parte ». *Caápóra* segundo o autor da *Porunduba Maranhense*, quer dizer « habitantes de mattas agrestes e rudes » ; mas a palavra — « *póra* » — indica que o sujeito — participa intimamente da natureza da cousa a que se liga, ou do logar que habita : Ybake *póra* — o que está no inteiro gozo da bemaventurança, — o que participa da natureza celeste é o mais expressivo de todos os vacabulos para exprimir a idéa que fazemos de um « bemaventurado ». Tatapora, de que fizemos catapora quer dizer o fogo intimo, — o fogo que está dentro. *Tapuya caapóra* designa o inimigo ; mas o inimigo tão agreste e selvagem como os seus mattos : designa o gentio (Diccionario Brazil. pov. *gentio*) não no sentido catholico; — mas o gentio, « selvagem, mesmo para outros selvagens ».

(2) Alguns vocabulos ha n'ella de que não usam senão as

geral, sendo muito para notar-se que isto se observa principalmente nos vocabulos de que se serviam para exprimir os differentes gráos de parentesco, — taes como filho, primo ou prima, sobrinho, neto, nora, genro, sogro, etc. Ora os Indios que tinham o costume de devorar os prisioneiros, reservavam, como os caraibas (1), as mulheres para o captiveiro, não por nenhum sentimento de generosidade ou de grandeza; mas porque dellas careciam para o serviço do campo na paz, e transporte das bagagens na guerra e suas marchas. O numero destes vocabulos deveria ter sido considerabilissimo nos primeiros tempos da conquista; mas os que chegaram até nós bastam para provar o entrelaçamento de duas raças differentes. Estas allianças em tão vasta escala, só se podiam effectuar por meio da força, e trouxeram naturalmente esse resultado; por que as mulheres tendo pouca communhão com os homens, e vivendo afastadas delles até nas suas festas e banquetes, podéram conservar muitas das expressões a que estavam habituadas, e transmittil-as ás filhas, suas companheiras assiduas. Os filhos, porém, que desde a infancia se applicavam aos exercicios guerreiros, vivendo na companhia dos homens, perderiam com facilidade este habito. Não se nota este facto entre os Caraibas do continente, povo que tinha os mesmos habitos, e segundo é de crêr a mesma origem: mas apparece já entre os das Antilhas, dos quaes escreve o Padre Raymond Breton (2). « Os homens têm muitas

femeas; outros que não servem senão para os homens » Magalhães Gandavo ». — Cap. 10.

(1) A feminis abstinebant cannibales appellati. Hist. Venet. ediç. de 1551, p. 83.

(2) Hist. naturelle et morale des Iles Antilles, cap. 10. pag. 391.

expressões que lhes são proprias, que as mulheres bem comprehendem; mas de que se não servem nunca. E as mulheres tambem têm as suas palavras e frases, de que os homens não usam sob pena de serem escarnecidos. Donde vem que escutando uma boa parte, dir-se-hia que as mulheres têm uma linguagem differente da dos homens..... pela differença no modo de fallar de que os homens e as mulheres se servem para exprimir a mesma cousa. » A explicação deste autor pareceu-me tão satisfactoria, que a adoptei.

Assim pois eram os tupys a ultima ou a unica raça conquistadora: podemos concluil-o pois que eram elles os mais bem aquinhoados. Digo—a ultima ou a unica; por que ao travez de tantos seculos barbaros, nada de positivo se póde affirmar sem receio de cahir em erro. Fallam as suas tradições de um grande cataclysmo, após o qual elles se haverião estabelecido nestas paragens. Talvez usassem desta linguagem figurada para exprimir uma grande revolução ou emigração como usam os mexicanos do mesmo modo de dizer para significar uma invasão de povos barbaros; mas se por este cataclysmo elles entendiam realmente o diluvio (ainda que isso não seja muito de suppor) fica ainda a tradição servindo de prova da recordação longinqua que elles tinham, não das circumstancias, mas de um tempo da sua emigração.

O Padre José da Costa, diz ser corrente entre elles que depois do diluvio sahira de um lago um homem portentoso chamado « Viracocha », — e que das entranhas de uns montes sahiram uns homens nunca vistos, feitos pelo sol. Quererá isto dizer que o Brazil em tempos remotos soffreu duas

invasões simultaneas — uma procedente do logo da Cundinamarca — em direcção norte sul: outra dos aborigenes do Perú, acoçados pelos Incas e por elles despojados de seus territorios? É certo que com alguma verisimilhança seria admissel ter havido contacto, senão conflicto entre elles, pois que os Tupys collocam o seu paraiso além dos Andes.

Como quer que seja, e sem entrar mais profundamente nesta materia, concluo do dizer do Padre José da Costa, se o lago a que elle se refere fica ao norte do Brazil, como parece dever ser; — concluo, digo, que a tradição dos indigenas do Brazil, de accôrdo com o que supponho, faz progredir a emigração no sentido do norte a sul.

Outra tradição nos foi transmittida pelo Padre Vasconcellos (1). Segundo este autor, dois irmãos vieram ter a uma paragem que os portuguezes entenderam que vinha a ser Cabo-Frio. Eram ambos casados, e tinham ambos vindo por mar com as suas familias, por motivos de guerras, nas quaes por certo não levaram a melhor. Estas, segundo a referida tradição, foram as primeiras familias, que povoaram a America, mas a boa harmonia que até aqui os havia acompanhado não se sustentou por muito tempo. Tinha a mulher do irmão mais moço ensinado um papagaio a fallar com tal propriedade que parecia creatura humana. Cubiçou-o a mulher do mais velho, e d'aqui se originaram taes desavenças, que não podendo os dois irmãos continuar a viver juntos, — foi o primeiro assentar o seu domicilio para as partes do sul, donde

(1) Vasconcellos, chronica da Companhia de Jesus, Brazil, L. 1.º, n.º 75, pag. 79.

tirariam origem as nações de Buenos-Ayres, Chile e Perú.

É evidentemente fabulosa esta narração, ao menos quanto aos accessorios, sendo pouco de acreditar-se a vinda por mar destes dois irmãos. Se vieram fugidos por causa de guerras, como nos refere o autor, muitos deverião ter sido os foragidos ; — e neste caso tal emigração seria sem exemplo na historia dos póvos barbaros, que não sabem, nem podem accumular provisões para uma viagem demorada, e cujas canôas não lhes poderião ser de grande prestimo em navegação d'alto mar. Rejeitando, porém, o que ha nisto de pouco verisimil, fica ao menos clara, na tradição conservada, a lembrança de que uma outra terra teria sido a sua habitação primitiva; em quanto na America se encontraram outras tribus sem nenhuma recordação desta natureza: taes são os homens da raça pampeana, como D'Orbigny a qualifica, — e os tapuyos proximos delles.

Duas raças portanto, e duas pelo menos, occupavam o territorio do Brazil: uma com a mesma lingua, physionomia, armas, e costumes habitavam o littoral. Todas as tribus desta familia eram designadas por vocabulos tirados da mesma lingua, o que tende a estabelecer certa identidade de origem entre ellas ; ou o que é mais notavel, essas designações indicam de um modo incontestavel o parentesco que as unia a todas. Tupy, formado da palavra *tupá* — era a tribu mãe. Tamuya ou tamoyo — avô, — Tupiminós — netos, — Tobajaras — cunhados e alguns outros mais.

Outra raça diversissima, entre si fraccionada, sempre em luta, occupava o interior. Esta pela côr da pelle, pelos traços physionomicos pertencerá á

raça mongol (1). Aquella tem no seu aspecto alguma cousa dos ramos menos nobres da raça caucasica.

Com quanto fossem ao principio descuidosamente observados; as dessemelhanças physicas, assim como a diversidade de indole e caracter, que entre estes homens se observa, havia aconselhado aos missionarios a descriminal-os por alguma forma. Jaboatão os classifica igualmente em Indios mansos e bravos. « Mansos (diz elle (2) chamavam aquelles que com algum modo de republica ainda que tosca, eram mais trataveis, e se domesticavam melhor. Bravos, pelo contrario, eram aquelles que viviam sem modo algum de republica, intrataveis, e que com difficuldade se deixam instruir e domesticar. »

Destas duas raças — a tupy — a raça conquistadora ou invasora, era talvez a mais numerosa, e de certo a mais forte, com quanto em alguns logares já houvessem cedido ou fossem cedendo o terreno a seus contrarios : era a que se achava de posse das praias, — das mattas mais abundantes, e das margens dos rios mais piscosos.

Como foi a primeira que se offereceu aos olhos dos europeos, — a que em primeiro logar se achou em contacto com a civilisação, dar-lhe-hemos tambem a preferencia neste trabalho.

Donde vieram os tupys, — eis a primeira questão, que nos cabe elucidar. Do norte, disse eu. As margens fertilissimas do Amazonas e os paizes que ficam entre este rio e o Orenoco, eram os logares mais povoados — e os que mais vantagens offereciam a homens quasi sem morada, sem artes, sem agricultura

(1) Le *Brésil.* (*Univers Pit*) F. D., pag. 7 — les tapuyas paraissent avoir gardé l'empreinte sauvage du type mongol.

(2) Jaboat. Chr. Preamb. 7.°

e sem vestidos. Ali encontravam abundancia de fructos, de caça e pescado, de arvores que lhes prestavam abrigo contra as estações, de madeiras para as suas armas e canôas: ali desfructavam um clima que era para elles temperado, e onde se multiplícavam á ponto de irem fornecendo as continuadas emigrações de indios que d'ali vinham para occupar o restante do littoral.

A tradição, que já deixei citada extrahida das obras do Padre Vasconcellos aponta o Cabo-Frio, como a fonte e o viveiro da população braziliense. Segundo esta versão os *Tupys* — ou os *Brazilio-guaranienses* de D'Orbigny, dever-se-hiam ter estendido ao mesmo tempo para o norte e para o sul. D'Orbigny quer, pelo contrario que as suas emigrações fossem do sul para o norte. Segundo elle, os Guaranis estimulados pelo desejo de conquistar novas terras, cuja posse era por elles considerada como motivo de justa ufania, ou antes, coagidos pela necessidade de procurar em florestas menos batidas novos meios de subsistencia, e não podendo caminhar para o sul, onde os charruas ferozes e guerreiros se oppunham a que elles se apossassem do rio da Prata, emigráram seguindo já o littoral, cujo vasto horizonte lhes mostrava sem cessar novas terras, já o curso dos rios que lhes fazia antever paizes desconhecidos, já emfim planicies, que podiam percorrer facilmente, mostrando-lhes ao longe collinas e montanhas.

« Assim, continua este autor (1), desceram o Paraguay e Paraná e se estabeleceram sob o nome de *Gualachos* nas proximidades do rio Corondá, e em outras partes sob o nome de Caracarás Tembuès, Albèguás,

(1) D'Orbigny. *L'Homme Americain.*

chegando pelo Uruguay até perto de Buenos-Ayres. Caminharam mais de duzentas legoas pelo interior, até ás faldas dos Andes onde foram depois encontrados com o nome de Chiriguanos. E como até o Amazonas se acham rastos evidentes desta nação dever-se-ha suppôr, segundo o mesmo autor, que ella foi seguindo o littoral, e que depois em diversas épocas, ou anteriores ou contemporaneas á conquista subiu em canôas o grande rio e seus affluentes até o Yapurá e o Madeira. Foram, diz elle, foram as tribus guaranis que cedendo ao impulso da emigração do sul para o norte se estenderam pela costa, e debaixo dos nomes de *Galibis e Caraibas*, não podendo parar no curso das suas conquistas, passaram as Goyanas, estabeleceram-se no Orenoco, e d'ali se transferiram ás Antilhas, onde foram encontrados pelos primeiros europeos. »

Não contestamos as relações de semelhança que se poderam observar, e de facto se observam entre os *Tupys* e os *Caraibas*: ha entre elles muitas analogias de linguagem, muita semelhança de costumes, muitas instituições identicas e até recordações ou resquicios de contacto que não deveria ter sido muito afastado do tempo da descoberta. As palavras de uso mais vulgar são as mesmas entre os tupys, Galibis de Cayenna e Caraibas das Antilhas; e quando não sejam rigorosamente as mesmas, a pequena differença que nellas se nota, poderá com razão attribuir-se á diversidade das ortographias seguidas pelos que colleccionáram os seus respectivos vocabularios. A identidade da origem destas tres familias se acha comprovada pelas suas tradições. Os Caraibas se diziam descendentes dos Galibis de Cayenna (1) e os Tupys,

(1) Rochefort, Hist. naturelle des Antilles a dit que les Ca

dando o nome de Caraibas aos mais venerados dos seus sacerdotes, prezavam-se, segundo refere Thevet, de serem seus descendentes (1).

Não ha, porém, razão alguma para que os supponhamos vindos do sul.

Respeito muito a autoridade de D'Orbigny, e não é de leve que a rejeito. Observando de perto os Guaranis, tomou-os por typo de toda a raça, e do ponto em que se achava collocado pareceu-lhe que as emigrações haviam seguido a direcção dos seus olhos, persuadindo-se de que partiram donde elle estava, e não que já houvessem chegado até ali. Faltou-lhe consultar a historia do Brazil; se o houvesse feito, dois factos só talvez bastassem para o convencer de que aquelle movimento real sem duvida, teve contudo principio e direcção contraria a que elle lhe quer suppôr. É o primeiro, a pressão que quasi constantemente se observa nas tribus do norte sobre as do sul. Desenvolveremos este ponto quando tratarmos das ramificações desta grande raça, que se espalhavam por todo o littoral do Brazil: então veremos como aquellas em quanto vencidas por um lado, iam ganhando terreno pelo outro, sem que entre a ultima e a primeira se podesse determinar — qual era a mais guerreira ou qual a mais numerosa. O segundo facto é o da emigração depois da conquista. Vencidos pela superioridade das armas européas, os indios se retiraram não para o sertão, mas por meio delle procurando o Amazonas e as florestas do norte. Que conhecimentos topographicos podiam ter destas localidades, sem nenhum meio, nem possibilidade de

raïbes, s'accordent dans leurs prétentions à descendre des Galibis des Guyannes. D'ORBIGNY. P. 2. p. 276. *Ob. cit.*

(1) MOKE, p. 85.

communicação entre si, se não fosse a experiencia ou a tradição?

Vieram pois do norte (1): e além de outras provas, temos a conformidade dos seus costumes com os dos Hurons e Iroquezes, do que facilmente nos convenceremos se confrontarmos as narrações de Ulrich Schmidel e de Hans Stadt (2): eram as suas casas e as suas *tabas* semelhantes ás habitações d'aquelles, os mesmos os meios de defesa que empregavam, e o uso do tabaco como distracção, e servindo nas suas solemnidades com o mesmo effeito que o incenso entre nós. Quanto ao costume de conservarem dia e noite o fogo acceso junto de suas redes (3): podia ser isso uma recordação da vida do norte, se não tivessemos uma explicação natural na fumaça que afugenta os mosquitos, na luz que afugenta as cobras, e sobre tudo no cuidado que deveriam ter na conservação deste elemento, que só podiam obter pelo atrito e por meio de um processo extremamente moroso e cansado. Emfim é nelles tão completa a semelhança, que Moke, o escriptor já citado, depois de descrever os costumes dos Caraibas e Brazileiros, se julga dispensado de reproduzir os mesmos traços para pintar, os indios da America do Norte (4).

(1) Les migrations des peuples américains se sont aussi opérées du nord au sud, depuis le sixième jusqu'au douzième siècle. VIREY. *L'Homme.* T. 3, p. 214.

(2) Ulrich Schmidel, cap. 21 e 42. Stade, cap. 15 e 11.

(3) Os Hurons e Iroquezes (diz Lafitau) conservam sempre o fogo acceso como outros tantos deoses lares, e enterram os seus mortos da mesma maneira que os *Caraibas e Brazileiros. Mœurs des sauvages américains.* T. 1.

(4) Nous nous abstenons de retracer les détails de la vie domestique des tribus du nord, pour éviter des répétitions sans intérêt, — ces mœurs offrant peu de traits que nous n'ayons déjà indiqués, en parlant des Caraïbes et des Brésiliens. MOKE. — 1847, p. 214.

As emigrações dos povos selvagens, com meios escassos de subsistencia não poderiam constar de immensidade de familias : deveriam portanto marchar em grupos e estabelecer-se em localidade, não tanto aprazivel, como abundante e saudavel. Os que viessem depois, achando já occupado o logar por outros da mesma raça, passarião adiante; e assim se iriam succedendo por largo espaço de tempo. Sabemos que por qualquer motivo que fosse a reproducção americana era pouco abundante, e por tanto bom numero de seculos seria preciso antes que uma quantidade diminuta de familas se reproduzissem á ponto de encher o vastissimo espaço, que a raça tupy occupava.

Esta passagem de tropas por meio de um territorio já possuido não era pacifica em todos os casos. Nem sempre os emigrantes se continham a ponto de respeitar o que lhes não pertencia, nem os que os hospedavam estariam sempre dispostos a soffrer resignadamente os effeitos de suas depredações. D'aqui provinham rixas e lutas entre homens da mesma origem, e os vencidos como já não podessem desalojar os erozes tapuyas, teriam, para se subtrahir a uma ruina certa, ou de se fundirem com os vencedores, ou de collocarem-se no sertão entre elles e os tapuyas, sendo de pósse mais facil o terreno que uns não queriam por menos abundante, e outros desamparavam pela proximidade dos invasores.

O que destas considerações resulta é que as familias chegadas em ultimo logar, seriam aquellas que se estabeleceram mais longe e mais ao sul.

Quando obrigados a retrogradar procuravam o ponto de donde primitivamente haviam partido, como se achassem debaixo do influxo das mesmas causas,

a mesma cousa deveria necessariamente ter acontecido, — isto é — aquellas que se achassem mais ao norte — sitios menos combatidos ao principio, — encontrando a algumas legoas de distancia logares defensaveis, — montanhas asperas, — rios de curso arrebatado, — ali se entrincheirariam; em quanto as que viessem após ellas, passando além, procurariam novas terras que lhes offerecessem as mesmas condições de segurança. Na volta como na ida o transito de homens para os quaes a guerra era um elemento, e o desejo de possuir novas terras de que careciam e que cubiçavam, — originaram novas lutas. Os vencidos não podendo retrogradar, e sendo difficil a passagem por meio de populações intactas, ou se fundiram tambem com os vencedores, ou se retiraram para o interior. Por isso vemos mesclados ramos de familias distinctas — ou habitando o sertão algumas do littoral.

Aconteceria igualmente que as que viessem mais do sul, com tanto que seguissem o littoral, deveriam provavelmente ter caminhado para o norte muito além das primeiras. É isto exactamente o que nos revela a historia; porque com quanto não determine de um modo preciso o logar donde partiram os tupys, — nem a ordem por que as differentes familias desta raça se foram succedendo nas suas emigrações, — achamos que na volta, aquelles cujas pégadas pudemos seguir e que se não aniquiláram completamente, se entranharam tanto mais para o norte, quanto mais ao sul haviam habitado. Encontramos os Tobajáras de Pernambuco nas serras do Ibiapaba, os Tupinambas da Bahia no Maranhão e Amazonas; e como se o grande rio não bastasse para este accrescimo espantoso de população, achamos profundos vestigios do

Tamoyo entre os Oyampis de Cayenna, e Galibis da Goyana.

Á proposito dos Tamoyos. A denominação das tribus é para mim de grande importancia, como indicando a sua origem, ou revelando alguma circumstancia da sua historia. A palavra — *tamoyo* ou *tamuya* (1) com que, segundo a jactancia ordinaria dos barbaros, se davam pelos mais antigos de todos os incolas da America meridional, — como a fonte ou o tronco de que todos os outros provinham, já na Goyana encontramos com um significado religioso, como se aquella tribu reconhecesse a necessidade, na invasão, de se acobertar com o respeito devido á religião e antiguidade da sua origem — e de se proteger na volta com o prestigio do seu nome.

Queremos concluir d'aqui que as familias que habitassem as extremidades norte e sul do territorio invadido, — o ponto da partida e o da chegada, longe de ser as que mais differissem em costumes, devem de ser pelo contrario aquellas em que melhor se manifestasse a identidade de origem — umas por serem berço, e outras por serem as ultimas que se haviam deslocado do grupo a que pertenciam todas. É este o motivo porque D'Orbigny as confunde. Esta é a razão porque entre os *tupys* eram mais que os outros respeitados, como os que guardavam mais puras as tradições da sua raça os sacerdotes Carijós e Caraibas, — o mesmo que acontecia nas Antilhas com respeito aos feiticeiros do continente (2). Outra

(1) *Tamuyas hostes*. Diz Anchieta no seu poema.

(2) ROCHEFORT (*ob. cit.* — Roterdam 1658) tendo dito que os feiticeiros do continente gozavam nestas ilhas da reputação de grandes sabios — accrescenta (P. 2ª c. 7ª p. 351.) « D'où vient qu'ils different beaucoup à leurs avis, et les prient de préside

prova que não é para ser desprezada do curso que deveram ter tido as emigrações dos indigenas do Brazil se collige do proprio D'Orbigny, com quanto insista na sua idea de que ellas deveriam ter marchado do sul para o norte. Como d'Orbigny é um escriptor escrupuloso, viajante que observou attentamente as differentes raças da America meridional, deduzindo deste estudo, e de suas observações os corolarios que estabelece não podemos, nem é justo, rejeitar as suas observações; mas ser-nos-ha permittido tirar dellas novos corolarios, que se não o são, parecem verdadeiros.

Estudemos o quadro que elle nos apresenta das raças da America Meridional, as quaes, segundo elle affirma, guardam entre si as mesmas relações topographicas, que tinham no tempo da conquista, se não é que o seu numero diminuio consideravelmente. Tres grandes raças se nos offerecem aos olhos, a *Ando-peruana*, — a *Pampeana*, e a — *Brazilio-Guaraniense*, que chamamos *Tupy*. « Ora (diz Moke (1) lançando os olhos sobre o mappa em que se traça a sua situação, vê-se que todas tres se prolongam sem interrupção de norte a sul, como massas, a que o mesmo impulso tivesse dado uma direcção uniforme. Assim o local que ellas occupam, attestam tambem o sentido em que marcharam, — sahindo todas do isthmo mexicano e caminhando para o meio-dia. »

Nações que nas suas generalidades parecem remontar a um typo commum, apenas differentes em

à toutes leurs festes et réjouissances, lesquelles ils ne célèbrent guére qu'il n'y ait quelqu'un de ces caraibes, qui pour cet effet vont rodant çà et là par les villages ou ils sont reçus de tous avec joie, festins et caresses ».

(1) MOKE. *Hist. de l'Am.* pag. 70.

alguns caracteres distinctivos, — tendo os seus diversos grupos sempre em luta, já recuando, já ganhando terreno, occupavam maior ou menor extensão, mas sem que nunca se baralhassem; ainda que algumas vezes influenciadas pela vizinhança, e pela convivencia com os prisioneiros adoptassem costumes e vocabulos que lhe eram estranhos. Em primeiro logar os *ando-peruanos* estreitados de um lado pelos Andes e do outro lado pelo Pacifico, coagidos pela necessidade, e pelas circumstancias peculiares da sua posição, comprehenderam as vantagens da sociabilidade, e formaram-se em um corpo politico dominado pelo principio religíoso.

A necessidade de espalharem o seu dogma, o systema de proselytismo que tinham, — os obrigaram a descer o outro lado dos Andes, e pregar a póvos muito mais barbaros que elles os beneficios de uma civilisação, que estava longe de ser perfeita, mas que era salutar e benefica.

Em quanto a religião produzia estes resultados entre os Peruanos, — o amor da conquista e uma indole inquieta e bellicosa, conseguia com differentes effeitos a pósse do littoral do Atlantico. Os Pampas, porém, se pertencessem igualmente á tribu invasora, parece que deveriam ter procurado as praias do mar, onde a pesca lhes offereceria um meio facil e quasi diario de subsistencia : se o não fizeram sendo aliás uma raça numerosa, indomavel e mais feroz do que nenhuma outra das que habitavam esta porção da America, sou levado a crêr, que, não a conquista, mas antes a necessidade, os coagiu a residir nas vastas planuras, donde lhes vem o nome.

Os Guaranis por tanto deverião obrar sobre elles não por excesso de coragem, mas como um instru-

mento physico, e sómente pela superioridade do numero. De facto, vêmos os Pampas comprimidos do norte a leste, como se a pressão se houvesse feito sentir de ambos estes pontos, arredando-os d'aquelles que a ambição dos selvagens, com preferencia a todos, cubiçava as praias do mar. É deste modo que pudemos explicar a existencia dos *Guaranis*, além do rio da Prata, em quanto os Pampas ainda occupavam parte da outra margem. Era o effeito da invasão, que pouco e pouco ia ganhando espaço, cercando a tribu anterior, se não era a primitiva, sobrepujando-a pelo seu numero até que a obrigasse com o seu crescimento a procurar asylo na extremidade do sul.

A historia vem em apoio desta opinião. — Comquanto imperfeitos, os annaes mexicanos merecem ser consultados, como os que unicamente podem derramar luz sobre a importante questão de raças e emigrações dos indigenas da America. Estes annaes, ainda que não conservem lembrança da passagem de póvos barbaros ao travez do seu velho imperio, fazem mensão comtudo de uma peste que durante cem annos, e em um tempo que parece corresponder ao XI seculo da nossa era, tinha convertido o paiz em um vasto deserto; e que a população se havia renovado por um enxame de guerreiros, *que vinham do norte*.

É por tanto o undecimo seculo a época menos remota em que parece ter havido a possibilidade da passagem de uma população nova para esta parte da America : e devemos concluir que não só o movimento da emigração foi de norte a sul, como que se effectuou, não de um jacto, mas por turmas successivas, o que parecem indicar aquelles cem annos

de peste destruidora, de que tratam os annaes mexicanos de uma maneira tão mysteriosa.

Depois desta synthese, que apezar de succinta, procurei tornar tão completa, quanto me era possivel, — passaremos a ver quaes as differentes tribus, que habitavam o littoral do Brazil na época do seu descobrimento.

Será este o objecto do capitulo seguinte.

CAPITULO II

TRIBUS QUE HABITAVAM O LITTORAL DO BRAZIL

Um dos primeiros escriptores, que trataram dos indigenas do Brazil, foi Magalhães Gandavo: a sua historia da provincia de Santa Cruz, traduzida para o francez, começou a ter voga entre os curiosos — as suas asserções foram acceitas sem discussão, e ainda hoje é citado pelos autores estrangeiros como autoridade segura na materia, sem que soubessem, ou que lhes importasse o que a observação mais attenta de outros viajantes, ou a critica auxiliada pela experiencia lhes podesse ter suggerido.

« Os indios da costa (diz este autor (1) ainda que estejam divisos, e haja entre elles diversos nomes, todavia na semelhança, condição, costumes e ritos gentilicos são todos uns. E se n'alguma maneira differem nesta parte, é tão pouco que se não póde fazer caso disso. »

(1) M. Gandavo. Cap. 10. Laet, c. 3. « As nações que habitam o littoral do Brazil são pela maior parte differentes de linguagem; e todavia tem uma commum entre si, da qual se servem *ordinariamente* dez nações d'aquellas que moram proximo á praia do mar, *e mesmo no interior do paiz*. Quasi todos os portuguezes a comprehendem por que é facil, copiosa e agradavel. »

E mais abaixo como para prova da sua asserção, accrescenta.

« A lingua que fallam todos pela costa é uma ainda que em certos vocabulos differem n'algumas partes; mas não de maneira que se deixem uns aos outros de entender. »

Veremos no decurso deste trabalho que excepções se devem fazer a esta regra tão latamente estabelecida; que esses costumes são ás vezes caracteristicos, e que a linguagem variava um pouco mais do que parecia ao escriptor portuguez, satisfeito com o primeiro lançar d'olhos, sendo ás vezes inteiramente differente da lingua geral e inintelligivel para os que a fallavam.

Ao passo que pretendi demonstrar como as tribus tupys eram conquistadoras, procurei explicar ao mesmo tempo o motivo por que, pertencendo todas á mesma familia, podiam estar e estavam algumas vezes accidentalmente em guerra, porém sempre e implacavelmente com as tribus do interior. O costume de immolarem os prisioneiros, que era entre elles motivo de ufania e de orgulho, tornava irreconsiliaveis tribus irmãs — que uma vez se desaviessem, e cada vez mais pronunciada a inimizade entre as duas raças que nunca se poderam baralhar nem confundir.

Era, porém, impossivel que os tupys podessem aniquilar de um jacto e completamente as tribus que tiveram de combater. Estas pois, ou se conservaram pouco afastadas dos seus limites, resistindo á invasão — ou, o que é mais de suppôr, recolhidas e reconcentradas nas florestas, ali poderam multiplicar-se e tomar novas forças, em quanto a scisão se ia operando nos diversos grupos dos selvagens do littoral, e enfraquecendo-os de modo que não poderiam resistir á torrente

dos vencidos, quando sobre elles voltassem, cheios de forças novas e de odios antigos.

Assim — não obstante dominarem os tupys no littoral — em um ou outro ponto achamos tribus differentes que os atacaram e levaram de vencida, assenhoreando-se do territorio, donde, segundo antigos escriptores, deverião ter sido expulsos anteriormente (1).

Tratamos de tribus que já desappareceram, ou que atravez de tão graves vicissitudes como aquellas por que os nossos indigenas passaram se alteraram completamente, ou que distantes de nós, estabelecidas em sitios não praticadas pela civilisação, nem pelo commercio humano, exigirião para serem estudados e observados recursos maiores que os do individuo. Sobram-nos comtudo autoridades, e felizmente são os autores unanimes, ou pouco discrepam, quando tratam da disposição topographica das differentes tribus maritimas. Seguindo o seu exemplo, e mais ainda o curso que nos parece ter seguido a invasão, começaremos de norte a sul, desde o Amazonas até além de Santa Catharina, que os tupys já haviam ultrapassado no tempo das primeiras explorações maritimas dos portuguezes pela costa do Brazil.

Tem sido até aqui geralmente seguido o systema de se classificarem os indigenas, não segundo os logares de que se achavam de posse; mas segundo a divisão territorial por capitanias; systema viciosissimo porque presuppõe nos indigenas um conhecimento que elles não podiam ter com a docilidade extrema de se accommodarem nos limites que terião de ser demarcados aos donatarios do Brazil. As differentes tribus

(1) Tratando dos tapuyos, diz a *Noticia do Brazil* : « São muitos, e estão divididos em bandos, costumes e linguagem, inimigos das mais nações que os expulsaram das praias. »

tinham territorio seu com raias determinadas que a guerra por certo não respeitava; mas de que só a conquista os podia desalojar. O conhecimento deste territorio serve optimamente para indicar a extensão e a importancia da tribu, que o avassallára.

Os tupys, dissemos nós, na sua emigração ou invasão, não poderiam ter caminhado como uma torrente, nem realizado a sua expedição de uma só vez, — e por meio de immensa multidão; porque a não saberião pôr em movimento sem meios de procurar a sua subsistencia em um paiz abundante, mas sem agricultura. Deveram por tanto ter procedido por grupos de familia; e estes grupos, não tão diminutos que podessem soffrer estorvo com qualquer obstaculo material, com que deparassem, nem tão numerosos que lhes fosse impossivel ou muito difficil grangear alimentos: em qualquer dos dois casos, ficaria ou interrompida a sua marcha, ou compromettida a existencia de todos.

Estes grupos ao passo em que íam deparando com localidades apropriadas ao seu modo de vida. com ou sem opposição ali se estabeleceram. Como vivessem de caça e pesca, careciam para ter garantida a sua subsistencia de terras que chamassem suas, e estas só podiam alcançar pela força, só podiam conservar auxiliados pelas difficuldades do terreno. Os rios, as florestas, as montanhas eram seus marcos divisorios; mas quando uma das margens do rio era occupada por tribu de lingua differente da que fallavam os da margem opposta, ou quando uma floresta se interpunha entre ambos, nem sempre taes raias seriam respeitadas: então desfructada promiscuamente por ambos, deverião ser motivo de desavenças, e de ordinario o seu campo de batalha.

O Amazonas, não occupado durante muitos annos

pelos europeos, ainda muito depois do descobrimento do Brazil, era a vivenda em que de preferencia se accumulavam os indigenas, ou que ali se haviam estabelecido originariamente, ou que para ali concorriam acoçados e expellidos das outras partes do Brazil. Desde o Amazonas até o rio Grande do Norte, chamado « dos Tapuyas » pela immensidade de gentio que o occupava, a população era immensa; mas não poderemos hoje dizer quaes foram nem como se denominaram as tribus que em 1500 ou antes disso occupavam o espaço que medeia entre estes rios. Quando os portuguezes e francezes principiaram a colonisar essas terras, encontraram ali os fragmentos das raças destruidas mais ao sul; mas esses fragmentos, ainda respeitaveis para os proprios europeos, não se terião ali enraizado senão por um de dois meios — ou sendo amigavelmente recebidos, e havendo-se mesclado com tribus que descendiam da mesma raça, ou expellindo-as para lhes tomarem o logar. Quer n'um, quer n'outro caso, constituiam o maior numero; por isso que subsistia a denominação por que eram anteriormente e em outras partes conhecidas.

Não faça duvida dizerem os historiadores (1) que desde o Pará até o rio Jaguaribe era todo o espaço occupado por immensidade de tapuyas. Isto que vai de encontro ao que procurei estabelecer no capitulo antecedente, isto é, — que os tupys, retirando-se do sul se teriam estabelecido no littoral da parte do norte, acha-se tambem desmentido pelas suas proprias expressões. Fallam esses historiadores do tempo da colonisação d'aquellas partes, primeira occasião que tivéram de observar os seus habitantes; e nessa quadra

(1) *Noticia do Brazil* — e o Padre Vasconcellos.

sabemos que sobre os taes chamados «tapuyas» predominavam os potiguares, os Tobajáras, os Tupinambás e mesmo os Tamoyos (1), tribus que elles confessam pertencerem á classe dos que fallavam a lingua geral, — em contraposição aos outros que eram os indios do sertão — os inimigos das tribus da beira-mar. A *Noticia do Brazil* diz desses tapuyas que era gente mais domestica que os caetés. Ora já os caetés eram um ramo tupy (2), assim chamados por viverem nas florestas, mas dado que fossem tapuyas, se nos lembrarmos da distincção que entre elles estabeleceram os Jesuitas (3), concluiremos que estes de que se trata são verdadeiros tupys: ao menos elles se davam por taes. Os selvagens que habitam presentemente estes sitios (escreveu Laet) dizem que ha quasi sob o tropico de capricornio — uma muito bella provincia, chamada — Caeté — como quem dissesse grande floresta, coberta por todos os lados de um bosque espesso, e de arvores muito altas, e povoada de homens, que se chamavam tupinambás, por sua valentia em que excediam os seus vizinhos. Dizem que não podendo resistir aos portuguezes, retiraram-se ás florestas; não se

(1) Laet. diz dos Tupinambás. « Parece que elles se espalharam em todos os sentidos, por toda esta região, e tão longe que os mesmos habitantes do Maranhão se dizem seus descendentes, bem como os do Pará », pag. 536.

(2) Esta designação *Caeté* applicada a um ramo tupy, não póde ter outro sentido. Do mesmo modo quando Laet diz que os Tamoyos do Maranhão se davam por homens de *Caeté*, isso quer dizer que interrogados sobre donde tinham vindo, esses homens só respondiam com essa palavra, apontando para o lado onde essas florestas lhes ficavam.

(3) Indios mansos e bravos: aquelles que se domesticam facilmente — estes de condição intratavel.

N. do Brazil, cap. 16. « Este gentio tem a mesma vida e costumes dos Petiguares, e a mesma lingua, que é em toda como a dos Tupinambás. »

dando por seguros, atravessaram grande espaço de terras, e aqui chegaram. Dividiram-se em muitas parentelas, e tomam nome dos logares que habitam. *Paraná — enguares* — (os habitantes das praias) — *Ybiapab — enguares* — os das montanhas.

Occupado o espaço entre o Amazonas e o Jaguaribe, outros guerreiros supervenientes, os potiguares, tiveram de passar além deste rio, tomando-o comtudo por limite(1)e estabelecendo-se entre este e o da Parahiba. Achavam-se por tanto entre dois rios occupando o espaço que vai de 2 3/4 a 6 3/4 gráos do sul; mas em quanto algumas vezes estavam de paz com os habitantes da margem esquerda do Rio Grande (2) acoçavam os Tyguases (3) que habitavam a aldeia de Tabussurá, na bahia Ajacutibiró ou da traição : e passando nas suas correrias o Parahiba (4) iam combater os *Caetés* (5) que lhes ficavam ao sul, como se obedeces-

(1) Junto da barra desde o rio (Jagoaribe) se mette outro nelle que se chama o « Rio Grande » que é o extremo entre os Tapuyas e os Potiguares. ROTEIRO DO BRAZIL, cap 7. Leia-se *Potiguares* : L.es de Poti — Camarão. O nome do chefe designa sem a menor duvida uma tribu do littoral.

(2) Noticia do Brazil. Jab. pr. 7.°

(3) Laet. diz que os *Tyguares* habitavam uma legua ao norte da bahia da traição ; — e que os *Potiguares lhes faziam guerra*. Se a palavra *Tobajaras* quer dizer — habitantes do rosto da terra : — *Tyguares* — exprimiria os habitantes do nariz da terra, para indicar supremacia sobre aquelles, assim como o nariz é a parte mais saliente do rosto.

(4) « *Já haviam chegado ali com a sua conquista* » Jaboatão Pr. 7.°

(5) Senhoreavam do Rio Grande a Parahiba, onde confinavam com os *Caetés*, que são seus contrarios, e se faziam cruelissima guerra uns aos outros. (*Not. do Brazil.*) JABOTÃO, log. citado, falla na sua briga com os *Tobajaras*, até os fazerem deixar muitas d'aquellas costas. Jaboatão narra que os *Potiguares*, haviam lançado os *Caetés* e *Tabajaras* de Goyana, Itamaracá e parte de Olinda e Pernambuco. « E nisto (diz elle) mostrava ser guerreiro atrevido e ambicioso. »

sem ao impulso da invasão, ou que apertados pelo norte, procurassem aberta pelo lado opposto. Nem só aniquilaram, ao que parece, os *Tiguares*, guerreavam os *Caetés*, batiam os *Tobajaras* e levavam a devastação e o susto até á capitania de Itamaracá, onde, segundo os chronistas, fizeram consideravel damno aos Portuguezes. (1) « Tem (diz o autor da Noticia) os mesmos costumes e gentilidades que os *Tupinambás*, cantam e bailam, comem e bebem pela mesma ordem, — são bellicosos, guerreiros e atrevidos como elles, — grandes lavradores dos seus mantimentos, — bons caçadores e excellentes frécheiros. »

Duas tribus da mesma origem vindas uma após outra, occupavam o espaço que vai da Parahiba ao Rio de S. Francisco, cerca de cem leguas de costa. A mais recente ou antes a do littoral, e por esse mesmo facto a mais guerreira, orgulhosa com a sua conquista, appellidou-se arrogantemente os *Tobajáras*, os senhores das aldeias, — os dominadores da beira mar, ou descendentes da famosa tribu dos *Tobas* (2); em quanto os vencidos não menos enfatuados com a sua pujança, denominaram-se os *Caetés*, como que se quisessem ar-

(1) Briga de Pero Lopes de Souza com os *Potiguares*, de quem foi cercado e offendido, até que os fez afastar da ilha e vizinhanças della. A *Not. do Brazil*, cap. 14, diz de Pero Lopes « de quem foi por vezes cercado e offendido. » O autor refere-se á Parahiba.

(2) Diz o Sr. Varnhagem nas suas notas ao *Roteiro* que *Tobajáras* era nome que se dava aos indios aldeiados. Not. 13 ao *Roteiro do Brazil*. Não sabemos quaes são os fundamentos desta opinião; mas parece-nos que teria um sentido muito lato, neste caso, para ser empregado como denominação de uma tribu. *Tobajáras* — quererá dizer, como tambem a mim me quiz parecer — senhores das aldeias. — *Tobajáras*, — como quer o Padre Vasconcellos — senhores do rosto da terra — *Toba-guá* — guerreiros da nação dos *Tobas* — ou *Toba-iáras* — cunhados dos *Tupys*.

rogar o dominio das florestas. Todavia não eram os *Caetés* uma tribu certaneja, posto que vivessem nas florestas; mostravam-se em muitas partes do littoral, — e em muitas dellas com tanta frequencia, — que alguns autores sem fazer menção dos *Tobajáras*, que aliás encontramos até mais ao sul, os dão como possesso res exclusivos das terras que jazem entre o Parahiba e o rio de São Francisco. É certo, porém, que elles entestavam com os *Tupinambás*, que dominavam na outra banda do rio São Francisco, a quem guerreavam e em cujas terras entravam a saltear. « Usavam de embarcações de uma palha comprida (*peripere*) que fazem em mólhos atados com timbós, em que cabiam dez a doze indios, — e muitas vezes vinham ao longo da costa fazer guerra aos *Tupinambás*. (1) — Ainda o mesmo facto se observa aqui, a acção constante da população do norte sobre a do sul. (2)

Os Tobajáras e Caetés pertenciam á mesma origem e fallavam a mesma lingua — os primeiros foram conhecidos pela docilidade e fé que souberam guardar aos Portuguezes ; — em quanto o naufragio e assassinato do bispo Sardinha, e os decretos com que foram depois fulminados sem tirar aos ultimos a reputação de valentes e bellicosos que tinham, os tornaram conhecidos como gente atraiçoada, sem fé, nem verdade alguma. Contra este decreto nada tiveram os colonos que allegar, por que o proveito que tiravam da escravatura indigena, fez com que todos os indios que poderam apanhar ás mãos, fossem considerados Caetés. Os jesuitas por esta vez tiveram interesse em sustentar aquelle acto que infundia nas tribus indigenas um

(1) *Not. do Brazil.*
(2) Fallando dos *Tupinambás* — diz Jaboatão faziam guerra com os Caetés, mas só quando procurados por estes.

receio que lhes serviria de salva-guarda. Longe pois de o combaterem, assoalharam e pregaram ao principio que o céo se havia manifestado contra o assassino, tornando desertos e medonhos os logares onde elle se praticára, bem que fossem dantes risonhos e apraziveis além de todo o encarecimento.

Um facto convem registrar aqui a proposito destes indigenas : é a propensão que tinham as tribus da lingua geral para a musica e para a dança ; circumstancia tão notavel que nunca se esquecem os historiadores portuguezes de a mencionar. Os *Caetés* e *Tobajáras* eram igualmente musicos e bailadores — grandes musicos os chamam as chronicas.

Do rio de S. Francisco á Bahia, e inclusivamente ás ilhas da sua enseada, encontramos os *Tupinambás*, uma das nações mais dilatadas da costa, que tinha tomado aquellas terras de outras nações da sua lingua, ali anteriormente estabelecidas. Querem alguns que esses fossem os *Tobajáras;* mas no interior deparamos n'aquelle tempo com outra tribu de lingua geral, — vivendo entre os Tapuyas, guerreada por estes e pelos da beira-mar, em uma posição tão violenta que se não póde explicar senão pela necessidade da força. São os *Tupiáes* (1), e os seus alliados os *Maracás*. Estes e não os *Tobajáras* parecem ter sido os primeiros povoadores da Bahia (2). Os *Tupiáes,* tribu menos numerosa, menos aguerrida mesmo que os *Caetés*, que tambem viviam no interior, não podéram

(1) Serão os *Tupiguás* de Laet. pag. 40 delles diz Laet. que possuiam o interior do paiz desde S. Vicente até Pernambuco.

(2) O autor da chronica *Jacaré-cuassú*, trabalho de fraco merecimento — diz que a Bahia foi povoada primeiro pelos *Tapuyas*, depois pelos *Quinimuras*, depois pelos *Tupiáes* — e por fim pelos *Tupinambás*.

romper a linha dos *Tupinambás* para o lado do mar, como aquelles haviam feito com os *Tobajáras;* nem dominar nas mattas povoadas de immensidade de *Tapuyas*, sobre os quaes predominaram os *Ybirajaras* (1), conhecidos tambem pela denominação de *Bilreiros*, e aos quaes Ruivet chama *Lopos* (2).

Se com os *Tupinambás* não observamos tão pronunciado o movimento para o sul, depende isso talvez de que confinando elles com os *Tupusekins* (Tupy lateral) estarião mais estreitamente ligados entre si do que nenhuma outra tribu do littoral. No emtanto o autor da *Noticia* dá-os por contrarios uns dos outros, e diz-nos que os *Tupin-ikins* fugiam diante d'aquelles. Sirva-nos, porém, a autoridade, em falta de dados mais seguros. Laet diz que os *Tupin-ikins* estabelecidos havia muitos annos entre os Ilheos e Espirito-Santo, tinham sido expulsos de Pernambuco.

Da Bahia (3) — e outros dizem — desde o rio Camamú até o rio Cricaré, habitavam os *Tupin-ikins*, estendendo-se pelas antigas capitanias de Ilheos, Porto Seguro e Espirito-Santo. Em guerra com os *Papanazes* (4) tinham pelo sertão alliança com aquelles *Tupiguás*, que encontramos nas terras da Bahia. Dos *Tupin-ikins* diz a *Noticia do Brazil* que eram da mesma

(1) Pelo sertão da Bahia, além do rio de S. Francisco vivem os *Ubirajaras* — senhores dos páos — os quaes se não entendem com outra nação alguma do gentio. *Not. curiosas, etc.* — ou a *N. do Brazil?* Confundido o som do *u* com o do *y*, este autor escreve *Ubirajaras* em vez de *Imirâ-jaras* — senhores das arvores.

(2) Laet. cap. 4.º

(3) Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brazil.

(4) Dormen no chão sobre folhas — não tem grandes lavouras, mantem-se de caça e peixe, são grandes frecheiros, etc. Os *Goiatakases*, *Goyanazes* e *Papanazes* pertencem á mesma tribu.

côr baça e estatura que o outro gentio; que a linguagem, vida, costumes e gentilidades eram as mesmas que as dos *Tupinambás* (1). « Cantam e bailam, como aquelles, diz o mesmo autor, — e nas cousas de guerra são mui industriosos e homens para muito, de quem se faz muita conta a seu modo entre o gentio. »

Os *Tupin-ikins*, bem que valentes, acoçades por um lado pelos *Tupinambás*, iam ganhando terreno para o sul; e a chronica de Jaboatão (Pr. 7.°) os faz progredir nesta direcção até virem a confinar com os *Goiatahazes*.

Do Cricaré ou antes de Rerygtiba (rio que corre a 15 leguas do Espirito-Santo) até ao cabo de S. Thomé, ou como quer Jaboatão, até a Parahiba do Sul, era todo o espaço senhoreado por tres nações do gentio selvagem conhecidos sob o nome de *Goiatakases*, e subdivididos em *mopi-guaçú, e jacorito*. Andavam, dizem os historiadores, em continuas guerras, e se comiam com mais vontade que as feras de caça. Habitavam umas campinas chamadas de seu nome, e que poderam chamar os Elyseos. Jaboatão accrescenta que tinham a côr mais clara, linguagem differente da geral, e que dormiam no chão, com a singularidade de não saberem pelejar em matto, mas em campo descoberto.

Eis portanto uma tribu do littoral, differente dos *Tupys* na linguagem, e dessemelhantes em dois pontos cardeaes — em dormirem no chão, e em não saberem combater senão em campo. Partiam estes de um lado com os Tamoyos da antiga bahia formosa — hoje Cabo-Frio e do outro com os *Tupin-ikins* e *Tobajáras*.

(1) São do mesmo tronco, ainda que muitas vezes tivessem differenças e guerras. *Not. do Brazil.*

Logo depois desta nação vinham os *Tamoyos* que se estendiam desde a Parahiba, ou desde o rio do Cabo de S. Thomé até Angra dos Reis por espaço de quarenta legoas de costa no primeiro caso.

Ufanavam-se os *Tamoyos* de serem os primeiros povoadores desta parte da America. Ricos de tradições e de coragem, bons alliados, irreconsiliaveis nas suas inimizades — teimosos e reluctantes na adversidade, vencidos, porém, nunca subjugados, eram os *Tamoyos* o typo do selvagem com todos os defeitos e vicios, mas tambem com todas as qualidades e virtudes de um povo primitivo (1). Era este gentio grande de corpo, homens robustos, mui valentes guerreiros, e contrario de todo o mais gentio, excepto dos *Tupinambás*, de quem se faziam parentes, e se pareciam na falla muito uns com os outros. São as suas casas mais fortes que as dos *Tupinambás*, e têm as suas aldeias muito fortificadas com grandes cercas de madeiras. São havidos por grandes mimicos e bailadores entre todo o gentio, os quaes são grandes compositores de cantigas de improviso, pelo que são muito estimados do gentio por onde quer que vão.

Outra Tribu achamos de novo encravada entre as da raça *Tupy* desde Angra dos Reis até Cananéa : — são estes os *Goyanazes*. Se é certo o que diz a *Noticia do Brazil* que este gentio possuia e senhoreava aquella costa até os *Tamoyos* a conquistarem, e se elles, os *Papanazes* e *Goiatakases* eram todos uns, vem por este modo achar-se corroborada a nossa proposição, de que os primeiros habitantes do paiz, ao principio impellidos para o centro, já tinham

(1) Jaboatão — *chronica.*

cobrado novas forças a ponto de virem disputar aos invasores a posse do littoral.

Confrontando de um lado com os *Tamoyos* e do outro com os *Carijós* — os *Goyanases* faziam-lhe a cruelissima guerra, que por todo o littoral grassava; porém mais mal sangrada quando alguma dessemelhança de physionomia, de costumes ou de linguagens, vinha corroborar as suas sanguinolentas disputas. — « Não são maliciosos nem refalsados (escreveram os viajantes d'aquelles tempos) antes são simples, bem acondicionados e facilimos de crer em qualquer cousa. — É gente de pouco trabalho, muito molle, não usam lavouras, vivem de caça, pesca e fructos silvestres: — são grandes frecheiros — inimigos da carne humana: não matam aos que captivam; mas acceitam-nos por seus escravos. Não fazem guerra aos seus contrarios fóra dos seus limites, nem os vão buscar nas suas vivendas; por que não sabem pelejar no matto, senão no campo. — Não vivem em aldeias como os *Tamoyos* mas em cóvas por baixo do chão, onde tem fogo acceso noite e dia: — tem linguagem differente da dos seus vizinhos; mas na côr e proporção do corpo os mesmos que os *Tamoyos*.

Todos estes caracteristicos — a carencia de lavoura — o captiveiro e não o sacrificio dos prisioneiros — o não viverem em aldeias — o dormirem em cóvas e não em cabanas — o combaterem mulheres entre os guerreiros — estes costumes, digo, provam que não pertenciam estes indigenas aos da lingua geral, e justificam a Laet, quando, assemelhando-os aos *Goiatakases* que escreve *Waitaquases* e aos *Goianazes Wainazes* acha-os semelhantes aos *Poris* do interior, bem que estes se defendessem da chuva com ramos de arvores entrelaçados e cobertos de palma.

De Cananéa á Lagôa dos Patos ficavam os *Carijós* (1). É gente facil, industriosa, trabalhadeira entre todas as nações d'aquelle parte, — amigos da paz se não é irritada, menos affeiçoada á carne humana, e amiga dos comeres dos Portuguezes... accommodada para receber a doutrina do Evangelho, por que não adoram certos deoses, nem reconhecem certas divindades, mais do que em geral e em confuso uma excellencia superior (Tupan) que dizem ser um espantoso que assombra os homens.

Têm e reverenciam feiticeiros os mais em numero e os mais famosos que ha entre todas as nações do Brazil. Será preciso ainda indicar os *Caraïbas*, ou depois de os ter indicado carecemos demonstrar que os *Carijós* pertencem á grande familia *Tupy?* (2)

Se em alguns escriptores achamos que a sua linguagem differia da dos *Tupinambás* — vem isto, segundo me parece, de se dizer que elles se não entendiam com os seus vizinhos, sendo que estes eram por um lado os *Goyanases* e pelo outro os *Charruas*.

Quanto ao costume de pouparem os prisioneiros, alguns o exageraram a ponto de os fazerem inteiramente avessos a anthropophagia. Isto que estabeleceria uma differença caracteristica entre elles e os *Tupys*, supponho que nasceu de um equivoco. « Não matam homens brancos que com elles vão resgatar », escreve o autor da *Noticia*, e d'aqui se concluio sem muita reflexão que absolutamente não comiam carne

(1) *Vida do Padre João d'Almeida*, pag. 121

(2) « Têm os mesmos costumes, gentulidades e manhas como os *Tupinambás*. » *N. do Br.*

« Les carijós plus rapprochés des tribus agricoles des *Guaranis* conservaient aussi une analogie réelle de langage et d'habitudes avec la grande nation. » — F. DINY. « *Le Brésil* », pag. 33.

humana, ou sómente que a não comiam com tanto excesso.

Em resumo — uma grande familia, cuja configuração e traços physionomicos assellam como descendentes do typo mongol, estavam a tempos remotos estabelecidos no littoral: eram os *Pampas* ou homens da mesma raça. Os ramos dessa grande familia que estavam como dispersos nas paragens que avizinhavam do littoral, ou á pequena distancia delle, receberam dos invasores, que os desalojaram, a denominação de *Tapuyas*. Vencedores e vencidos, uns por orgulho da conquista, outros por vingança e resentimento, e ambos pela dessemelhança da linguagem e costumes que entre elles havia, nunca se poderam unir nem colligar. Guerreavam-se mutuamente: estas guerras excitavão novos odios, e a vingança ia rapidamente dizimando populações que com grande difficuldade se multiplicavam.

Restos de uma civilisação desconhecida, e de um povo mais desconhecido ainda, os *Tupys*, quando os Europeos os encontraram, avassallavam grande parte da costa. Não é possivel seguil-os no principio de sua invasão; mas é muito para suppôr que os primeiros guerreiros, ainda que vencedores dos *Tapuyas*, não se poderam conservar no territorio conquistado. Á estes encontramos nós como tribus sertanejas: são os *Caetés* em Pernambuco, os *Tubigoaras* e *Ybirajaras* dos sertões da Bahia, e outros quasi ignorados como os *Maracás* e *Amorpyrás*.

Um numeroso concurso de guerreiros sobrevindo quando estas tribus se avizinhavam do mar, occuparam largo espaço do littoral com denominação de *Tobajáras* que em outras partes tomavam o nome de *Tupinambás*. Davam-se os *Tobajáras* como os con-

quistadores e primeiros senhores da terra, e poderiam vangloriar-se como os *Tobas* a que se assemelhavam nos costumes, e pelas radicaes do seu nome, e de que talvez fossem o tronco, de serem mais bravos que todos os outros povos do mundo, senhores da terra, e dos viados e dos outros animaes do campo, dos rios e dos peixes (1). O seu nome marcando, como quer o Padre Vasconcellos o logar de sua habitação — á beira mar — parecia revelar ao mesmo tempo a idéa de supremacia nas armas e no denodo. Senhores das aldeias se chamariào igualmente; porque de facto as suas aldeias se estendiam como um cordão nunca interrompido desde além do Maranhão até á quem da Bahia.

Outras tribus da mesma origem, obrigadas pelas mesmas causas, e seguindo o mesmo rumo, vieram disputar com as primeiras o logar para sua residencia: tomaram os nomes quer do chefe que as dirigiam, quer dos logares que conquistaram, quer de outra qualquer circumstancia fortuita: mais já então não era tão difficil o entrelaçamento, tendo de effectuar-se entre homens que tinham a mesma origem, e ainda conservavam os seus costumes. Por isso algumas das tribus antigas se refundiam nas novas, em quanto outras procuraram o sertão. Ali, porém, encontraram os *Tapuyas* entrincheirados nas florestas, e pouco dispostos a lhes cederem o terreno; aquellas tribus pois que não tinham forças para os combater, ou se não pòderam accommodar com a vida das florestas, retrocederam, dando novo alimento á revolução terrivel que desde eras remotas abalava esta grande porção do novo hemispherio. Os homens das florestas

(1) MORE. *H. de l'Am.*, pa . 74

— os *Caetés* — restos das tribus *Tupys* refugiados no interior, vieram postar-se no campo de batalha, e combatendo os da sua origem, poderam romper em alguns pontos a linha do littoral, e encravar-se entre os *Tobajáras* e *Tupinambás*.

Estes ultimos impellidos pela corrente da invasão apoderaram-se da Bahia e do Reconcavo, batendo-se com os *Caetés* e *Tobajáras*, e disputando com estes a anterioridade da conquista, em quanto outros de suas tribus assentam as suas tabas — com o nome de *Tupin-ikins* no Espirito-Santo, de *Tamoyos* no Rio de Janeiro, e de *Carijós* na Lagôa dos Patos.

Novos ramos da mesma familia sahindo tambem das florestas, onde, como do seu pequeno numero se conjectura, teriam residido por mais tempo, vieram com mais ou menos fortuna disputar a posse do littoral aos recem-chegados, fazendo allianças ou guerreando-se entre si. São os *Tupiguás* — os *Maracás*, os *Arobajáras*, *Ybirajáras* e outros, cujos nomes apenas se conservam na tradição destas lutas.

Temos então que as tribus da lingua geral eram, primeiramente os *Tobajáras*, que em tempos remotos deveram ter sido precedidos pelos primeiros *tupys*. Vinham depois delles os *Potiguares*, e as suas filiaes. — *Rerygoares*, e *Tygoares*, depois os *Caetés*, os *Tupinambás*, os *Tupin-ikins*, os *Tamoyos* e os *Carijós*.

Apezar deste movimento do occaso para leste, — isto é — do sertão para o mar, as mattas não se tinham esgotado. Existia nas cabeceiras dos rios, nas summidades das montanhas, na vastidão das florestas, a tribu primitiva, alimentando os seus odios, e creando forças, não tanto para a conquista, como para a vingança. A primeira manifestação dos projectos a que foram levados pelo augmento de sua população, assim

como pela recrudecencia de sua ferocidade — foi o apparecimento no littoral das tribus *Tupys*, que occupavam o que na falta de termo mais apropriado chamarei terreno neutro — o qual ficava entre os senhores da terra e os conquistadores. Enfraquecidos pelas guerras que sustentaram para conquistar o paiz — e estreitados depois já pelos do littoral tornados seus contrarios, já pelos do interior — seus inimigos encarniçados, — os *Tupys* do sertão não se abalançariam a medir-se de novo com os seus vencedores, se uma força maior a seu pezar os não arrojasse das florestas.

Os *Tapuyas* acoroçoados pelos triumphos que iam alcançando pelo terreno que ganhavam, pela guerra a que obrigavam os seus contrarios, lançaram-se como uma torrente sobre as tribus do littoral: são os ferozes *Aymorés*, os *Goiatakazes*, além de muitas outras tribus mencionadas pelos historiadores e viajantes, mas cuja filiação se ignora.

Assim que — nem todas as tribus do littoral eram *Tupys*, — nem todas as do interior — *Tapuyas*. Nem todas por tanto, eram no mesmo grão domesticaveis; e os meios que se empregassem para a civilisação e cathechese de uns, não seriam talvez igualmente applicaveis a todos. Para os *Tapuyas* — era preciso achar algum modo de se unirem, — de viverem em logares aldeiados sob tal ou qual forma de sociedade e de disciplina, ao que repugnavam: para as do littoral era preciso fazer-lhes perder o amor ás lutas carniceiras, e aos sanguinolentos triumphos, em que faziam consistir toda a sua gloria.

Vejamos, porém, que tribus se achavam espalhadas pelosertão.

CAPITULO III

TRIBUS QUE HABITAVAM O SERTÃO

Seria difficilimo formar-se um quadro, não digo perfeito, mas satisfactorio de quaes e quantas eram as tribus dos antigos *tapuyas*, e que logares habitavam. (1) Os primeiros descobridores, não tendo convivido com elles, contentavam-se com a descripção das tribus do littoral, tocando nas outras muito de leve, como cousa que de bem pouca attenção era digna. Não as conheciam por observação propria, mas só pelo que ouviam aos seus alliados, — ou do contrario quando deparavam com ellas como os *Goyanazes* e *Gointakases* encravados entre os *tupys*, ou quando como os *Aymorés* desciam para as praias, derramando a desolação e o susto sobre os aldeiamentos dos Indios novamente convertidos, e as moradas apenas rematadas e mal defensaveis dos primeiros colonos : deste modo não os podiam observar muito á vontade quer tolhidos pelo susto que aquelles barbaros inspiravam, quer prevenidos pelas crueldades que os víam praticar. Assim não encontramos nos seus escriptos senão

(1) « São muitos e estão divididos em bandos, costumes e linguagem : inimigos das mais nações, que os expulsaram das praias. » *Not. do Br.*

breves noticias, em que se exagera a infinidade do seu numero, a diversidade de suas linguas (1) com um ou outro de seus costumes, mas tudo isto destacada e truncadamente de tal forma que não nos guiam, nem nos servem para os distinguirmos de uma maneira caracteristica, com quanto nenhum outro meio nos reste para o fazer.

Foram os *Tapuyas* os primeiros povoadores do paiz (2) e bemque nos não seja possivel remontar hoje até á sua origem, a sua indole, assim como alguns de seus usos e costumes e o seu modo de vida, parecem prendel-os á extensa raça dos *Pampas*, sendo uns e outros indomesticaveis, nada agricolas, nomades sempre, e caçadores por excellencia. É certo que os *Tapuyas* offereceram nos primeiros tempos incomparavelmente mais obstaculos que os *Tupys*, á empreza da civilisação, além de que entre elles mesmos observavam-se contrastes e dessemelhanças de costumes, que poderam ser comparados com os dos *Tupys*, quando tratarmos das tribus desta raça que foram melhor estudadas — os *Tupinambás* e os *Tamoyos*.

Era a primeira differença a linguagem de que usavam, se não eram differentes dialectos, e tão variados entre si que chegaram a ser numerados pela sua diver-

(1) O Padre Vasconcellos reduz a 4 todas as nações indigenas do Brazil — *Tupinumbás*, *Tobajáras*, *Potiguáres* e *Tapuyas*. Porem esta ultima, accrescenta elle que se divide em outras nações quasi innumeraveis. « As tres primeiras fallam a mesma lingua, com pouca differença entre si; porém as dos *Tapuyas* são diversissimas. » *Vida do Padre João de Almeida*, cap. 5, n.º 4.

(2) « *Tapuyas* que é o gentio mais antigo que vive nesta costa, da qual ella foi em todo senhoreada da bôca do rio da Prata até ao rio das Amazonas... e toda a mais costa senhorearam nos tempos atraz, donde por espaços de tempo foram lançados de seus contrarios. » — *Not. do Brazil*, p. 183.

sidade. — Os *Tapuyas* são muitos, diz o autor da *Noticia* : dividem-se em nações quasi innumeraveis, — lê-se na *Vida do Padre João de Almeida;* mas quando querem precisar de alguma forma a sua quantidade, calculam uns as differentes nações em sessenta e nove, (1) e outros em setenta e seis. (2) Contam mais de cem linguas, escreveu o autor das *Noticias curiosas;* (3) e todavia referindo-se á informação dos indigenas eleva este numero a cento e cincoenta. (4) E tanto discrepam neste ponto que só no Amazonas reputou o Padre Manoel Rodrigues haver esse numero de 150 nações (5) e mais de um seculo depois o Padre Vieira suppunha existirem ainda nesse rio setecentas nações. (6) E para que nenhuma duvida nos restasse da sua nimia facilidade em tudo acceitarem das relações dos selvagens, intercalaram nesta estatistica fabulas apenas criveis em um seculo deslumbrado com a maravilha do descobrimento de um mundo por tanto tempo ignorado. Taes eram os *Goyazes* ou *anãos*, —

(1) F. DINIZ *L'Univers — Brésil.*

(2) Laet conta 76 povos selvagens indomitos em guerra sempre com os da costa.

(3) P. S. de Vasconcellos.

(4) Padre Vasconcellos nas *Noticias curiosas e necessarias*, l. 1, p. 22. « Que as nações, que habitavam a circumferencia do rio e seus braços, não podiam contar não só pelos dedos das mãos e dos pés, por onde costumam contar, mas nem ainda com os seixos da praia : *e indo nomeando algumas* passam de 150 só as de linguas differentes ; e fóra maior a multidão da gente, a não ser a guerra continua e insaciavel que trazem entre si. »

(5) Nuevo descobrimiento del gran rio de las Amasonas n. 36. « Está habitado de barbaros em distinctas provincias e nationes de las que puedo dar fé, nonbrandolas con sus nonbres y signalandolas con sus sitios, unas de vista y otras por informationes de los indios, que en elles habian estado passan de 150 todas de linguas differentes. » *Vieira Sermões*, tomo 3.°, pag. 409.

(6) Vieira. (*Vide*,)

os indios da nação *Cuana*, habitantes do rio Juruá, que segundo elles não passam de 5 palmos de altura (1) os *Curiquans*, ou gigantes, os da nação *Ugina*, com rabo de 3 a 4 palmos do que davam testemunho no tempo do ouvidor Sampaio os indios de Juruá, e resta a certidão jurada do Padre Carmelita Fr. José de Santa Thereza Ribeiro (2) que o mesmo Sampaio diz ter conhecido. Tão pouco se duvidava desta noticia que se julgou ter descoberto a origem desta singularidade no ajuntamento das mulheres com os macacos coatás, dizendo-se como prova que eram taes indios conhecidos sob o nome de *Coátas-Tapuyas*. (3) Por fim, o que para os indios devia ser mais assombroso prodigio, dizia-se existirem tambem uns indios de *pés virados* — os *Motuys*, cuja pista não podiam seguir senão com risco de cada vez mais se afastarem do inimigo que lhes fugisse. Semelhante tradição ainda hoje se conserva entre muitos dos habitantes do Pará.

Admittimos esta diversidade de linguas nos *Tapuyas* : mas não tão latamente como se pretende; pois como observa Newied, a experiencia mostra que entre os povos indigenas da America, a separação das tribus, das familias e das hordas tem muitas vezes influido por tal modo sobre a linguagem, que se acham variedades e variações dos differentes ramos

(1) *Roteiro de Sampaio*, 149.

(2) Certidão de 15 de Outubro de 1768.

(3) Virey na sua historia natural do Genero Humano suppõe que os viajantes que assellam a veracidade de tal facto, observavam macacos que julgavam homens. Todavia não é pequeno o numero destes viajantes : Koeping diz tel-os visto na Ilha de Nicobar Struys, na Ilha Formosa, Mendoza e Gemelli Carreri nas ilhas de Luçon — e assim outros ; mas como bem observa Virey, o que torna o facto incrivel, é que os proprios macacos que estão mais proximos do homem, não tem cauda.

de uma raça que a outros respeitos são absolutamente semelhantes. De mais disto, as informações neste particular colhidas dos indios não podiam ser exactas. Só a litteratura e o commercio podem aconselhar o estudo de linguas estranhas; e póvos sem litteratura nem commercio não teriam necessidade nem occasião de se darem a este estudo tão inutil quanto impossivel. Saberiam quando muito a lingua de alguma nação confinante, da qual alguns dos seus houvessem sido prisioneiros; mas não bastava isto para serem acreditados quando affirmassem a existencia de cem, de cincoenta, ou só de meia duzia de linguas, asseverando que não só eram differentes da geral, mais differentes entre si.

A causa de tão grande discordancia provém de se haver feito a comparação com a lingua *tupy*, sem attenção para com as analogias que poderiam haver entre essas e outras linguas. Contavam-se como nações distinctas tribus da mesma familia — e a cada uma destas se attribuia uma lingua differente, com que os interpretes se não entendiam. Estas mesmas nações se multiplicavam indefinidamente conforme a pronunciação ou do indio que a noticiava, ou dos viajantes que as visitavam, ou dos colonos que as observavam em pontos differentes, e que por isso as denominavam diversamente. Assim passaram até nós pela negligencia dos compilladores, colhendo á esmo os differentes nomes que iam lendo nas relações dos viajantes, como estes acceitavam sem criterio os que os indigenas e interpretes lhes lembravam.

Modernamente se tem querido reduzir a uma só a estructura de todas as linguas que foram encontradas na America; mas sem adoptar plenamente esta opinião que se torna suspeita pela sua mesma generali-

dade, não será muito arriscado considerar estas chamadas linguas differentes como girias ou dialectos produzidos pela dispersão de uma raça, e que como taes variam na razão do tempo em que se separaram, do espaço que percorreram, da distancia em que se achavam umas das outras, e das tribus com as quaes estivessem em contacto. Pelo menos a confrontação que ultimamente se tem feito da linguagem de diversos póvos, considerados como distinctos, ainda que *tapuyas*, demonstra que em grande parte estas differenças não excedem as que observamos entre os diversos grupos de um povo que fallam o mesmo idioma.

Difficil será hoje achar-se uma resolução satisfactoria de quantas eram propriamente as differentes linguas usadas, não em toda a America, mas sómente no Brazil, pois que a maior parte das vezes até desconhecemos o que significa o nome de cada tribu : quando, porém, á semelhança de costumes e caracteres essenciaes se ajunta uma desinencia commum á sua denominação, é isto um indicio, não muito seguro, mas emfim indicio de que devem ter a mesma origem, embora a outros respeitos diversifiquem. Assim é que consideramos como ramificações da mesma tribu — os *Papanazes, Goianazes, Goiatakases*, (1) e assim tambem as outras muito mais numerosas, que terminam em *crans* ou *cans*, particula que parece provir do tymbira *Icrá*, filho ou descendente. Todas as mais

(1) A denominação das tribus *tupys*, quando não exprimiam parentesco, terminavam geralmente em *iára*, *jára*, *egoára*, ou *Goares*, *Guara* homem e por ampliação — guerreiro — *Enguares*, diz Laet que significa habitantes. Parece que a palavra devia ser pronunciada, como se antes do *g* houvesse um som indizivel, como o de *u* guttural e pronunciado com a bôca fechada. *Jára* ou *Iára* quer dizer — senhor.

tribus *tapuyas* se devem ligar a qualquer destas, que talvez ao principio não fossem mais do que uma e a mesma familia.

O sertão do Brazil pelo lado do norte, era habitado por uma indefinidade de gentios, mas foram tão imperfeitas as relações, que delles nos chegaram, que só com extrema difficuldade poderam ser classificados. Grande numero de tribus occupava as margens do Amazonas, e dos seus grandes confluentes (1) mas entre ellas predominavam os *Tupinambás*, e em tal gráo que, conservando por longos annos a pureza de sua origem qualificavam de spurios e illegitimos os *Tupinambaranas*, seus irmãos, que se haviam aparentado com outras tribus do Amazonas. (2) Se eram conhecidas algumas das tribus que habitavam o littoral desde este grande rio até á Bahia, o interior não foi explorado senão tempos depois da descoberta; e ainda assim com incuria notavel. Não sabemos outra cousa senão que era povoado de *tapuyas*. Continuando, porém, para o sul, as noticias se vão tornando mais precisas e offerecem por isso mais algum interesse. Achamos confinando com os *tupys* desde a Bahia até Porto Seguro os *Aymorés* e outras nações asselvajadas (3).

(1) Vide o *Roteiro do Pará até as ultimas provoações do Rio-Negro.*

(2) Das palavras indigenas terminadas em *a* ou *i* longos, fizeram os Portuguezes o plural em *as* e *is*, e outros depois delle, em *ases* e *isis*, pluralisando o que já era plural. Assim escreveram *Tupinambazes*, *Maracazes*, *Perizes* (os *Perizes de Alcantara*.)

Peris — campos ou brejos cheios de junco chamado *peri* pelos indios.

Rana — exprime degeneração, illegitimidade, falsidade do objecto, a que se applica. *Itajuba-rana* — ouro falso. *Canurana* — cana bravia. *Juniparana* — jenipapo do matto. *Tupinamçá-rana*. Filho illegitimo, que não é verdadeiro.

(3) *Noticias curiosas e necessarias* — Padre Vasconcellos.

Ruivet, citado por Laet, dá-nos tambem noticia de outra nação de *tapuyas* chamados *Mariquitas*, que jaziam entre Pernambuco e a Bahia. chegando até ao rio de S. Francisco. Segundo o autor citado era esta nação inteiramente vagabunda; que as suas mulheres, não destituidas de attractivos, combatiam igualmente com os homens; que vagavam inconstantes, atacando de improviso e a traição, e se mostravam vivas e ligeiras tanto para perseguir, como para fugir dos contrarios. Ora sómente entre os *tapuyas* achamos as mulheres tomando parte activa nos combates, e entre todas primavam as dos *Goiatakases*. Esta circumstancia e grande parte dos seus costumes revelam que os *Mariquitas* eram verdadeiros *tapuyas*.

Do rio de Santa Cruz (Porto Seguro) até ao rio Doce, encontravam-se ainda *Aymorés* e demais delles —os *Patachós*, *Aturaris* e *Puris* (1).

Comtudo algumas destas tribus *tapuyas*, mal contentes com a posse do interior, cahiram sobre o littoral pouco tempo antes do descobrimento do Brazil; — e os Portuguezes as encontraram, ainda formidaveis disputando aos invasores a sua primitiva habitação. São os *Goiatakases* (2) que occupavam o espaço desde o Rio Doce até ao Cabo-Frio, em quanto outras tribus lhes ficavam pelas costas — *tapuyas* todas e todas intrataveis (3). Batendo-se de um lado com os *Tamoyos*, do outro com os *Tupin-ikins* e *Tobajaras*, tendo pelo sertão outras tribus selvagens, que os impelliam sobre os seus contrarios, os *Goiatakases*, apezar disso não

(1) « As nações que habitam o sertão destas minas são todas *Tapuyas* — *Patachós* — *Aturaris Puris*, e outras semelhantes, toda gente agreste. » *Noticias curiosas e necessarias*,

(2) Laet.

(3) *Noticias curiosas e necessarias.*

pareciam os offendidos, mas os offensores, «Tinham, diz Jaboatão, tinham estes indios a côr mais clara e linguagem differente dos *Tupys*, bons nadadores, *não acostumados a pelejar no matto, mas em campo descoberto* (1).

Impellidos igualmente do sertão, vieram os *Papanazes*, que se batiam com os *Tupin-ikins* de Porto-Seguro e *Goiatakases* de Espirito-Santo, aos ultimos dos quaes se prendiam pela semelhança dos costumes, como pela estructura de sua denominação. (2)

Outros semelhantes aos *Goiatakases* e *Papanazes*, pela singularidade de não saberem combater senão no campo, fallando tambem linguagem differente da geral, tambem descidos do sertão e igualmente *Tapuyas* se estendiam desde Angra dos Reis até Cananéa (3). São os *Goyanazes* (e o indio *Goiá*, habitante de Goyaz, parece ter sido o seu tronco (4). O facto de

(1) Laet. « Os *Goiatakases* amam os campos; tão vivos e ligeiros que apanham feras na carreira — chamados tambem *Waitaynases*. De grande estatura, combatem homens e mulheres, sem paz com nenhuma outra nação, e igualmente inimigo de todas. » — Not. do Brazil. « Tem côr mais branca, differente linguagem, e são mui barbaros. Não grangeam muita lavoura de mantimentos, plantam legumes de que se mantêm, e da caça que matam a frechadas, porque são grandes frecheiros. Não pelejam no matto, mas no campo; não dormem em redes, mas no chão. » Chegavam até a Bahia Formosa ou Cabo-Frio.

(2) Ficavam os *Papanazes* entre Porto-Seguro e Espirito-Santo; entre os *Tupin-ikins* e *Goiatakases*. « Dormem no chão sobre folhas; não tem grandes lavouras, mantem-se de caça e peixe. — são grandes frecheiros. »

(3) Os *Waianazes* (escreve Laet occupam a ilha Grande. São medrosos, pequenos, barrigudos, de pés chatos. Homens e mulheres deixam crescer o cabello. Acha este autor e com razão que os *Puris* do interior são semelhantes aos *Waianazes*. Defendem-se da chuva com ramos de arvores entrelaçados e cobertos de palmas.

(4) Villa Boa de Goyaz é a capital de toda a capitania, e

não saberem pelejar no matto, mas só no campo, como acontecia com os *Goiatakazes* parece dar-lhes uma origem commum, e faz suppôr que umas e outras destas tribus, viveram por longo tempo em sitios semelhantes. Convem notar todavia que os *Tapuyas* educados nas florestas e habituados com ellas, têm incomparavelmente mais certeza no tiro, quando frecham por elevação.

Poder-se-hia imaginar que o contacto dos Europeos com as tribus do littoral, enfraquecendo-as e tendo-lhes feito perder parte de seus brios, — ou que o seu envilecimento, depois de sujeitos ao jugo do captiveiro, que ainda então se difarçava sob o traiçoeiro aspecto de amizades e allianças, haviam aconselhado aos homens do interior a descerem sobre elles e a tomarem vingança dos seus passados revezes. Virião com o instinto das aves carniceiras, que farejam a carnificina, e vem de muitas legoas distantes, cevar o seu bruto appetite. Poder-se-hia imaginar isto, se bom numero das tribus, de que neste capitulo nos temos occupado, se não achasse acampado á beira-mar talvez desde antes do descobrimento do Brazil, e com certeza antes da formação dos primeiros estabelecimentos portuguezes. Nesta data comtudo era fresca a lembrança da invasão : o encarniçamento da luta, — o impeto do ataque, a ferocidade das represalias provam que a conquista ainda se não havia consolidado, e que, — pelo contrario — o campo era energicamente disputado. Ainda mais — novas levas de homens se succediam, como que não tinham relações entre si, nem que as guiasse o mesmo pensamento combatiam-

assim chamada do nome de Bueno seu descobridor e da nação *Goia*. Memoria sobre a capitania de Goyaz. T. 5. n.° 16 pag. 476. *Revista Trimensal*.

se reciproca e indistinctamente onde quer que se encontravam. Era portanto que os fragmentos das tribus primitivas repellidas pelos indios conquistadores — tinham tido tempo de prosperar e de multiplicar-se no sertão; e conhecendo por fim a superioridade de seu numero e de suas forças — já chegavam a duvida de que em algum tempo houvessem sido vencidos, — e vinham de novo experimentar as forças, e pleitear a posse do torrão mais abundante lavado pelo Oceano. Haviam, porém, vivido em paragens differentes, e por tanto tempo, que se podiam considerar como estranhos : d'aqui vem que se combatiam sem attenção á identidade de origem : d'aqui vem tambem que se differençavam até na arte essencial da vida selvatica, não sabendo uns frechar senão por elevação, e outros só horizontalmente.

Grandes e poderosas deveram ter sido as massas que romperam o cordão formado pelos *Tupys*, e como um corpo estranho se haviam encravado entre elles não sómente separando uma tribu das outras, mas até cortando-a em duas e mais partes a mesma tribu e a mesma gente. Assim em differentes pontos encontramos os *Tobajáras*, os *Tupinambás*, os *Tupin-ikins*, já em communicação entre si que lhes interceptavam seus contrarios. Mas este reflexo, este contramovimento da população estava bem longe de ter esgotado as mattas.

No interior abundavam os *Tapuyas* : as planicies de Minas e Goyaz, as brenhas do Piauhy e Matto-Grosso —os grandes rios como o Amazonas, Parnahiba e São Francisco e as montanhas do Ceará e Bahia, continham um numero destes hospedes que mal podiam alimentar. Ali se haviam propogado no silencio e mysterio das florestas, perdendo inteiramente a sua

primitiva linguagem, modificando-a de mil maneiras, e esquecendo as suas artes, os seos costumes, e a sua propria religião. Ferozes como as feras entre as quaes habitavam, iam creando poder e forças em uma vida toda de luta e de privações, e pareceriào tremendos aos guerreiros — e barbaros aos mesmos selvagens. Estes são os *Amyorés* ou *Aimburés* (1) que se achavam espalhados por quasi todo o sertão, onde eram e são ainda conhecidos sob diversos nomes. A mesma diversidade e multiplicidade de denominações, que se dão a si ou pelas quaes são conhecidos entre os outros, é a melhor prova da grande extensão da sua tribu. *Crecman* ou *Cracmum* eram chamados em Minas; era tambem o nome que se davam a si proprios, e porque foram mais geralmente conhecidos. *Endgereckmung* no Rio Doce, *Guerens* em alguns logares da Bahia e ainda hoje em *Itaipé*, palavra aquella que será o mesmo que *Woyen*, que na lingua *kiriri* quer dizer *Tapuyas bravos*, ou inimigos barbaros (2) Eschwege os denomina *Arari*, os mesmos talvez que os Portuguezes chamaram *kiriri*. Os *Malalis* davam-lhes o nome de *Opcosek* que significa orelha comprida, — os *Patachós* de *namperuk*, e os *Machacalis* de *mavon*. Para o norte vão tomando differentes denominações, são os *Xameckrans*, *Pomekrans* e *Craugés* do Mara-

(1) Do botoque que usam, o qual na sua lingua se chama *emburé*. Querem uns que *emburé* seja o nome de barrigudo — bombax ventricosa, e o nosso distincto consocio o Sr. Capanema, se persuade que seja antes derivado da parasita aroidea de raizes aerias, chamada *imbú* ou *imbé*. — Dos que antigamente devastaram os ilheos ha alguns velhos sob o nome de *Guerens*, que vivem nas margens do Itaypé ou Taipé. Diz-se que se chamam a si proprios. » *Endgereckmung* habitavam outr'ora, entre 13 e 19 1/2 gr. entre os Rios Pardo e Doce. M. Newied diz que anteriormente chegavam até aos 23 gr.

(2) Grammat. da lingua Kiriri do Padre Mamiani.

nhão, os *Timbyras* do Pará. São ainda os *Guaimurés* de Laet, os *Botocudos* e *Gamellas*, nome que se lhes deu por causa do ornato selvagem que elles levavam a uma exageração extraordinaria.

Quanto á origem dos *Aymorés* dizem os chronistas que, vencidos os *Tapuyas*, alguns casaes fugiram para umas serras muito altas dos Ilheos, chamados depois dos *Amoyrés*, onde por muitos annos viveram sem relação nem communicação com outra nação alguma de selvagens; e neste isolamento perderam a linguagem, formando uma outra nova, que não era entendida por nenhuma outra. São mais altos que os *Tupys*, mais claros e mais robustos e forçosos. Delles dizem os escriptores contemporaneos, que eram atrevidos e ageis, de grande estatura, duros e endurecidos nos trabalhos. Não tem aldeias, nem casas : dormem no chão, e se chove encostam-se aos troncos das arvores, e com palmas engenham um abrigo para os resguardar. Alimentam-se de fructos silvestres, pois não tem lavoura, ou da caça que comem crua, ou mal assada quando acaso tem fogo. Vivem de saltos e rapinas, devastando tudo por onde passam, nunca, porém, juntos em grande numero, a que se oppunha a vida de caçador profundamente enraizada em seus habitos. Sahem, porém, aos magotes de 20 á 50 ; não pelejam de rosto a rosto, mas á traição; se vencidos debandam-se, mas em quanto os acoçam e perseguem; concertam-se de novo por detraz de seus perseguidores, e os atacam de improviso. Não sabiam nadar quando desceram das serras, e por tanto bastava para estar a salvo delles, que qualquer rio passasse de permeio, ainda que para o atravessarem iam buscar o váo muitas legoas acima. A necessidade, porém, essa dura mãe da educação do homem selvagem, em pouco tempo os acostumou a vencer estes

obstaculos; começaram a fabricar canôas apenas se estabeleceram nas margens dos rios, e segundo referem os viajantes modernos, já desappareceu essa differença que entre elles e os *Tupys* se notava nos primeiros tempos. Armados segundo as suas forças (1) os seus arcos eram compridos e pesados, e as frechas proporcionadas aos arcos; se não pelejavam em campo, o contrario neste ponto dos *Goiatckases*, não penso que fosse por falta de coragem; mas porque, pelo habito de atirarem por elevação ou visando para cima quando se achavam em planicie, tornavam-se inferiores a outros menos fortes e talvez menos dextros que elles, porém habituados a combaterem em campo plano e a atirarem em linha horizontal. Grande era a sua ferocidade, e perdendo o sentimento de nobreza que os *Tupys* manifestavam, considerando a profissão das armas como attributo de virilidade, consentiam que as suas mulheres tomassem parte nos combates, e que com uns páos grossos de que se serviam á maneira de massas, ajudassem a matar os seus contrarios, quando para isso se lhes offerecia occasião. Differençavam-se dos *Tupys* quanto aos caracteros physicos, por serem, como já disse, mais altos e mais claros; no moral em não terem quasi idéa alguma de religião, mais ferozes que os outros, golosos da carne humana, (2) não sacrificavam os prisioneiros, pois não observavam solemnidade alguma; mas assassinavam-n'os sem piedade apanhando-os as mais das vezes desprevenidos. Quanto a industria differençavam-se em não terem casas, nem aldeias, nem lavouras, che-

(1) Magalhães Gandavo.

(2) Diz a *Noticia do Brazil* que os *Aymorés* eram anthropophagos, não tanto por vingança, como por gosto e amor da carne humana.

gando a comerem cruas carnes e raizes; nos costumes por fim em combaterem homens e mulheres promiscuamente.

As noticias colhidas por Southey, diz o principe de Newied, provam que elles foram sempre considerados como os mais ferozes, os mais grosseiros, e os mais temiveis dos *Tapuyas*, opinão que ainda hoje prevalece em toda a sua força. A natureza, continúa o mesmo escriptor, dotou-os de um aspecto vantajoso; porque são mais bemfeitos e mais bellos que o resto dos *Tapuyas* geralmente de mediana estatura, ainda que alguns sejam muito altos, e cheios de corpo, robustos, musculosos, ordinariamente com peitos e espaduas largas, e todavia bem proporcionados. Tem os pés e as mãos pequenos, feições bem caracterisadas, — as maçãs do rosto largas, e o rosto achatado, mas quasi sempre regular. Os olhos pela maior parte pequenos, outros os têm grandes; mas geralmente negros e vivos; alguns os tem azues, o que elles consideram distinctivos da belleza. Labios e nariz grossos; mas este ligeiramente curvo e curto, e as mais das vezes com as ventas largas. A inclinação da fronte para traz nem sempre é um caracteristico muito seguro. — A côr avermelhada, mais clara em uns, mais carregada n'outros e em alguns quasi completamente branca, com uma leve vermelhidão no rosto; tem os cabellos negros como carvão, duros, corredios, raros pellos no resto do corpo, mas geralmente asperos.

Os *Botocudos* furam o lobinho da orelha e o labio inferior, engastando ali placas cylindricas de madeira leve, e depois maiores, e ainda maiores até alcançarem um espantoso desenvolvimento, chegando a ser conhecidos de algumas nações por esta singularidade. Os *Malalis*, dissémos, chamam-n'os — orelhas

compridas — e os Portuguezes *Gamellas* ou *Botocudos.*

Algumas outras tribus desta familia têm sido estudadas nestes ultimos tempos: e com quanto o correr do tempo e a distancia em que se acham umas de outras tenham introduzido entre ellas differenças assás notaveis tanto no physico, como no moral, percebe-se comtudo que deverião ter tido a mesma origem. Taes são os *Machacalis*, os *Patachós*, os *Puris*, os *Camacans-Mongoios* e outros.

Segundo M. Newied, os *Machacalis*, *Patachós* e *Punis* são muito semelhantes, ainda que deffiram levemente a alguns respeitos. Todos elles são errantes; mas os *Patachós* fallam um dialecto differente, o qual comtudo apresenta certa affinidade com os dos outros; são mais altos que aquelles, os quaes apezar disso se fazem notados entre os selvagens pela maior estatura. Os *Patachós* não desfiguram o rosto (1); deixam crescer naturalmente o cabello, aparando-o apenas na nuca e sobre os olhos; — outros o cortam todo, deixando apenas um topete na frente e um mólho atraz. Entre elles, as mulheres não se pintam, e andam inteiramente núas. Em vez de cabanas, usam de ramos fincados na terra, dobrados e ligados no alto e cobertos com folhas de coqueiro. Junto de cada uma destas habitações ha um banco que consiste em quatro estacas ponteagudas fincadas no chão, e rematadas em forquilhas, sobre as quaes collocam quatro páos, que sustentam uma ordem de outros transversaes. É nisto em que assam a caça.

As armas são quasi as mesmas que as dos outros *Tapuyas*, ainda que os arcos sejam maiores, sendo o

(1) Newied T. 2 pag. 52.

seu comprimento ordinario de 9 palmos e 9 1/2 pollegadas, medida ingleza. As frechas são bastante curtas, ainda que para a guerra é de suppôr que as usassem de maiores dimensões. A parte inferior se adorna com pennas de arára, de mutúm ou de aves de rapina : a ponta é feita de taquarussú ou de ubá. Como os *Tupys*, ligam tambem as partes sexuaes e usam para isso de uma planta sarmentosa.

Os *Machacalis* têm as mesmas especies de arcos e frechas que os *Botocudos* ; mas o hastil da frecha prolonga-se além das pennas. Parecem-se com os *Patachós* na estructura do corpo : são altos, robustos, espadaúdos : constroem cabanas da mesma maneira, e ligam com elles as partes sexuaes. Differem, porém, muito na lingoagem.

Os *Camacans-Mongoiós* um pouco mais alto collocados do que os *Botocudos* e *Patachós* na escala da civilisação, assemelham-se particularmente aos *Goiatakases*. Andam nús, e apenas cobriam-se da *tacanhóba*, que fazem de issara, a cujo ornato dão o nome de *hynayka*. São de estatura média, bem constituidos, bem feitos, musculosos e robustos, fazendo-se conhecidos mesmo em distancia pelos cabellos crescidos, que é entre elles signal de liberdade. Pintam-se de urucú e genipapo, e não dormem em redes. Têm mais industria que o geral dos *Tapuyas* : o arco é forte, feito de baraúna; de côr preta carregada, pollido e melhor trabalhado que o dos outros; é de comprimento maior que um homem, élastico e muito vigoroso. Dão-lhe o nome de *cuang*. As frechas, que são muito mimosas, chamam *hoay*, de que têm as mesmas tres especies que os *Machacalis*. São armas tão bem trabalhadas, que pela delicadeza e elegancia do ornato admiram que tenham sahido de mãos tão grossei-

ras e com tão má ferramenta. Nas solemnidades os homens desta tribu trazem um diadema feito de pennas de papagaio com algumas de jurú no cimo, no meio das quaes se elevam duas maiores da cauda da arára.

Os *Coroados*, descendentes dos *Goiatakases*, combatiam tambem no campo, no principio traziam o cabello todo crescido; mas obrigados a refugiarem-se nas mattas, tiveram de o cortar para se não verem embaraçados em suas marchas — e com a perda deste costume, enfraqueceu-se sem duvida o sentimento da liberdade, que entre elles como entre os *Francos* a cabelleira symbolisava. Sem querermos entrar em outras particularidades, adoptamos a opinião de Newied de como os *Machacalis*, *Mucuris* e *Puris* deveram ter tido a mesma origem.

Reservando para o proximo capitulo tratar dos caracteres de alguns dos principaes *Tapuyas*, convem que registremos um facto.

Os *Tapuyas* mais bem estudados nos primeiros tempos foram os *Aymorés*, e estes, quando foi da conquista e estabelecimento dos Portuguezes no Brazil, distinguiam-se principalmente dos *Tupys* em terem a côr mais clara, e mais elevada a estatura. O primeiro destes caracteres acharia uma explicação natural, segundo o pensar dos naturalistas do seculo passado, em terem estes póvos habitado por largos annos as florestas. Ainda no tempo de Volney (1) se acreditava que as partes do corpo que os Americanos usavam trazer cobertas, eram mais claras que as que sempre andavam expostas ao ar. Newied, porém, acredita que as differentes tribus da America tanto se podem dis-

(1) Volney, pag. 453.

tinguir por outros caracteres, como pela coloração da pelle. Variam estes caracteres, accrescenta elle (1), mas são variações constantes, que estabelecem certa communhão entre os individuos da mesma tribu. Não obstante isto, este mesmo escriptor em outra passagem de sua obra, dá estes dois caracteres da estatura mais elevada, e côr mais clara dos *Tapuyas* como uma excepção, confessando que entre os individuos da mesma tribu variavam consideravelmente o tamanho, e a intensidade da côr da pelle. Tanta era a alteração que estes caracteres tinham soffrido desde os primeiros tempos do descobrimento.

Posto isto, e o argumento do presente para o passado, e do physico para o moral, concluimos que assim como se modificou o *Aymoré*, em contacto com os *Tupis* e com os Europeos, — assim tambem os *Goiatakases*, os *Goianases* e outros desta denominação podiam ter modificado os seus costumes, com grave alteração no seu estado moral. Tanto esforço e tempo deverião ter sido consumidos pelos *Puris* antes de chegarem a perder o costume de mutilarem o rosto, que era a seu modo no que consistia o bello physico ; — quanto pelos *Goiatakazes* (2) até que perdessem o habito de anthropophagia, cousas ambas que a bravura e galhardia militar lhes aconselhava. Assim tambem o cabello, que, quando crescido era por elles considerado como um signal de liberdade — foi cortado pelos seus descendentes, os *Coroados*, apenas entraram nas florestas, como se aquelle sentimento se fosse tornando menos vivo.

Destas differenças moraes e physicas que se obser-

(1) Newied.

(2) São inimigos da carne humana. Não matam os que captivão. *N. do Brazil.*

vam em raças a que a tradição dá uma origem commum, concluem uns com alguma verisimilhança que ha uma sub-raça, produzida pelas duas, mas de certo modo differente de ambas. Admittida esta idéa será preciso considerarmos os *Goiatakazes*, aos quaes se prendem os *Mucuris*, *Machacalis*, *Puris*, *Patachós* e *Coroados* como aquelles d'onde começou a mescla. Foram os primeiros a combater e por tanto a misturar-se aos *Tupys* e no tempo da descoberta do Brazil, differençavam-se dos *Aymorés* e seus confinantes por traços moraes distinctos, e costumes bem caracteristicos.

Os *Goiatakares* tinham muito aprendido com os *Tupys*, no meio dos quaes moravam: já iam apresentando alguma industria, faziam algumas plantações, e enterravam os seus mortos do mesmo modo que aquelles, — usavam de ornatos parecidos com os dos selvagens de Cayenna; (e de certo tomados dos *Tupys*) e sujeitos a condições mais favoraveis de existencia haviam perdido a rudeza e ferocidade, que distinguiam os de sua tribu.

Concluimos.

Os *Tapuyas* differem dos *Tupys* em pertencerem á raça *mongol* (1), em quanto estes offerecem analogias com alguns dos ramos da raça caucasica.

Em terem linguagem differente, diversissima, em quanto os *Tupis* usavam da geral.

Em serem povos errantes, sem casas, nem lavouras, — em quanto os outros tinham casas e aldeias, e colhiam, da agricultura os principaes generos de que se alimentavam.

Os *Tupys* habitavam pela maior parte o littoral e as

(1) Spix e Martius

margens dos grandes rios, ainda que alguns *tapuyas* já lhes disputassem uma parte muito diminuta destes dominios : na Bahia e Pernambuco o paiz contiguo ao littoral era ainda occupado por *Tupys ;* mas o sertão era habitado pelos *tapuyas.*

Ainda uma outra differença — e é que em quanto os *Tupys* sacrificavam os prisioneiros por amor de vingança, e porque ia nisso a sua gloria, — os *Tapuyas* o faziam de barbaros e por amor e golodice da carne humana. Esta distincção que achamos indicada nos escriptores (?) parecerá por demais subtil, mas trazia bem notaveis resultados.

« Contava um padre de nossa Companhia (diz Vasconcellos), grande lingua brazilico, que penetrando uma vez o sertão chegando a certa aldeia, achou uma india velhissima no ultimo da vida; catechisou-a n'aquelle extremo, ensinou-lhe as cousas da fé, e fez cumpridamente seu officio. Depois de haver-se cansado em cousas de tanta importancia, attendendo á sua fraqueza, e fastio, lhe disse (fallando a modo seu da terra) : Minha avó (assim chamam ás que são muito velhas) se eu vos déra agora um pequeno de assucar ou outro bocado de conforto de lá das nossas partes do mar, não o comerieis ? Respondeu a velha, catechizada já : Meu neto, nenhuma cousa da vida desejo, tudo já me aborrece ; só uma cousa me pudera abrir agora o fastio : se eu tivera uma mãosinha de um rapaz *Tapuya* de pouca idade, tenrinha, e lhe chupára aquelles ossinhos, então me parece tomára algum alento : porém eu (coitada de mim) não tenho quem me vá frechar um d'estes. »

CAPITULO IV

COSTUMES E ARTES DOS TAPUYAS

Enganados pelas semelhanças physicas e moraes que se observam entre os *Tupys* e os *Tapuyas*, alguns escriptores não viram nelles senão homens da mesma familia, que, dispersos pelas florestas, tomaram um dialecto que não era comprehendido por nenhuma outra nação. Por isso D'Orbigni os confunde, julgando-os a todos da mesma raça, a que denomina « *Brazilio Guaraniense*. » Todavia entre uns e outros observamos qualidades tão caracteristicas no seu modo de vida e nos seus costumes, que nos não é permittido confundil-os, ainda que tenham muitos pontos de contacto com todos os mais selvagens. Mas, se como diz um escriptor, as differentes tribus de indios podem ser differençadas pelos diversos modos de tonsura, com mais razão o poderemos fazer pela dessemelhança da physionomia e da côr do rosto, pela diversidade das linguas e dos costumes, e emfim pela antipathia invencivel que os separava.

Como entre os *Tapuyas* foram os *Aymorés* os primeiros conhecidos como taes, por elles começaremos a nossa descripção.

São os *Aymorés* mais claros que o outro gentio,

comquanto alguns autores lhes neguem esta particularidade, e outros o queiram attribuir á sombra das florestas, que os resguardariam dos raios do sol. Observamos, porém, que entre todos os *Tapuyas* do sertão da Bahia, e entre os mais afastados para a parte do norte, a côr é geralmente mais clara. Os *Pomeckrans* e *Cranger* das margens por alguns que vi, e segundo as noticias que pude obter de pessoas que os frequentaram, são absolutamente brancos, e até entre alguns passam os olhos de côr azul como signal de belleza.

Não tinham casas nem aldeias comquanto algumas vezes engenhassem seus tugurios encostando alguns ramos aos troncos das arvores para se resguardarem da chuva. Ora, sem habitações não podiam ser — nem eram agricultores. Ao passo que os *Tupys* tinham em todas as partes, onde foram encontrados, abundancia de mantimentos até para negociarem com os forasteiros que os visitavam, os *Tapuyas* viviam quasi exclusivamente da caça ou nos intervallos de suas correrias faziam plantações de milho tão mesquinhas, que, como ainda hoje praticam, consumiam em um só dia a colheita de todo um anno.

Mais barbaros que o outro gentio, traiçoeiros, incapazes de combater em campo descoberto, ou de atravessarem um rio, tiravam toda a selvagem grandeza ao sacrificio dos prisioneiros, usando do seu triumpho como féras, que espedaçassem a sua preza, porque não o matavam por amor de uma solemnidade terrivel; mas para méra satisfação de um appetite depravado e brutal.

Lê-se no « *Summario das viagens de Americo Vespucio,* » que elle por espaço de uns 27 dias, estivera em uma cidade (da America) onde as carnes humanas, depois de salgadas, se expunham á venda pen-

duradas em traves como usam os Europeos fazer com as de animaes nos seus açougues.

Esta fabula, que é uma recordação sem poesia dos contos orientaes, não pôde ter voga, nem mesmo em um seculo no qual muitas vezes o maravilhoso se transformava em verdadeiro. Os *Tapuyas* não tinham aldeias, e os *Tupys* mesmo nem idéa teriam do que seria um mercado: uns e outros não empregavam o sal. Mas se tal conto devesse ser applicado a alguem, era aos *Tapuyas*, e entre estes aos *Aymorés*.

Entrincheirados nas florestas e quasi invenciveis pelo seu modo de guerra, guardavam ciosamente os seus dominios como o seu ultimo refugio, regeitando toda a communicação com os forasteiros e estranhos, de modo que os guerreiros do littoral, não por temor dos ursos e leões, que segundo Vespucio (1) abundavam nestas partes, mas por prudencia e para não servirem de pasto a seus inimigos, se absterião de penetrar no sertão.

Não se póde numerar nem comprehender (diz Pero de Magalhães) a multidão de barbaro gentio, que semeou a natureza por toda esta terra do Brazil; porque ninguem póde pelo sertão dentro caminhar seguro, nem passar por terra onde não ache povoações de indios armados contra todas as nações humanas, e assim como são muitos, permittiu Deos que fossem contrarios uns aos outros, e que houvesse entre elles grandes odios e discordias; porque se assim não fosse, os Portuguezes não poderião viver na terra, nem seria possivel conquistar tamanho poder de gente. » (2).

Para os definir em poucas palavras aproveitar-nos-

(1) *Summario citado.*

(2) *Trat. da terra do Braz.* — *Not.* T. 4 cap. 7 pag. 204.

hemos ainda de um trecho do mesmo autor, (1) com quanto nem todas as suas asserções nos pareçam de summa exactidão.

« A lingua delles (*Aymorés*) é differente da dos outros indios — ninguem os entende ; são elles tão altos e tão largos de corpo, que quasi parecem gigantes ; são muito alvos, não tem parecer dos outros indios da terra, nem tem casas, nem povoações onde morem — vivem entre os mattos como brutos animaes, são muito forçosos em extremo ; fazem uns arcos mui compridos e grossos, conforme as suas forças, e as frechas da mesma maneira. Não pelejam em campo, nem tem animo para isso, põe-se entre o matto, junto de algum caminho, e tanto que passa alguem, atiram-lhe ao coração, ou a parte onde o matem, e não despedem frecha que não n'a empreguem. Finalmente que não tem rosto direito a ninguem, só a traição fazem das suas. As mulheres trazem uns páos tostados com que pelejam. Estes indios não vivem senão pela frecha ; seu mantimento é caça, bixo e carne humana : fazem fogo debaixo do chão para não serem sentidos, nem saber-se onde andam. »

Já dissémos como nenhuma outra nação gozava de tamanha e tão má reputação, e que tambem de nenhu ma outra se teve tanto conhecimento ; era a tribu que contava maior numero de denominações e isto é a prova da sua extensão e importancia.

No estado de rudeza em que foram encontrados os *Tapuyas*, como eram os *Amoyrés* e *Botocudos*, repugnavam os autores conceder-lhes sentimentos religiosos. Negavam-lhes a idéa de uma divindade, como se podesse haver alma sem um vislumbre, embora offus

(1) *Ob.* cit. cap. 5 pag. 192.

cado, embora affogado pela superstição, sem conhecimento ou noção de um ser desconhecido, mas de natureza superior á humana. Newied, porém, escreve que quando os estudou, elles tinham certo numero de opiniões sobre os espiritos, posto que estravagantes. Destes veneravam sómente os máos que na sua idéa eram os que tinham poder para fazer o mal, e consequentemente tanto maior era o culto que lhes tributavam, quanto maior fosse a malvadeza de que os suppunham possuidos. Conheciam duas especies de espiritos máos, que os atormentavam, aos quaes davam o nome generico de *Janchon*. Subdividiam-nos em grandes e pequenos, e os designavam com os termos correspondentes na sua lingua — *gipakiu* e *cudgi*. Quando o grande diabo se mostra, ou passa por entre as cabanas, não evitam a morte os que o vêem; se é rara a apparição deste máo espirito, bem semelhante ao *Aynhan*, *Anhanga* ou *Anhangá* dos *Tupys*, é sempre ominosa e para muitos funesta. Com receio delle, os *Tapuyas* temem passar a noite nas florestas, nem a isso se decidem de bom grado, e quando o fazem, preferem ter companhia. — O temor de *Anhangá* era tão geral e tão forte entre os *Tupys*, que atravez do tempo e das gerações communicou-se á raça mixta, que tem sangue europeo. Não era pois de admirar que a transmittissem aos *Botocudos* bem que o culto de seus maleficos pareça da indole de todos os povos selvagens. Acontece algumas vezes nas margens do Amazonas, mas algum tanto arredado do littoral, ouvir-se ao longe um arruido que se vai approximando e tornando cada vez mais forte, que depois passa, enfraquece, e se perde para voltar algumas horas depois percorrendo o mesmo caminho, em sentido inverso.

É o som do vento na folhagem que refresca com o

correr da noite, ou algum fenomeno, que terá facil explicação quando for melhor observado. Os indios o attribuem a uma causa sobrenatural. É o espirito do mal em suas correrias mysteriosas, — o *Anhangá* que vai exercer o seu terrivel poder. Contam elles como na passagem deste espirito invisivel as arvores se estorcem e revolvem, que as feras e as serpentes perdem a sua ferocidade, e mil prodigios que só interessam ouvidos da bôca dos que nelles acreditam. O caçador, o viandante extraviado, o imprudente que pernoitou no despovoado, cheios de assombro e de pasmo dizem ter encontrado o *Anhangá* nas florestas.

Nastas raças, diz Newied (1) o caracter moral pouco differe. — Os *Tapuyas* são dominados pela mais grosseira sensualidade, ainda que dêem ás vezes provas de um juizo são e penetrante. Nas selvas a qualidade que em mais alto gráo manifestam é a da imitação. Os gritos e gestos dos animaes, o canto das aves, o sibilo dos ventos, e até o rugido das folhas — nada lhes escapa. É o meio comesinho por que attrahem aves e animaes ao alcance do seu arco, o signal de que se servem uns para com outros, e pelo qual se correspondem em suas marchas. Entre os brancos é ainda este o seu mais eminente talento. Imitam o que vêem, accrescenta Newied, reproduzem todos os gestos de uma maneira tão comica que não é possivel haver equivoco na sua pantomima. Por esta razão, facilmente comprehendem as artes de recreio, e as que requerem destreza e agilidade — taes como a musica e a dança. Mas não sendo guiados por principios moraes, nem se achando retidos pela luz nos limites da ordem social, — esses homens grosseiros, seguem o

(1) Tom. 2.°, pag. 228.

declive do instincto e dos sentidos como o jaguar das florestas. As explosões desenfreadas de suas paixões ferozes, sobre tudo da vingança e do ciume, são entre elles tanto mais terriveis, quanto são vivas e mesmo subitas. Todavia differem muitas vezes a satisfação da sua paixão até a época favoravel para soltarem as redeas á vingança, porque o selvagem é naturalmente vingativo, e já não é pequena fortuna quando não paga mais do que deve; impetuosos nos accessos de colera, a menor offensa os irrita. Correspondem, porém, com bondade e até com dedicação ás mostras de franqueza e benevolencia que lhes dão; não se esquecem facilmente do bom tratamento que recebem, e é esta uma das virtudes do homem da natureza não corrompida. Mas apezar d'estes rasgos de boa indole, é sempre perigoso achar-se em suas florestas com os melhores de entre elles; porque nenhuma lei nem interior, nem exterior impede que o mais leve incidente lhes inspire disposições hostis.

Ainda que não levem a indolencia a tão alto grão (1) como diz Azara que é levada entre os *Guaranis*, a preguiça é um dos seus caracteristicos. O *Botocudo* fica inactivo dentro da sua cabana até que a necessidade de comer o force á sahir della; porém mesmo assim obra sempre o menos que póde, e exerce em toda a extensão o direito do mais forte, porque obriga as suas mulheres e filhos á maior parte dos trabalhos.

Mostram-se algumas vezes piedosos com os velhos e enfermos — e tem sido vistos tratando com desvelada attenção os pais enfermos, sem nunca os abandonarem. Um chefe (2) mostrou grande alegria vendo um

(1) São alegres, galhofeiros e fallam com prazer. *Newied*, T. 2°, pag. 60.
(2) *Newied*.

filho de dezoito annos, que tinha estado por muito tempo entre os Portuguezes. Ha quem em semelhantes occasiões os tenha visto chorar.

Vejamos agora quaes são as relações dos *Botocudos* com os membros da sua familia. As mulheres obedecem servilmente aos maridos. Cobertas de numerosas cicatrizes, indicio de quanto tem a temer de uma colera que facilmente se inflamma,—o maior peso da vida carrega sobre ellas : tudo quanto não diz respeito á guerra ou á caça é da sua competencia : constroem cabanas, procuram fructos para o seu sustento, vão buscar agua e lenha, preparam a caça, fazem linhas de pescar, tecem cordas. (1) Nas marchas caminham carregadas com o seu trem domestico, e com os filhos pequenos em quanto os maridos vão orgulhosamente na frente só com o arco e frechas na mão. Em algumas tribus, porém, não são comparativamente tão infelizes. Os *Camcans*, por exemplo, ainda que as tratem com certa rudeza não lhes batem nunca.

Passemos aos filhos.

Não procuremos, diz um autor moderno, nos homens da natureza as doces commoções, os sentimentos brandos e ternos que são o producto da civilisação e da educação ; mas não julguemos que a prerogativa pela qual a natureza destinguio o homem do bruto, possa ser inteiramente abafada no selvagem. Amam os filhos em quanto pequenos e tem delles grande cuidado, tratam-n'os com bondade, e raras vezes os castigam, quando maiores. O menino *botocudo*, que que algumas vezes é galante, arrasta-se pela areia,

(1) Sabiam tecer cordas muito fortes, das folhas da especie de bromelia caraguatú ou gravatá que elles chamam *orotionarik*, de embira branca, do páo de estopa, do barrigudo, da sapucaya, etc.

até que a idade lhe permitta entesar um pequeno arco. Assim vão desenvolvendo as forças e exercitando-se no manejo das armas. Os pais os acoroçoam e dirigem algumas vezes, e assim fazem tão rapido progresso que aos 14 ou 15 annos já podem acompanhar os pais na caça. Educados por esta forma, o amor de um viver selvagem, grosseiro e independente se grava profundamente no seu espirito desde a mais tenra idade por todos os annos da sua existencia. Os selvagens tirados do seu estado, supportam por algum tempo a sociedade; mas suspiram sempre pelo logar do seu nascimento, e fogem quando os seus desejos não são attendidos. Mas quem desconhece o poderoso attractivo do solo patrio, e do primeiro modo de vida?

Os *Botocudos*, se é preciso, supportam a fome por muito tempo; mas comem depois immoderadamente: a sua principal necessidade é a nutrição—comem pois com avidez, e durante a comida são surdos e mudos para tudo o mais. Gostam de larvas de insectos, e sobremodo da carne de macaco: nem conhecem limites ao appetite, comem tudo do tapy até a pelle, exceptuando apenas os ossos mais duros. Se se lhes enche a barriga, tem-se com isso empregado o meio mais seguro de lhes ganhar a vontade,—e se a isso se accrescentar algum mimo, estarão promptos para o que se quizer.

A mutilação do labio inferior e orelhas é geral nelles. É costume, diz M. Newied, que encontramos em todos os selvagens de todas as partes do globo, furarem o labio inferior e orelhas, e ornarem esta fenda a seu modo; mas na America Miridional acham-se os modos mais estravagantes, e entre elles os *Botocudos* se distinguem pela exageração. *Azara* entre os do Paraguay observou fendas de duas polegadas, em quanto

nos de Belmonte, Newied mediu algumas que tinham quatro polegadas e quatro linhas, medida ingleza. A vontade do pai determina a época de dar ao filho este singular ornato, mas tem isso logar aos 8, 7 annos (1) talvez mais cedo. Estendem o labio inferior e o lobo das orelhas, collocam roletes de páos, depois maiores e ainda maiores até que acabam por dar ás orelhas e labios uma extensão prodigiosa.

Posto que estas placas sejam leves, pois são communmente feitas de barrigudo, fazem pender os labios dos velhos, em quanto os dos moços se sustentam em uma posição horizontal ou pouco arrebitada. (2)

Os Portuguezes, como já dissémos, differençam estes dos outros selvagens por este costume; mas assim como os appellidam *Botocudos*—os *Malatis* os chamam *orelha comprida.* E todavia estão elles longe de serem os unicos que usem de tal mutilação. Em muitas tribus da America reina o costume de se furarem o labio inferior. Os *Tupinambás* traziam nelles ossos e nephrites verde—*Azara* diz que os do Paraguay tinham o mesmo uso e assim tambem os *Charruas*. La Condamine (3) vio no Amazonas selvagens com os lobos das orelhas de uma extensão prodigiosa. Ainda entre os *Caraibas* se observou o mesmo costume. Todavia distinguem-se os *Botocudos* pela exageração e diformidade de semelhante extravagancia. Diz Laet que os vio com 7 e 8 buracos nas faces: as mulheres mesmas nestas tribus se não eximiam de tal

(1) Pueris anno setimo aut octavo auriculas perfurant uti et inferium labium supra mentum: aiunt se hac cerimonia illos mum in hominum numero ascicere. « *Quœdam a Tapuys ab E. Herckmanus.* »

(2) La botoque gène extrèmement les *Botocudys*, quand ils mangent; il en résulte une grande malpropreté. — M. Newied.

(3) Voyage dans la rivière des Amazones.

costume, pois traziam tambem um botoque mais pequeno, e se é permittida a expressão mas elegante que os dos homens.

Não achatam porém, a cabeça dos filhos, como os *Omaguás* e *Comberas*, o primeiro dos quaes na linguagem dos *Peruanos*, e este na dos ultimos (1) quer dizer *cabeça chata*. Nem tambem lhes deprimem o nariz, como faziam os *Tupinambás* a seus filhos. Usam como estes encobrir as partes sexuaes—os *Botocudos* com folhas de *Issara*, a que chamam *Pontiac*, e ao estojo a que os *Tupys* chamavam *Tacanhoba*, dão estes o nome de *Ginean*, e os *Cancans* de *hynaika*. As mulheres atam as pernas por cima do joelho e do tornozêlo para as tornar mais finas.

O costume do botoque dá logar a uma singularidada orteologica que se observa no craneo do *Botocudo* nao obstante a autoridade de Oviedo, citado por Southey, segundo o qual as espadas dos hespanhóes nao podiam penetrar no craneo dos indios por serem demasiadamente duros. Verdade é que *Azara* (2) pretende que os ossos destes se convertam mais promptamente em terra do que os dos europeos. A singularidade é esta. A placa de madeira do labio inferior, diz Newied, examinando um craneo de *Botocudo*, tinha não só desarranjado os dentes da maxilla inferior, mas até neste craneo, que era de um individuo ainda novo, tinha comprimido e obliterado inteiramente as alveolas, o que de ordinario não tem logar senão nos su,eitos idosos.

Com uma vida toda de trabalhos e de continuos exercicios, os *Tapuyas* rarissimamente enfermam. Nas-

(1) Corog. Bras. T. 2 pag. 326. Dever-se-hia escrever *Acan-ja éra*.

(2) Voyage a l'Amérique Merid.

cidos ao ar, creados sem vestidos, acostumados a todas as variações do clima intertropical, ao calor extremo do dia, como ao frio e humidade da noite e das florestas, tem o corpo endurecido e supportam todas as impressões da atmosphera; o seu modo de vida simples e uniforme os preserva dos males que são inevitavel resultado da civilisação. Banhos frios e frequentes, o emprego continuo de suas forças dão-lhes ao corpo e organisação um gráo de perfeição que mal podemos imaginar. Comtudo Newied escreveu que entre elles se viam muitos tortos.

São dextros e habeis na sua principal occupação que é a caça,—e os seus sentidos exercidos constantemente desde a infancia são de uma admiravel fineza. Reconhecem pelas pégadas as differentes tribus e pelo olfato conhecem o caminho que levaram. Auxiliados por sentidos tão perfeitos seguem a pista do animal com extrema sagacidade. O corpo endurecido e a tudo affeito—supportam todas as fadigas, e incommodos—o calor do dia e fria humidade da noite. Obrigados a pernoitar nas florestas e fóra dos seus ranchos, o que muitas vezes lhes acontece, fazem grandes fogos, que tambem nas cabanas nunca deixam apagar. Bebem da agua que encontram nos regatos, nas folhas da tige da bromelia, ou transportam em gomos de taquarussú de 3 a 4 pés de compri mento ao que dão o nome de *kokroc*. D'estes gomos fazem igualmente copos.

As suas cabanas ou abrigos (1) são umas pequenas choupanas armadas á mão com 4 páos, como aquellas que hoje servem e amanhã se queimam. Outros mais

(1) Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brazil, liv. 1.º n. 17.

industriosos formam cabanas ou barracas mais compridas; mas desde o principio até ao cabo sem repartimento algum. Modernamente as fazem de palmeiras silvestres com alguma inclinação para a summidade afim de formarem abobada. Se ali permanecem por muito tempo, juntam-lhes mais algumas estacas e ramos sobrecarregando o tecto com folhas de *pati* ou *patioba*.

As armas mais terriveis dos selvagens que se conhecem, escreveu Newied, são as dos *Botocudos*. Com uma constituição athletica, vista de lince, exercidos desde a juventude a entesar com mão segura um arco gigantesco, são para causarem bem fundado terror nas solidões folhudas das florestas.

Alguma differença se nota na construcção de suas armas, mas isso provém de circumstancias locaes. Em Minas fazem o arco do *Airi* espinhoso, a que chamam *Brijuba*, e os *Tupinambás* *airi-assú*. Os *Pòpecrans* e todos os selvagens do norte os fazem do páo d'arco, a que para o sul se dá o nome de *ipé*. O *airi-assú* é madeira fibrosa, compacta, elastica, e em espessura proporcionada difficil de dobrar. Os *Patachós*, *Malalis* e *Botocudos* que habitam mais ao norte de Belmonte, onde parece que não ha esta madeira, empregam o *airang* (hierang) que Newied diz chamarem *tapicurú* ou *tapicurá* (1).

O páo d'arco é de côr avermelhada, em quanto o airi bem polido é preto retinto. Os homens robustos têm arcos de 6 a 7 pés, os *Patachós*, porém, chegam a tel-o de 8 pés e 9 1/2 polegadas, com cordas de fibras de gravatá. As frechas chegam a ter 6 pés de comprimento, e entre todas as tribus são as maiores em

(1) Tomo 2.° pag. 148 e 153.

geral feitas de taquarussú. Os *Botocudos* de Belmonte e Rio-Doce fazem-n'as de *ubá* è *cannachuba*. A parte inferior que se apoia na corda, e guarnecida de largas pennas de mutum, jacutinga, jacutemba e arára. Uma dessas pennas é ligada longitudinalmente á frecha de cada lado com uma trepadeira que chamam *imbá* e os *Botocudos meli*.

Ha tres especies de frechas usadas na guerra *uagike comm*,—a harpoada—*uagike-méran*; e a outra para caça dos animaes menores—*uagike bacamnumok*. A primeira tem a ponta alongada ou eleptica, feita de taquara; tostam-n'a para ficar mais dura, e a raspam e aparam para que fique cortante como faca, e a ponta fina como agulha. O animal, ferido della, sangra muito, porque um dos lados é concavo. A ponta da frecha harpada, que tem polegada ou polegada e meia de comprimento, é feita de páo d'arco ou de *airi*. É fina e muito aguda. Tem oito ou dez harpéos, e se emprega na caça de animaes grandes e pequenos, e tambem na guerra : a sua ferida é perigosa, por ser de difficil extracção. Os *Pupeckrans* usam desta especie de frechas; mas dividem-n'a em tres partes; quatro ou cinco palmos de canna na extremidade inferior; no meio tres ou quatro palmos de voragica, raras vezes sem nó (1) e uma polegada de ponta, onde atam o osso que forma o harpéo.

As frechas da terceira especie são obtusas, e matão por contusão : tomam para isso uma vara que tenha tres ou mais nós formando como um botão, de que fazem a extremidade da frecha.

Para dar mais força ás primeiras untam-n'as com cera, passam-n'as no fogo para que penetre melhor, e

(1) O hastil da frecha dos *Botocudos* não tem nó algum.

assim fazem tambem com os arcos. Não usam carcaz, nem podem levar de cada vez mais de quatro ou cinco frechas.

Tem achas a que chamam *caratu*, cujo gume é de nephrite, pedra verde ou parda. Os *Camcrans* chamam-n'as *carapó* ou *carapok*. O arco destes é forte, elastico, maior que um homem, feito de *braúna* de côr negra-retinta : chamam-n'o *cuang*, e as frechas *hoay*; são mimosas e elegantemente adornadas.

Contam differentes instrumentos. Para rapar o cabel lo (1) usam da taquara, que racham e aguçam de modo que fique o instrumento bem cortante e não muito aspero.

Para se chamarem uns aos outros nas florestas usam de um porta-voz *kuntchung-cocann*, feito do involucro da cauda de tatú grande (2); mas na proximidade de inimigos imitam os guinchos das aves e dos animaes de modo admiravel.

As mulheres tocam umas flautas feitas de canudo de taquara com os furos pela parte inferior.

Os *Camacans* servem-se tambem para marcarem o compasso da dança de um instrumento feito de unhas de tapyr, presas em dois molhos, a que dão o nome de *herenedioke*: (3) é instrumento que dá um som forte quando agitado. Usam tambem de um instrumento mais pequeno, cujo nome é *keklick*, o qual consiste em uma cabaça vasia, com um cabo de páo, cheia de pedrinhas, muito semelhante ao maracá dos *Tupys*,

(1) É falso que não tenham barba; muitos as têm bastas ainda que a maior parte só tenha um circulo de pellos raros em roda da bôca. Vêem-se entre elles alguns meninos de braços muito pellosos; mas não gostam de cabellos pelo corpo, e por isso os arrancam cuidadosamente. » M. Newied.

(2) Tatú dasypus gigas. Cuv.

(3) Newied. 168.

bem que não pareçam ligar-lhe idéa alguma religiosa.

Fabricavam o vaso para conter as tintas com que se pintavam de casco de tartaruga; mas é tambem de suppôr que usassem de outra materia onde aquella não fosse encontrada. Em vez das talhas de barro, que usavam os *Tupys* para o fabrico de seus vinhos, escavavam para esse fim o tronco do barrigudo, dando-lhe a apparencia de um cocho como se vê em alguns dos nossos engenhos de assucar.

As mulheres trazem um collar de grãos pretos, a que chamam *pohuit*, no centro do qual collocam dentes de macaco e de animaes carnivoros. É uma recordação dos dentes humanos, que os *Tupys* traziam ao collo pendentes á modo de collares. Comtudo é para notar, que ainda que alguns meninos os trouxessem tambem, eram tão raros entre os homens, como vulgares entre as mulheres.

O seu ornato são diademas de 12, 15 e mais plumas fixadas com cêra, e atadas em um cordão : de ordinario entre estas pennas predominam as de côr amarella que forma um contraste agradavel com o negro dos cabellos. Dão-lhe dois nomes differentes o de *nuncancan* e o de *jakera-iunioka*. Alguns chefes, porém, só traziam duas pennas de papagaio amarradas com embira ao redor da cabeça, — e pennas de tucano nas duas pontas do arco, como insignias do mando. Sem gosto algum na escolha e disposição de seus ornatos, são nisto excedidos de muito pelos *Camcans*, e principalmente pelos indios do Maranhão e Pará.

Nas suas festas usam tambem os *Camcans* do mesmo diadema com pennas de papagaio; as de *jurú* no cimo, e no meio destas duas de arára.

Em ocio divertem-se a cantar e a chacotear, o que sempre acontece depois de uma caçada abundante, ou

de um combate feliz. O cantar dos homens assemelha-se a um canto inarticulado, que sobe edesce constantemente em tres ou quatro notas, que sahem do concavo do peito: em taes occasiões põem o braço esquerdo na cabeça ou tapam as orelhas com os dedos, sobre tudo na presença de estrangeiros. As mulheres cantam menos alto, e menos desagradavelmente, mas não fazem ouvir senão um numero limitado de sons, que constantemente repetem. Adaptam as suas musicas cantilenas sobre a caça ou sobre a guerra; mas a Newied pareceu que o que lhes ouvira era um sussurro sem palavras.

Morrendo um *Botocudo* enterram-n'o na sua cabana ou perto d'ella, e abandonam aquelle logar como nefasto: os parentes do defunto testemunham a sua dòr com urros espantosos, e as mulheres se mostram ainda mais exageradas que elles. Amarradas as mãos com cipós, não os collocam em posição acocorada como faziam a maior parte dos póvos da America, dos quaes escreveu Du Creux, (1) que, exhalado o ultimo suspiro, era o cadaver collocado como em um circulo, afim de que no tumulo descançasse da mesma maneira como se estivesse no ventre materno. Estes, porém, estendiam os seus cadaveres em uma cova ao comprido. Diz-se tambem que enterram os mortos com as armas de que tinham por costume servirem-se; mas alguns viajantes modernos, abrindo os seus sepulchros não acharam n'elles senão ossos: na superficie alguns bastões—iguaes no tamanho, redondos, e dispostos parallelamente. Junto ao tumulo encontraram cabanas abandonadas, que as vezes fabricavam com pindobas, como faziam o da beira-mar, mas estes ligavam as

(1) Hist. Canadiensis, pag. 92.

mãos e os pés ao cadaver, e os depositavam em uma posição vertical (1).

Depois do enterro alimentavam o fogo por algum tempo de um e outro lado da cova para afugentar o diabo, cerimonia para que vinham ás vezes de muito longe. Não se mutilam por luto, mas anteriormente cortavam o cabello que, como dissémos, era crescido como signal de liberdade.

Pintam-se os *Botocudos*, como todas as mais nações, de urucú e genipapo: mas reservam para o rosto as côres extrahidas do urucú, ficando assim mascarados, e no desplante parecendo feros e atrevidos guerreiros. Quando se pintam de preto traçam uma risca preta que vai de uma orelha a outra passando por baixo do nariz.

Os *Camcans* usam de listas negras, e as mulheres formam com estas tintas listas concentricas em roda do seio.

Outras tribus de indios que reputamos tambem *tapuyas*, existiam pelo interior; mas destas muito de leve nos occuparemos, porque só muito posteriormente á conquista, é que se acharam em contacto com os europeos. Degenerados então, confundidos com os *tupis*, influenciados pela civilisação, ainda que esta se barbarisava nos colonos e seus descendentes, convertidos em soldados de bandeiras e caçadores de homens — tudo na sua vida e costumes indicava a fusão de tribus differentes, e tal que foram muitos delles classificados como formando uma só raça. É isto o que Ferdinand Diniz (2) conjectura dos corôados. — « Poder-se-hia suppôr, diz este autor, que os corôados for-

(1) Lery, pag. 342.
(2) L'Univers « *Brésil* » pag. 368.

mavam um grande povo intermedio entra os *tupys* e seus inimigos naturaes.

Os *Guaycurús*, habitantes das margens do Paraguay, foram observados quando com a reproducção espantosa que houvera logar em suas terras, do gado cavallar, e com o partido que delle tiravam se iam tornando conhecidos com o nome de « *indios cavalleiros*. »

Lê-se na *Historia dos indios cavalleiros* de Francisco Rodrigues do Prado (1) « Os primeiros que deram noticias destes barbaros foram os antigos paulistas, e já os encontraram senhores de grandes manadas de gado vaccum, cavallar, e lanigero. » Segundo escreveu este autor eram os *Guaycurús* gente errante, sem agricultura alguma, mas guerreiros em extremo, soberbos com o mais gentio, ao qual tratavam com desprezo, e em cujas terras sahiam todos os annos a saltear e a fazer escravos.

São de côr de cobre carregado, altos de estatura, passando ás vezes de 72 polegadas, bem feitos, cheios de corpo, affeitos ao trabalho, e endurecidos nelle com todas as privações da vida do selvagem. Raras vezes defeituosos, sadios até uma velhice provecta, e sem nunca perderem nem os dentes, nem os cabellos. Usam fazer no corpo e no rosto desenhos por incisão — com pinturas de urucú e genipapo, que se apagam com o tempo.

Amam os filhos, e a condição das mulheres não se tornava entre elles muito lastimavel. Rodrigues do Prado diz na obra citada. « O marido ama ternamente a mulher : é verdade que bem pago fica porque ella tem um desvello excessivo em o agradar... ao qual

(1) Revista do Inst. H. e G. B.

quasi adoram. » Ha entre elles classes distinctas, a dos nobres ou capitães a quem o nascimento faz taes, a dos soldados que obedecem sempre, e a dos escravos que captivam dos vizinhos, aos quaes, diz a Memoria que extratamos : — tratam com muito amor, e *não os obrigam a trabalho algum.* Mas estas differentes classes estavam tão discriminadas que nem o soldado se podia tornar chefe, nem o escravo se podia libertar ou entrar a fazer parte da republica.

O seu idioma é composto de sons guturaes, a linguagem quasi toda figurada, exprimindo-se as mulheres de modo differente dos homens, o que provinha de terem sido procuradas por meios violentos das tribus vizinhas das quaes conservavam a lingua. « Todos os annos, diz ainda a supracitada memoria, sahem para matar outros selvagens e prender para captivos mulheres e crianças. »

Quanto á sua origem, dizem que sendo já creados os homens e repartidas por elles as riquezas da terra, — uma ave de rapina a que chamam *cara-cará*, lastimando que não houvesse *guaycurú*, os creava dandolhes por herança — em troco da terra que já estava dividida, — o arco, a frecha, a maça e a lança, para que com aquellas armas fizessem guerra ás outras nações, e tomassem dellas o que podessem.

Reconheciam um Deos bom, ao qual não prestavam culto, e o dogma da immortalidade, mas acreditavam tambem que só as armas dos seus capitães e pagés (aos quaes Ayres de Casal dá o nome de unigenitos) subiam ás estrellas, em quanto as do vulgo ficavam errando junto aos cemiterios (1), lembravam-se

(1) Ils n'enterrent pas leurs morts dans les cabanes que ceux-ci ont jadis habités. Ils ont un cimetière général. F. Denis, pag. 323.

tambem, mas confusamente, da tradição do diluvio.

O collocarem o seu paiz nas estrellas dependia de se ter o povo tornado pastor: guiavam-se pelo sol, e conheciam Venus e Mercurio e os mais planetas que com a simples observação se reconhecem.

Entre as mais nações se distinguiam os *Goiatakases*. Habitantes das ferteis campinas de Campos, deixavam crescer o cabello em signal de liberdade, motivo porque anteriormente o cortavam a seus escravos; (1) mas afugentados pela força das armas para o interior de Minas, e estabelecendo-se de preferencia nas terras banhadas pelo rio Pomba e Xipotó dos Indios, já não poderam conservar o mesmo distinctivo que lhes embaraçava a marcha ao travez das florestas: apararam então o cabello em roda da cabeça, e este costume lhes valeu a designação de *Corôados*, com a qual é hoje conhecida aquella tribu, á qual na sua emigração se encorporavam os *Coropós*. « É difficil de imaginar (dizem Spix e Martius) como uma nação tão aguerrida e aventureira se tem em tão poucos annos reduzido a um tão pequeno numero de individuos. Chegou já a tal e tão insignificante estado de degeneração, que é na actualidade antes objecto de commiseração do que de interesse historico.

(1) Isso tambem praticavam os *Camcans* e *Botocudos*.

CAPITULO V

CARACTERES PHYSICOS

(*Tupys.*)

Tratando dos caracteres physicos genericos dos *Tupys*, não nos occuparemos do que diz respeito á physiologia geral do homem americano : não entraremos n'uma discussão que seria sem duvida interessante para a sciencia, mas para a qual não estamos preparados, e que de mais não se prende senão muito remotamente ao nosso programma. Contentando-nos pois de descrever os caracteres não entraremos na explicação dos factos : deixamos isso aos mestres das sciencias, e áquelles que por seus estudos especiaes e por observações proprias poderem esclarecer a questão.

Acreditou-se por muito tempo que a côr da pelle americana era uma e uniforme em todas as tribus de todas as partes da America, — quaesquer que fossem as influencias da latitude, da elevação e da natureza dos logares que habitassem (1).

(1) *Ulloa.* — Noticias americanas. T. 3 p. 278 : « Visto um indio de cualquier region, se puede dicir que se han visto to-

Esta côr dizia-se ser tirante a cobre, até que Humboldt (1) asseverou que semelhante designação de côr vermelha, côr de cobre, applicada aos indigenas da America não poderia ter tido principio na America equinoxial.

D'Orbigny (2) regeitando igualmente tal qualificação para os homens da America meridional, nem admitte a uniformidade neste caracter, nem a côr do cobre que *Ulloa* foi o primeiro a qualificar tal; quer antes aquelle autor que em nenhuma outra parte do mundo varia tanto a côr do homem de intensidade.

Foi tambem opinião por muito tempo que a maior intensidade da côr da pelle dependia da maior força do calor solar (3), e guiando-se por estes principios Buffon pensava que os habitantes do valle dos Andes eram os mais alvos, quando de todas as tribus que se grupam sob a raça — *ando-peruana* — é exactamente ali que se nota a côr mais carregada. Sem querer negar o effeito do sol sobre a côr, effeito que não é senão temporario, dever-se-hia attribuir antes, como pretende D'Orbigny a sua mais ou menos intensidade á maior ou menor humidade a que se achassem expostos, á demora mais ou menos dilatada em paizes regados por chuvas abundantes, e onde vastas florestas interceptem os raios do sol (4).

dos en quanto el color y contestura. » (Orb. 1 — 72.) Robertson. Hist. of. Am. L. 4. Cieca de Leon. « Cronica del Perú. » P. 1, cap. 19.

(1) T. 3 p. 278.

(2) L'Homme Américain.

(3) Paw. Recherches sur les Américains, pag. 227, 236, 237.

(4) A esta ultima causa attribuem os historiadores o facto de serem os *Aymorés* mais claros que os *Tupys*. Gumilla. — *Hist. de le Crenoque* — diz tambem que os habitantes das selvas são *quasi brancos* e os das planicies *trigueiros*.

As tribus *Tupys* estavam collocadas como no centro das duas raças dos *Pampas* e *Peruanos* — ambas da America meridional. A sua còr era baça com um longe de vermelho (1). Os *Tapuyas* que, quanto a nós, descendem dos *Goyatakases*, ou ao menos provêm da mesma origem, tinham com pouca differença a mesma côr exceptuando os *Aymorés* e restos seus que para o norte encontramos, alguns dos quaes, segundo os primeiros viajantes, eram *quasi tão brancos como os Portuguezes*. Tanto n'uns como nos outros observa-se a manifestação de sensações vivas na coloração instantanea do systema dermoidal (2), mas por effeito da côr mais carregada da pelle, o fenomeno era nelles menos ostensivel do que nos homens da raça branca.

A pelle longe de ter a aspereza que Ulloa (3) lhe quiz attribuir, é muito mais macia que a dos europeos e homens do antigo mundo : é lisa, polida, brilhante e macia como setim, sem offerecer portanto desigualdade alguma (4) qualidade que em seu maximo gráo se apresenta nas tribus que habitam a zona torrida (5).

Quanto á estatura (6) dá-se o mesmo facto que se

(1) D'Orbigny (1839) fallando dos *Guaranis*, nome sob o qual comprehende os *Tupys*, diz que tem uma côr amarellada (*jaunâtre*) e accrescenta. « Il y a plus ou moins de mélange au rougeâtre très pâle, ou au brun, selon les nations et même selon les tribus. » *L'Hom. Américain*. T. 1 — p. 74.

(2) Toute aussi vive et non moins énergique que dans la race blanche. Ob. cit. Orb. T. 1 — 383.

(3) Noticias Americanas 1772, p. 313.

(4) Biet. Voyage dans la France Equinoxiale, p. 352 — diz dos *Caraibas* : — Leur chair est basanée et fort douce, il semble que ce soit du satin, quand on touche leur peau. (Orb. pag. 86.

(5) Orbigny, ob. cit. 87.

(6) Para não termos de repetir as mesmas citações, consignamos aqui quaes os differentes caracteres physicos dos *Tupys* segundo lêmos descriptos em varios autores. — *Vide nota no fim deste capitulo.*

observa nas dimensões dos mamiferos, quando não sujeitos ao estado de domesticidade, isto é, a differença é tão exigua entre os extremos que o maximo e o minimo muito pouco discrepam do médio, assim entre os homens da mesma tribu, é muito pouco sensivel a desigualdade do tamanho. Os *Tupys*, na estatura como na côr era o ponto intermedio entre as duas outras raças, inferiores aos *Pampas* e superiores aos *Peruanos*, fazendo-se ainda distincção dos *Aymorés*, que assim como eram os mais claros, eram tambem os mais altos entre os *Brazilio-Guaranienses*, e semelhantes aos *Pampas*. É certo que d'Orbigny dá tanto para os *Tupys* como para os *Tapuyas* a mesma estatura; mas este escriptor não teve occasião de observar senão um individuo desta ultima familia, e só falla por esta observação isolada. O facto no emtanto é confirmado por todos os que têm tratado dos indigenas do Brazil, e foi por isso um dos caracteres que procurei estabelecer como differentes entre *Tupys* e *Tapuyas* (1).

Quanto ás formas geraes, longe de haverem degenerado como pretende Paw, apresentam todos os caracteres que attribuimos á força. Cabeça antes grande que pequena comparada ao resto do corpo, tronco largo e robusto, peito arqueado, espaduas largas, quadris pouco salientes. Ainda que os seus membros sejam algumas vezes curtos, comparados ao resto do corpo, são sempre repletos, arredondados e mus-

(1) Dos *Botocudos* são tão brancos alguns como os Portuguezes (Not. cur. e neces.) São diz a Not. do Braz. (da mesma côr que o outro gentio) no que está este autor quasi em unidade, mas são de maiores corpos, mais robustos e forçosos. Dos *Goaitakases*, diz ella « tem côr mais branca ». Dos *Goyanazes* « é gente de bom corpo. »

culosos : as extremidades superiores nunca magras, bem desenhados os braços artisticamente fallando, ainda que algumas vezes grossos de mais, e as mãos pequenas em relação a elles. As extremidades inferiores são bem proporcionadas, e nas bellas formas, raras vezes magras, e os pés pequenos, posto que largos. São por tanto as suas formas menos bellas do que herculeas. Assim tambem nas mulheres, acostumadas a uma vida livre, exercendo as forças desde a infancia, sem nenhum obstaculo ao desenvolvimento de suas forças e de seus membros, têm tudo quanto poderiam desejar para o genero de vida a que são destinadas : assim bem que sejam raras vezes esbeltas e graciosas, porque são muito robustas para serem bem feitas, são proprias para o trabalho, e sadias : tem partos faceis, filhos vigorosos desde a infancia, e nunca defeituosos (1). Entre homens e mulheres, ainda na velhice, raros são os factos de obesidade.

A classificação que se quizesse fazer dos Americanos em relação aos outros póvos, deduzida da consideração da forma que os seus craneos apresentam, não nos poderia levar a nenhum resultado seguro; porque mesmo entre as raças do antigo mundo, talvez menos confundidas, e com certeza melhor estudadas que esta, tomando-se de qualquer dellas, excepto

(1) Robertson. H. of. A. L. 4. — Gumilla, pag. 234. — *Trecho Hist. Parag.* — attribuem o facto ao costume de destruirem todos os filhos que mostrassem disposições de sahirem do estado normal. Não se lê semelhante cousa em viajante algum. D'Orbigny não os vio defeituosos nem mesmo entre os Peruanos, que amam e querem os filhos talvez mais que os europeos, e então explica o facto pela educação toda physica que recebem, auxiliados e favorecidos pela boa organisação dos pais. Humbold notou a mesma carencia de diformidade entre os *Muisicas*, *Mexicanos* e *Caraibas*, T. 3. pag. 291.

a negra, um milheiro de craneos, acham-se alguns que pelos seus caracteres se assemelham a todas as outras.

Ora, entre os Americanos as formas da cabeça variam por tal modo (1) que Prichard rejeita a designação de *forma americana*, que alguns anatomicos quizeram achar, observando os craneos das differentes raças, distincção inadmissivel, diz elle, porque não é senão uma generalisação erronea, á qual chegaram, considerando como universaes os caracteres fortemente pronunciados que lhes apresentam algumas tribus particulares (2).

Lawrence (3) considera o craneo americano como analogo pela sua forma ao do Mongol, posto que seja menor que o deste (Orbigny pag. 118). Admittida a differença de tamanho que este phisiologo quer estabelecer, conviria ter-se em vista as curiosas observações de Parchappe (4) sobre a relação que ha entre o volume do craneo e o desenvolvimento das faculdades : dellas se collige que não só a forma do craneo é pouco importante para as faculdades, como tambem que o seu volume nada influe sobre ellas (5). Não obstante, tendo elle medido alguns craneos, achou que o volume da cabeça americana, pelo contrario do

(1) L'aspect des indigènes et l'inspection d'un grand nombre de crânes, que nous avons vu, nous ont convaincus, qu'en Amérique ils varient non seulement selon les races et les nations, mais encore d'individu dans un même peuple. Orb. T. I, pag. 119.

(2) T. 2, p. 74.

(3) Lectures on physiology, zoology, and the natural history of the man.

(4) Recherche sur l'encéphale, etc.

(5) « La difference de volume entre les individus sains d'esprit, et les têtes des aliénés, serait à l'avantage des insensés » Parchappe, p. 28. Vd. as 34, 35 e 45.

que diz Lawrence, é superior ao das cabeças da raça malaia.

Eis como d'Orbigny (1) descreve os caracteres geraes da raça *brazilio guaraniense*, ou *tupy*. « Côr amarellada com mistura de vermelho muito desbotado, estatura um metro 620 milimetros, formas massiças, frente não inclinada, rosto cheio e circular, nariz estreito e curto, ventas estreitas. Bôca mediana e pouco saliente, labios delgados, olhos obliquos e sempre repuchados para o angulo exterior como os dos *Mongóes*, ossos da face pouco salientes, feições de mulher, physionomia doce. » A isto accrescentamos pois que os procuramos comparar com os indigenas da Oceania, cabellos negros, corredios e consistentes (2) barba tardia, não frisada, e pouca (3), apenas na extremidade do labio superior e no queixo, dentes bellos, regulares, quasi verticaes, persistentes, e em que difficilmente dá a caria (4).

Sendo muito vigorosa a sua compleição, resistem tanto aos mais duros trabalhos, que Ulloa os chama *insensiveis* pela coragem com que supportam os soffrimentos (5) em outra parte (6) os denomina *animaes*, porque são robustos e não os incommodam

(1) Ob. cit. T. 2.

(2) Dos cabellos da raça americana diz d'Orbigny, p. 128 « Ils ne tombent jamais chez elle, même dans la vieillesse la plus avancée. « T. 2.° Marcgraff. L. 8, c. 5: « Neque facile canescunt nisi in decrepita ætate.

(3) Paw. T. 2, p. 181, e Robertson. H. of. A. L. 4, negam-lhes inteiramente. Marcgraff. L. 8, p. 269: Bar. am raram aut. nullam Multi tamen dantur qui habent barbas nigras.

(4) Nous avons vu un grand nombre de vieillards dont les dents étaient usées jusqu'à la racine par la mastication, sans que leur en manquât une seule. Orb. p. 128.

(5) *Noticias Americanas*, p. 314. D'Orbigny. T. 2, p. 137.

(6) Ulloa, ob. cit. p. 320.

muito as fadigas e as intemperies. Soffrem por muito tempo, sem o demonstrarem, a sêde e a fome, e raras vezes adoecem, bem que affrontem a humidade, o calor e o frio, sem tomarem precauções contra molestias. A prova mais concludente da sua optima constituição é o costume que tem as mulheres indigenas, de paridas lavarem-se logo em agua corrente, continuando no mesmo dia no seu trabalho como se nada lhes houvesse acontecido (1).

Os velhos ignoram os males da decrepitude, possuem o gozo dos sentidos, como na mocidade, conservam os dentes intactos e os cabellos que não cahem nem alvejam nunca (2), tem a vista, o ouvido e o olfato finissimos, os movimentos desembaraçados, e o rosto pouco enrugado. Quanto á longevidade, d'Orbigny conhecendo a difficuldade de a determinar, dá-lhes o maximo de 100 annos, observando, porém, que poucos passam além dos 80. Dizem Lery e outros que chegam aos 120 e mais annos (3).

Com a sua educação alcançavam no geral um alto gráo de agilidade e de força. Newied tendo mandado os seus caçadores com alguns *Botocudos*, estes pela ligeireza e rapidez da marcha, fatigados de os acompanhar, ficaram atraz, deixando aquelles continuarem

(1) Fœminæ mire fecundæ, facili negotio pariunt, rarissime abortientes... pleræque puerperæ statim post partum, nemine obstetricante, surgant aut obambulent; imo ad fluvium vicinum corpus ablutum properent victumque hinc inde conquirant. Piso, *de Medicina*. L. I. p. 7.

(2) Laet. « Ficam muito velhos sem cãs nem calvas. »

(3) « Taes ha delles que chegam a viver 120 e mais annos. » *Vida do Padre. J. d'Almeida*, cap. 5, n. 8. O mesmo diz Marcgraff. L. 8, cap. 5.

Prematuro pubescunt, tarde senescunt incolæ... supra centesimum ætatis annum, viridi et longeva senecta. Piso, L. I. Longevi sunt admodum, ibidem.

sós a caçada. Lery diz que os arcos dos do littoral eram tão compridos e fortes, que não tinham comparação com os que naquelle tempo eram usados na Europa. Um europeo, longe de os poder vergar e por a tiro, devera dar-se por contente, vergando o arco de um rapaz de 9 a 10 annos. E não é só que eram mui fortes os seus arcos : além da força que sem duvida era precisa para os manejar, despediam delles setas com tanta facilidade que, segundo o mesmo autor, os Inglezes, os melhores archeiros da Europa no seculo 16, não atirarião seis em quanto os *Tupinambás* terião expedido o dobro ou mais.

Em todos estes e nos demais exercicios corporaes primavam os indigenas. Dariamos para exemplos se fossem precisos, aquelle indio que depois de encorrentado salvou-se a nado na bahia de Nitheroy: e Sepé que com as mãos atadas nas costas, fugio dentre uma partida de cavalleiros hespanhóes, que o escoltavam. A vista destes factos poderá ser judiciosa a opinião dos que, como Virey, sustentam que aos póvos meridionaes não convem outro regimen senão o vegetal : negamos, porém, que desta idéa se deva logicamente concluir que a um selvagem não era possivel combater corpo a corpo com um europeo. Não obstante não lhes serem favoraveis as experiencias do dinamometro sobre a sua força muscular, alguns se tem visto lascar com a mão leques de palmeiras, mergulhar por largo espaço, nadar dias inteiros, e cançar os mais infatigaveis andarilhos.

Alem do genio bellicoso que os levava a tornarem-se dextros nestas artes, as suas festas tomavam ás vezes, não o caracter do pugilato, mas o de exercicios gymnasticos, que nem sempre deixavam de ser rudes. Tal é o jogo do tiro do barrigudo, no qual

enfiam um páo, que tomavam, correndo e continuando a carreira até chegarem á extremidade marcada para limite, embora tivessem de atravessar com elle algum regato que désse nado. Em algumas tribus do sertão conserva-se ainda hoje este jogo; mas reservam-n'o para as celebrações de matrimonio. Neste caso dá-se ao vencedor a moça que chegou a ser nubil, reputando-se como o mais capaz de a salvar em occasião de perigo.

Concluiremos este capitulo com algumas observações.

Se quizermos por um momento considerar qual era o viver do *Tupy*, os seus trabalhos, a sua organisação em republica, conjecturemos approximadamente o gráo de bem estar e de energia que elles deverião desfructar, e teremos ao mesmo tempo a explicação desse estado de perfeição organica, que apenas se conhece na vida civilisada.

Nascidos de pais robustos e sadios, nunca ou rarissimas vezes affectados de enfermidades excepto no extremo quartel da vida, participavam em grande parte da organisação de seus ascendentes. Em quanto no ventre materno, as mães os não comprimiam nunca, como desgraçadamente usam em muitas partes as mulheres para occultar ou disfarçar a gravidez: os trabalhos e occupações diarias a que se davam, não obstante o seu estado, nem só lhes facilitavam os partos, como era tambem motivo para que os filhos não sahissem aleijados nem defeituosos, nem com esses vicios de organisação, que nas cidades populosas tornam a infancia doentia e miseravel. Nasciam robustos e conservavam por toda a vida a robustez; em quanto por outro lado os seus trabalhos os impediam de cahir em obesidade. Deste modo a força e saúde de uma

geração era garantia da saúde e da força das que se lhe seguiam.

Abrindo os olhos á luz, e vendo a seu lado um arco e frechas, o menino comprehendia que a sua existencia dependia da destreza, agilidade, e coragem, que soubesse desenvolver; e que só por esse meio se podia tornar celebre e respeitado mesmo pelos seus. Começavam desde logo a exercer as suas forças, pouco e pouco até a ponto de chegarem a manejar um d'aquelles grandes arcos, que eram a inveja dos archeiros europeos, e dos quaes se serviam com maravilhosa dextreza. Esta experiencia lhes vi eu fazer. Firmando-se no pé esquerdo, avançavam o direito, e com o dedo grande imprimião um leve signal na areia, recuando depois esse pé, mas conservando sempre o outro na mesma posição, atiravam ao ar, e a frecha vinha enterrar-se no rasto que lhes servia de alvo. — Emfim uma especie de gymnastica natural — a subida de arvores, a carreira, — a caça, a natação, e manejo dos remos, — a confecção das armas, davam-lhes aos membros incrivel elasticidade,

Descendentes de homens incomparavelmente mais guerreiros do que agricolas, a sua educação era inteiramente militar : a guerra era a sua vida, — e só os feitos de armas e os actos de coragem os podiam ennobrecer; só por elles podiam ter entrada no *Ibake* (1) e assentar-se entre os guerreiros das florestas eternas.

(1) Têm para si que sómente as femeas e varões fortes, que nesta vida mataram e comeram em guerra muitos inimigos, depois que morrem se ajuntam a ter paraiso em certos valles, junto a uns outeiros, a que elles chamam « campos alegres » quasi outros Elyseos, e ali fazem grandes banquetes; porém os cobardes, que em vida não fizeram façanha vão penar com os máos espiritos. » *Vida do Padre J. d'Almeida*, c. 5, n. 7.

Deviam saber vencer, mas como nem sempre a victoria é companheira da coragem, era-lhes necessario tambem que soubessem padecer, affrontar os soffrimentos e mostrar-se tão impavidos no terreiro do inimigo, como destemido no campo da batalha. Seus ornatos, suas pinturas, suas armas, tinham por fim chamar sobre elles as vistas de todos. A compustura do guerreiro, que attrahia as attenções, era tambem um incentivo para que as procurassem merecer, e não praticassem nunca um acto de fraqueza. Durante a mocidade estavam sujeitos a terriveis provações para serem admittidos no logar de combatentes, e poderem aspirar ao mando : estava aberto o campo para todos, e era legitima a ambição do esforçado e corajoso. Convinha que o guerreiro soubesse supportar a dôr com calma e sem demudar o semblante. D'aqui provinham os tormentos da iniciação. Da relação de Hans Stadt se deprehende que entre os *Tupys* requeriam-se igualmente as provas que dos seus guerreiros exigiam os *Caraibas*. Conta elle ter, durante o seu captiveiro, visto um indio que de noite percorria as cabanas com um dente de peixe aguçado com que rasgava as carnes das pernas dos mancebos, para que assim aprendessem a soffrer sem se queixar. Era isto o indicio seguro de sua valentia, e a sua patente de guerreiro, que depois precisavam illustrar com a morte dos inimigos. Os tropheos que assim conseguiam, que trazião pendentes do pescoço, ou arrumavam á entrada de suas cabanas, serviam-lhes de glorioso ornato.

Educados nas florestas com um tacto de observação extremamente delicado, adquiriam invejavel perfeição de sentidos. No borborinho confuso das florestas, distinguem sons quasi imperceptiveis, que lhes revelam a passagem de um animal, quebrando os ra-

mos, ou a marcha cautelosa do guerreiro que os evita. Pelas pégadas que viam impressas no chão, distinguiam a tribu que ali passára, e pelo olfato a direcção que levava. Olhos de lince, descobriam nas sombras das florestas o inimigo ou a preza, e com o arco despediam por entre as folhas a morte rapida e silenciosamente.

Em resumo além dos caracteres physicos, que serviam para os differençar dos selvagens da Oceania, o *Tupy* era sadio, robusto, habil no fabrico de suas armas, dextro em manejal-as, e com sentidos de extrema delicadeza. A sua vida toda guerreira, e de guerra selvatica começava pelo exercicio de todas os sentidos, e rematava com o desenvolvimento de todas as qualidades que era mister ao guerreiro. Acostumados aos trabalhos, privações e soffrimentos de dôr physica, á luta e ardis de guerra incessante e impiedosa, por meio delles chegavam á nomeada de guerreiros atrevidos e chefes ardilosos.

Fortes e duros como os seus arcos, a força européa, impotente sobre elles, carecia para os curvar de geitos e boa vontade, e sobre tudo de esperar com paciencia que a experiencia e bons officios os tornassem faceis de manejar e tratar, antes de rompel-os brutalmente como arma inutil, e sem prestimo. Era preciso reformar os seus costumes, começando pela educação, unil-os em vez de os separar, acostumal-os a a uma vida pacifica, agricola ou industrial, em vez de os corroborar nos sentimentos e propensões guerreiras, oppondo-os, para defesa propria, uns aos outros; e por esta forma aniquilando-os reciprocamente.

Qualquer, porém, que fosse o systema que para com elles se adoptasse, era de indeclinavel necessidade que fosse baseado sobre o principio de bem en-

tendida liberdade. Só dessa forma se poderia carear a vontade desses homens acostumados a uma vida liberrima, e cujo caracter, como delles acho escripto e elles o confirmam todos os dias, era em ultimo gráo insoffrido da escravidão. *Ne utiquam jugum servitutis tolerantes.*

CAPITULO VI

CARACTERES MORAES

Religião e culto.

Nos primeiros tempos da descoberta da America, era como costume negar-se aos póvos selvagens todo o conhecimento da divindade. A esta idéa erronea juntaram os escriptores portuguezes uma coincidencia que lhe parecia fatal, ao menos isso é o que se deduz do modo porque elles se exprimiam. Os *Brazis* não tinham na sua linguagem nenhuma das tres letras F L R (1) e d'aqui concluiram que não tinham fé, nem lei, nem rei. Ora é inexacto que elles não tivessem normas pelas quaes nos casos de maior momento se regulassem, ou chefes que os dirigissem, e por outro lado, se examinarmos a mythologia dos povos americanos, acharemos uma tal abundancia de crenças e tradições, que é difficil combinal-as entre si. Nos *Tupys*, além disso, admiraremos um tal qual desenvolvimento metaphysico, que parece caracterisal-os.

É verdade que d'Orbigny (2) não considera haver em

(1) Pronunciava-se : sem *fê*, sem *lê*, sem *rê*.
(2) Orb. *L'Homme Américain*. T. I, p. 232.

toda a America meridional, mais do que uma religião propriamente dita; mas essa complicada, poetica cheia de ritos e, como todas em que de principio divino o poder temporal está unido ao espiritual, dominada pelo espirito de proselitismo. É esta a religião dos *Quixuas* (1) *Pachacanac* (2) Deos invisivel, creador de todas as cousas, tinha o poder supremo, imperava sobre o sol e a lua, sua mulher; pois que ambos se acham sujeitos a uma marcha regular e invariavel; mas como não conhecessem a forma do Deos creador, adoravam-no em pleno ar, sem que jámais quizessem figural-o, em quanto o sol, sua creação visivel, tinha templos espaçosos, paramentados de preciosidades e riquezas; virgens que lhes eram consagradas, e por sacerdotes, por interpretes, sobre a terra os *Incas*, seus filhos, aos quaes o povo podia recorrer em seus males para remedio de suas necessidades. Offereciam ao sol, fecundador na terra, os fructos amadurecidos pelo seu calor; sacrificavam-lhe alguns pacificos *llamas*,—e o festejavam ao equinoxio de Setembro, na grande reunião

(1) Robertson sem fundamento algum não reconhece entre os *Incas* senão o culto do sol, esquecido de sua principal entidade *Pachacanac*. A proposito da religião dos *Incas* (T. 1, pag. 212) estabelece um genero de comparação o da temperatura do logar com o systema religioso dos que o habitavam: « Le culte du soleil aurait-il pu naitre sous la zone torride dont les feux dévorants contraignent incessamment l'homme à chercher l'ombre? sous la zone torride ou le matin et le soir sont les seuls instants de vie pour la nature? Mais n'était-il pas tout naturel que ce culte devint un besoin pour les peuples habitants des plateaux élevés, n'ayant de chaleur qu'alors que l'astre les éclaire, la nature se glaçant autour d'eux dès qu'il se cache; aussi trouve-t-on les mêmes principes religieux sur le plateau du Pérou et sur celui de Cundinamarca (V. Piedrahita. Conquista, pag. 17. Herrera. Dec. VI. L. V. cap. VI), placés dans les mêmes conditions, tandis que rien chez les peuples des régions chaudes, n'annonce le culte du soleil. »

(2) Orbigny. *L'Homme Américain*. Tomo 1.°, pag. 232.

do *Raimi*. O mais proximo parente do *Inca* era o seo primeiro sacerdote, os outros membros da familia imperial administravam os numerosos templos espalhados por todo o reino. »

As pequenas tribus *tapuyas* tinham uma religião tão pouco complicada, que não é muito para admirar que autores de nota, e mesmo viajantes que entre elles moraram e os observaram de perto chegassem a desconhecel-a; mas negar-lhes toda e qualquer noção de um ente superior (1) é principio a que repugna a philosophia, e que em relação aos *Tupys* se acha sobejamente desmentido.

Lery diz positivamente, e por mais de uma vez que entre os *Tamoyos*, *tupan* não tinha significação alguma religiosa (2) « Uma vez, diz elle, pregando-lhes a excellencia de um ser supremo, creador de todas as cousas, empregamos para o designar a palavra *tupan*, que quer dizer trovão, de que elles se mostram em extremo medrosos. » É isso o mesmo que escreveu Barlœus. (3) Acommodando-nos á sua rudeza, prosegue Lery, tomavamos d'aqui motivo para lhes dizer que era esse Deos do qual lhes fallavamos e que para mostrar o seu poder e grandeza assim fazia tremer o céo e a terra. Respondiam a isto, que pois os espantava por tal forma, era um deos que para nada prestava. »

Outros autores, porém, e neste particular mais acreditaveis, são de diverso parecer. A *Noticia do Brazil* escreve dos *Carijós* do mar ou dos Patos. « Não ado-

(1) Azara. *Voyage dans l'Amérique méridionale.* — Paw. *Recherches sur les Américains.* — Robertson. *History of America.*

(2) Lery, p. 233.

(3) Numina nulla, deos nullos colunt, nisi tonitrua forte aut fulmina quorum magna animos incessit veneratio.

ram certos deoses, nem reconhecem certas divindades mais do que em geral e em confuso um estrondo espantoso que assombra os homens. (Stadt cap. 22) Porem observador de uma minuciosa e escrupulosa exactidão o que diz é que elles não conheciam *a existencia do verdadeiro Deos*. D'Orbigny accrescenta. « A sua fé (dos *Tupys*) tinha por principio de um lado a esperança do bem, e do outro o temor do mal; mas este systema suppunha uma associação de idéas, de reflexões que não teria exigido o culto de um objecto visivel para todos e de abstracções que consideramos como superiores á capacidade intellectual dos Americanos, que se reputava muito inferior a do resto da humanidade.

Tupan não significava o trovão; mas uma exellencia superior, como traduzindo Laet, lhe chamou o Padre Vasconcellos. No Pará e Maranhão, onde se encontram mais puros vestigios da lingua geral e até entre tribus que a outros respeitos differem muito entre si; é esse o sentido que se dá áquella palavra. Pelo *Tupana*! é um modo de jurar por gracejo que se ouve a muitos de nossos compatriotas. O vocabulo que entre elles serviria para designar aquelle fenomeno seria *Tupacanunga*, a voz de Deos; (*Exodo* cap. 20 v. 19,) o som que elle produz quando quer ser escutado pelos homens. Que elles não consideravam o trovão como divindade; mas antes como manifestação della, é o que nos assegura Laet, quando escreveu. » Trovão é a voz ou som da suprema excellencia (1).

(1) Ind. Occ. L. 15 c. 2.° e 11, annotando Marcgraff L. 8. c. 11, escreveu o mesmo autor : « Brasilienses Barbari mullum pene habent religionis sensum... Neque deum aliquem noverunt, neque proprie adorant quicquam, unde nec illud nomen in iprorum idiomate reperire est quod deum exprimat : nisi

Era pois *Tupan* uma divindade grande, magestosa, tremenda; porém nunca malefica : a religião dos *Tupys* collocava no apice dos seus mythos um ser necessariamente bom; a sua essencia era o bem, — fazia-o, porque o queria; queria-o, porque era isso de sua natureza, como é da natureza das arvores produzir flôres e fructos, e do sol dar luz e calor. Não carecia de preces para inclinar-se á compaixão, nem o sangue mancharia os seus altares, quando os tivesse, ainda que se manifestasse aos homens pelos roncos do trovão, que era a sua voz, e pelo fuzilar do relampago, que era a luz dos seus olhos, o clarão divino. Se o bem constituia o seu fundo, a sua essencia, não era mister supplicas, nem preces para que elle o produzisse. Se algum culto lhe tributavam era sómente o interno.

forte *Tupa*, quo excellentiam aliquam supremam denotant : unde tonitru vocant *Tupacununga*, id est strepitum factun a suprema excellentia a verbo *acunúng* strepere. Fulgur autem *Tupaberaba*, id est splendorem excellentiæ a verbo *aberab* resplendere.

Sobre a etymologia da palavra *Tupan* não se contentaram os autores de lhe ir procurar a origem no grego To Pan, que se traduziria em latim — verbum totum — exprimiria o que è tudo, o que resume tudo, o « todo » por excellencia. O Padre Antonio Rodrigues e Dobrizoffer acharam outra.

Padre Antonio Rodrigues. *Conquista espiritual del Paraguay* (ou Relacion del Paraguay) diz que *Tupan* ou *Tupá*, que é a mesma cousa, é o *nome proprio* de Deos : « Conoscieron que avia dios, y aun en cierto modo su unidad, y se collige del nombre que le dieron, que es *Tupá*, la primera palabra *tu*, és admiracion : la segunda *pa*, es interrogacion : y assi corresponde al vocablo hebreo *manhú*, qui est hoc? en singular. » Dobrizoffer escreveu. (T. 2, p. 77). Tupá. « Hoc vocabulum é duabus particulis componitur. *Tu* enim admirantis, *pa* interrogantis vox est Cœlo tonanti, metu perculsi — *Tupá* — exclamare solebant... quid est hoc?»

Os povos das Antilhas, diz Rochefort que se occultavam nas cabanas timidos e medrosos, quando roncava o trovão (Vid tambem Laffitau. *Mœurs des sauvages américains*. T. 1, p. 125.)

Comtudo, reconhecendo a existencia de um ser grande e poderoso, embora tremendo, não escaparam os indigenas á tendencia que tem todos os póvos barbaros de votarem cultos á divindade terrivel e malefica; mas que as dadivas e offerendas tinham o condão de amolgar. É o *Anhangá* do Diccionario da lingua geral, o *Aignan* de Lery, o *Ingange* de Hans Stadt, o *Aigneu* de Thevet; mas fóra destes ha ainda outros espiritos, cujas funcções na mythologia dos indigenas não podemos bem descriminar. Chamam ao diabo, diz Maregraff (1) *Angangá*, *Jurupari*, *Curupari*, *Taguaiba*, *Temoti*, *Taulimama*, aos quaes Laet (2) accrescenta *Curipira*, *Macachera*, *Marangizona*.

É aqui de notar-se a singular contradicção em que cahem os escriptores do seculo XVI, e principios do XVII, quando, reconhecendo nos indigenas do Brazil o conhecimento de um poder malefico, lhes quizeram negar qualquer noção de um ente bemfazejo. É certo que em todo o selvagem se nota a tendencia, e como que a predilecção para o culto de um ser ou dos seres maleficos; mas isso não implica com a noção de um ente bemfazejo. Sem essa noção o mundo se converteria em um horroroso pandemónio, absolutamente incompativel com a idéa de um mundo subsequente e feliz, onde a virtude, ou pelo menos o valor, esperava encontrar as recompensas devidas áquelles que se houvessem tornado distinctos por actos de bravura e heroicidade.

Anhangá, entidade inteiramente espiritual, sem idolos que o representassem e que o tornassem visivel, affligia os guerreiros com males inauditos, ata-

(1) L. 8, c. 11.
(2) Annot. ad Maregraff, ob. lib. et c. cit.

cava-os com alienações mentaes, com terrores e sonhos amedrontadores, e descendo muitas vezes ao emprego de meios physicos, flagellava-os de modo lastimavel, quando os encontrava a sós e fóra de horas. As desgraças individuaes, as derrotas nas batalhas, os males que ás suas tabas sobrevinham lhes eram attribuidos.

O homem acommettido de uma enfermidade, o menino que era encontrado agonisante junto á fonte ou á beira do caminho, a mulher que abortava de susto, o caçador mordido por uma serpente on devorado pelas feras, eram as victimas de suas malvadezas. E tão forte era a sua credulidade, tanto se lhes exaltava a imaginação neste ponto, que esses homens fortes, e ainda mesmo os asselvajados *Aymorés*, acostumados a uma vida toda de privações, ás rudes iniciações da vida guerreira, aos soffrimentos de todos os generos, sentiam-se como que acommettidos de uma sazão de terror, recordando-se das vexações soffridas por culpa de *Anhangá* (1).

Anhangá ou *Mbai-ayba*, lêmos no diccionario *tupy*, quer dizer cousa má. Parece, porém, que por inexacta apreciação se introduziu entre os primeiros escriptores o erro de suppôr-se que tal designação exprimia a divindade malefica. O verdadeiro nome do genio do mal não seria *anhangá*, mas *Jeropary*, sendo aquelle como o primeiro ministro, o principal executor das

(1) V. entre outros Lery, pag. 236 : « Cependant pour montrer que ce qu'ils endurent n'est pas jeu d'enfant, comme on dit, je leur ai souvent vu tellement apprendre cette furie infernale, que quand ils se ressouviennent de ce qu'ils avaient souffert le passé, frapant des mains sur leurs cuisses, voire de détresse, la sueur venant au front, en se complaignant à moi, ou à autre de nostre compagnie, ils disoyent : « Maiz atuassap acequeiey aygnham atupané »; c'est-à-dire : « François, mon ami, ou mon parfait allié, je crains le diable. »

vontades do ultimo. Segundo o Padre Ives d'Evreux, obra de que não se suppõe existir mais do que o exemplar que se conserva na Bibliotheca de Santa Genoveva de Paris (1), os seus sacerdotes nunca haviam fallado a *Tupan*, aos companheiros de *Jeropary* (2) que é o servidor de Deos. Por esta frase se quiz entender, como é effectivamente, terem os indios conhecimento dos genios secundarios dos bons e máos espiritos, chamados aquelles, segundo o Padre Vasconcellos, *Apoiaciené*, e estes *Ouiaoupia* (3). Os espiritos favoraveis faziam descer a chuva em tempo opportuno, e pareciam destinados a regularem a temperatura, e serem mensageiros diligentes, subindo incessantemente da terra ao céo. Os demonios, sujeitos a *Jeropary*, habitantes das aldeias abandonadas, se oppunham pelo contrario a que a chuva cahisse na estação propria, que as flòres fructificassem, que os fructos sazonassem, e maltratavam de mil modos a quantos encontravam.

Macachera era o espirito que acompanhava e precedia ao guerreiro nas suas marchas (4). *Curipira* presidia aos enganos e mentiras (5). *Curipira*, vagando solto no espaço era o genio do pensamento (6). Outros, sob formas visiveis habitavam as florestas e os

(1) Deve-se o conhecimento da existencia deste exemplar á diligencia do Sr. F. Denis, a quem tanto deve o Brasil.

(2) Tambem se escreve « *Geropary* ». Afastando-me do Padre d'Evreux, tive em vista a opinião de Laet. L. 8, c. 11. ad Marcgraff : *Juripari* et *anhanga* significant simpliciter diabolum.

(3) Estas duas palavras parecem escriptas com orthographia franceza.

(4) Laet. Annot. ad. M. L. 8, c. 11 : « Numen viarum, viatores precedent. »

(5) Ob. cit. numen *mentiam* — mentira ou pensamento?

(6) Padre Vasconcellos.

rios : são os *Caaporas* e Mães d'agua (1). O *Caapora* (vulgarmente caipora) veste as feições de um indio, anão de estatura, com armas proporcionadas ao seu tamanho, habita o tronco das arvores carcomidas para onde attrahe os meninos que encontra desgarrados nas florestas. Outras vezes divagam sobre um *tapyr*, — ou governam uma vara de infinitos *caitetus* cavalgando o maior delles. Os vagalumes são os seus batedores, é tão forte o seu condão que o indio que por desgraça o avistasse era mal succedido em todos os seus passos. D'aqui vem chamar-se *caïpora* ao homem a quem tudo sahe ao revez. A mãe d'agua, graciosa creação de fantasia intertropical, habita o fundo dos rios, bella, cheia de attractivos, de encantos, de seducções irresistiveis symbolisa o amor que têm á agua os habitantes dos climas ardentes.

Temos pois dois seres superiores, contrarios e independentes — os dois principios dos Persas — o bem e o mal, ambos poderosos, ambos deificados — *Tupan* e *Jeripary* : — alem destes os espiritos que compõem a côrte de cada um destes — os bons e os máos espiritos e assim como o Deos bom era opposto ao Deos máo, os espiritos que serviam a cada um delles se contrapunham tambem entre si. Ao espirito do pensamento se oppunha o da mentira, — ao das jornadas, o *Caapora* que o extraviava ; ao dos acontecimentos felizes, o da morte desastrada.

Estabelecidos os élos que prendiam o céo á terra,

(1) A mãe d'agua será talvez de origem africana, sendo presumivel não ser dos indios, em cujo idioma não encontramos termo para a exprimir. *Caapora* poderia bem ser invenção dos padres para os chamarem á vida social, ou dos colonos para explicarem o desapparecimento de meninos, que elles talvez tivessem roubado.

o desejo natural ao homem do desconhecido, — ou antes as aspirações do infinito, lhe fez adivinhar a immortalidade da alma, que parece a revelação intima de um sentido desconhecido. *Anga* se chamava a alma em quanto unida ao corpo: depois da sua separação iam umas para a companhia dos bons, outras para a dos máos espiritos. Aquellas deleitadas com a vida dos seus elyseos, beneficas e amigas, parece que nunca mais voltavam á terra dos viventes, ou somente o faziam para prognosticar algum successo á sua familia ou descendentes, ou tribu, no canto melancolico da *Acauan*. As outras, pelo contrario, vagavam terriveis nas florestas, amedrontando os vivos com apparições estupendas, e então chamavam-se *Mbaê-ayba* que litteralmente corresponde ao portuguez — « cousa má, » — empregadas no mesmo sentido: *Angoera* ou *Kaagerre* lhes chamavam outros (1). Quando, porém, annunciavam a morte, e provavelmente desastrada ou deshonrosa, tomavam outra designação. *Marangigona*, diz Laet, (ad. Marcg.), não significa Deos, mas a alma separada do corpo, — ou uma cousa que os Brasis não conhecem bem, ainda que a temam sobre modo, que lhes annuncia um fim proximo.

Independente destes deoses e destes espiritos, a alma destes homens rudes, levantava-se algumas vezes á contemplação dos astros brilhantes da noite. Póvos que principiavam a cultivar a agricultura, e por isso melhores observadores dos fenomenos da natureza, — outros que passavam a vida no descampado, ou á sombra copada das florestas, tributavam culto a

(1) Affligés de ce malin esprit qu'ils nomment autrement *Kaagire*. Esta palavra é composta de *Caá* matto, e guerra, isto é *guara*, habitante : o mesmo que *Caapora*.

certas estrellas e constellações que constantemente os alumiavam e dirigiam em suas nocturnas expedições, e pelas quaes muitos delles numeravam os seus annos de vida (1). Barlœus (pag. 225) falla de uma tribu a que chama *tapuya;* mas que sendo, como elle pretende, agricola, não podia deixar de pertencer ás da familia *tupy*, na qual era venerada a ursa maior. Recordavam-se ainda do tempo em que todos viviam felizes sem cultivar a terra sob a influencia do seu astro protector cujo amor elles sentiam ter perdido (2).

Comtudo estes elementos espirituaes da sua religião estavam abafados por grande numero de superstições: tinham os seus feitiços que as mais das vezes não passavam de osso de algum animal carnivoro, — de uma aranha deseccada, dos membros de sapo, ou mesmo de alguma producção mineral ou vegetal sem prestimo como sem virtude. Alguns destes tomavam o caracter de *manitós*, que eram como outros tantos deoses lares ou privados, quer trazidos ao pescoço, como feitiços, protegessem o individuo, — quer pendurados á entrada das tabas assegurassem de surpreza de inimigos. Por outra parte attendiam muito ao encontro casual de certos animaes, — ao grito de certas aves, principalmente da *acauan*, por cujo canto até fingiam conhecer a chegada de um hospede e o tempo que se demoravam na jornada. Os sonhos tambem, como entre os romanos, eram objecto de grande

(1) Annos suos numerant ab exortu Heliaco Pleiadum, quos *ceieu* vocant, atque ideo annum eodem nomine denotant. *Marcg.* L. 8, c. 5.

(2) Barlœus. Numinis loco ursam majorem venerant. Fabulantur et nugactur de vulpe, quæ in odium ipses apud deum suum, ursam majorem adduxerit, tantique numinis favorem á gente sua averterit: olim optimam se, facilimamque vitam vexisse. cum pascerentur ultro.

importancia, a caça, a pesca, as excursões, as festas, as mudanças de tabas, as declarações de guerra, bem como muitos actos individuaes eram determinados pelos sonhos.

Com estas busões, ainda que a sua imperfeita religião tivesse por base principios espirituaes, mas sem um symbolo que os representasse, estavam estes principios tanto em risco de desapparecerem das intelligencias, que no descobrimento da America, muitos viajantes os desconheceram. Como além disso não julgavam que ao espirito do bem importasse outra adoração que não fosse desfructar os beneficios que elle espalhava por toda a natureza, — o seu culto ao menos o externo, era todo e exclusivamente dedicado ao espirito do mal : para estes os rogos, as offrendas, os sacerdotes. Mas em um governo sem chefes senão temporarios, onde só havia de persistente os sacerdotes, o poder theocratico se mantinha por meio de mysterios e superstições absurdas, fazendo acreditar que alguns segredos dos simplices ou da natureza que possuiam, eram revelações da divindade, com a qual se communicavam. As superstisições por tanto tomaram o logar da religião, e os socerdotes o logar da divindade. A imaginação illudida fantasiava protectores ou deoses nos mais insignificantes objectos; mas o que é de admirar, o que prova a boa indole dos indigenas e o alegre não colorido da sua imaginação, é que o proprio culto do terror nunca entre elles chegou a ponto de os fazer derramar sangue em seus altares em honra de suas divindades.

Os feitiços e o culto dos *manitós* tinham quebrado o ultimo élo que os prendia uns aos outros — tinham acabado de destruir a religião que só poderia unir tribus contrarias ainda que descencentes da mesma

raça. Sem communhão de interesses, sem communhão de principios, os feitiços *manitós*, deoses privativos de cada taba, de cada fomilia, de cada individuo, tendiam a separal-os cada vez mais uns dos outros, e a fé que podia ter cada um no seu idolo, arrefecia por não ser aviventada no grande fóco da religião de todos, e porque se não referia aos mesmos objectos.

Sem chefes senão temporarios, sem deoses senão o que cada um fantasiava para si, a sociedade não podia prosperar nem ainda subsistir por muito tempo; mas apressemo-nos a notar que esses mesmos factos, tornando mais azada a conquista, facilitavam a propagação da fé catholica. A conquista encontrou tribus espalhadas e hostis, e a fé não teve de combater dogmas profundamente enraizados : mas superstições mal cridas, e os individuos que alimentavam não formavam uma casta privilegiada, nem um corpo respeitado.

Tendo reconhecido a grande verdade da immortalidade da alma, o espiritualismo, admiravel nos indigenas, lhe havia dado tal importancia, que elles a não julgavam indigna de communicar com a divindade. Esta não se lhe communicava immediatamente senão por intermedio dos espiritos, quer fosse que as suas palavras carecessem de interpretes para caberem na intelligencia humana, quer as emanações da sua omnipotencia fossem fortes de mais para serem percebidas sem damno por um simples mortal. Os sonhos eram os seus dictames, e por meio delles sabiam os homens o que melhor lhes convinha fazer na vida; mas quando em contacto com uma potencia superior o espirito se perturbava, as idéas confundiam-se, e era então preciso que houvesse um intermedio entre o céo e a terra, entre Deos e os homens

que decifrasse o sentido occulto de um sonho, ou separasse delle o que poderia ter sido inspiração de um espirito maligno. Estes seres intermedios entre Deos e as creaturas eram os sacerdotes os *Piagas* ou *Pagés*, e os *Caraibas*. Por esta maneira se effectuava a correspondencia. Deos transmittia avisos por intermedio dos espiritos, e os homens os comprehendiam por intermedio dos sacerdotes; e o élo mysterioso que atava os dois fragmentos desta cadeia, era, segundo as circumstancias, qualquer fenomeno da natureza, onde a credulidade descortinasse prognosticos, os eclipses, as chuvas, a tempestade, o canto de certas aves, o encontro de certos animaes, e sobre tudo e mais que todos — os sonhos.

Não conheciam talvez o dogma da macula original; mas, apezar disso pareceu-lhes que os sacerdotes careciam de uma iniciação longa e penosa, durante a qual se purificassem e se tornassem dignos da divindade a que serviam.

Fugindo dessa tal qual sociedade que tinham, retiravam-se á cabanas afastadas e obscuras, ao ê...o das arvores, á lapa dos rochedos ou ás cavernas tenebrosas, onde nenhum guerreiro entrava, e de cuja vizinhança se abstinham : ali impondo-se privações, padecendo tormentos da necessidade, em um viver austero e mysterioso, e durante longas noites passadas no silencio apenas interrompido pelo borborinho confuso das mattas, dados á meditação, á maceração, ao jejum, tornavam-se excessivamente nervosos e de uma sensibilidade esquisita. O respeito que inspiravam aos demais fazia com que ainda mais se respeitassem, e a consideração em que eram tidos, redobrava aquella em que se tinham a si proprios. Os segredos que possuiam, obtidos pela observação e

experiencia, ou herdados de seus antecessores, eram como o sello da sua autoridade, e o caracteristico do seu valimento para com Deos. Estranhava-se a sua vida, o seu isolamento, a austeridade de seus costumes, e quanto empregavam para grangear prestigio. Suppunha-se delles como na idade média dos que se clausuravam, que um guerreiro não deixava as suas tabas, o seu modo de vida, as suas festas, os seus jugos, as suas guerras, senão por uma vocação forte, por um chamado providencial.

Eram por tanto reputados entes superiores, e em falta de amor, inspiravam um respeito cego e um temor incrivel. Conhecendo particularmente a toxicologia americana, o menos incompleto dos seus conhecimentos, e a virtude de certas folhas, plantas e raizes, facil lhes era produzir a morte, a loucura, ou provocar uma enfermidade artificial. Com a reputação que tinham não lhes era tambem muito difficil attribuirem-se todos os acontecimentos, favoraveis ou desfavoraveis, sobrevindos a um guerreiro ou a uma tribu, conforme lhes fosse amiga ou inimiga. Tal era o seu prestigio que julgava-se serem elles os que inspiravam aos guerreiros o espirito da força e que delles dependia o bom exito das emprezas — pelo que eram seguidos os seus conselhos, respeitadas as suas ordens e infalliveis os seus anathemas. Se vacticinavam a morte a alguem, nenhuma salvação havia para este, que, levado pela imaginação e prejuizos, se deixava vencer do desanimo, de modo que o terror e a convicção da fatalidade imminente, paralysava-lhe o giro do sangue e o curso da vida. Pelo contrario tambem, conhecendo elles quão grande era a influencia do moral sobre o physico, bastava que com algumas ceremonias grotescas asseguras-

sem a vida a qualquer enfermo para que este em certos casos se restabelecesse.

Eram pois não só os sacerdotes, mas os augures, os interpretes dos sonhos, o guarda vivo das suas tradições religiosas. Ainda mais : diz Humboldt que o nome de *Caraibas*, que aos *Pagés* se dava (1), indicaria que entre estes póvos selvagens, uma nação privilegiada teria renovado o antigo uso dos chaldèos, que preenchiam as funcções de magos ou adevinhos entre os povos das circumvizinhanças. A supposição do illustre viajante baseia-se de alguma forma em asserções dos viajantes anteriores a elle, obrigado pela similitude dos factos, e pela identidade das denominações. *Caraiba* era a nação que a todas as outras subministrava sacerdotes, e d'aqui todos os sacerdotes eram conhecidos por aquella nacionalidade. As provas porque aqui e ali passavam, indicam-lhe uma origem commum, como que uma só cabeça ou todas as cabeças de um só povo houvessem reconhecido ao mesmo tempo a necessidade da purificação em homens, que se iam dar a tão sublime mister, e combinado os meios para chegar a tal resultado. Achamos tambem que um dos ramos dos incolas, os que, segundo penso, deveram ter sido os ultimos a destacar-se dos *Caraibas*, os *Carijós*, eram os que, como sacerdotes, gozavam de mais alta reputação. « É toda a nação dada a feiticeiros, escreveu o Padre Vasconcellos (pag. ou nº 124) e pouco depois accrescenta « tem e reverencia entre si feiticeiros; os mais em numero, e os mais famosos que ha entre todas as mais nações do Brazil. »

(1) Diremos adiante que distincção nos parece dever-se fazer entre *Pagés* e *Caraibas*.

Passando a classifical-o, diz o mesmo autor, que havia uns que curavam, chupando, e a estes chamavam *pagés engaibas;* outros, propriamente os *pagés*, que matavam com feitiços; e por fim os sacerdotes verdadeiros, a que davam o nome de *Carahibebês*, palavra que, segundo o mesmo autor quer dizer *anjos*. Estes passavam de aldeia em aldeia, sem que em nenhuma dellas fixassem a sua residencia, como verdadeiros missionarios; eram estes os que communicavam com os espiritos, os interpretes da divindade, os ministros de *Tupan*, os que podiam transmittir a força a quem lhes aprouvesse, tornar os guerreiros intrepidos, a terra fertil de raizes e fructos, que eram o principal alimento dos *Tupys*, e verdadeiros *maracás*. Nem faça duvida encontrar-se escripto no Padre Vasconcellos *Caraibebê*, quando Lery e outros os appellidam simplesmente *Caraibas*. Os mesmos jesuitas em outras obras, a Chronica da Companhia no Brazil, dizem que os indios deram este appellido ao Padre Anchieta, admirados da rapidez de suas viagens. A palavra assim composta parece indicar homem que vôa, volante ou ambulante, o que está de accôrdo com os costumes do sacerdote *Caraibas*. Como, porém, em virtude da sua vida ambulante, não podessem estar presentes onde houvesse necessidade delles, não é de admirar que os *pagés* muitas vezes se arrogassem attribuições e funcções, que só áquelles competiam, de modo que com o tempo e enraizamento do costume, os estrangeiros poderam confundir estas duas entidades.

Temos então, os *pagés* mediccs, os *pagés* feiticeiros, sendo de ordinario feiticeiros e medicos ao mesmo tempo, e os *Caraibas*, sacerdotes : os dois primeiros aggregados ás tribus e seguindo-as nas suas emi-

grações, o ultimo essencialmente ambulante (1). Mas nem sempre as curas eram felizes, nem sempre passava impune o sortilegio : os parentes do paciente pretenderião tomar vingança da morte ou da offensa, pelo que ver-se-hiam os *pagés* obrigados a lançar a culpa de um ou de outro acontecimento sobre alguma pessoa ou tribu vizinha. Originava-se então a guerra ; mas guerra implacavel e rancorosa, de que o vencido procuraria vingar-se, e em que o triumpho do vencedor era como um desafio lançado aos amigos e parentes do sacrificado.

Este estado era favorabilissimo á conquista e para elle, como se vê, contribuiam os *pagés*. Eram homens mais temidos que respeitados, por isso que um delles os feiticeiros, personificando o genio do mal, tinham o poder de damnificar os que quizessem, em quanto outros, os medicos, não podiam nesta sciencia lutar com os jesuitas. Contentavam-se, porém, de queimar sal e pimenta por onde aquelles tinhão de passar. e tratavam de persuadir aos seus da influencia maligna dos Padres, aos quaes attribuiam as pestes, as mortes e as derrotas.

Os *Caraibas* tambem fugiam do contacto desses homens e dos indigenas que os rodeavam, ou porque temiam que os seus embustes fossem descobertos, ou porque reputassem que aquelles seus conterraneos,

(1) Il faut savoir qu'ils ont entre eux certains faux prophètes, qu'ils nomment *Caraibes... allant et venant de village en village*, comme les porteurs des rogations en la papauté. Lery. *Hist. de l'Am.* p. 270.

Hans Stadt. p. 284 : « Il y a parmi eux des espèces de prophètes qu'ils nomment *paygi*. Ceux-ci parcourent le pays une fois par an, entrent dans les cabanes, et pretendent qu'un esprit venant d'une contrée éloignée les a doués de la faculté de parler à tous les *tamarakas*.

contaminados da praga estrangeira, nem eram dignos de ter maracás abençôados, nem de receber por seus esconjurios o espirito da força. Não tendo na sua religião o principio do proselytismo, tambem não se julgavam adstrictos segundo a frase catholica, a reduzirem ao rebanho da fé as ovelhas desgarradas. Em parte algum appareceram os *Caraïbas*, oppondo á religião christã os embaraços, que encontrou algures, onde castas hereditarias se perpetuavam no sacerdocio, e tinham interesse em defender e pugnar pela religião, se não por amor della, ao menos pelo da propria conservação.

O vulgo com uma creança fraca e degenerada, sem templos, sem os seus principaes sacerdotes, foram abraçando o christianismo por conveniencia, quando não por fé. Os jesuitas eram melhores amigos, melhores medicos e mais seguros protectores do que os seus *pagés*.

CAPITULO VII

CRENÇAS

Theogonia de Thevet

O que no capitulo antecedente deixei escripto sobre a religião dos indigenas, foi tirado dos autores mais dignos de credito que escreveram ácerca do Brazil : estudei-os, confrontei-os, escolhi aquillo em que todos ou a maior parte assentavam, e o que me pareceu mais proximo da verdade, buscando por minha parte dar alguma ordem a idéias que devem formar um só todo.

Ha, porém, um autor, raro na Europa, como vão sendo todos os que tratam da America, que não se encontra nas nossas Bibliothecas : e que sobre este ponto, como sobre muitos outros é bem merecedor de ser consultado. Fallo de Thevet. O Sr. Ferdinand Dinis o cita no folheto que sahiu á luz ha algum tempo, contendo a descripção de uma festa brazileira, dada ou representada em Ruão pelos nossos indios, no tempo em que os Normandos faziam lago commercio com as tribus do littoral do Brazil. Aproveito-me do trecho citado pelo Sr. Ferdinand Dinis, que aqui dou traduzido, com as notas postas por aquelle bene-

merito das nossas letras, e algumas esplanações que julguei dever fazer.

Sei que Lery, escriptor exacto, censura a falta de consciencia de Thevet, e o acoima de vicios e defeitos que completamente o desabonarião; mas não haveria no huguenote algum prejuizo contra o catholico? Não haveria alguma inimizade de partido, religioso ou politico; e o que mallogrou a expedição de Villegagnon não é o que se manifesta nas diatribes destes dois autores, e na acrimonia com que reciprocamente se tratam? Como quer que seja, procurando a verdade onde quer que a encontre, se não reputo muito exacta a Theogonia de Thevet: mas o que se não póde deixar de reconhecer no extracto do Sr. Ferdinand Dinis é que a côr local como hoje se diz, foi fielmente observada nas lendas do autor francez, a indole dos *Tupys* o caracter das poucas tradições que delles nos restam e a que estas se prendem, a composição e significação dos vocabulos nellas empregados, desafiam e desculpam a credulidade.

Fallando desta maneira, peço desculpa para mim proprio que me acho inclinado a dar-lhe alguma importancia. Se Thevet póde ter improvisado a sua Thegonia, convirá dar-lhe o fôro de um eminente improvisador. Deixemol-o explicar-se.

A primeira noção que têm os selvagens do que excede a physica é de um ente que elles chamam *Monan* (1) ao qual suppõem as mesmas perfeições, que nós attribuimos a Deos, dizendo que é sem fim e sem principio, que creou o céo e a terra e tudo o que nelles existe, sem comtudo fazerem menção do mar, nem de

(1) *Monan*, construir. edificar, Diccionario de Montoya. *Monhang* no Dicc. Braziliano (1796) tem a mesma significação.

aman atuppane (1) que são as nuvens d'agua em sua lingua. Dizem que o mar foi feito por um transtorno sobrevindo a terra, que dantes era chã e chata, sem montanhas quaesquer, e produzindo todas as cousas necessarias á vida do homem. Assim explicam a formação do mar.

Os homens viviam em paz e no gozo do que produzia a terra, regada e refrescada com o orvalho do céo; aconteceu, porem, que fatigando-se da sua beatitude, começassem a viver desordenadamente. Cahiram em tal e tão grande loucura, que principiaram a desprezar o *Monan*, que então vivia entre elles e familiarmente os visitava. *Monan*, vendo a ingratidão dos homens, a sua malvadeza, o desprezo em que o tinham, a elle que os havia aditado, retirou-se de suas creaturas; e depois fez descer — *tatá* — que é o fogo do céo, o qual queimou e consumiu tudo quanto existia sobre a face da terra.

Trabalhou o fogo com tanta violencia que alteou a terra de um lado e abaixou-a de outro, tomando a forma que agora lhe vêmos, isto é, de valles, montanhas, collinas e de chapadas de bellas planicies. De todos os homens salvou-se um apenas. Foi *Irin Magé*, que *Monan* havia transportado ao céo, ou a outro logar, afim de que podesse escapar ao furor desse fogo devorador.

Irin Magé vendo tudo consumido, levantou a voz, e dirigindo-se a *Monan* disse-lhe entre lagrimas e soluços. « Queres destruir tambem os céos e os seus ornamentos? Onde será agora a nossa morada, e de que me servirá viver não tendo alguem que me seja semelhante?

(1) *Ama*-Nube d'aguas. Montoya. *Amana* no Dicc. Braziliano quer dizer *chuva*.

Monan sentiu-se commovido e querendo remediar o mal que tinha feito á terra por causa dos peccados dos homens, fez chover sobre ella em tanta abundancia, que o fogo se extinguiu : e as aguas não podendo parar nas alturas foram correndo ajuntar-se nas planicies de todos os lados. Esta accumulação de aguas foi chamada por elles *Paranan*, que quer dizer — amargura. E quanto a este amargor explicam, que estando a terra reduzida a um montão de cinzas, a agua que depois correu sobre ellas, deixou-lhes o gosto do sal.

Monan viu a terra restituida á sua primitiva belleza, e o mar qne ainda mais bella a tornava, cercando-a de todas as partes, e pareceu-lhe mal que tantas maravilhas ficassem sem alguem que as cultivasse. Chamou pois á *Irin Magé*, deu-lhe uma mulher, e mandou que ambos viessem povar de novo a terra.

De *Irin Magé*, dizem elles ter descendido um grande *Caraïba* que reputam o seu propheta, ao qual, por causa de suas obras prodigiosas, chamaram *Maïr Monan*. *Maïr* (1) significa — transformador —, dandose-lhe este nome por ser elle muito habil em transformar e methamorphosear umas cousas em outras : e *Monan* o mesmo que — velho —; mas applicado a este grande *Caraïba* tanto importa como dizer-se — immortal. — Este *Maïr Monan* ordenava todas as cousas a seu geito, e depois as convertia e transformava de diversas maneiras em feras, aves, peixes, e no que melhor lhe parecia.

Os homens indignaram-se por fim contra *Maïr Monan* e o convidaram a vir em visita á uma aldeia. Ar-

(1) *Mair* chamavam os *Tupinambás* do Maranhão e *Tamoyos* aos francezes. *Mair Monan* significaria o estrangeiro creador por excellencia — o feiticeiro.

maram-lhe tres fogueiras no caminho e chegando em frente dellas lhe disseram que se elle as passasse sem queimar-se, os seus hospedes o teriam pelo grande *Caraiba*! Passou a primeira, a segunda; mas chegando á ultima e maior dellas, converteu-se logo em fogo e chammas, rompendo-se-lhe a cabeça com um horrendo estrondo, que chegou até ao céo e a *Tupan* (1). D'aqui dizem que se originaram os trovões, e que os relampagos, que o precedem, são a significação do fogo em que elle ardêra. Por morte deste, seguiu-se a ruina da terra por meio do diluvio.

Eis o caso : *Somé* (2) ; descendente d'aquelle que os selvagens haviam queimado, teve dois filhos, um chamado *Tamendonare* e o outro *Aricute* (3), homens de indoles differentes, e que se odiavam de morte. *Tamendonare*, bom pai de familia, vivia com sua mulher e filhos, aprazendo-se de cultivar a terra. *Aricute* pelo contrario, dava-se á guerra, e nada desejava tanto como subjugar todas as nações vizinhas e igualmente a seus irmãos. Aconteceu um dia que, voltando *Aricute* da guerra, trouxe a seu irmão *Tamendonare* o braço de um inimigo, dizendo-lhe com grande altivez e arrogancia. « Tu és froco e medroso. Eu, porém,

(1) *Tupan-ita*, raio : *Tupan-beraba*, relampago. Knivet diz que as serras dos Orgãos eram antigamente conhecidos pelo nome de *Tupan boyera* : « Ce mot qui est facile à decomposer n'indique-t-il pas l'existence de quelque antique sanctuaire, où la divinité redoutable des *Tupys* recevait le culte des Piyaes? » *F. Denis*.

(2) Thevet escreve Sommay.

(3) Figueira. *Grammatica Brazilica* diz que *Tamendonare* equivale a « elle se lembra ». *Aricute*, segundo Montoya, vem de *ara* dia e *cute* agitado. Ferdinand Denis. *Obs.* — *Tamendonare* não será o mesmo que *Tamendaré*? Na Gram. de Figueira, elle se lembra, diz-se : *Y-maenduar*, *T-maenduar*, elle se lembre.

subjugarei tua mulher e teus filhos, que não tens força para os defender. Se fôras tão valente como dizes, tornou-lhe o outro, trazias vivo, e não morto o teu inimigo. »

Aricute indignado lançou o tal braço contra a porta da casa de seu irmão; mas no mesmo instante toda a aldeia, em que estavam, subiu ao céo e elles ficaram em terra. *Tamendonare*, vendo isto, ou de admiração ou despeito, bateu na terra com tanta força, que della rebentou uma grande fonte. A agua foi subindo, subindo, e em pouco tempo cobriu as collinas e montes, de modo que parecia exceder a altura das nuvens.

Os dois irmãos com suas familias subiram ás arvores mais altas que acharam : *Tamendonare* em uma palmeira, *Aricute* em um genipapeiro (1). Todos os homens e animaes pereceriam, excepto os dois irmãos e suas mulheres, das quaes sahiram dois povos differentes os *Tupinambás* e os *Tomimis*.

Não é menos curiosa a mythologia e methamorphoses de diversos seres, que tendo principio divino, participavam de todas as fraquezas e miserias dos homens.

É um delles *Mair Monan*, que sob as graciosas feições de um menino, brincando com outros da sua idade faz presente á terra do *itic*, *avati* e *comandá*, a batata, a mandioca, e a fava.

É outro *Mair Poxi* ente colerico, detestavel e máo : todavia era o enviado do Deos creador. Tendo fecundado uma virgem com o presente de um veneno

(1) Vasconcellos falla da tradição de dois irmãos que se inimizaram, e separaram indo um para o norte, outro para o sul do Rio.

O costume que tinham os indigenas de se pintarem com tinta de genipapo nas suas festas guerreiras não traria origem da tradição de haver esta arvore servido de asylo ao irmão inclinado á guerra?

mysterioso, levou-a a ella e seu filho para um logar maravilhosamente fertil onde se operam as mais admiraveis methamorphoses. *Poxi* mesmo se tranforma, e deixando o seu hediondo involucro, tornou-se o mais bello dos homens, antes de subir ao céo.

Este filho do bem querido de Deos teve outras aventuras, de que Thevet não trata; mas só do presente que em sua colera fez a um guerreiro, que parecia desconhecer a sua origem. Foi um brilhante diadema de plumas, que se converteu em chammas, dadiva tão funesta como a da tunica de Nesso.

Mair-atá, o Deos viajante seguiu-se áquelle que puniu o orgulhoso. Ligou o seu destino ao de uma mulher, e a tomou comsigo, para que lhe fosse companheira na suas terrestres peregrinações, a qual todavia abandonou. A esposa abandonada e gravida é victima de um guerreiro, cuja hospitalidade reclamára, e de quem concebe outro filho. Outra vez abandonada vai a pobre injuriada pedir hospedagem a um chefe cruel que tem o nome do tigre indiano. *Jaguar* a recebe para a converter em iguaria de um horrivel festim. As entranhas da victima são lançadas á alguma distancia da aldeia : uma india que o acaso conduz áquelle logar acha os dois gemeos, sorrindo á mãe adoptiva que a fortuna lhes enviara. Leva-os comsigo, agasalha-os, ampara-os, e desde então a abundancia começa a reinar na cabana hospitaleira. Dentro dessa habitação se accumulam todos os fructos da terra, graças ao filho immortal de *Mair-atá*. Crescem os dois gemeos em forças; mas não ha de commum entre elles senão o seu amor fraterno. Um herdou todos os attributos quasi divinos de seu pai, o outro está sujeito a todas as fraquezas da humanidade. Unem-se todavia no mesmo pensamento de vin-

gança e neste particular se patenteia em toda a sua energia o caracter rancoroso do indio. Sob pretexto de conduzirem os habitantes da aldeia que outr'ora haviam acolhido e assassinado sua mãe, a um valle delicioso onde cresciam fructos varios e abundantes, arrastam toda a população inimiga, e *Jaguar*, seu chefe, a uma ilha fertil : depois sublevam as ondas, e submergem sem piedade toda a multidão. Apezar disso, o filho de *Atá* transforma em animaes das florestas a todos estes miseraveis para que debaixo de nova forma continuem a servir de incentivo e pasto á nova vingança.

Os dois irmãos vendo-se em uma profunda solidão, resolvem-se a procurar vestigios do heróe que seduzira sua mãe. Caminham, caminham até que chegam ao promontorio que depois se chamou Cabo-Frio. Ali ouvem fallar de um velho maravilhoso, dotado do dom da prophecia: é um ancião temeroso, que ninguem ousa perturbar no seu mysterioso retiro. Persuadidos de haverem encontrado o objecto de suas pesquizas apresentam-se ardidamente perante o ancião.

« O que vos traz aqui? perguntou-lhes o propheta com voz irritada.

« A esperança, responde-lhe o mais corajoso dos dois : a esperança, de aqui encontrar *Maïr atá*, e pois que o encontramos, havemos de servil-o como a nosso pai. Então os dois jovens viajantes narram-lhe a historia das desgraças de sua mãe, e da vingança que tiraram de sua morte.

Uma só cousa lhes é occulta : a origem bastarda de um dos dois irmãos. *Maïr-atá* os crê seus filhos, mas quer experimental-os. Os jovens guerreiros atiram com o arco, e as frechas ficam suspensas no ar. Já é este o indicio de uma origem divina; mas ainda lhe

não basta. *Ita-irapiyribe*, o que quer dizer meio de respiração, pedra abafadiça, que se abre e fecha alternadamente com os dois movimentos encontrados dos pulmões da creatura, deve ser atravessada por elles. Elles o fazem; mas o irmão mais novo espedaçado entre as duas porções da rocha, não tornaria mais a ver a luz, se o outro seu irmão lhe não houvesse ajuntado piedosamente os membros esparsos, e o não restituisse á vida.

Proximo a reconhecel-os por seus filhos, *Mair-atá* impõe-lhes uma terceira prova.

Elles deveriam ir ao logar terrivel em que *Aignen* (*Anhangá*), atormenta as almas, e lhes tirariam a isca prodigiosa com que elle engoda o peixe *alan*. Aqui dá-se novamente a dedicação do heróe immortal por seu irmão. *Mair-atá* não se póde furtar á evidencia : seus filhos desceram ao fundo do abysmo, pois que lhe trazem um enorme quarto de Tapyr, de que *Aignen* se serve para pescar o peixe gigantesco. O propheta solitario os recebe com alegria, e os recompensa, diz a lenda, preparando-os para novas emprezas.

CAPITULO VIII

CARACTERES MORAES

Festas e Danças

Entre estes singelos filhos da natureza a posse do que podia satisfazer os seus appetites, lisongear o seu orgulho ou redundar em gloria do chefe ou da tribu a que pertencessem, era motivo de regosijo em que todos tomavam parte. Uma pescaria abundante, uma caçada feliz, uma boa colheita de fructos e legumes ou sómente de generos proprios para o fabrico do seu cauim, assim como a victoria sobre os seus inimigos ou a tomadia de um prisioneiro, erão occasião de festejo solemne, para o qual eram convidadas as tribus alliadas da circumvizinhança. Eram estas festas de duas naturezas, civis ou religiosas; porém o sua indole e educação guerreira faziam com que todas em ultimo resultado não tivessem outro fim que não fosse despertar os sentimentos briosos ou antes ferozes de cada tribu e de cada individuo.

A mais importante de todas, ao menos segundo as noticias que nos restam, era a grande festividade religiosa que se celebrava de tres em tres annos, e na qual os guerreiros recebendo o espirito da força, habi-

litavam-se para renderem os seus contrarios: uma como benção do céo se derramava sobre a taba, sobre as casas, sobre as familias e sobre cada um dos guerreiros. Os *Caraibas* que corriam todas as tribus amigas para benzerem os *Maracás*, e receberem presentes e offertas, reuniam-se nessas épocas em numero de 12 ou de mais, e partiam não se sabe de onde para esta religiosa peregrinação. Enriquecidos com os benezes recebidos, que consistiam em ornatos de pennas, em pedras para o rosto, e chocalhos para os pulsos e pernas, vinham com ostentação destes dons, despertar e estimular a vaidade dos outros guerreiros que se não queriam mostrar pobres, nem menos industriosos, nem fazerem aos seus sacerdotes offerendas de menos valor. Muito antes da sua chegada, corria a fama da sua vinda e todos se punham em movimento para hospedar e obsequiar dignamente os ministros de *Tupan*. Reuniam-se os guerreiros da tribu, limpava-se e preparava-se a taba; uma cabana era reservada para as mulheres, outra para os meninos, outra para os guerreiros. Chegavam emfim os sacerdotes, e recolhidos todos nos seus respectivos alojamentos, dos quaes os meninos e mulheres não podiam sahir senão por ordem dos *Caraibas*, começava a ceremonia.

Quinhentos ou mil ou mais guerreiros, ou quantos havia de que a taba se compunha, reuniam-se com os *Caraibas* no logar que a estes estava reservado. Todos adornados com as suas melhores preciosidades, com os mais bizarros ornatos que tinham, graves e cheios de temor religioso postavam-se em circulo todos em pé bem juntos uns dos outros, mas sem se darem as mãos e sem mudarem de logar. Curvados para diante, movendo apenas o pé e a perna direita, e com a mão desse lado sobre os rins, e o braço e a

mão esquerda pendentes dançavam e cantavam ao mesmo tempo. Como o circulo seria demasiadamente extenso, a compôr-se de todos os guerreiros presentes, formavam tres ou mais circulos, e no centro de cada um se collocavam tres ou quatro dos *Caraibas* com os seus vestidos, cocares e braceletes, de pennas ricas e côres variadas, com um maracá em cada mão.

Começavam com voz lenta e quasi sumida como aquelles que entre nós rezassem conjuctamente uma oração pelos mortos : recordavam-se de seus antepassados, de seus triumphos, da valentia e virtudes que na vida os adornaram e tambem da occasião da sua morte. Regosijavam-se, porém, com a idéa que lá estavam aguardando aos seus netos, os herdeiros da sua coragem nas deliciosas florestas que ficam além das altas montanhas, e donde em todas as festas se alegravam com elles. Ao passo em que do canto de saudades passavam a um canto de esperanças, a voz se ia levantando pouco e pouco, e cada vez mais forte, até que rompiam todos a uma com a exclamação pela qual mutuamente se animavam—*he! he! he! he!*

De outro lado as mulheres possuidas no mais alto gráo da solemnidade d'aquelles mysterios, e cheias de temor indisivel, apertavam-se umas contra as outras, e com voz timida e tremula repetiam a mesma interjeição—*he! he! he! he!* Succediam-se depois os gritos e os saltos como de pessoas possessas e com tanta violencia que muitas chegavam a cahir sem accôrdo. O mesmo acontecia com os meninos.

Em quanto progredia este immenso tumultuar na cabana das mulheres, os *Caraibas*, que, assim como os guerreiros circumstantes, não se conservavam firmes n'um só logar, iam avançando ou recuando a compasso e tomando um comprido caximbo (de quatro

a cinco pés segundo Lery) cheio da herva *petum* ou tabaco, tomavam algumas fumaças, e lançando-as pela bôca e narizes, com ellas baforavam os outros selvagens, repetindo-o cada um delles : « recebe o espirito da força, para que possas subjugar os teus inimigos. »

Os guerreiros, continuando no seu canto depois desta ceremonia, soltavam terriveis imprecações e ameaças contra os seus inimigos, em quanto os *Caraibas*, como que os incitavam á luta, promettendo-lhes os despojos da victoria, os deleites do triumpho e a satisfacção da vingança.

Concluiam os *Caraibas* com as memorias da tradição religiosa, de que eram elles os depositarios, e relatavam o diluvio com todas as suas circumstancias, como as aguas elevando-se a uma altura prodigiosa, e sahindo do seu leito haviam extravasado sobre a terra, como *Tamendaré*, o velho justo, se havia refugiado no alto de uma palmeira, e d'ali contemplára o mais grandioso e tremendo espectaculo que a natureza tinha jámais offerecido aos olhos dos homens, até que renovada a terra e outra vez enchuta, elle com a sua familia descera da arvore protectora para a repovoar. No fim de cada estrophe cantavam todos este estribilho prolongando a voz : *heu! heuraure! heura! heurare! heurá! heurá! uhe!*

Cessando o canto, todos os guerreiros batiam com o pé no chão com mais força do que das outras vezes, e tendo cada um delles cuspido diante de si, todos com voz rouca pronunciavam uma ou duas vezes *he! hua! hua! hua!*

E não julguemos que eram estes cantos destituidos de harmonia : todas aquellas vozes chegavam a concertar-se de modo que produziam uma toada agradavel,

e tal que não era de esperar delles. D'Abeville o attesta e mais particularmente Lery, testemunha occular de um destes actos. « Ouvindo-os, diz elle, senti-me todo transportado de alegria; e ainda agora quando disso me lembro, sobresalta-se-me o caração e me parece que tenho a sua musica nos ouvidos. »

Depois desta festa, com a recordação das injurias recebidas, dos combates mallogrados, e mais que tudo porque confiavam nas promessas dos *Caraibas*, sentiam reviver os antigos odios, e procuravam os contrarios para apagarem a lembrança das offensas. Assim que, entre elles a propria religião, os proprios sacerdotes de accôrdo com os seus costumes, contribuiam para fortificar os principios e os habitos guerreiros.

Depois da batalha a turma victoriosa collocava os seus prisioneiros no centro junto dos que os haviam captivado, e na companhia dos mais robustos e valentes, mais para cortejo da victoria do que para guarda do captivo. Se durante a jornada tinham de atravessar alguma aldeia conhecida e alliada, sahiam todos os habitantes desta a encontral-os (1), dançando, saltando, batendo palmas, cobrindo os vencedores de extraordinarios elogios, e felicitando-os pelo seu triumpho.

Ao entrar na sua propria aldeia, os velhos, as crianças as mulheres appareciam para os saudar e receber, e o preso, bom ou máo grado, era forçado a clamar-lhes : « Eis que vos chega o vosso alimento (2). Entregue depois ás mulheres, estas os rodeavam e depois conduziam entre si, « cantando o mote que tem

(1) Lery e Hans Stadt.
(2) É o que aconteceu a Hans Stadt. Vid. p. 100.

por costume cantar ao prisioneiro quando tencionavam devoral-o. « Outras vezes o batiam e maltratavam, dizendo-lhe em sua lingua : « Eu te maltrato em nome de meu amigo e parente que foi morto pelos teus. »

Tomando depois precauções para que elle não fugisse, davam-lhe uma mulher que o guardasse e vivesse em sua companhia até que a morte e por maravilha a fuga o libertasse do captiveiro. Seguimos a relação de Hans Stadt (1), quando dissémos que se tomavam providencias para que o prisioneiro se não evadisse; mas acreditamos que esta medida só teria sido adoptada para os europeos e depois que a experiencia lhes tivesse feito ver como estes nenhuma difficuldade tinham em romperem as prisões de guerra. Nos seus costumes, e quando o prisioneiro era indio, dava-se-lhe toda a liberdade, durante largos mezes e até annos, nem temiam que elle procurasse salvar a vida com a fuga, ainda que a todos os instantes tivesse opportunidade para isso. Se o fizesse, considerava-se que o infeliz se deshonrava a si, aos seus, á sua nação, e repellido por todos com o terrivel stygma de covarde nem merecia ser escravo. Os seus proprios o assassinavam, cobrindo-o de improperios e máos tratos. Sabiam elles disso, e não hesitavam entre morrer com gloria, ou acabar com ignominia (2).

(1) H. Stadt. p. 300.

(2) Et bien que estant desliez et libres comme ils sont, ils puissent fuir et se sauver, si est ce qu'ils ne le font jamais encore qu'ils soient asseurez d'estre tirez et mangez au bout de quelque temps. Car si quelqu'un des prisonniers s'estaient eschappé pour retourner en son pays, non seulement il seroit tenu pour un *couaue eum*, c'est-à-dire, poltron et lasche de courage; mais aussi ceux de sa nation mesme ne manqueroient

Approxima-se o sacrificio, preparam o *cauim*, e fabricam uma especie de vaso destinado especialmente para conter as côres com que deverá ser pintado o prisioneiro para maior solemnidade; no cabo da maça que lhes serve para matar os captivos fixam uma borla de pennas a que dão o nome de *atarabebê* (1) e tecem uma corda comprida a que chamam *massarana*, com a qual os atam. Quando tudo está disposto, convidam os seus amigos e alliados, e enchem todos os vasos de *cauim*. Os hospedes chegam com alguma antecedencia e o chefe que sahe a recebel-os, os sauda, dizendo : « Vinde ajudar-nos a devorar o nosso inimigo! »

Durava esta festa pelo mesnos dois dias e de ordinario tres. No primeiro atam ao pescoço do prisioneiro a *massarana*, que é feita de algodão ou de embira, e pintam a maça *tangapema*, como escrevem alguns, ou *iverapeme* como escrevem outros, com a qual deverá ser sacrificado. Untam-n'a com certa materia viscosa, e reduzindo a pó as cascas dos ovos de Macuco (2), que são de um pardo muito escuro, salpicam a maça com esta poeira. Vem depois uma mulher que limpa parte della em ordem a formar alguns de-

de le tuer avec mille reproches de ce qu'il n'auroit pas eu le courage d'endurer la mort parmi ses ennemis, comme si ses parents et tous ses semblables n'estoient assez puissants pour vanger sa mort. Le diable a tellement gravé le point d'honneur dedans le cœur de ces pauvres sauvages... qu'ils ayment mieux mourir par les mains de leurs ennemis et estre mangez par après que fuir de s'échapper, comme ils peuvent facilement. — *Abeville* pag. 290.

(1) *Garniture* qu'ils appellent *Aterabêbê* faite de plusieurs sortes de plumages entreliez et accommodez fort jolimont. — *Abeville*, pag. 292 v.

Atar ornato, *bêbê* que vôa, isto é solto, pendente : dever-se-ha escrever *atarabêbê*.

(2) H. Stadt escreve *Mackukaua*.

senhos grosseiros, e em quanto se dá a este trabalho as outras vão cantando ao redor della. Pintada a *tangapema* e ornada de plumas, suspendem-n'a em uma cabana inhabitada, e continuam a cantar durante toda a noite. Tambem ás mulheres incumbe pintar o rosto e o corpo ao prisioneiro, em quanto outras proseguem em suas cantilenas, lembrando-lhe o fim que o espera, e motejando-o de se ter deixado prender.

Ainda neste dia constroem no terreiro da taba a casa onde deve dormir o prisioneiro e na antemanhã do seguinte, destinado para consumo total do *cauim*, começam de novo a dançar em roda da maça, que tem de servir no sacrificio, e nascendo o sol, vão buscar o prisioneiro, demolindo a sua cabana e desobstruindo a praça.

Começa a festa do *cauim*, e o prisioneiro, sentado entre os mais prisioneiros, conversa, bebe, e longe de se mostrar triste e afflicto, com quanto saiba o fim que o espera, procurará mostrar-se o mais alegre dentre todos.

Outras vezes prolongava-se a festa por toda a noite até o dia do sacrificio; porém geralmente depois de terem pulado e cantado por espaço de seis a sete horas, desciam a corda, do pescoço á cinta do prisioneiro, e dois dos mais robustos pegavam em cada uma das extremidades da corda, e a victima, sem offerecer resistencia alguma, bem que lhe deixassem os braços livres, era assim conduzida em triumpho por toda a aldeia. Mas antes deste passeio triumphal acontecia tambem que o soltassem, dizendo-lhe que fugisse. O prisioneiro largava a correr, os outros seguiam-lhe no encalce, e aquelle que lhe lançava a mão, ajuntava mais um nome aos que já tinha.

Novamente preso e atado, blasonavam-se com incrivel audacia e petulancia de suas passadas proezas, dizendo aos que o prendiam : « Eu sou um homem forte e destemido! agarrei e garrotei vossos amigos e parentes antes que m'o fizessem a mim. » E exaltando-se cada vez mais ao som das proprias palavras, voltava-se para um e outro lado, e dizia a este : « Matei a teu pai! » e a outro : « Apanhei e assei teus irmãos e amigos! e em geral concluia : Devorei tantos dos vossos, tomados e captivados por mim, que já lhes perdi a conta. Estou no vosso poder e cahirei aos vossos golpes, como um guerreiro que vos despreza e não se acobarda de feros. Comtudo não duvideis que para vingar a minha morte, os da nação a que pertenço não tomem e captivem e comam dos vossos tantos quantos apanhem. »

Estão amontoados junto delle páos, pedras, e projectis de todo o genero, os dois que o seguram esticam a corda de um lado, e doutro em distancia de quasi tres braças, e cobrem-se com uma rodella, á semelhança de escudo, feita de pelle de tapyr, e dizem-lhe : « Vinga-te antes que morras! » Elle começa a arremessar como um furioso tudo quanto acha á mão; e como a multidão, diz Lery, sobe ás vezes de quatro mil pessoas, ficam alguns bem maltratados. Hans Stadt diz que são as mulheros as que volteiam em roda do prisioneiro, ameaçando devoral-o, e que a estas é que o prisioneiro faz pontaria.

Terminado isto, já a dois passos da victima se deverá ter accendido a fogueira e preparado o *moquem*. Uma mulher se approxima mostrando-lhe a maça voltada com as pennas para cima. Um guerreiro, de ordinario um ancião, a toma das mãos da mulher e a mostra igualmente ao prisioneiro. Então em uma co-

mitiva de doze a quinze pessoas, o executor, que se terá deixado pintar de pardo com cinza, caminha no meio dos seus para a praça, onde aquelle que tem a maça lh'a entrega (1). Feliz d'aquelle que tem de succumbir ás mãos de um guerreiro afamado; porque n'aquelle momento só teme, e só lhe doerá como um insulto ser reservado para illustrar a vida de um guerreiro sem nome.

O executor approximava-se da victima, dando saltos e pulos, e brandindo a arma, em quanto o prisioneiro tentava arrebatar-lh'a das mãos; mas detido pela corda com que o cingiam cada vez mais estreitamente, tinha por fim de se conservar tranquillo. Então lhe dizia o executor : « Eis-me aqui para te matar, pois que tu e os teus devoraram muitos dos nossos. » Ou então : « Não pertences tu a tal ou tal nação, nossa irreconciliavel inimiga? E tu mesmo não tens morto e comido a muitos dos nossos amigos e parentes? » Aquelle responde, mais impavido e arrogante que nunca : « Sim, eu o sou! Pertenço a tal nação de homens corajosos e destemidos, e eu mesmo sou um valente entre elles. Matei, comi dos vossos : assolei e destrui tudo! Oh! que de astucias desenvolvi! que de ciladas armei! de quanta energia, de quanta coragem não dei provas! e quantos dos vossos não cahiram miseravelmente aos golpes do meu tacape, aos tiros de minha frecha (2)! Agora vinde, e reuni-vos todos : vinde comer a carne de vossos pais e avós que me serviram de alimento. Estes musculos, estas veias, estas carnes, tudo isto é vosso! Pobres loucos,

(1) Lery diz que o executor, sahindo da cabana, onde por todo o tempo anterior se terá conservado, apparece já com a maça e se dirige com ella ao prisioneiro.

(2) Montaigne, *Essais*, L. 1 c. 30.

que não percebeis como em mim reside a substancia dos vossos antepassados : saboreai-a bem, que na minha carne achareis o gosto da vossa propria carne. »

« Eis a causa, lhe tornava o executor. E pois que estais em nosso poder, serás morto, moqueado e devorado por nós. « Seja, responde o outro, vaidoso de morrer pela gloria dos seus : os meus amigos me vingarão! »

E neste dialoge quando estavam ainda um fallando e o outro respondendo, o sacrificador levantando a maça com ambas as mãos, dá com a rodella tão forte pancada na cabeça do prisioneiro, que não carece de repetir o golpe (1). Então as mulheres tomam o cadaver, limpam-n'o, esfregam-n'o bem, e depois um homem decepa-lhe os braços e as pernas. Quatro mulheres, pegando cada uma em um destes membros, largam a correr em roda das cabanas, perseguidas umas pelas outras, o que é uma grande festa. Muitos pais, ao revez do que acontece entre póvos civilisados quando homens e mulheres de classe inferior assistem ao supplicio de algum criminoso, tingem com o sangue da victima os corpos dos filhos como para inspirar-lhes o gosto destas festas barbaras.

A mulher do prisioneiro, depois de o ter chorado, será a primeira, se lhe é possivel, a comer delle. Se deste coito se torna gravida, educam o filho até certa idade, e em alguma occasião de festa, em falta de outro, o matam com as mesmas ceremonias, não obstante pugnarem em favor delle as circumstancias do

(1) Stadt diz que depois do golpe o executor deita-se em sua rede, que se lhe dá um arco e frecha pequenos afim de que elle se entretenha, e cobre forças, para que a violencia do golpe que deu lhe não torne a mão incerta.

nascimento, da convivencia e da educação; porque eram sempre reputados o sangue e a carne dos inimigos. Eram estas festas chamadas « *Cunhã-membira* » (1) que equivale a dizer-se, o filho de um inimigo, ou da mulher, que, segundo as suas opiniões, valia a mesma cousa. Segundo as suas opiniões, dissémos, porque elles tinham para si que o filho recebia da mãe o nascimento e nada mais, e procedia inteiramente do pai (2). Prova-se isto com os cuidados que o pai tinha para comsigo, como se o parto o devesse affectar em alguma cousa, em quanto a mulher se applicava, como de ordinario, aos seus trabalhos usuaes; mas esta idéa se acha curiosamente desenvolvida na sua linguagem. O pai chamava o filho *taira* e a filha *tagira*, a mãe chamava a ambos *membira*. Segundo o vocabulario que, com auxilio de Manoel de Moraes nos deu Marcgraff, é esta a significação d'aquelles vocabulos.

Tagui, significa sangue, e *membirara*, dar á luz, lançar fóra de si : assim, a palavra empregada pelo pai exprimiria a filha, ou o filho do meu sangue, e aquella usada pela mãe, o menino que dei á luz, que lancei fóra de mim.

A mãe, porém, é sempre mãe em todos os tempos e em todos os logares, e a natureza as aconselha divinamente e nellas desperta a indole caroavel, que nem a maldade dos tempos em que vivem, nem a educação que receberam póde perverter completamente. Se estas mulheres (o que conseguiam dos Portuguezes) não podiam acabar com os prisioneiros indigenas que

(1) Southey. *History of Brazil*. T. 1 218. *Not.* do *Brazil*, 2 — 6.

(2) Comer os filhos do prisioneiro, diz Garcilasso, que ce viu outr'ora em muitas provincias do Perú. L. 1 c. 12.

fugissem, porque era isso deshonroso entre elles, sabiam ás vezes defender os filhos resolutamente e dar-lhes escapula para a tribu do seu progenitor (1).

Voltando ao nosso assumpto, aquella primeira festa religiosa era um incentivo de guerra : commemorando-se as glorias de cada tribu, e os seos revezes, vinha a idéa associada dos seus inimigos e das suas injurias. Ora, lembrar a um selvagem o seu dezar é excital-o á vingança. Vinham pois as guerras após as guerras, os prisioneiros após os prisioneiros, as represalias das outras tribus, e assim por diante. Os mesmos sacrificios dos prisioneiros nem sempre eram isentos de perigo, já porque estes vendessem caro a vida, já, principalmente, porque reunidas as tribus amigas e começando o brodio, cantava cada qual as suas façanhas nos termos mais enfaticos que podia, de modo que,originando-se rivalidades e ciumes, appareceriam desavenças entre tribus até ali amigas.

Longe estava de serem estas as unicas recreações que tinham; cantos e danças se succediam, e tribus havia afamadas pelo dote do canto. Bons cantores eram todos os *Tapys*, e tão inclinados á musica, tanta impressão lhes fazia, que só com ella pareceu a um jesuita poder chamal-os a outra norma de vida.

Quanto á dança (2) dizia o Padre Vasconcellos, co-

(1) Herrera 4, 3, 2 — *Noticias*, 2, 69.

(2) « Dancing among savages, when not a religions ceremony, is, as among children, mere sport; among corrupted people it becomes a mode of vice. Southey, *History of Brazil* t. 1° p. 654.

Estas reflexões foram suggeridas ao escriptor inglez pelo seguinte trecho de Abeville, pag. 299.

La danse est le premier et principal exercice des *Maragnans*, qui sont á mon advis les plus grands danseurs qu'on trouve soubs le ciel. Car il ne se passe jour qu'ils ne s'assemblent en leurs villages pour ce suject; mais les danses ne sont si disso-

piando Marcgraff (1) : « São mui dados a saltar e a dançar de muitos modos, a que chamam *guáu* em geral. » Uma destas danças era dos meninos, outras das mulheres, outras emfim exclusivas dos guerreiros : tinham tambem differentes nomes *urucapi* que nem Marcgraff nem Vasconcellos diz o que era : *curupirara* dos de menor idade : *guaibipayé* a dos pagés : *guaibuabuçú* dos chefes e valentes guerreiros.

« Um destes generos de dança, escreve o Padre Vasconcellos, é mui solemne entre elles, e vem a ser que andam nelle todos em roda sem nunca mudarem do logar onde começaram ; cantam no mesmo tom arengas de suas valentias e feitos de guerra, com taes assobios, palmadas e pateadas, que atroam os valles. E para que não desfalleçam em acção tão heroica assistem ali ministros dextros que dão de beber aos dançantes, continuamente de dia e de noite, até que vão embebedando-se e cahindo ora um, ora outro, finalmente quasi todos. »

Essas mesmas danças, porém, não eram mero exercicio de força, ou simples distracção do espirito. Os

lués entre ces barbares comme elles sont entre les chrestiens » d'autant que les filles et les femmes ne dansent jamais avec les hommes, si ce n'est quelquefois en *caouinnant* ou beuvant, mais encore se gardent ils bien alors de beaucoup de folies, d'attraicts et deshonestetez par trop ordinaires es danses de par deçà ; car les femmes ne mettent que la main sur les épaules de leurs maris qui dansent ; aussi ne voit on tant d'scandales et de malheurs qui arrivent icy par les danses et balets pleins de lubricitez et dissolutions. »

Virey H. N. du G. H. T. 3, pag. 421 : Ou la chasse, image de la guerre, devient habituelle ; la danse n'est plus qu'un tableau de la guerre ou des representations de la chasse... Ces danses sont très graves et serieuses, car elles peignent des actions forts et des traits de valeur.

(1) *Noticias curiosas*, pag. 141. — Marcgraff.

guerreiros não se ajuntavom com as mulheres, as mulheres não se confundiam com os meninos. Para os ultimos seria talvez a dança um divertimento; mas para os guerreiros era mais do que gymnastica, mais do que pantomima : procuravam representar uma idéa, e nunca despertar a sensualidade, fim unico a que mira a dança moderna como a de todos os póvos civilisados, por isso nunca se confundiam os sexos. Simulavam nos passos choreographicos, já o caçador avançando cautelosamente sem arruido em procura da preza : erguiam-se de repente em attitude viril e ameaçadora, como se corpo a corpo lutasse com uma fera, e todas as fases, todas as peripecias da luta se desenhavam nas posturas, donde ressumbrava o ardimento e a força. Já, mais energicos, imitavam combates de homem contra homem, em que se succediam as palavras aos golpes, as exclamações aos gemidos, e o grito da victoria se misturava aos ais do muribundo. Logo eram todos os guerreiros, imitando um assedio, avançando e recuando entre gritos e pocemas, fazendo voar milhares de setas, trepando estacadas, precipitando-se dellas, correndo, fugindo e voltando.

Outras vezes, porém, symbolisavam a paz e alliança entre todos os guerreiros da mesma aldeia, com uma das mãos na cintura. e o braço direito sobre o hombro esquerdo do seguinte, com um pé firme, e o outro marcando o compasso, formavam um grande circulo, como que todos juntos representassem uma unidade, e sobre todos se derramasse aquelle sentimento de amizade e dedicação, de que, ainda mal, se acham os melhores exemplos nestes homens a que nos apraz de chamar selvagens.

« É costume deste povo da natureza, diz Chateau-

briand (1) escolher cada homem um amigo; uma vez formado o laço, torna-se indissoluvel a alliança, e resiste á desgraça, assim como á prosperidade. Torna-se duplice cada homem e vive com duas almas. Se um dos dois amigos perece, o outro não tarda a desapparecer tambem ».

Este trecho de Chateaubriand recorda outro de Gall (2) : « Onde nos podem correr mais tranquillamente os dias do que com um povo para o qual a amizade é uma virtude de pratica jornaleira? Nos banquetes, nas reuniões, em toda a parte achamos amigos, e em todos os logares o coração se dilata.

(1) Natchez.
(2) Fonctions du cerveau.

CAPITULO IX

CARACTERES MORAES

Governo, indole, paixões.

Um escriptor, que já citámos em outro logar, disse que os indigenas do Brazil não tinham fé, nem lei, nem rei; e que por esse motivo, como era sabido, faltavam-lhes na sua lingua as tres letras F. L. R. (1). Basta a mais ligeira reflexão para mostrar que valor se deve dar a tão extravagante opinião, como se os *Tupys* devessem ter palavras portuguezas, ou que os vocabulos dos dois idiomas, correspondentes áquellas idéas, devessem de necessidade começar pelas mesmas iniciaes, ou que emfim podessem existir homens sem religião, sociedade sem leis e guerreiros sem chefes. Acabamos de ver que não só tinham religião, mas bem complicada : cabenos demonstrar agora como os costumes eram leis, e que sua sociedade, tão imperfeita, como era, não só tinha chefe, como uma hierarchia delles.

(1) Em religião e costumes são por extremo barbaros ; porque não tem nem fé, nem lei, nem rei, motivo porque é sabido lhe faltam em sua lingua estas tres letras F. L. R. — *Vida do Padre João d'Almeida*, cap. 75.

O traço distinctivo do caracter do selvagem é o seu amor á independencia, e o tedio a todo e qualquer constrangimento. Liberdade e espaço, eis a sua vida. Com ella nenhum despotismo era possivel, nem o militar, nem o theocratico; porque os vinculos que o prendiam á sociedade eram facilimos de romperem-se, o despotismo seria para elles a autoridade, cuja alçada se fizesse sentir com alguma energia. Sujeitavam-se, mas não queriam sentir a sujeição.

Não quererião pois curvar-se a um chefe se não tanto quanto lhes fosse isso aconselhado pela experiencia ou pela necessidade, nem ás leis ou aos costumes, senão quanto bastasse para que se não desorganisasse inteiramente a sua associação. Assim, poderiamos sem erro, personificando as qualidades que os selvagens respeitavam, chamar seus chefes « a experiencia e a coragem : » o mais velho era o mais ouvido (1), o mais corajoso o melhor obedecido (2). Mas a experiencia é de todos os tempos, em quanto que a coragem não sendo durante a paz, senão um instrumento de desordens, uma occasião de rixas, não merecia de ser respeitada senão na guerra e quando voltada contra o inimigo commum. D'aqui vinha terem os velhos uma autoridade constante, e

(1) É entre elles costume que os rapazes obedeçam aos velhos, H. Stadt, c. 12.

Ils ont neanmoins un chef ou un qui est le principal en chacun de leurs villages. Et celuy qui est le plus *vaillant capitain* et le *plus experimenté vie liard*... ordinairement il est le chef et le principal entre les autres. — Abeville, pag. 328 v.

(2) F. Cardim, p. 36. Em cada *oca* destas, ha sempre um principal, que tem alguma maneira de obrar.. Este os exhorta... e lhe têm em tudo respeito.

Entre estes seus principaes ou pregadores ha alguns velhos antigos de grande nome e autoridade entre elles, que tem fama por todo o sertão.

os chefes guerreiros um poder temporario; mas ainda assim eram igualmente respeitados um e outro, o velho pelo costume e o chefe pelo temor. Distendido o arco, deposta a maça do combate, o primeiro dos guerreiros no campo da batalha, era ainda o mais glorioso, o mais respeitado no ocio da paz.

A origem destes dois poderes differentes, e que na vida policiada tantas vezes são oppostos, traziam notavel differença na denominação porque eram conhecidos, e explicam porque não tinham nenhum vocabulo para exprimir a idéa de rei. O velho devia a sua autoridade ao correr dos annos, e ainda que della percebessem todas as vantagens, não podiam tirar d'ali motivos de vangloria. Eram respeitados, porque eram velhos, e assim como tinham um termo para exprimir a velhice do homem, tomaram antes para significar a maior velhice relativa entre os homens da mesma tribu. *Peoreru Picheh* (1) eram os velhos respeitados pela experiencia do passado, o ancião consultado pelos guerreiros. O chefe guerreiro, porém, tomava novos appelidos por cada nova façanha: devia a si o que era, e o seu nome proprio era tambem o seu maior brazão, pois que entre os da sua tribu soava tanto como o de guerreiro por excellencia. Se pois o seu nome revelava ao mesmo tempo que explicava a sua autoridade, qualquer titulo que lhe dessem, além de escusado seria menos significativo.

Havia outras autoridades. A aldeia ou *taba* dos indios compunha-se de grandes cabanas ou *ocas* capazes de admittir muitas familias: e, como a *taba* tinha o *Peoreru Picheh*, a *oca* tinha o seu maioral, o mais idoso, que compunha as desavenças, fazia reinar

(1) Lery, 5.ª *edição* pag. 231.

a tranquillidade nas horas de descanço (1), hospedava os estrangeiros, e era chamado *Mussacat*. Cada familia das diversas divisões da *oca* tinha por chefe o guerreiro que a alimentava. De modo que a *oca*, representação da aldeia, compunha-se dos mesmos elementos que ellas, mas travados entre si e subordinados uns aos outros. A filha dependia da mulher, a mulher e os filhos do guerreiro, este do *Mussacat*, o *Mussacat* do *Peoreru Pichch*, e superior a todos estava o *conselho da nação*, *Carbé* (2).

Assim constituido o seu governo, pareceram querer combinar a duração com a extensão do poder. O *Peoreru Pichch* por toda a vida, o chefe guerreiro durante a guerra, o *Mussacat* durante a noite. Ficava de fóra o *conselho da nação*, que a representa, e reproduz-se com ella, e só com ella se acaba, e o pai de familia que só com a morte deixa de o ser.

Este governo de extrema simplicidade era acommodado á tempera dos *Tupys*, pois que sendo tantas as tribus da nação, e tão separadas umas das outras, em parte alguma se rebellavam contra elle : mas por outro lado tinha o grave inconveniente de concen-

(1) Não tem propriamente governo, mas cada cabana obedece a um chefe. — H. Stadt, c. 12. « Em cada aldeia um principal que seguem na guerra, outro em cada casa, a que tem respeito os que vivem na mesma casa. » *Tratado da terra do Brazil*, c. 157. (*Not. para a H. e Geogr.*)

(2) ... estant en leur *carbet*, qu'ils tiennent tous les soirs enmy la place au milieu de leurs loges. Après qu'ils ont fait là du bon feu, dont ils se servent au lieu de chandelle et pour *petuner*, ils y portent leurs licts de cotton, qu'ils suspendent en l'air à des pieux fichez en terre; et estant tous couchez chacun en son lict à part, avec un *petunoer* en la main, ils discourent de ce qui s'est passé le jour et advisent de ce qui est pour l'advenir, ou pour la paix, ou pour la guerre, ou pour recevoir leurs amis, ou bien pour aller contre leurs ennemis et pour toute autre affaire urgente telle qu'elle soit. *Abbeville*, p. 329.

trar-se todo no presente, não sahindo das tradições do passado, não lançando as vistas sobre o futuro, nem procurando mais perfeito estado social. Havia por certo degenerado ou se tinha desviado dos seus principios aquella sociedade, de cujos membros se procurava exclusivamente fazer guerreiros, e não seguiam o principio da conquista, o que unicamente lhes havia dado a posse do littoral, e que aliás seria a consequencia logica da sua educação.

Mas se, quanto ao governo, não podiam ser comparados aos Mexicanos, aos Peruanos, quanto aos caracteres geraes, indole e costumes, não só se assemelhavam aos selvagens de todas as partes do globo, como tambem havia entre todos os Americanos um como parentesco facil de estabelecer para aquelles viajantes que de perto os observavam. Algumas differenças, que serviam para distinguir um grupo do outro, e muitas vezes as tribus entre si, eram tão leves, tão melindrosas, tão pouco sensiveis, que mais serviam para confirmar a hypothese, que alguns autores formaram, que se não tinham todos a mesma raça, tinham ao menos convivido longamente á ponto de se tornarem como participantes da mesma origem.

O indio era indolente e preguiçoso, porque a natureza como mãe pouco providente que a força de extremos e caricias mal educa os seus filhos, tinha sido excessivamente prodiga para com elles. Carecia de pouco para viver, e esse pouco a' benignidade do clima, a fertilidade do terreno lhes asseguravam em todos os tempos e em todos os logares: tinham abundancia de caça, de peixe, de differentes fructos segundo as quadras do anno, de modo que, fazendo plantações, não careciam de reservar colheita para alguma occorrencia imprevista. Que lhe importava

pois o futuro? Viverião seus filhos como elles. Confiados na providencia ou no destino, consideravam a maior de todas as loucuras consumir o homem os dias e os annos em inquietações, correr trabalhos e perigos, suar, lidar, cansar-se não para gozar, mas para deixar uma herança que outros houvessem de dissipar depois de sua morte. Desfructando o presente entregava-se com delicias á ociosidade, e passava horas esquecidas n'um estado quasi de torpor e somnolencia no *far niente* dos lazzaroni, que tambem são chamados os selvagens da civilisação. Não era comtudo que fosse tão extrema essa indolencia como nol-a querem pintar os seus detractores; nesses homens meridionaes, o que mais admirava era a passagem rapida e por assim dizer instantanea de um extremo a outro, o contraste da preguiça no seu auge, e logo transformada em infatigavel actividade.

Era rancoroso e vingativo porque lhe doia o labéo de fraco e covarde: demais esses vicios eram irmãos gemeos de duas virtudes, os que mais sabem odiar são os que mais sabem amar, e aquelles que não perdôam injuria alguma são por outro lado os que mais difficilmente se esquecem de um beneficio. Vingativo em extremo, nem sabia perdôar offensa alguma, nem guardar medida na satisfação que della tomava de modo que eram bem felizes os que não soffriam senão a pena de talião. A sua colera era rapida e terrivel como a do tigre ferido por um caçador imprudente: comtudo, com o grande imperio que em certos casos sabiam ter sobre si, demoravam-se ás vezes, disfarçavam, dissimulavam as suas intenções, até que se lhe offerecesse occasião propicia de patentear o seu resentimento. Então não conhecia freio, nada respeitava, nada os commovia, nem lagrimas, nem rogos, nem a

velhice caduca; os propios objectos insensiveis não escapavam ao seu furor, parecendo-lhes que tanto mais elogios mereciam, com quanta maior barbaridade e energia se vingassem.

Imprevidente e superstiсioso como crianças, credulo e confiado como ellas, nem pensava no dia subsequente, nem conhecia limites ás suas desenfreadas paixões, se tinha possibilidade de as satisfazer. Desconfiado com os estranhos, principalmente quando nelles percebia deslealdade, uma palavra, um indicio, um vislumbre de intenção sinistra, bastava muitas vezes para o tornar suspeitoso, e da suspeita, sem mais exame, precipitava-se na traição.

Eis a lado máo do seu caracter; mas de quantas boas qualidades, de quantas virtudes se não mostravam adornados! — Hospitaleiros para com os estranhos, os seus proprios inimigos achavam acolhimento e gasalhado nas suas tabas; — e as suas casas, cujas portas, quando as tinham, eram esteiras de pindoba, pareciam convidar a descanço os que passavam. Não fallamos dos cantores, porque esses privilegiados entre elles, qualquer que fosse a tribu a que pertencessem, amiga ou inimiga, eram recebidos como em triumpho, acariciados, festejados, e raro se ausentavam sem presentes. Os seus prisioneiros em quanto não chegava o dia do sacrificio, eram tratados com brandura desconhecida das nações civilisadas em circumstancias semelhantes. Não se diga que os tratavam bem para os cevar, porque ha exemplos que destroem esta hypothese. Tivesse o prisioneiro de ser sacrificado em outro logar e por outra tribu, ainda assim recebia o mesmo tratamento e gasalhado (1): davam-lhe

(1) É o caso de Hans Stadt, preso por uma tribu, e reservado para ser entregue a outra.

mulher para companheira, e não para ter uma raça de homens fortes; porque, no caso contrario, nem as darião aos fracos, nem sacrificarião os filhos dessa passageira união.

Generosos e beneficentes entre si, a ponto de fazer inveja áquelles que se ufanam de seguir a religião da caridade, por instincto de coração, que não por dever, o selvagem offerece quanto tem ao seu companheiro necessitado; não esmola, reparte, e ha nisto tanta sinceridade que, comprazendo-se elles de obsequiar a todos tomam por injuria a rejeição da offerta. Vem d'aqui haver-se-lhes negado toda idéa de propriedade, e tambem porque o furto, como outros crimes, e como muitas enfermidades, era-lhes desconhecido até de nome, antes da chegada dos Europeos. « Se lhes falta alguma cousa, lê-se na *Historia das Antilhas* (1) os *Caraibas* dizem logo : Algum christão andou aqui! »

Infatigaveis no proseguimento e execução do projecto para o qual os attrahisse ou a vaidade compromettida, ou os proprios habitos, seguiam a pista de animaes ou de inimigos dias e noites com admiravel paciencia, e ainda mais admiravel astucia. A fome, a sède, o cansaço, nenhuma impressão pareciam produzir sobre elles ; e jactanciosos, como eram ciosos de fama, cheios de orgulho, nem a morte os intimidava, nem os tormentos os abatiam. Offereciam o peito descoberto á seta hervada, e quando prisioneiros, semelhantes ao Mexicano deitado na grelha e consumido a fogo lento, com inabalavel constancia leva-

(1) *Histoire naturelle et m. des Antilles* : « Le larcin est tenu pour un grand crime parmi eux. Mais comme les chrétiens haïssent naturellement ce peché, aussi ne se voit il point au milieu d'eux.

vam ao cumulo o assombro dos seus oppressores.

Onde, porém, estavam a sua vida, o seu amor, a sua gloria, era nos combates. — Era esta a maior e a mais energica de suas paixões, porque ia nella a vingança; e entre tribus em estado de hostilidade permanente, qualquer leve occorrencia era pretexto de guerras encarniçadas. Uma offensa de tempos remotos, recebida de seus inimigos, a rivalidade de tribus alliadas, quando nas suas festas blasonavam as suas proezas, como em prejuizo umas das outras, a invasão de territorio, porque elles tinham as raias naturaes demarcadas pelos rios e montanhas; — o pé de um vizinho impresso no solo, de que elles se houvessem apossado, — ou uma fera morta dentro de suas coutadas — era uma injuria; e a injuria feita ou recebida, era sempre a guerra; « porque (diziam elles) visto que os offendemos, e elles jámais se esquecerão disso — melhor é que os ataquemos em quanto podemos leval-os de vencida. » — Eram irreconciliaveis como inimigos, ao passo que facilmente rompiam as suas allianças : estes dois factos explicam o fraccionamento em que achamos as differentes tribus, e demonstram que o seu estado social ia sendo cada vez mais desesperado.

Dada a offensa os velhos no *Carbé* discutiam os motivos da guerra, descorrendo por espaço de seis e mais horas, — já sentados na rede, e cercados de ouvintes, já passeando ou gesticulando ao mesmo tempo. Lery nos dá o extracto de um destes discursos.

E como, (dirão elles sem a minima interrupção nos seus discursos) nossos predecessores, os quaes não só tão valentemente combateram, mas tambem subjugaram, mataram e comeram tantos inimigos, nos deixa-

ram exemplo para que, como effeminados e cobardes, nós fiquemos sempre dentro de nossas casas? Será preciso que para grande vergonha e confusão nossa, em vez de que no passado foi a nossa nação por tal forma temida e respeitada de todas as outras, que não poderam subsistir diante della, os nossos inimigos tenham presentemente a honra de nos vir buscar até dentro de nossas casas? A nossa cobardia dará occasião aos *Margayas e Perosengaipa* (a estas duas nações alliadas) que nada valem, de nos virem desafiar dentro do nosso terreiro? Não (dirá o orador com gestos violentos) não, poderosos e fortes mancebos, não é isso o que nos convém fazer; antes, dispondo-nos para os irmos procurar, convém que nos façamos matar e comer, ou que tenhamos vingança dos nossos. »

Animavam-se, influiam-se os que os escutavam, e estava decidida a guerra; marcavam o prazo, e se tinham de vencer grande distancia até se encontrarem com os inimigos « esperavam a conjuncção da lua cheia para andarem a ultima jornada de noite pelo luar (1).

O mais atrevido de entre elles, ou aquelle que procurava buscar renome, cheio de audacia e orgulho, avançava na direcção da tribu a que pretendiam offerecer combate, lhes declarava guerra com ferros e ameaças, exagerando o seu numero e força, e deprimindo os seus contrarios. Porém as mais das vezes contentavam-se de deixar no caminho ou atiravam dentro da aldeia, que ameaçavam, um arco entesado, e na frecha marcavam com o numero de entalhadores quantos dias pretendiam combater. Este costume se

(1) *Noticia do Brazil*, cap. 162.

conserva hoje em dia em algumas tribus do Mearim e Alto Amazonas. A materia de que era feito o arco, as dimensões, a ponta, o ornato da frecha, valiam como a assignatura de quem mandava o cartel.

Na vespera da partida, á noite, sahia o *principal*, o cabo de guerra, fazendo pregação, repetindo onde iam, e pondo-lhes diante a obrigação que tinham de tomar vingança de seus contrarios, e para pelejarem valorosamente, promettendo-lhes victoria de seus inimigos, e sem nenhum perigo de sua parte, de que ficaria delles memoria para os que atraz delles viessem cantar os seus louvores. » (1)

Deixamos aos curiosos o prazer de lêrem no original francez a animada e pitoresca descripção que faz Lery (2) de um destes combates. Observamos sómente que os *Tupys*, ciosos de sua dignidade, não consentiam mulheres nas suas fileiras, differente nisto dos *tapuyas*, entre os quaes homens e mulheres combatiam promiscuamente.

Todavia ellas acompanhavam os maridos á guerra, mas para conducção de viveres, redes e armas, e para apanharem e ministrarem frechas durante o combate.

Ardentes e impressionaveis, como eram, sabiam occultar o seu sentimento, a ponto de parecerem indifferentes, quando não eram senão concentrados. Se algum mensageiro chegava com alguma noticia, por muito que lhes interessasse, e a desejassem saber, não se alvorotavam ao vêl-o : pelo contrario conservavam-se na mesma postura, com fingida indifferença, até que passado largo espaço, lhe diziam : « Chegas-te? » Sim, respondia o outro, e calando-se novamente só depois

(1) *Noticia do Brazil*, cap. 167.
(2) Lery, 5.ª edição, p. 240.

de longo espaço reatavam a conversação, como se se tratasse de algum negocio que em nada os affectasse. Se a mulher, o filho, o pai estava perigosamente enfermo, conservavam a mesma tranquillidade a que se julgavam obrigados, se para os experimentar, lhe cravassem uma seta no corpo : mas isso era só na apparencia, porque interiormente a natureza sabia reivindicar os seus direitos. Esses homens que, porque eram soffredores, foram chamados brutos e insensiveis, como por Paw e Robertson, davam exemplos dos mais delicados e extremosos sentimentos. Não, não acreditemos que a especie humana possa degenerar a ponto de desconhecer aquelles doces e santos laços, a que o proprio bruto não póde resistir : embora violentados, raras vezes perdem o seu poder; e se alguns monstros apparecem que os desrespeitem, cá na sociedade é onde se encontram os maiores e mais injustificaveis criminosos. Podia a pobre mãe em tempos de penuria e de fome, sacrificar os proprios filhos; neste caso a necessidade a desculpava; mas um principio impio de honra social não ia affogar o embrião do homem no seio materno, não os expunha á caridade infamante de pessoas indifferentes, nem confiavam a mãos estranhas e mercenarias o innocente que lhes devia o ser. As facções politicas não collocavam em campos inimigos aquelles que na infancia penderam do mesmo seio, bebendo o mesmo leite, nem paixões vis do interesse e da cubiça, maquinavam contra a vida prolongada de um amigo ou de um parente. Não, quanto mais nos approximamos da natureza, mais resplandecem aquellas virtudes primitivas, e por assim dizer innatas que o homem ingenuo pratica em singelesa de coração, e de que tanto nos ufanamos no estado social.

Narram-se casos notaveis da exaltação a que póde chegar o Indio que ama. Os historiadores que tratam do Paraguay são accordes em dizer que o amor inspirado por uma hespanhola a um chefe selvagem foi a causa da ruina do forte do Espirito-Santo, construido por Gaboto (1). Outro facto semelhante é referido por Lesson. (2)

Vejamos entre os nossos indios a quanto póde chegar a sua dedicação, pois que nos podem dizer que elles não sentiram em tanto extremo senão aquella paixão, e só por uma estrangeira e na impossibilidade de satisfazerem os seus violentos desejos. Trato de casos que as nossas historias relatam, ou que se conservam na memoria dos nossos contemporaneos.

Quando os Hollandezes invadiram pela primeira vez a Bahia, os Portuguezes depois de fraca resistencia, retiraram-se precipitadamente para o Rio Vermelho, onde se acamparam. Jaguarari, seu alliado, os acompanhara, mas tendo-os deixado acampados e na segurança que os tempos permittiam, voltou á cidade, onde havia deixado a mulher e os filhos para os resgatar, ou servir na companhia de sua familia, que só nelle podiam pôr esperança. A este tempo já alguns Portuguezes, por motivos infinitamente menos nobres, tinham pactuado com os invasores, passando-se para elles. Com a chegada de D. Fradique de Toledo, os Hollandezes retiraram-se ; os Portuguezes traidores ficaram impunes : mas o indio carregado de ferros, é arrastado até o Rio Grande do Norte, e ali encerrado

(1) Lozano, *Historia del Paraguay* T. 1 p. 29 Funes. *Ensayo de la Hist. cilvil del Parag.* T. 1 c. 2 p. 26. Techo. *Hist. Prov. Parag* L. 1.º

(2) Lesson. *Complement des œuvres de Buffon. Races humaines.* T. 2, p. 166.

no forte, talvez na *casa escura*, não lhe valendo para desculpa o amor que devia ter á sua gente.

Quando, porém, mudadas as circumstancias, os Hollandezes entraram no Rio Grande, não obstante os annos decorridos, ainda ali encontraram o indio preso, e cuidaram que o seu justo resentimento lhes assegurava um prestante alliado. Não lhe impõem condições para a soltura, quebram-lhe os ferros e o indio é posto em liberdade. Ao ver a luz, a que já estava desacostumado, emmagrecido e curvado mais pelas correntes do que pelos annos, e em tempo em que as armas portuguezas cediam á fortuna do Conde Mauricio, juntou gente e foi unir-se aos seus antigos alliados, como para mostrar-lhes que a lealdade de um selvagem ainda era maior que a ingratidão dos Europeos.

Será este o segundo exemplo. Vivia no principio deste seculo um homem, chamado Bartholomeu Gomes, cuja familia ainda hoje se conserva no Maranhão. Bartholomeu Gomes, o descobridor dos sertões do Mearim e Guajahú (1), corajoso cabo de guerra que em pequenas igarités, penetrava por todos os igarapés e confluentes d'aquelles dois rios, ás vezes com menos de uma duzia de companheiros. Mostrava-se, porém, tão pouco humano em todas as occasiões de suas entradas, que o seu nome era o terror d'aquellas florestas onde ia a chamada civilisação acompanhada de inauditas barbaridades. Em uma das entradas que fez este homem ao rio Guajahu surprehendeu a um indio, que tirava mel com a mulher e

(1) Diz-se por corrupção *Grajahu*, Guajá é o nome de uma tribu, e de uma planta. *U* é o mesmo que *y'* ou *y'y* rio. *Gujahu* quer dizer — rio dos indios *Guajás* ou da planta do mesmo nome.

um filho de tenra idade. O indio na altura em que estava, percebeu de longe os christãos, dá o grito de alarma e pôde evadir-se ; mas ficando prisioneiros a mulher e o filho, movido pelo amor que lhes tinha, veio resignadamente, não obstante o nome de Bartholomeu Gomes, offerecer-se á mesma sorte, á escravidão ou á morte.

O ultimo e mais notavel exemplo, tambem da mesma provincia e de bem recente data, é um chefe dos *Gamellas*, que se chamou em quanto vivo *Bertrotopama*. A sua aldeia, situada nas circumvizinhanças de Codó, estava em guerra com os fazendeiros da vizinhança, que não podião ter descanço com elle. Um preto escravo desertou para esta aldeia com o consentimento do senhor, e pouco depois os indios descobertos e atraiçoados pelo escravo, tiveram de render-se ; mas a bom partido. Trouxeram-n'os para o Maranhão, onde por ordem do então presidente, o Sr. Moura Magalhães, foram humanamente tratados, mas destribuidos por differentes familias, que os hospedaram por compaixão, ou porque contassem tirar d'ahi algum proveito. A mudança de habitos e de alimentos occasionou-lhes enfermidades, de que vieram a morror a maior parte, mui principalmente aquelles que foram dados como refens em signal de alliança, e tiveram praça na marinha. O chefe selvagem os visitava um por um todos os dias, consolava-os e alimentava-os com a esperança de que algum dia restituídos ás suas florestas poderiam esquecer os seus males e continuar n'aquella vida precaria sim, mas livre e para elles feliz.

Os *Gamellas*, porém, não se podiam conservar tranquillos entre quatro paredes: fugiam por distracção, por genio erradio, e talvez para exercicio. Levaram-

lhe isto a mal e para os intimidar deu-se ordem de prisão contra os que fossem encontrados sós nas ruas. Dois foram presos, e quiz a fatalidade que fossem conduzidos pelas ruas na qual morava o chefe. Ao vel-os passar entre soldados, Bartholemeu desce, ordena que os soltem aos soldados que o não entendem, e como não fosse obedecido, lança-se nos braços de seus companheiros, quer livral-os á força, luta com os soldados, e quando o seu hospede veio em seu auxilio já o amarravam para o terem mais seguro. Conduzido para o seu alojamento, e persuadido de que se lhes tinha faltado á palavra, chorava de desespero, como alienado, sem attender ás lagrimas nem a supplicas da mulher e filhos.

Por fim, aproveitando-se de um ligeiro descuido, lançou-se da altura de um segundo andar á rua : e assim acabou com o sentimento de sua dignidade offendida, o chefe *tapuya*, que se teria chamado Jagoarary ou Camarão, a ter sido favorecido pelas circumstancias.

O indio pois estava bem longe moralmente dos affectos que tornam cara a vida domestica, e predispõem para o estado social. Amava a mulher, — deixava-a inteiramente senhora de si nas suas occupações domesticas, e se o grande peso do incommodo da vida recahia sobre ella, não era comtudo mais digna de lastima do que o são em geral na Europa na classe prolectaria. Amava os filhos, dava-lhes toda a liberdade, não os castigava, não os ameaçava nem os intimidava nunca : pelo contrario, os planos mais bem combinados eram propostos, as mais commodas habitações abandonadas pelos caprichos de um menino (1). Amavam a seus pais, tratavam delles

(1) Laet 40 : « Estimam mais o bem que se faz aos filhos do

com sollicitude e carinho, até que a velhice os tornava além de respeitaveis como pais, venerandos como bemquistos do seu Deos, — como oraculos de sabedoria e prudencia.

que a elles proprios, e eis porque procuram unicamente os padres da companhia, que instruem seus filhos nas artes liberaes e disciplina »

Veja-se *Abbeville*.

F. Cardim, pag. 10. « Os pais não tem cousa que mais amem que os filhos, e quem a seus filhos faz algum bem, tem dos pais quanto quer. Nenhum genero de castigo tem para os filhos, nem ha pai nem mãe que em toda a vida castigue nem toque em filho, tanto os trazem nos olhos : em pequenos são obedientissimos a seus pais e mães, e todos muito amaveis e aprazíveis. »

CAPITULO XX

NASCIMENTO, CASAMENTO, MORTE : CONDIÇÃO DAS MULHERES

Sigamos o Indio desde o berço até a sepultura, que melhor o poderemos moralmente aquilatar em todas as phases da vida.

Durante a gravidez, a mulher, sem interromper de modo algum as suas occupações, continuava nellas até que as dôres da maternidade a surprehendessem, muitas vezes longe do povoado, entre mattas ou á beira de algum regato : ali dava á luz, lavava-se, e lavava o recem-nado n'agua corrente para o fortalecer, costumes dos habitantes do norte que tambem o mergulhavam em agua fria, ou o estendiam sobre a neve. Taes eram os Escocezes, os Irlandezes os antigos Helvecios e Germanos.

« *Durum é stirpe genus, natos ad flumina primum. Deferimus, sævoque gelu duramus et undis.* »

« Descendencia de uma geração robusta, nós em primeiro logar levamos nossos filhos ao rio, e os

fortalecemos com a crueza dos gelos e das ondas (1) ».

O marido pelo contrario que se reputava concorrer por si só para o nascimento com toda a porção de vida necessaria á roproducção, ou pelo habito ou porque prejuizo repercutido n'uma imaginação cheia de vivacidade lh'o persuadisse, sentia-se fraco com as dôres, por que não tinha passado (2) e temendo que as suas imprudencias prejudicassem ao recem-nascido, deitava-se na rede, resguardava-se por espaço até de 15 dias, acalentando, e amimando os filhos, que pintavam de vermelho e preto (3).

Dava-lhe desde logo um pequeno arco e frechas, e quando se reuniam os amigos e parentes a darem-lhe os prolfaças do acontecido, o pai cantava a canção natalicia, ensinando-lhe como aquellas armas se fabricavam, como deveria usar dellas, como combater e vencer o inimigo, e por fim diziam-lhe qual a consideração que mereciam os fortes ; como os homens, as feras, as aves e os mesmos peixes os temiam ; e qual era a fama do guerreiro, que, succumbindo aos golpes do inimigo, ainda assim os espantava com a sua constancia e longanimidade (4).

Por uma antithese philosophica, nas côres de que o pintavam no berço representavam a guerra e o luto ; e se na cova procuravam dar ao cadaver a posição que tinha o feto no utero, contrapondo a sepultura ao berço : — assim tambem ao entrar na vida apontavam para o fim que os esperava, como se o grito balbuciante da criança, e o ultimo suspiro do mori-

(1) Dizem que os irlandezes e siberios ainda hoje o praticam *Virey*.

(2) V. *Tratado da terra do Brazil*, c. 154.

(3) Lery cap. 17.

(4) Lery falla desta canção : 5.ª edição p. 352.

bundo formassem um só hiato, e fosse o primeiro ai da existencia o primeiro passo para a morte.

Começava o menino a vingar e crescer e a crear forças: educado em toda a liberdade, e em clima menos ardente que temperado, desenvolvia-se rapidamente, e exercia-se na carreira, natação (1) e na luta, e sobretudo no manejo do arco seu fiel companheiro, que nem na sepultura os abandonava. Exercitado pelos velhos, pelos guerreiros, por seus pais que sorriam aos seus jogos, applaudindo os mais destros, e mais robustos, faziam rapidos e admiraveis progressos, pungidos pela emulação e desejo de louvor.

De oito annos tinha logar o seu baptismo de sangue, a sua primeira iniciação no soffrimento: furavam-lhe os labios e davam-lhe um nome. Se o menino chorava, se a força da dôr durante esta penivel operação lhe arrancava uma lagrima: « Não prestas para nada (dizia-lhe o pai com desgosto) has de ser fraco toda a tua vida. » Mas o que não consegue a educação fortalecida pelo exemplo? Abbeville diz que esta ceremonia tinha logar aos 4, 5 ou 6 annos (2) que

(1) Os *Aymorés* tinham horror á agua; mas é dos *Tupys* de quem agora nos occupamos.

Ha indio que com uma braga ou grilhões aos pés nada duas ou tres leguas. Fer. Cardim. cit pag. 41.

(2) O mesmo autor diz em outra parte que o filho de um *principal* do Maranhão, de 8 annos, não tinha ainda o labio furado. Refiro-me neste trecho á seguinte passagem : ... « ils font venir le petit enfant après lui avoir faict entendre que c'est pour lui percer la levre, à ce qu'il soit un jour fort, valeureux et grand guerrier, lequel tout encouragé pour telle raison presente librement et hardiment sa levre avec une allegresse et grand contentement : et lors celuy qui est deputé la prend et la perce avec une petite corne ou quelque os bien pointu et y faict un grand trou; que s'il advient que le petit

o menino se apresentava resolutamente sobendo que era para se tornar um valente guerreiro, que nunca lhes acontecia gritar, mas que, pelo contrario, supportava a dòr com grande constancia.

Entrando na puberdade, que, segundo alguns, é na America Meridional aos 12 annos (1) e segundo a observação de outros recahe sempre dos 13 aos 14, começa para o pubere uma época de martyrio; porque antes de ser recebido no numero dos guerreiros é necessario que endureça o corpo com a fadiga, e fortaleçam o espirito com o soffrimento. Repetiam-se entre elles os tratos que davam os *Caraibas* aos seus noveis guerreiros; e se não tão rigorosos, ainda bastante aterradores. Jejuavam largose dias, maceravam-se e espancavam-se mutuamente, não bastando isto, um velho, penetrando na habitação em que dormiam, rasgava-lhes as carnes (2) fazendo-lhes profundas incisões nas pernas com un dente de cotia, de paca ou mesmo de peixe que era como a sua lanceta e escalpello. Se não derramavam uma lagrima, nem soltavam um ai, mas antes, ufanos de sua coragem, provocavam novos soffrimentos, e cançavam a

enfant crie (ce qui n'arrive *guére*), ou qu'il jette quelque larme pour la douleur qu'il ressent, ils disent qu'il ne vaudra rien et qu'il ne sera jamais qu'un couard et homme sans courage. Que si au contraire il est ferme et constant (comme ordinairement ils sont) ils en tirent un bon augure et croient qu'en sa vie il sera grand, brave et vaillant guerrier. *Abbeville*.

(1) Chappe d'Auteroche, *Voyage en Californie*, p. 25 — Azara, *Voyage en Amer. Mérid* — Lepeyrouse, *Voyages*, T. 4. pag. 43.

(2) J'ai vu un chef aller le matin dans toutes les cabanes et faire aux jeunes garçons une entaille à la jambe avec un dent de poisson très tranchant, afin de leur apprendre à souffrir sans se plaindre. H. Staet. c. 19. Variamos um pouco d'este autor nos pormenores.

paciencia de seus ensaiadores ; se por maior ostentação, se esburacavam o rosto, e desenhavam todo corpo com incisões sobre as quaes derramavam tintas de diversas côres — eram reconhecidos guerreiros, e tinham adquirido o direito de combater pela sua tribu.

Todavia para tomar mulher outras provas se requeriam, era necessario que o guerreiro podesse fazer um presente de noivado, que era como o preço da compra que se fazia ao pai, do corpo da mulher, e não obstante isso, os *Tupys*, segundo refere Vincente Leblanc, exigiam do nubente a captura de um prisioneiro, ou um feito d'armas que os recommendasse (1). Alguns preferiam raptar a mulher de uma tribu vizinha, o que preenchia a condição social e os forrava do presente do noivado, e em outras occasiões estabeleciam-se jogos para ver-se a quem caberia a moça que se houvesse tornado nubil (2). Um tôro de barrigudo, com um cabo delgado e de facil prehensão, semelhante aos soquêtes ou massêtes de que ainda entre nós se usa em muitas partes para abater a terra das sepulturas, posto que mais ponderoso que este, ou um grande pedaço de tronco de palmeira era collocado no meio do terreiro. Vinha o guerreiro correndo, tomava o tronco, continuava a carreira, saltava fossos, subia elevações, arrojava-se ás vezes ao rio com elle, e quem chegava primeiro e levava mais

(1) « Os que mais se distinguem na guerra têm em premio a moça que escolhem. » *Diario, de Viagem do O. Sampaio* — Nação *Passé* § 260. Ao captor do prisioneiro « dão a mais formosa e mais honrada moça, que são as virgens que mascam o *aypi*. » *Tratado da Terra do Brazil*. c. 7.° *Noticias*, etc., T. 4, c. 7 pag. 205.

(2) « Ás vezes decide-se em combates parciaes presididos pelo maioral. » Sampaio, ob. cit. § 260.

longe a carga, esse ganhava a palma e a mulher que tinha de ser esposada. Explicou-se este costume, de que trata Barlœus, Marcgraff e outros, e que ainda conservam algumas tribus do Piauhy, pela necessidade que tinha o guerreiro de defender a mulher, e para que em occasião de perigo a podesse salvar fugindo. Era-lhes permittido, depois disso, tomar quantas mulheres podiam alimentar, o que reputavam grande honra; mas tanta era a penuria dos meios de subsistencia, que de ordinario só os chefes tinham mais do que uma.

A mulher tornava-se desde então como escrava do marido; mas se este a sobrecarregava de trabalhos, não as maltratava muito. Se em solteiras se prostituiam facilmente, tornavam-se castas depois de casadas, e os maridos contra o costume dos selvagens eram ciosos, e vingavam o adulterio com máos tratos, e até com a morte. Por este motivo os parentes da mulher não se julgavam offendidos, e Rechefort diz dos *Caraibas*, que o marido offendido e vingado, apresentava-se ao pai da offensora, e lhe dizia : « Matei minha mulher, que me era traidora. « Fizeste bem, lhe tornava o sogro, e se tinha outra filha logo lh'a dava. »

Cahia doente, os seus medicamentos eram a sangria, a dieta absoluta, quando o enfermo por si mesmo não podia procurar a sua subsistencia, os sudoriferos que promoviam, sotopondo pedras quentes ás redes ou giráos em que estendiam os enfermos, e depois borrifavam com agua, de modo que o vapor que se desen-

(1) Abbeville.
(2) Diz Lery : — Vasconcellos accrescenta que tinham pagés de chupar; isto é que não usavam de outro meio no tratamento de qualquer enfermidade.

volvia promovesse a transpiração. Os pagés, que tambem eram medicos e quasi tão sómente isso que Abbeville os não chama senão *barbeiros* (1) se tratava de algum envenenamento acertavam de ordinario com a cura; porque erão muito conhecedores dos seus venenos e felicissimos na applicação dos antidotos: mas no geral, tendo adivinhado a influencia do moral sobre o physico, curavam os enfermos com a promessa de os curar, e tambem chupando a parte enferma (2) com algumas formalidades e ceremonias, a qual mais ridicula, fazendo ver, para mais lhes ferir a imaginação, algum corpo estranho, que pretendiam ter-lhes extrahido. Nos casos mais graves deitavam a culpa a alguma tribu inimiga ou a pessoa a que não fossem affeiçoados.

Os sãos mostravam-se indifferentes, por ser signal de cobardia mostrar-se o guerreiro acabrunhado por qualquer occorrencia; ás vezes comtudo, porém raramente suppunham contagiosa a molestia, abandonavam o enfermo e a taba, e procuravam nova residencia.

Morriam? As mulheres se reuniam em torno do cadaver, lavavam-n'o e adornavam-n'o com as suas melhores pennas, deitavam-n'o na rede com os cocares, arco, frechas e os objectos que mais tinham amado na vida, e durante meio dia (1) o choravam acocoradas em torno delle, e com os cabellos soltos sobre o rosto. Alguns, como o autor das noticias (2), dizem que esta ceremonia se prolongava por muitos dias, porém Lery escreveu que elles não guardavam os seus

(1) Estas ceremonias duram meio dia, porque não guardam mais tempo os seus mortos. Lery, c. 19.

(2) Noticias c. 172 — « o que faziam muitos dias. »

F. Cardim. Lisboa, 1847. p. 40. mortos — « os quaes choram dias e noites inteiras com abundancia de lagrimas. » V. Abbeville.

mortos por mais de meio dia. Seguimos a opinião deste ultimo escriptor, porque o clima, então como agora, não permittiria conservar-se um cadaver incorrupto por largo espaço. Comtudo estas duas opiniões, ainda que oppostas, podem ser em parte verdadeiras; se o enterramento tinha logar no dia do fallecimento, os ritos do funeral se espaçavam, como diremos, não só por dias como por mezes.

Os homens que não terão cessado de pular, dançar e cantar em roda do enfermo, apenas sobrevem a morte, principalmente se era o morto algum bom pai de familia, convertiam a festa em prantos e lamentações. São comtudo as mulheres as que fazem as maiores demonstrações de magoa. « Morreu, dirão ellas, morreu aquelle que era tão valente, e que tantos prisioneiros captivou! » Outra accrescenta : « Que excellente caçador, que forte lidador que era! O valente destruidor das nações inimigas, das quaes nos vingou tantas vezes. » E assim umas após outras iam repetindo tudo quanto elle houvesse dito e feito, e a cada estrophe respondiam todos em còro. « Morreu! morreu aquelle que nos cobre de luto e de dôr, aquelle que choramos agora. » Assim é (respondiam os guerreiros) não o tornaremos a ver senão alem das montanhas, onde elle nos espera, e onde iremos dançar e folgar com elle.

« Na casa e no lanço em que vivía (1), abrem uma cova muito funda e grande, com estacada, para que não caia terra, armam a rede de modo que não toque no chão, mettem-n'o na rede assim enfeitado com seu arco, frechas e espadas, e fogo ao longo da rede para se aquentar, comer em um alguidar, agua em

(1) *Noticia do Brazil*, c. 172.

uma cabaça, e a cangoeira na mão. Correm estacas transversaes de modo que não toquem na rede, ramas sobre as estacas, e terra sobre as ramas. Sobre a sepultura vive a mulher como dantes. »

As mais das vezes não os enterravam com rede, mas faziam grandes talhas de barro cosido (1) em que depositavam o morto; amarrando-lhe os braços e pernas de forma que ficasse em uma posição acocorada, como o feto no ventre materno (2). Era este o costume geralmente observado pelos *Tupys* (3) bem que a talha (a que chamavam *kiçaba* (4) não fosse essencial á ceremonia. O que era tudo era a posição do cadaver, e que a cova não fosse comprida, mas redonda e profunda, de modo que por nenhum lado encostasse a terra ao corpo. Os *Guajajaras* e *Pomecrans* têm as mesmas sepulturas, mas os *Canellas* ou *Timbiras*, como a maior parte dos *Tapuias*, fazem covas sobre o comprido, e arredondadas nas extremidades : enterram o corpo ao comprido tambem, e com as costas voltadas para o nascer do sol (5).

(1) Lery, c. 19 diz que assim se praticava com algum bom velho. Semelhantes talhas foram achadas em algumas partes: « Enterravam os ossos em grandes talhas, que trasladavam para outras mais pequenas com grandes ritos e festas. » *Diario da Viagem*, etc. O. Sampaio § 260.

(2) Lafitau. *Mœurs des sauvages ameriquains* « *Os Caraibas*, os *Iroquezes* e os *Brasileiros* collocavam o cadaver no seio da terra, nossa mãe commum, como estava em embryão no seio materno. » Redditur enim terræ corpus (dizia Cicero) et ita locatum ac situm, quasi operimento matris obducitur.

(3) Este costume e a crença de que o seu paraiso ficava alem de umas altas montanhas, não indicará haver entre os *Brazis* tribus descidas dos Andes?

(4) Na *Vida do Padre João d'Almeida* lê-se *Igaçaba*, que era o nome que davam ao pote.

(5) Newied diz (t. 3, p. 156) que os *Cameans* os punham dentro dellas. De outros lê-se o mesmo em varios autores

Os vinhos e a comida eram postos sobre a sepultura, e sobre ella accendiam fogo, dever sagrado, para o qual vinham todos os dias até de muito longe, em quanto se não tivesse passado tempo bastante para que o cadaver estivesse em completa putrefacção. Este costume de que os *linguas normandos* (*truchments*) tiravam todo o partido, consumindo os alimentos offertados, e illudindo a credulidade do selvagem, não era observado com o fim de sustentar o cadaver. Attenta a virtude que suppunham no fogo, de afastar os espiritos máos, queremos acreditar com Lery e com o proprio Newied (1) que os *Tupys*, offerecendo um pasto facil a *anhangá* tentavam por esta forma impedil-o de devorar o cadaver. O fogo e os alimentos deviam pois ser collocados fóra, e não dentro da sepultura (2).

A duração do luto e o modo de o manifestar, differia entre as diversas nações americanas. Os *Peruanos* e *Yaracarès* fugiam do logar da morte, o que talvez acontecesse entre os *Tupys*, de certo algumas vezes com os *Tapuyas*. Os *Araucanos*, *Patagões* e *Pueiches* o demonstravam usando de ornatos lugubres, e pintando o corpo com tintas negras : os *Charrúas*, obrigando os parentes do morto aos mais severos jejuns: estes cobriam-se de feridas em signal de magoa, e as mulheres, por morte de cada proximo parente, cortavam uma articulação do dedo.

Entre os *Tupys*, depois de o terem chorado, ho-

Cronica de Ciéca de Leon c. 28. Sagard. *Voyage au pays des Hurons*, p. 288 Cruxii, *Historia Canadiensis*, p. 91. Rochefort. *Histoire des Antilles*, p. 68. Biet, *France Equinoxiale*, p. 391.

(1) P. 297.

(2) Põe-se-lhe de comer *em cima* da cova. *Tratado 2.° da terra do Brazil*, c. 7. *Noticias para a H. e G.*, etc.

mens e mulheres, cantando as suas façanhas por algum tempo, ou, como quer o autor das *Noticias*, por alguns dias, as mulheres cortavam por dó o cabello, e os homens pelo mesmo motivo o deixavam crescer todo (1), tingiam-se de genipapo, e faziam consistir toda a sua piedade em os não deixar carecernem de fogo nem de alimentos (2).

Faziam festas para tirar o luto, o que talvez indicasse a persuação de se achar a alma do fallecido, além das altas montanhas, que suppômos ser os *Andes*, e onde elles collocavam o seu paraiso (3).

Crendo na immortalidade da alma, julgavam que ellas tomavam a fórma, e o caracter dos espiritos máos para vir castigar aquelles que houvessem maltratado o seu corpo. Consideravam pois, deshonroso, e talvez mesmo julgassem funesto deixar o cadaver de um dos seus sem as honras da sepultura (4): para

(1) As mulheres usam do cabello comprido, excepto por luto, ou quando os maridos estão em viagem: os homens pelo contrario só o deixam crescer por colera, Laet antes do n. [illegible].

(2) *Noticia do Brazil*, c. 176.

(3) Vid. Lery p. 302. *Abbeville*, p. 323.

(4) Não me parece ter fundamento o que se lê na *Vida do Padre João d'Almeida*, que elles devoravam os cadaveres dos seus.

« Outros melhoram a sepultura, porque os mettem em suas mesmas entranhas, com as ceremonias seguintes. Tiram o corpo do defunto a um campo, acompanhado de todos os parentes e ali lhes tiram as entranhas os feiticeiros e agoureiros mais prezados, e logo o vão repartindo em partes, a cada qual aquella que lhe cabe, conforme são mais ou menos chegados no parentesco. Estas partes torram no fogo certas velhas a quem pertence por officio: torradas ellas cada um come aquella que lhe cabe com grande sentimento; e tem para si que é o signal de maior amor que podem ostentar n'esta vida aos que se ausentaram para outra, dar-lhe sepultura em seus ventres e encorporal-os em suas mesmas entranhas. Porém com esta differença que os corpos dos que são principaes só os comem outros principaes como elles; e repartem os ossos pelos demais

que tal não acontecesse preferiam enfraquecer as suas fileiras mesmo durante a refrega, estabelecendo como dever do combatente levar para longe do campo os que cahiam mortos a seu lado (1). Qualquer fim, porém, que tivesse o guerreiro, não se podia offender mais profundamente os seus amigos e parentes, do que repetindo-se-lhes o nome do morto. Só por grande necessidade o lembravam, mas usando de algumas frases correspondentes ás que para o mesmo effeito empregavam os latinos — *fuit*, *vixit*, diziam por um circumloquio : o grande guerreiro que perdemos ! o capitão que choramos (2).

Assim pois, tudo nos *Tupys* respirava guerra, o nascimento, a educação, o casamento e a morte, os seus habitos, as suas idéas, e a sua religião. Se a mãe chorava com as dôres da maternidade, aquellas lagrimas podiam cahir sobre o coração do menino, e tornal-o covarde : convinha por tanto matal-o (3). Apenas nascidos eram pintados com as cores da guerra, o urucú e o genipapo, como se e negro e o vermelho

parentes, os quaes os guardam para o tempo de suas grandes festas, como de bodas e outras semelhantes, onde partidos por miudo ao modo de confeitos, os vão comendo pouco e pouco; e em quanto todos aquelles ossos d'esta maneira não são consumidos, andam de luto que é entre elles cortar o cabello, como entre nós deixal-os crescer. » C. 5. n. 10.

O autor copiou, paraphraseou e accrescentou as palavras da *Viagem de Baro*, quando diz que os *Tapuyas* durante o luto comiam os ossos dos seus mortos pulverisados com farinha e mel.

Os *Tupys* em suas festas comiam os ossos dos prisioneiros, que guardavam para esse fim, assim como reservavam os ossos maiores para flautas.

(1) Era tambem esse o costume dos *Caraibas*. *H. n. et m. des Antilles*, p 455.

(2) Lafitau. *Mœurs des Sauvs*. T. 2 p. 420.

(3) Laet. *Ind. Occ*. L. 17 c. 15.

d'aquellas tintas symbolisassem o sangue e o luto, a seu lado depositavam um arco e frechas, que os acompanharião meninos, jovens, adultos, guerreiros e depois de velhos, e depois de mortos. Apenas sahidos da infancia um baptismo de sangue os esperava, furavam-lhes os labios e os lobulos das orelhas, e davam-lhes um nome que com aquella provança mereciam (1). Cresciam no meio de exercicios phisycos que lhes desenvolviam todas as forças do corpo : tornavam-se homens no meio de fadigas, e só eram recebidos guerreiros á força de martyrios : para o casamento era preciso conquistar uma mulher, fazer um prisioneiro, ou levar a palma aos outros em força e agilidade : na morte só os grandes irião para além das altas montanhas, onde os seus maiores amigos e parentes os esperavam na deliciosa beatitude do ocio entremeado dos prazeres da caça e da pesca. Um cantico de guerra os acompanhava do berço á sepultura, e fabricavam as suas armas ao som de cantigas que narravam os aggravos recebidos pelos seus em tempos anteriores, e como todos aquelles que prezam em primeiro logar as forças physicas e a coragem. Sendo altamente sensiveis á injuria, era o seu maior deleite a vingança. Não admira que fossem guerreiros; o que admira, é, como já observamos, que tendo a sua educação a guerra por objecto, a sua sociedade não tivesse a conquista por missão.

Resta-me agora tratar da que em todas as partes constitue a melhor porção do genero humano, a que Deos creou em ultimo logar, para que fossem as mais perfeitas de suas creaturas. Fallo da mulher. Se na-

(1) *Relation du voyage de Roulox Baro*. Trad. de Morau, p. 233. C'est une forme de baptesme parmi eux, donnant en cette rencontre le nom à l'enfant.

ções cuja origem como que se perde na noite dos tempos (e sirvam os chins de exemplo) a tem quasi em eterno captiveiro : se entre póvos que consideramos no apogeu da civilisação, as vêmos sujeitas ao dominio de um senhor violento e cruel; se homens illustrados e doutos theologos (1) chegaram a duvidar da sua natureza, não é muito que pobres selvagens, na sua rudeza primitiva, desconhecessem tambem a sua origem divina, ou não tivessem a arte de encobrir com flôres as correntes tão pesadas que lhes roxeam os pulsos (2).

Nasciam : e como o seu nascimento podia affectar a saude do pai, de quem, como se suppunha, exclu-

(1) Segundo Gregorio de Tours, foi discutida em um concilio de Macon a dissertação de Acidaleus — « Mulieres homines non esse. Virey *H. n. da g. h.* Lyserus. *Poligamie triumfatrix*, p. 123 » Cum inter tosanctos patres episcopos (*concilii matircomensis*) consilio quidam stat tueret non posse nec deberi mulieres vocari homines : timore dei publice ibi ventilaretur; et tandem post multas vexatœ hujus questionis disceptacionis, concluderetur mulieres sint homines.

(2) Laet *Ind. Occ.* (40) : « Estes selvagens amam assás as mulheres... não as batem nem fazem mal tão pouco. » Vid Walknäer. *Essais sur l'histoire de l'espéce humaine*, 1798 p. 79, caracterisando a condição da mulher do caçador selvagem.

Virey T 3 p 357. (Paris 1824). Dans l'etat d'extrême barbarie, le sexe feminin n'est pas toujours opprimé autant qu'on le pourrait croire, parce qu'il devient necessaire comme le centre de la famille et l'espoir de la nation... plus la barbarie est extrême, plus la femme semble obtenir d'ascendant »

D'Orbigny, cit. t. 1.º p. 176 : « A condição da mulher quanto a trabalho é penivel o mais que é possivel; mas não soffre nunca censura pela maneira porque governa a sua casa : o americano o mais barbaro não a bate ; trata-a sempre com a maior doçura. Assim que, apezar dos seus trabalhos, as mulheres d'estes homens chamados selvagens, são menos desgraçadas do que muitas d'aquellas das nossas classes industriaes da Europa, tão maltratadas muitas vezes por seus maridos. »

sivamente recebia a vida, este se deitava e resguardava da mesma fórma que se lhe tivesse nascido um filho: cantava tambem, porque toda a sua vida era poesia, dizia-lhe como se batia o *tocúm*, para se lhe extrahirem as fibras, como delle se faziam cordas e tecidos, como se preparava e fiava o algodão, como se teciam as redes, como se pintavam os guerreiros, e que, emfim, a mulher era semelhante áquellas trepadeiras, que nasceram e se emmaranharam por um tronco robusto, destinadas a ornal-os de flôres, e ás vezes tambem a amparal-os.

Crescia, e em vez da ampla liberdade de que seus irmãos gozavam, adjudavam a mãe na penosa tarefa do arranjo domestico, carregavam agua da fonte, apanhavam lenha, e vigiavam a comida. O trabalho as recebia ao sahir do berço para só as abandonar na beira do sepulchro.

Tornavam-se moças, e precisavam de uma especie de purificação (1): os jejuns succediam ás ablucções, pintavam uma parte do rosto ou dos braços, e soffriam profundas incisões no peito e pernas para testemunhar a passagem da infancia esteril á idade da fecundidade.

Atavam um fio de algodão pintado em cada braço, em signal de virgindade (2). Rompiam, porém, o fio quando a perdiam, e nem isso lhes prejudicava a reputação, nem lhes era levado a mal.

(1) D'Orbigny, *L'Homme américain*. Thevet trata tambem das terriveis purificações impostas ás adultas, quando se tornam mulheres.

(2) As donzellas trazem á cinta um fio de algodão, e em cada buxo dos braços; em casando, rompe-os para mostrar que já é dona, e ainda mesmo solteiras o fazem apenas desfloradas, e ninguem lhes quer mal por isso. *Tratado da terra do Brazil*, cap. 152 ou 162.

O seu pudor revelava-se na honestidade dos gestos e maneiras, e no mais consistia em não mostrarem nunca signaes de menstruo que ou não tinham pelo frequente uso de banhos, — pelos jejuns e inversões que soffríam em entrando na idade da puberdade, — ou porque, segundo alguns autores, reputadas immundas nessa quadra, fugiam dos olhos de todos, o que me não parece muito exacto (1).

Casavam-se, e tornavam se escravas dos maridos, a quem seguiam por toda a parte; todos os trabalhos domesticos recahiam sobre ellas, na guerra os acompanhavam carregando armas e mantimentos, — e nas mudanças de residencia todos os seus haveres, e os filhos que não podessem supportar a marcha.

Punham-se a caminho: ia o marido adiante só com a frecha e o arco na mão para as defender de inimigo ou de feras no caso de ataque, e ellas atraz com o *potigua* (caixa), *igaçaba* (pote), cabaça, cuia, rede e filhos e com tudo mais que era preciso para a jornada ou para a nova habitação que escolhiam. Quando faziam alto, o marido deitava-se negligentemente, em quanto a mulher accendia fogo, preparava a caça, ajuntava a lenha, carregava agua, até que lhe fosse tambem permittido entregar-se ao descanço.

Eram mães; amavam extremosamente os filhos, ainda que se não excedessem em demonstrações de ternura (2) creavam-n'os com a mais desvelada solici-

(1) V. Virey, Ob. cit. T. 1., p. 135 nota Lafitau é do mesmo pensar. *Mœurs des Sauvages*, t 1, p. 262.

(2) Lafitau, ob. c. p 585 « Elles aiment leurs enfants avec une extrême passion.... leur tendresse n'est pas moins reelle, moins solide et moins constante.

Virey nota que, onde ha polygamia as mães amam com excesso.

tude, e amamentavam-n'os por largo periodo (1). Não os assassinavam nunca por defeitos physicos ainda que fossem extremamente raros os defeitos entre elles, facto que Robertson e outros, sem fundamento explicam pelo infanticidio (2). A causa disso seria outra — seria a actividade e exercicio da mulher durante a gestação, a liberdade physica em que viviam, não usando atilhos que podessem embaraçar o perfeito desenvolvimento do feto, nem torturando e contrafazendo a criança com fachas e cintas.

Comtudo, se era sina sua servir sempre, podiam ao menos mudar de senhor quando o que tinham lhes não agradava, ou as maltratava de mais. « Não te quero mais por marido, dizia ella, vou procurar outro. *Ecoaen*, lhe respondia o marido. Vai-te para onde quizeres. » Desde esse momento a mulher era livre, e podia escolher a quem lhe aprouvesse servir (3).

Eram viuvas, e lagrimas de piedade regavam a sepultura de seus tyrannos, os accentos de sua dòr os seguiam na ultima jornada ; e apezar de todos os incommodos satisfaziam os deveres que a sua religião, lhes impunha para com os mortos.

Um prestigio de tal ou qual consideração as rodeava no seu estado de virgindade, porque só as virgens era permittido mastigar mandioca para o fabrico de *cauim* (4) : na velhice achavom força na

(1) Tres e quatro annos, dizem alguns.

(2) Gumilla. *Orinoco illustrado*, T. 2. -- Vide Piso, 1, 1, p. 6; e o Padre Techo. Parece, porém, que dos gemeos abandonavam um *Lett. edif.* 510 p. 200. Os do Perù o faziam por o considerarem de mão agouro. Ariaga. *Extirp. de la idolatria del Perú*, p. 32, 33.

(3) Abbeville, cit, p. 279.

(4) Dobrizhoffer, tratando do *chicha*, que é uma especie de

energia da sua dedicação, para sacrificarem-se por um estado social, que mal as protegia, e offerecendo-se a uma morte tão voluntaria como certa, elaboravam o veneno com que se hervassem as setas. Algumas vezes tambem divagavam pelos campos floridos da illusão, e os seus labios, mudos para os queixumes, se abriam para soltar cantos modulados pela ternura e enthusiasmo (1); e em nome da imaginação, da intelligencia, da poesia, protestavam contra a abjecção, em que lhes era força viver, e contra a qual depunha a natureza, bafejando-as com uma faisca do fogo creador.

cauim parece indicar que só as velhas o fabricavam. T. 1, p. 465, cit. por Southey, t. 1, p. 234, » fœminas juniores, quod impuris humoribus scatere videantur, honorifico *mais* grana dentibus terendi munere barbarica cludunt.

« As raparigas moças, mascam o aypi » H. Stadt, c. 12.

No *Trat. 2.° da terra do B.* c. 7 cit. lê-se que davam ao captor do prisioneiro « a mais formosa e mais honrada moça, que são as virgens que mascam o *aypi* ».

Lery, cit. p. 110 « os homens julgam que isso lhes faria mal, e o reputam indigno do seu sexo. »

(1) O autor *N. do B.* c. 162 — depois de ter dito que os musicos faziam *motes de improviso* accrescenta, tratando das mulheres : « Entre as quaes ha tambem grandes musicas, e por isso muito estimadas. »

F. Cardim. *Narrativa epistolar de uma viagem e missão.* Lisboa, 1847, diz de uma tribu *tupy.* « Estas trovas fazem de repente, e as mulheres são *insignes trovadoras.* » Pag. 35.

CAPITULO XI

CARACTERES INTELLECTUAES

Mais do proprio interesse do que da fraqueza de entendimento nascem os nossos erros, o vulgo os acceita como verdades, a sociedade como taes os admitte, e consolida-se um prejuizo, que só o tempo e a civilisação poderá destruir, talvez com o auxilio de nossos erros, e com a opposição de interesses encontrados.

Veio a fé trahida á America nas azas da cubiça, e como a religião era não pequeno obstaculo á escravidão de entes humanos, o egoismo contra a humanidade, tratou de propalar o principio de que não eram verdadeiros homens os que povoavam a America antes da sua descoberta, em quanto por outro lado a politica sustentava, que estas, então novas colonias, não poderião progredir nem mesmo sustentar-se sem escravos.

Perpetraram-se horrores de fazer tremer a humanidade, e para justificar quanto era possivel o comportamento barbaro dos aventureiros intrepidos, principalmente hespanhóes, que conquistaram as terras do novo mundo, foi preciso qualificar os indigenas como entes destituidos de toda a racionalidade. Antonio Ulloa ou com aquelle fim, ou porque não quiz ou não

pôde descer até aos indigenas americanos, afim de os comprehender, o disse em primeiro logar (1). Outros o repetiram depois delle e sob a sua fé (2), sem consultar as fontes primitivas mais dignas de credito, por serem mais desprevenidas. Paw, detractor gratuito dos primitivos americanos, Paw (diz d'Orbigny) (3) levou neste ponto, tão longe quanto poude, a má fé e a exageração, porque estendeu o seu systema dos homens ás plantas e emfim ao solo americano. Considera os indigenas como sendo todos um, e tomando sempre nos autores e de cada tribu as particularidades que melhor faziam ao seu proposito, acaba por dar como retrato dos americanos a mais monstruosa reunião dos vicios e defeitos da barbaria. Robertson bebeu ali as suas idéas, que, partindo de tal fonte, não admira que sejam tão afastadas da verdade, — de modo que com exageração, e mais erudição só chegou a identicos resultados. « Assim (conclue D'Orbigny) estes dois autores, que não conheceram os Americanos por observação propria, ou que não tomaram das obras por elles consultadas, senão o que combinava com as suas idéas e preconceitos, despojaram pouco e pouco os habitantes do novo mundo, de todos os dotes da natureza, até fazerem delles creaturas fracas, degeneradas no physico como no moral, e dota-

(1) *Noticias Americanas*, Madrid, 1772, p. 321, os compara aos brutos, p. 322 : diz que não pensam. «En la raza de los indios es necessario destinguir los atos y operaciones del intendimento de los que son de pura manipulacion de industria... En los primeiros, son totalmente negados y sin discerni miento ni comprehension. »

(2) Bourgner. *Voyage au Pérou*, 1719, p. 102.

La Condamine. *Relation abrégée d'un voyage*. V. Garcilasso de la Vega. — Padre Costa, etc.

(3) D'Orbigny, *L'Homme Américain*. T. 3, p. 105. Paw, *Recherches sur les Américains*.

das quando muito, dos instinctos dos animaes do antigo continente.

Os hespanhóes os consideravam como animaes de classe inferior á especie humana (1), e Paw na mesma obra citada (2) diz haver-se sustentado nas Universidades da Europa, que os habitantes da America não eram verdadeiros homens, mas verdadeiros ourang-outangos. E não só os seculares, como os religiosos, homens tão respeitaveis pela sua erudição no tempo, como pelo elevado da posição social, em que se achavam ou por um logar eminente na hierarchia ecclesiastica, empregavam todos os recursos da eloquencia, todas as armas da dialetica para defender uma these, que assegurava o interesse de tantos, capiado com o pretexto da publica conveniencia e do bem das almas. Dóe-nos hoje ver que de erudição se consumia, que de textos das sagradas escripturas, dos doutores da Igreja, e dos autores profanos eram tratados a cada palavra, para justificar a barbaridade, de que eram victimas os miseraveis indios.

Principiavam os autores hespanhóes (3) a defender a conquista, dizendo que estas terras, ainda que occupadas, podiam ser accrescentadas ás da Hespanha, porque eram os seus possuidores, tão barbaros, incultos e agrestes, que apenas mereciam o nome de homens; e necessitavam de quem, tomando a seu cargo o governo, amparo e ensino delles, os reduzisse á vida humana, social e politica, para que com isto se

(1) Herrera, Dec. 2 liv. 2, cap. 5, Torquemada, *Monarchia Indiana*. T. 2. p. 571.

(2) T. 2. secc. 2. p. 38 — Londres, 1771. — Vid. Virey, *H. N. d'H.* T. 3, p. 450.

(3) Sepulveda, na *Apologia contra o bispo de Chiapa*. — Solorzano, *De jure indiarum*, L. 1, c. 7,

tornassem capazes de receber a religião de Christo.

E passando da terra aos possuidores, achavam tambem que não convinha deixal-os em a sua liberdade, por carecerem de razão e discurso bastante para bem usar della; e cita a este proposito — Acosta — De procuranda indorum salute. L. 1. c. 2° — Ped. Martyr. Dec. 1ª — Oviedo L. 1 c. 6. — Reconheciam que se lhes fazia injuria mas contra a regra de direito (1) diziam que era injuria pela qual se ficava em divida, quando os sabios e os prudentes se encarregavam de mandar, governar e corrigir os ignorantes, como explicando o logar dos proverbios I. v. 10 e 26 o ensinam os sagrados doutores Agostinho, Ambrosio &. (Seguem-se as citações.) Porque escrevia Solozano, los que llegan a ser tan brutos y barbaros son temidos por bestias mas que por hombres, y entre ellas se contan em las sagradas Escripturas, y outros autores, y en outras partes son comparados a los tenos e a las piedras. » E assim (accrescenta elle) segundo a opinião de Aristoteles (2), recebida por muitos, são servos e escravos por natureza, e podem ser forçados a obedecer aos mais prudentes, e é justa a guerra que sobre isto se lhes faz. Mais ainda : Celio Calcagnino, commentando o mesmo Aristoteles accrescenta, que se podem caçar como feras, se os que *nasceram para obedecer* se recusam, e perseveram contumazes em não quererem admittir costumes humanos. »

« Y no parece que va lexos de esto S. Agostino (De civil. dei. c. 21) quando enseno que és licita la guerra que se encamina a bien y provecho de los mismos

(1) Invito non datur beneficium.

(2) *Politica*, c. 1 et seqq. D. Fr. Thomaz Ortis parece ter sido o primeiro a argumentar com esta citação.

contra quien se hoje, y se les guita la libertad en que peligrariam no siendo domados (1).

Fundado em Aristoteles, que ainda interpretado, commentado e falseado era n'aquelles tempos autoridade irrecusavel. D. Fr. Thomaz Ortis nas suas repetidas e porfiadas disputas com o bispo de Chiapa, em presença de Carlos V (2) se atreveu a dizer e affirmar que eram servos de natureza, contando delles tantos vicios e torpezas, que parece persuadia-se lhes faziam beneficio em querel-os domar, tomar e ter por escravos.

Para convencer os que os tinham por tão barbaros e brutos que até os reputavam indignos do nome de homens racionaes, e nisto fundavam a sua escravidão, o bispo de Tlascala na *Nova Hespanha*, D. Fr. João Garcez, da Ordem dos pregadores (3), escreveu em 1636 uma longa carta, douta e não mal limada a Paulo III, na qual com razões concludentes, e exemplos frisantes mostrou quanto se illudiam os que semeavam tão má doutrina.

Com esta informação expediu o mesmo Pontifice a bulla particular de 1537 (4 n. Junio) (4), *Varitas ipsa quæ nec falli nec fallere potest*, declarando que era malicioso e precedido de cubiça infernal e diabolica o pretexto que se tinha querido tomar para molestar e despojar os indios, e fazel-os escravos, dizendo-se que eram como animaes brutos e incapazes de serem reduzidos ao gremio e fé da Igreja catholica; e que elle por autoridade apostolica, depois de bem informado,

(1) Solorz., cit. L. 1, cap. 7.
(2) Herrera Dec. 2, L. 4, c. 39.
(3) Solorz. L. 2, c. 1.
(4) F. Denis, *Relation d'une fête brésilienne*, etc., diz ser esta bulla de 9 de Junho de 1536.

dizia e declarava o contrario; e mandava que assim os já descobertos, como os que para o diante se descobrissem, fossem tidos por verdadeiros homens, capazes da fé e religião christã, e que por bons e brandos meios fossem trazidos a ella, sem que se lhes fizessem molestia, aggravos, nem vexames, nem fossem postos em servidão, nem privados do livre e licito uso de seus bens e fazenda sob pena de excommunhão *latœ sententiæ ipso facto incurrenda*, e reservada absolvição della á santa séde aos que o contrario fizessem.

Foi movido pelos mesmos sentimentos de caridade e amor do proximo, mas como fazendo excepção d'aquelles para os quaes não tivesse ainda resplandecido a luz da fé, que o Pontifice Clemente VIII dizia « querer e mandar que os fieis de Christo destas partes fossem, quaes tenros pimpolhos, regados com o suave rocio da mansidão. *Ac Christi fideles illarum partium, tanquam teneros novœ plantationis palmites, suavi mansuetudinis imbre irrigare volentes...*

Hespanha que tinha sido a primeira a dar o exemplo da injustiça (1), foi tambem a primeira a adoptar mais philantropicos sentimentos. Uma lei de 1542 diz em um dos seus §§.

— Item — Ordenamos y mandamos que de aqui adelante por ninguna cauza de guerra, ni otra alguna aunque sea so titulo de rebelion, ni por resgate, ni de otra manera, no se pueda hazer esclavo indio alguno. — Y mandamos que sean tratados como vassallos nuestros de la Corona de Castilla, pues loson. »

(1) A escravatura foi legalmente autorisada, primeiro pela Hespanha no tempo do cardeal Ximenes, e Carlos V, no pontificado de Leão X; depois por Isabel de Inglaterra e Luiz XIII de França. Virey, Ob. cit. T. 2, p. 98.

Outras leis hespanholas de 1550 e 1570 prohibiram nas Indias de Castella — « tener por esclavo los indios, *que los portuguezes traiam a vender em ellas*, cogidos sacados para este effecto del Brasil. » (1)

Não obstante estas leis e muitas outras (2) advertencias das audiencias do Mexico e de Lima, os Chilenos por serem os mais guerreiros foram excluidos desta regra. Uma lei de Felippe 3º, dada em Ventosella a 13 de Abril de 1608, determinou que se lhes fizesse guerra aberta e se tomassem por escravos todos os maiores de dez annos. Esta medida suspendeu-se pelas razões do jesuita Luiz de Valdivia, que aconselhou como preferiveis os meios brandos e a guerra defensiva. Porém, diz Solorzano, havendo estes morto alguns religiosos e feito muitos damnos, deu-se a lei de 13 de Abril de 1625 de Felippe 4º, precedendo muitas e graves juntas e consultas, que se lhes fizesse de novo guerra crua por todos os modos, e se tomassem por escravos os que nella fossem presos, cedendo-se as prezas aos soldados, que as poderião ferrar e vender dentro do reino e fóra delle.

Hoje não é possivel discutir-se seriamente a questão se os indigenas da America são racionaes ou se a natureza creou homens fatalmente sujeitos á escravidão : comtudo convirá saber-se quaes foram as deducções que se tiraram de tal principio.

Solorzano argumenta : « Se se podia fazer-lhes guerra e matal-os, tambem podiam ser escravisados ; e sendo escravos legitimos o mesmo direito introdu-

(1) Vê-se, pois, que o trafico de escravos começou a ser exercido pelos Portuguezes.

(2) Apezar da bulla que citamos, de Paulo III, pôz-se ainda em duvida no Concilio de Lima, se os indios tinham sufficiente intelligencia para participar dos sacramentos da igreja.

ziu o costume de os poder ferrar no corpo e na cara, á vontade de seus donos, ou para os castigar de seus excessos, ou para os ter mais seguros de não fugirem. E para legitimar este costume cita o mesmo autor a opinião do douto padre Luiz Rabello da Companhia que diz : « Imo etiam caracteres servitutis in faciem ejus inurere dominus poterit eis qui reri servi sunt. » (1)

Por outra parte os livres eram preguiçosos : convinha portanto que fossem obrigados ao trabalho, sendo vagabundos, era preciso que se não podessem retirar dos logares em que os quizessem estabelecer.

Como tambem eram pessoas miseraveis, porque segundo a definição do illustre Menochio — miseraveis se chamam e reputam aquellas pessoas, de quem naturalmente nos compadecemos por seu estado, qualidade e trabalhos, circumscreveram o seu direito de propriedade, como já o tinham feito com a liberdade, mesmo para os que eram tidos, bem que não tratados como livres.

Sendo declarados todos pessoas de pouca firmeza e estabilidade, não se lhes tome juramento, e se se lhes tomar seja em casos graves, advertindo-os primeiro, como mandava o 3° concilio de Lima, que não perjurem, e se perjurarem sejam castigados com açoites ou tratos (2). E assim como que se justifica a ordenança do vice-rei do Perú D. Francisco de Toledo, observada em outras partes, que nunca se ouça menos de seis indios, e a estes ainda contestes, não se deva dar mais credito, que se se houvera examinado a um só idoneo. O resultado quasi infallivel era que nem mesmo o direito de queixa tinham os indios contra os

(1) De obligat. justitiæ. L. 1, quest. 2.ª in princip.

(2) O'trasquilandolos, que és el castigo que entre ellos se tiene por más infame.

hespanhóes, nem podiam obter reparação de qualquer aggravo que estes lhe fizessem.

Appareceram as *Encommendas*, especie de tutella civil e politica, pois que se tratava de preguiçosos, vagabundos e miseraveis, na frase do direito, como são os menores, os idiotas, os mentecaptos, que nem sabiam dispôr de seus bens, nem usar da liberdade. Ou antes foi devida esta instituição aos primeiros conquistadores, que representaram precisar desta gente, tomando pretexto de que as terras não se podiam povoar nem conservar de outra sorte. Deu-lhes exemplo D. Christovão, e depois Nicoláo Orando, — exemplo que foi seguido por Cortez, conquistada a Nova Hespanha, e pelo adelantado — Francisco Montijo no Yucatan.

Foram abolidas as *Encommendas* em 1518, e depois em 1523 — graças aos esforços de las Casas (1) o qual sustentava, que, não podiam ser *encommendados*, nem delles fazerem-se repartimentos. Os colonos comtudo não se deram por vencidos: tanto maquinaram que se sobresteve na execução d'aquellas ordens, até que por fim achou-se melhor marcar-se um *tributo de certo numero de indios*, que eram dados aos benemeritos, que desfructavam as encommendas, e as transmittiam por herança a seus filhos, como premio do trabalho de os tratar e doutrinar. Deste modo acontecia que do proprio principio de protecção á liberdade se originava a escravidão.

Reataremos este assumpto, quando nos for preciso tratar das leis portuguezas, relativas á liberdade ou escravidão dos indigenas.

Agora nos occupamos de aquilatar a capacidade

(1) Solorz. cit. L. 3, c. 1.°

intellectual dos indigenas, e ainda que como Warden, não tenhamos materia para dilatar um longo capitulo do que chama aquelle autor — artes de recreio entre os selvagens : ainda que tambem o que eram os selvagens quando foram descobertos, não seja medida certa para conjecturarmos o que elles poderião ser collocados em melhores circumstancias, este estudo não é todavia nem fóra de proposito, nem destituido de interesse para os que se applicam a reconstruir de alguma forma o viver natural dos indigenas americanos antes que afastados pelos Europeos dos seus habitos fossem lançados em um estado verdadeiramente excepcional na historia de uma época que nos apraz chamar de illustração e de progresso.

Os indios mostravam grande discernimento na escolha dos logares em que assentavam as suas habitações; e os jesuitas, que souberam neste ponto ganhar a fama de entendidos, não fizeram ás mais das vezes senão acompanhal-os na escolha já feita por elles. As nossas principaes cidades estão assentadas sobre antigas aldeias ou taperas, motivo porque tiveram ou tem denominações tiradas da lingua geral : sómente as necessidades do commercio que os indios não conheciam, obrigaram depois os primeiros povoadores a removerem-se para algum logar proximo, o que era outras vezes resultado de guerras entre os indigenas e colonos. Assim foi que Alcantara *Tapuy-tapera*, ou aldeia abondonada dos *Tapuyas*, teve de ceder a primasia a Maranhão, Olinda a antiga *Mari*, a Pernambuco, e *Nitheroy* ao Rio de Janeiro.

Nas suas povoações não tinham templos, nem edificios: não usavam de instrumentos com que podessem lavrar a pedra; mas se a sua architectura estava em embrião, em quanto os *tapuyas* se aninhavam perto

de um tronco de arvore cahida, ou cobriam de folhas um tugurio miseravel que mal os resguardava das injurias do tempo (*Baro*): aquelles sabiam construir aldeias vastas, e fortifical-as de modo que resistissem á surpreza dos contrarios, ou a um ataque demorado (1). Deixavam apenas um caminho por onde se podia chegar á entrada da taba: mas esse mesmo estava minado de covas e tójos, estrepes e espinhos, que desanimavam os mais atrevidos, ou os punham fóra de acção antes de entrarem em combate. Corriam depois uma paliçada com estacas de páo a pique, e ainda outra mais junta e cerrada com seteiras e entradas falsas nas quaes penduravam de costume os seus barbaros tropheos e no centro collocavam a taba (2): eram casas capazes de muitas familias, dispostas em dois ou mais parallelogrammos, deixando-se no centro um terreiro para as festas e sacrificios. Viviam á beira do

(1) « Algumas aldeias, fronteiras aos inimigos, são fortificadas: plantam estacas de palmeiras de 5 a 6 pés de alto, e nos caminhos abrem covas com estrepes e espinhos, Lery, p. 195. »

(2) Moravam os indios, antes da sua conversão, em aldeias, em umas *ocas* ou casas muito compridas de 200, 300 ou 400 palmos, e 50 em largo pouco mais ou menos, fundadas sobre grandes esteios de madeiras, com as paredes de palha ou de taipa de mão cobertas de pindoba... e duram 3 ou 4 annos; cada casa d'estas tem dois ou tres buracos sem portas nem fecho. Dentro n'ellas vivem logo 100 ou 200 pessoas, cada qual em seu rancho sem repartimento nenhum, e moram de uma parte e outra, ficando grande largura pelo meio, e todos ficam como em communidade; e entrando na casa se vê quanto n'ella está, porque estão todos á vista uns dos outros sem repartimento nem divisão... porém é tanto a conformidade entre elles que em todo o anno não ha uma peleja; e com não terem nada fechado não ha furtos; se fôra outra qualquer nação, não poderião viver da maneira que vivem, sem muitos queixumes, desgostos e ainda mortes, o que se não acha entre elles. Cardim. cit. p. 36. »

oceano, e querendo talvez symbolisar o contraste da vida á beira-mar com a do sertão, as suas casas aparentavam a imagem de uma igara ou canôa investida (1).

Sobrevindo a luta com os Europeos, dispersaram-se as tabas, e os guerreiros não confiando senão de si a propria salvação, isolaram-se; as cabanas resumiram-se e estreitaram-se até tomarem a forma das dos *Tapuyas*, á semelhança dos *tejupás* (2) que nas marchas de guerra se levantavam á pressa para abrigo de um dia. A sua vida tornara-se mais precaria, e mais instaveis as suas habitações : era já a barraca engenhada e com precipitação construida, durante a fuga, para uma hora de descanço.

Affectavam nos arraiaes a fórma circular e as suas cabanas, arredondavam-se tambem, não já á semelhança de uma *ygara;* mas á d'uma arvore frondosa, cujas ramas topetando com o chão lhe prestasse abrigo. Era que elles se haviam retirado do mar para as florestas, e que a sua sociedade desmoronando-se, se resumia na familia, quando não era no individuo, a unidade de que o circulo é o emblema.

Derrubavam os mais grossos troncos, que vegetavam á beira do mar ou dos rios, excavavam-n'os com o fogo, alisavam-n'os com instrumentos de pedra, e os lançavam no mar ou nos rios com o nome de *ygaras* (3), e faziam-n'os vôar sobre a face tranquilla do oceano

(1) Sub eodem tecto ad inversæ modum carinæ prœlongo palmis que instructo, multæ simul familiæ digunt. Barlœus.

(2) Chamam *ajupás* os alojamentos feitos á pressa na guerra. *H. N. des Antilles*, p. 455. Não só era usado na guerra; *ajupá* é o alojamento temporario, feito no despovoado, e para poucas pessoas.

(3) Donde chamaram aos riachos *ygarapés*, caminho de canôa.

com quarenta remos por banda: *Iguarussús* eram os maiores — os *igaritês* os mais pequenos, — o *igaratins* aquellas em que iam os chefes, e que se differençavam das outras em terem um maracá na prôa. Ás vezes as fabricavam de pelles de animaes, da palha de periperi, para a pesca, ou passagem de algum rio, quando não derribavam sobre elles alguma arvore colossal, fazendo as vezes de pontes, e conhecidas hoje com o nome de pinguelas nas provincias do interior.

Pouco eram, como se vê, em architectura e construcções, pouco mais valiam em outras industrias. Tribus havia comtudo que primavam em certos ramos; taes eram os *Mauês* (1) na composição do guaraná; outros como os *Tecunas* (2) na dissecação e preparação de passaros e animaes — outros no fabrico das redes e tecidos de algodão, como eram os *Umacias*, *Omaguas* e *Combebas* (3). Admirou-se em muitos a variedade das tintas que sabiam extrahir dos vegetaes, e até a viveza do colorido; as mulheres tupys eram excellentes oleiras, e os homens dotados da faculdade da poesia, do canto e do improviso, mas em que todos geralmente se esmeravam, era na confecção das armas, em que todos punham o seu orgulho; dos ornatos de plumas, e dos instrumentos musicos ou de guerra.

(1) « Assim chamados do rio que habitavam. » Ouvidor Sampaio ob. cit. §.

(2) Sampaio cit. § 213. « Têm, porém, os *Tecunas* a singular arte de prepararem as aves e passarinhos, que matam com a *esgaracatana*, de tal sorte que ficam inteiros... enchendo a pelle de algodão ou *sumaúma*, que mandam a Europa. »

(3) Suas mulheres fabricam tecidos de algodão com admiravel arte, Sampaio, §, 228. — Combeba é corrupção de *acanga peba* — cabeça chata.

As suas armas (1) eram o *tacape* feito de madeira negra ou vermelha de 5 ou 6 pés de comprimento, com uma rondella, ou moca na extremidade, da grossura de uma pollegada no meio, aguçada na ponta, e cortante como um machado (2); *a tangapema* ou espada que servia no sacrificio; a *tamarana* ou páo faceado, de quatro lados oppostos e iguaes, porém mais grossos em uma das extremidades, a que punham franjas de algodão e outros ornatos; a *esgaravatana* (3) ou espingarda de ar de diversas grandezas, mas que dizem alguns chegar a 15 palmos, em cujo instrumento introduzem frechas hervadas ou ballas de barro, as lanças ou *murucús* que fazem muito aperfeiçoadas de qualquer madeira pesada, mas golpeando-as, de modo que ao entranhar-se se quebrem na ferida.

Fazem os arcos (*uira para*) da mesma madeira que os *Tacapes;* trabalham-n'os com esmero, cobrindo-os de lavores e desenhos, que é difficil de comprehender-se como sahiram de taes mãos; as cordas tiradas do *tocum* ou da *sapucaya* (4) são delgadas, mas fortissimas : as frechas (*ui'ba*) maiores que a altura ordinaria de um homem, compõem-se de tres peças, o meio de *canarana* ou *voragica;* a extremidade superior de páo preto, a inferior de taquara ou de

(1) Segundo as descripções de Barrère (*Relation de la Guyane*) as armas e ornatos dos indios de Cayena eram semelhantes aos dos *Tupys*.

(2) Lery, c. 19. Vasconcellos descreve diversamente. — *Not. c. e neces.* n.° 126 « tem mais uma maça ou clava de páo regissimo, e pesado como ferro, com que investem uns aos outros. »

(3) Chamam tambem bodoque á *esgaravatana*. Para estas tres ultimas armas, v. *Diario* cit. de Sampaio, § 162.

(4) De que materias fabricavam as cordas?

osso, embotadas ou aguçadas, hervadas ou farpeadas.

Os escudos ou broqueis, que faziam da pelle de *tapir* ou de *anta* eram largos, chatos, redondos, ou elipticos, e difficilmente penetraveis ás frechas: para o mesmo effeito empregavam peitoraes de escama de *jacaré*.

Por ornatos usavam trazer cocares ou corôas de pennas, que á semelhança de uma copa de palmeira, lhes cingiam a cabeça: dava-se-lhes o nome de *acangatar*, *acang-getar* ou *kannitar*: o primeiro é o mais exacto; usavam tambem frontaes de varias côres, a que chamavam *yempenamby*, a *arasoya* ou fraldão de plumas (1), o *enduape*, que parece ser o manto inteiriço de que falla Laet, crescentes de ossos brancos, que trazem ao pescoço, e aos quaes pela forma lunar deram o nome de *jacy*, o *boii-re* feito de conchas, brincos (2), e collares aos quaes davam o nome generico de *ajuacora* (3).

Por instrumentos tinham o *maracá* (4), o fructo da coloquintida cheio de buzios, conchas ou pedrinhas, com um hastil, ornado de plumas: tinham flautas feitas de ossos de finados, a que o Padre Vasconcellos (5) chama *cangoera* e Morisot, o annotador de Rouloux Baro, « *Tibir canguera*; outras flautas feitas de conchas *membi* (6); as maiores *membiguassú*; as de canna *membi-apara*; *urucá* feita de

(1) Diz Laet que o chamam *assuyare*, pag. 518.

(2) Hans Stadt chama *nambi beya* aos brincos que as mulheres usavam.

(3) Laet cit. p. 518.

(4) *Maracá*.

(5) *Noticias curiosas e necessarias*, n. 141. (V. d. Marcgraff.)

(6) *Membi* diz Sampaio instrumento de fôlego forte e sonoro, § 281. Morisot escreve *nambi*.

certa concha; o *muremuré* assim chamado pelo som que soltava; o *boré* feito de páo ôco; a *janubia* ou *inubia* (1) que era a sua trompa de guerra; os *trocanos* que eram como tambores ou timbales. » Cavam interiormente um grosso tronco, tapam-lhe as extremidades, e abrindo no meio duas bôcas, tocam com massa conglutinada de gomma elastica (2). Sendo tão forte este instrumento que se ouvia na distancia de duas ou tres leguas, usavam delle para darem aviso e rebate ás povoações distantes. Entrando em contacto com os Europeos chamaram *itamembi* aos instrumentos de arame; *guararape* aos de percussão (3); e *itamaracá* aos sinos, ou porque o representassem o instrumento por excellencia, ou pela idéa religiosa que, como os Europeos, lhes ligassem.

Eram habeis em certos tecidos; fabricavam redes de algodão, a que, segundo uns, chamavam *ini* (4), e segundo outros *kiçaba* (5), as de *tocum* ou *maquiras*, *matirizes* ou saccos de diversas formas e tamanhos, em que transportavam os seus haveres; cobertas ou *tapiciranas* (6), e outros tecidos de pindoba, que nos legaram, taes como as *çabas*, meias *çaba* ou esteiras, *panacús* ou paneiros e alguns mais.

Os *Tupys* como os *Guaranis*, sabiam fabricar differentes especies de vasos notaveis pela suas dimensões e regularidade : tinham as *igaçabas* ou urnas,

(1) Formée de la cuirasse du tatou, qui prend assez facilement la forme qu'on veut lui donner. F. Denis, *Relation*, etc., p. 64.

(2) *Diario da viagem*, etc., § 251.

(3) *Guararapes* (lê-se no Castrioto) na lingua do gentio, é o mesmo que estrondo ou estrepito, que causam os instrumentos de golpe, como sino, tambor, atabale e outros. L. 11, n. 6.

(4) Laet. 518, e outros. L. 11, n. 6.

(5) Ferd. Denis. *Relation d'une fête* : *ini* ou *kiçaba*, pag. 64.

(6) Dez. Samp. ob. cit. p. 200 e 228.

em que enterravam os seus mortos, e talhas enormes em que depositavam e fermentavam o vinho (1). Hans Stadt falla tambem de um vaso especial em que moiam as tintas com que pintavam os prisioneiros, quando iam ser sacrificados : tinham tambem pratos, e escudelhas, em que ainda hoje são insignes os *Cariris*, com quanto preferissem como mais commodas e menos trabalhosas as cuias e cuiambucas, que entalham delicadamente ou envernisam com côres finissimas, e desenhos agradaveis, posto que grosseiros. « Depois de passados tantos annos, escreve um viajante moderno (2) em alguns logares, onde aliás se não encontra o minimo vestigio de qualquer monumento no meio das mais densas florestas, e das mais vastas planicies, acham-se fragmentos de vasos.

Sabiam fazer muitas qualidades de vinho e nisto se mostraram tão engenhosos que alguns contam 32 especies delles ; pelo que admirado de tanta variedade, parecia ao Padre Vasconcellos poder fantasiar que algum Deos Bacho, passara entre elles para neste particular lhes ter ensinado tanto (3).

Tratando dos seus modos de caçar, lembra o mesmo autor (4), copiando Marcgraff, — o *pataeu*, o *mondé aratacá*, o *mondé guassu* e o *mondé guaia* : para as aves diversos instrumentos dos quaes, além da *arapuca*, são os principaes *juçana bibiyara*, que caça

(1) « As velhas são as que os fazem (potes), alguns tamanhos que levam tanto como uma pipa : fazem tambem panellas, pucaros e alguidares. »

Not. para a Hist. e Geogr., etc., T.° 3 *Memorias para a Hist. da Cap. do Maranhão*. c. 138.

(2) D'Orbigny. *L'Homme Américain*.

(3) *Noticias curiosas e necessarias* n. 142. Outro autor diz : « dados a vinhos, e só n'esta parte esmerados, porque os faziam de castas innumeraveis. »

(4) A mesma obra, n. 117.

pelos pés, *juçana juripiyara* pelo pescoço — e *juçana pitereba* pelo meio do corpo.

Para a pesca tinham o *giqui*, mas para esse effeito serviam-se dextramente da frecha (1) escreveram tambem alguns, á mão e de mergulho. « Em certas circumstancias, porém, empregavam varias castas de plantas, que conheciam com a virtude de embebedar os peixes — taes eram os cipós *tingui*, *timbó*, e *teniviri*, assim como as folhas do *japicahi*, o fructo do *cururuapé*, a raiz do mangue, a cortiça do *andá* e certa especie de covos a que chamavam — *uruguy boandipiá*.

Vê-se deste rapido esboço que os indigenas do Brazil, quando comparados aos homens da raça branca das outras partes do mundo achavam-se em um estado muito inferior quanto ao desenvolvimento das faculdades intellectuaes; mas esta inferioridade, patente e innegavel, como é, dependeu em grande parte de não terem achado junto a si nenhum d'aquelles animaes domesticos sobre os quaes pesam os mais duros encargos da vida do homem, ou que em todas as circumstancias lhes asseguram a subsistancia: o boi, o cavallo, o asno, o camello, o elephante não vieram compartilhar os seus trabalhos; nem mesmo o lhama, ou alpoco desceu dos Andes, trazendo comsigo a semente donde brotára a civilisação dos *Incas*. Era-lhes inutil o gallinheiro, e o pombal; e nem pastoravam a ovelha, a cabra, nem o porco. O que pois poderião sujeitar ao seu dominio? — A familia numerosa dos papa-

(1) *Vida do Padre João d'Almeida*, c. 5, n. 6: « E neste arco são tão destros, que parece que obedecem as suas frechas não sómente as feras da terra, mas os peixes da agua; e com ellas caçam e juntamente pescam.

gaios (1) do que só alguma distracção lhes resultava.

Aquelles por tanto que taxam os indigenas americanos de ineptos e de incapazes, por não haverem domado animal algum, não consideraram que era esse um beneficio que a natureza lhes negára, esqueceram-se de penetrar ao travez dos seculos, até a origem das sociedades, porque ali, ao par de uma semente nutritiva, encontrarião sempre um animal paciente e laborioso. Se o fizessem, ou se, tendo-o feito, por má fé, o não calassem, reconheceriam na adoração que os Egypcios prestavam ao boi Apis a acção de graças que aquella sociedade rendia á natureza pela sua existencia, como os Gregos divinisavam o trigo e a agricultura sob os nomes de Ceres e Cybele.

Muito fizeram elles, chegando de sobresalto á vida agricola, sem terem sido pastores : estava muito em principio a sua agricultura, mas fosse qual fosse, conservou-se por muito tempo no Brazil com bem poucos ou nenhuns melhoramentos : tinham a derruba, a queima, depois, sem outro amanho, abriam com um páo aguçado covas no chão, nas quaes depositavam o milho, a mandioca, e as differentes especies de raizes e batatas, que a natureza lhes prodigalisara. A fertilidade do terreno suppria a imperfeição do processo, porque bastavam alguns dias de trabalho para procurar a abundancia de muitas familias. Ao contrario dos *Tapuyas* que viviam quasi exclusivamente da caça e pesca, e só muito depois começaram a plantar roças de milho de algumas braças quadra-

(1) Ils se plaisent à nourrir et apprivoiser un grand nombre de perroquets et de petits perriques ou arats, auxquels ils apprennent à parler. *H. N. des Antilles*, p. 454. *Historiadores primitivos de las Indias*. Barcia — *Commentarios* de Cabeza de Vaca — Schmidel, *voyage*.

das, cuja colheita devoram em um só dia, — as tribus do littoral, os *tupys*, faziam plantações taes, que onde quer que chegarão os primeiros descobridores encontraram abundancia de alimentos. Nos commentarios de Cabeza de Vaca lêmos que os *Guaranis* eram lavradores, e refere, a cada pagina da sua obra, ter encontrado provisões, onde iam chegando. Schmidel diz o mesmo dos *Cairós* (1); e Jaboatão escreveu ácerca dos *Potiguares*. « São grandes lavradores dos seus mantimentos, de que sempre estão mui providos » — o que coincide litteralmente com o que dizem outros dos *Tamoyos* e *Tupinikins*.

Deixei para ultimo logar as considerações que offerece o estudo da lingua geral, apezar de estar persuadido que, com preferencia a qualquer outra cousa, é a linguagem de qualquer povo o que nos dá melhor o quilate da rudeza em que se acha, ou do progresso que tenha feito. « Creio, diz Humboldt (2) que se fossem bem estudados os idiomas dos selvagens, achar-se-hia nelles mais riqueza, e gradações mais delicadas do que se devera esperar do estado inculto dos que os fallavam. »

D'Orbigny (3) com oito annos de estudos e tra-

(1) Edic. de Ternaux Compans, T. 5, p. 85, c. 20. Schmidel chama *Curios* aos *Carijós*. Na pronunciação estes dois vocabulos como que se confundem ; mas a sua identidade fica fóra de duvida por esta passagem de Laet : « Ha outra nação que occupa o paiz desde S. Vicente até ao Rio da Prata, margem e interior, quasi em numero infinito. » Vasconcellos escreveu ácerca dos homens que habitavam nestes limites : « Plantam mandioca como os *Tamoyos* e *Tupinikins*. »

Jaboatão : Preambulo 7.° Na *Noticia do Brazil*, lêm-se as mesmas palavras.

(2) *Voy. aux Régions Equinoxiales du nouveau Continent* T. 3, p. 302.

(3) *L'Homme Américain*. T. 1, p. 145.

balhos pensava ter bem pouco a dizer ácerca desta materia depois das sabias investigações do Barão Alexandre Humboldt sobre as linguas americanas, — e principalmente depois das pesquisas mais geraes do Water (1) e G. Humboldt sobre a monographia das linguas americanas; eu por tanto, se me não houvesse de aproveitar desses mesmos trabalhos, teria de reduzir-me ao silencio, tratando de uma lingua pouco e mal conhecida, e da qual bem poucos escriptos nos restam.

« Tem-se (2) supposto que quasi todas as linguas americanas eram pouco extensas, grosseiras, e que careciam absolutamente de termos para exprimir um pensamento, uma idéa delicada, ou mesmo a paixão. — Mesmo entre póvos — isolados — no meio de florestas bravias, ou lançados no meio de planuras sem limites, não acreditemos que os agricultores, caçadores ou guerreiros estivessem privados de formas elegantes de linguagem — de figuras ricas e variadas. De que se haverião de compôr entre os Guarayos esses hymnos religiosos e allegoricos tão ricos de figuras? Quanto mais penetramos no genio das linguas, escreveu o mesmo autor, tanto mais nos convencemos e reconhecemos que ellas são em geral extremamente ricas e abundantes. Se se podesse, concluia elle, estudar a fundo o *Guarani*, o *Guichua*, o *Chiquito*, como estudamos o grego e o latim, nos poderiamos convencer deste facto. Julgamos muitas vezes de uma nação por alguns individuos que della fazem parte, reduzidos, submettidos, quasi escravos, nas missões, individuos nos quaes o espirito nacional cede á influencia da servilidade. »

(1) Mithridates e *Bevolkerung von America.*
(2) Orb. *L'Homme Américain.*

Não podemos conhecer cabalmente a lingua geral pela que hoje se falla, por estar em grande parte viciada, nem pelos diccionarios dos Padres Anchieta e Figueira por serem extremamente resumidos. Della só podemos fazer uma idéa approximada pelo dizer d'aquelles que a estudaram entre os homens que as fallavam, quando o captiveiro e o temor não eram obstaculo da livre manifestação do pensamento (1). « Lingua suave, sim, e elegante, (escrevia o Padre Figueira (2) na dedicatoria da sua arte da lingua geral) mas estranha e copiosa. » É facil, copiosa e não sem suavidade, escrevia Laet (3). O Padre Vasconcellos (4) admira-se da perfeição da sua grammatica, em que não davam vantagem aos Gregos e Latinos, e o Historiador das Antilhas tratando da lingua dos *Caraibas*, que é a mesma dos *Tupys* e *Guaranis* encarece a doçura da sua pronunciação, e a graça que davam ás suas palavras, de modo que os seus discursos eram agradabilissimos de ouvir-se (5). Du Montel o confirma, nos dizendo o prazer que tinha de os escutar, quando estava entre elles, — não se cançando de repe-

(1) Il règne dans celles même des peuples les plus grossiers un ordre et une économie qu'ils n'ont jamais été en état d'introduire d'eux-mêmes par art et par principes et qu'ils ont encore aujourd'hui sans être en état de les bien comprendre. Laffitau. *Mœurs des sauvages*. T. 2. p. 458.

(2) Tenho a 4.ª ed. d'esta arte, mas falta-lhe a dedicatoria a que se refere o autor anonymo do *Diccionario Braziliano*.

(3) *N. orb.* c. 3, p. 645.

(4) *Not. cur. e neces.* p. 69, col. 2.ª

(5) C. 10. *Hist. N. et M. des Antilles* : « Leur langage est extrêmement doux et se prononce presque tout des lèvres, quelque peu des dents, et presque point du gosier. Car bien que les mots... semblent rudes sur le papier, néanmoins lorsqu'ils les prononcent ils y font des élisions de certaines lettres et y donnent un certain air qui rend leur discours fort agréable.

tir qual a graça, a fluidez e a doçura das suas expressões, sempre acompanhadas de um sorriso benevolo e sympathico. Esse riso e essa graça no fallar tive eu occasião de observar em tribus mais barbaras do que as tupys. Em taes casos elles procuram agradar os ouvintes, amigos ou alliados não só com palavras lisonjeiras, mas tambem com a amenidade da voz e da physionomia. Parece que este predicado era levado ao mais alto gráo pelos *Tupys*, e principalmente pelas mulheres, porque não é raro elogiarem os antigos viajantes a conversação das mulheres, e como ellas fallavam com a voz cheia de lisonjas e caricias (1).

Aos *Tupys* podemos com todo fundamento applicar o que dos homens primitivos diz Viery (2). « A primeira linguagem do homem antes foi cantos do que discursos: os selvagens cantam, isto é, modulam fallando a sua linguagem com uma multidão de accentos inarticulados: mais exprimem sentimentos do que idéas e dirigem-se mais ao coração do que ao espirito; como têm mais sensação do que noções são obrigados a servirem-se de objectos physicos para exprimirem quasi todas as abstracções do espirito; — eis o motivo porque fazem tão grande uso das metaforas, dos emblemas, das allegorias; eis o motivo porque elles personificam os objectos inanimados, e empregam os tropos os mais energicos para se fazerem

(1) Tiendront plusieurs gros propos d'applaudissements et de caresses. Lery. 263 — e das mulheres diz elle « avec leur façon de parler pleine de flatterie, dont elles usent ordinairement ». p. 110. — « Têm muita graça quando fallam, maiormente as mulheres, que são mui compendiosas na fórma da linguagem, e muito copiosas no seu orar. » *Noticia do Brazil*, c. 150.

(2) *Hist. natural du G. H. T.* 3, p. 91.

comprehender, o que dá aos seus discursos um caracter muito poetico. » E logo após accrescenta : « é entre os selvagens que havemos de buscar a verdadeira eloquencia e a alta poesia (1). »

E de facto entre os *Tupys* era tudo musica e poesia, o nascimento e a morte — a guerra e as festas — o amor e a religião — a linguagem e a vida — tudo era poesia. Eram prezados por bons cantores, as mulheres mesmo sabiam improvisar, e as aguas da Carioca passavam por ter o condão de dar maviosidade ao canto dos *Tamoyos*. Em quanto os *Tapuyas* arrancavam sons duros da garganta, semelhantes ao regougar das Guaribas, asperos como o roçar dos leques pelos troncos escabrosos da palmeira, — os *Tupys* bebiam na solidão do mar, e á entrada das florestas os sons mais doces da natureza. Na sua linguagem harmoniosa e quasi toda labial, travada e intercalada de vogaes — imitavam o ciciar da briza a correr sobre as ondas espelhadas do oceano, a agitar levemente a igara derivando á tona d'agua, e a enredar-se pelas folhas dos bosques que aromatisam o littoral.

Valiam-se de comparações para exprimir o pensamento, e dos gestos para os rematar. Fallavam cantando porque a poesia e a musica andavam intimamente ligados na sua linguagem onomatopica, o cahir da fructa, o estalar dos ramos, o correr das fontes, o peneirar da chuva eram sons imitados da natureza; e elevando-se ás regiões mais altas — no trovão, no raio, no relampago, ouviam a voz, viam o olhar, sentiam os effeitos da ira de *Tupan*; expressões felizes que admiramos, imitadas do hebraico em um poeta allemão cantando a grandeza de Deos (2).

(1) Ob. c. p. 94.
(2) Kleist.

Para os homens escolhiam nomes que exprimissem o força, a robustez e a coragem : era a anta, o tigre, o ipé, a palmeira, a frecha e o arco ; — para as mulheres os dos objectos mais brandos, mais doces, mais delicados — das aves, dos fructos e das flôres : era o romper d'alva, o cipó flexivel, a junça do Brejo : e com o sentimento do bello que não era muito de esperar nelles tomando o nome da flôr do manacá, designavam com elle a moça mais bella de uma tribu.

Contavam os annos pela florificação do cajú, as suas quadras pelos fructos então amadurecidos, pelo cahir das folhas, pelo desovar das tartarugas, dos peixes ou das aves.

Calculavam o espaço pelo alcance dos tiros da frecha, pelos sóes da jornada : contavem até 5, — e da ahi passavam a 10 e a 20, bem que Paw e Robertson lhes negue o computo além de 3. — De 20 em diante serviam-se de comparações — tantos — como taes aves em taes margens, como certos animaes em certos logares como os troncos nas florestas como as estrellas do céo, como as areias do mer.

E havemos de crêr que taes homens, atilados em seus negocios, bem conversados e amigos de saber(1), prendados com o dom da eloquencia e da poesia (2), que fallavam seis horas e mais (3) sem nenhuma interrupção, captivando por tão longo espaço o seu auditorio, sabendo suscitar todas as paixões e persuadir-lhes todas as vontades, fossem privados de altas

(1) Ils sont grands discourseurs et poursuivent un propos jusqu'au bout. Lery.

(2) Cardim diz « ter ouvido improvisações apaixonadas, e de tal forma accentuadas, que nellas se reconhecia um rithmoreal.

(3) Arengas dos velhos, que duram mais de 6 horas. Lery, 195, em outra parte dissera : « sem se interromperem de uma palavra. »

faculdades intellectuaes? Havemos duvidar do que affirmam os escriptores que de perto os observaram e estudaram, que eram facillimos de admittirem a civilisação, e aptos para todas as industrias? Não. — Concordamos com o Padre Vasconcellos — eram homens que só com a musica e o canto podiam ser chamados á vida civilisada, homens que, segundo a noticia do Brazil (1) « eram engenhosos para tomarem quanto lhes ensinavam os brancos, e que para carpinteiros de machado, serralheiros, oleiros, carreiros, e para todos os officios de engenho tinham grande destino; » homens que, segundo o ouvidor Sampaio (2) não só no canto, mas em qualquer outra arte, recebem com muita facilidade as instrucções que se lhes dão.

E para não sermos injustos com alguns, concluiremos em geral com D'Orbigny :

« Tivemos occasião de julgar (diz este autor) (3) da extrema aptidão que os Americanos mesmo aquelles de espirito mais inculto mostram para aprender tudo o que lhes ensinam. A sua percepção é muito prompta e não raro encontram-se entre elles individuos fallando tres e quatro linguas, tão distinctas entre si como o francez e o allemão.

Em resumo (conclue elle) sem querer comparar o desenvolvimento das faculdades intellectuaes dos Americanos ao dos habitantes da Europa nós os julgamos dos mais aptos para formarem um povo esclarecido, e nenhuma duvida temos que cedo ou tarde a marcha da civilisação demonstre o que avançamos em consequencia dos factos estabelecidos e das nossas proprias observações. »

(1) *Noticias para a Historia e Geographia, etc.* T. 3.
(2) *Roteiro.*
(3) *L'Homme Américain.*

CAPITULO XII

SE OS AMERICANOS CAMINHAVAM PARA O PROGRESSO OU PARA A DECADENCIA. — O QUE PENSAMOS DOS TUPYS

Temos concluido com a 1.ª parte do nosso programma, pois que já tratamos dos caracteres physicos, moraes, e intellectuaes dos indigenas do Brazil, e pelo que levamos dito facil será de concluir-se se elles eram ou não capazes da vida civilisada. A civilisação, porém, não é uma e identica; varia segundo os logares, segundo os tempos, segundo os povos, e depende principalmente da religião. Genericamente chamamos civilisado o povo, que, com habitos sociaes tem religião, governo e industria; em particular, porém, e para o assumpto de que nos occupamos, pergunta-se se no estado em que foram encontrados podiam receber a fé do Evangelho. Defere a resposta segundo considerarmos a civilisação de um ou de outro modo; porque, se a consideramos genericamente, o povo que já tem feito algum caminho, está por isso mesmo habilitado para ella, quaesquer que sejam as circumstancias posteriores que entorpeçam o seu completo desenvolvimento; porém se a consideramos em particular, se tratamos da civilisação desenvolvida pelo christianismo, poderá mais facilmente admittil-a

um povo que esteja n'um estado de rudeza primitiva do que aquelle que tiver uma religião differente e talvez anthipatica. Neste sentido, os Americanos, dotados de capacidade intellectual apenas inferior á da raça branca, sem privilegio de castas, sem religião, cuja destruição compromettesse interesses humanos, sem aristocracia nem theocracia, mais facilmente se poderão ter convertido á fé do que os Chins e os Turcos, póvos que todavia consideramos como civilisados

Nós, porém, comparamos póvos selvagens influidos pelo christianismo, os do Brazil e da Oceania : tratamos por tanto da civilisação no sentido restricto; procurámos saber qual dos dois estava mais apto para recebel-a; e posto que tenhamos de reservar para ao depois a solução deste problema, convém todavia estabelecer e determinar desde já os dados que nos havemos de servir na comparação, que delles somos obrigados a fazer.

Assim e pois que por em quanto tratamos dos indigenas do Brazil, convém que saibamos se elles caminhavam para o progresso ou para a decadencia; porque um ou outro destes estados serviria de auxilio ou tropeço á cathechese. É facil de comprehender, que, tratando-se de modificar ou substituir idéas, será isso mais difficil se ellas já tiverem alcançado certo grão de desenvolvimento, do que se se acharem em certo ponto de decadencia. No primeiro caso, é necessario oppôr-se a uma força existente, uma outra que lhe seja opposta : d'ahi o choque e muitas vezes a aniquilação de uma ou de ambas as forças. No segundo basta favorecer o movimento da decadencia, tornal-o talvez mais rapido e dar-lhe uma nova direcção.

Esta questão não foi tratada a seu tempo, quando

foi o descobrimento do Brazil, e não sei mesmo se era possivel que o fosse, quando se recusava aos indios instituições civis e sociaes, e se duvidava da sua natureza, e se lhes negava o direito á propriedade, á liberdade e á vida. Então seria comparativamente facil elucidar-se este ponto : hoje apezar de quantos delle tem tratado, bem longe está de ter sido resolvido. Oppostas conjecturas têm sido feitas a este respeito ; e eu expôrei algumas dellas ; porque independente do interesse que resulta dos assumptos, que dizem respeito á historia dos homens, accrescerá no presente caso a surpreza de vermos homens, de intelligencia e illustração julgarem tão diversamente os mesmos factos, e como chegam a resultados tão oppostos.

Considerando as nações da America do Sul debaixo do ponto de vista psychologico, Martins diz (1) :

« A raça indigena do novo mundo distingue-se de todas as outras raças humanas, não sómente por todos os caracteres exteriores — isto é — por certas particularidades da sua organisação physica, como tambem e de uma maneira mais pronunciada talvez por caracteres interiores, tirados da consideração da sua condição intellectual.

« Em verdade, o Americano nos apresenta a este respeito caracteres que lhe são inteiramente proprios, ajuntando á ignorancia e inconstancia do menino á incapacidade de aprender e a obstinação do velho. — Esta singular e inexplicavel reunião dos defeitos peculiares ás duas épocas extremas da vida, — é que tem feito mallograr todos os esforços até hoje tentados para o reconciliar com o presente estado das cousas. Já não tenta lutar contra o ascendente europeo, —

(1) Prichard. T. 2.º p. 269.

mas recusa associar-se ao seu movimento, de fazer o que poderia tornal-o um membro feliz e satisfeito da mesma communidade. É ainda esta duplicada natureza, que nelle acabamos de assignalar, a que oppõe quasi invenciveis obstaculos á sciencia, quando esta se esforça por escrutar a sua origem, e de seguil-a ao travez da longa successão dos seculos percorridos por elle, e durante os quaes nada parece ter adquirido.

Quando dizemos que elle nada tem adquirido, está longe de nós querer com isto dar a entender que a sua condição presente se pareça em alguma cousa com a que deveria ser a condicção primitiva do homem. Pelo contrario está tão longe quanto é possivel da ausencia do temor, da confiança ingenua, que, se damos credito a uma voz interna de accôrdo nisto com os mais antigos documentos escriptos, foi o apanagio da infancia das nações, como o é da infancia dos individuos. — Devemos convir nos sentimentos do indigena da America, quasi nada mais resta do typo que o homem sem duvida recebeu ao sahir das mãos do Creador; e ha já tempo, segundo parece, o só e puro instincto animal, é o que tem guiado de um passado obscuro a um presente não menos sombrio.

Já não está no primeiro periodo do desenvolvimento normal da especie; já não é o homem primitivo, mas o homem degenerado o que nelle vêmos. É isto ao menos que parece resultar de um sem numero de indicações diversas.

« Sem fallar aqui dos traços numerosos de uma civilisação anterior aos tempos historicos, que nos apresenta a raça americana, sem fallar da antiguidade de suas conquistas sobre o mundo organisado, conquistas cuja origem se perde na noite do passado, achamos para apoiar a opinião que acabamos de

emittir provas ainda mais convincentes, na observação das relações que têm entre si os póvos do novo mundo, no que entre elles constitue a base do direito natural, do das gentes, se é licito empregar a palavra — direito — para designar uma ordem de cousas, em que reina constantemente a violencia. Quero fallar desse grande facto que já precedentemente tive occasião de assignalar da estranha divisão da população americana em uma infinidade de grupos, grandes e pequenos, grupos isolados e sem nexo, que mutuamente se repellem, e nos apparecem como fragmentos de uma vasta ruina.

« A historia das outras nações do globo nada nos offerece que tenha a minima analogia com semelhante estado.

« Não se póde duvidar que, desde os mais remotos tempos, a America não tenha sido quasi sem interrupção o theatro de emigrações, que tem agitado os differentes pontos de sua superficie; e tudo nos faz ver nestas deslocações violentas uma das causas principaes do desmoronamento das antigas sociedades, da corrupção das linguas, da degradação dos costumes, consequencia quasi inevitavel da miseria produzida por qualquer grande catastrophe. É permittido crêr que, no principio, não houve senão um pequeno numero de nações principaes, que experimentassem colisões desta natureza, mas devemos suppôr que tiveram o mesmo resultado que tem tido quasi em nossos dias a nação dos *Tupys*, isto é, os restos provenientes das massas que se abalroaram, terão sido dispersos em todas as direcções, misturados, grupados e amalgamados de todas as maneiras. Por pouco que admittamos que as emigrações tenham continuado com intervallos assás approximados, durante uma longa successão de

seculos, trazendo sempre comsigo os mesmos fraccionamentos, as mesmas dispersões, seguidas de uma especie de fusão de alguma das partes desgregadas, ter-se-ha uma explicação do estado actual da America. Notemos por outro lado que, relativamente ao grande fenomeno que consideramos, a admissão desta hypothese não nos conduz senão ao conhecimento das causas proximas, e que as primarias ficaram sempre desconhecidas e enigmaticas.

« Devemos crêr que alguma grande commoção da natureza, algum temeroso tremor de terra, tal como aquelle a que outr'ora se attribuia a submersão da formosa Atlantide, tinha envolvido em seu circulo destruidor os habitantes do novo continente? Foi o terror profundo experimentado pelos desgraçados escapos desta terrivel calamidade que, transmittindo-se sem diminuir de intensidade, ás gerações seguintes, perturbou a sua razão, obscureceu a sua intelligencia e endureceu o seu coração? Foi esse terror sempre presente que os dispersou, e fechando-lhes os olhos aos beneficios da vida social, os obrigou a fugirem-se uns aos outros, sem saberem onde os levariam seus passos? Suppòremos nós que calamidades de outro genero, longas e desoladoras seccas, terriveis innundações, trazendo após si a fome, forçaram os homens de raça vermelha a devorarem-se uns aos outros, e que a repetição destes actos de canibalismo, roubando-lhes em pouco tempo tudo o que em sua natureza poderia haver de nobre e humano, os fez cahir no estado de degradação e embrutecimento, em que os achamos hoje? Ou então esta degradação é a consequencia não das circumstancias exteriores, mas dos vicios do proprio homem, a consequencia das desordens terriveis em que cahiram abandonando-se ás

inclinações que a macula original deixou em seu coração? E, em uma palavra, devemos ver um exemplo do castigo que o Creador infligiu aos filhos pela falta dos pais com uma severidade, que seriamos terios taxando-a de injusta? (1) »

Á opinião do sabio allemão contrapômos agora a mera de um poeta viajante (2).

« O que sobre tudo distingue os Arabes dos póvos do novo mundo (diz Chateaubriand) é que ao travez da rudeza dos primeiros, sente-se comtudo alguma cousa de delicado em seus costumes; sente-se que elles são filhos desse Oriente, dónde sahiram todas as artes, todas as sciencias, todas as religiões. Escondidos nas extremidades do Occidente, em um recanto afastado do universo, o Canadiense habita valles sombreados por florestas eternas, e regadas por immensos rios. O Arabe, por assim dizer, lançado sobre a grande estrada do mundo entre Asia e Africa, erra nas brilhantes regiões da aurora, sobre um solo sem arvores e sem agua. As tribus dos descendentes de Ismael carecem de senhores, de servos, de animaes domesticos, e da liberdade que se sujeita ás leis. Entre as hordas americanas, o homem acha-se ainda só com a sua altiva e cruel independencia; em logar da cobertura de lã, tem a pelle do urso, em logar da lança a frecha, em logar de punhal a maça; não conhece, e se conhece, desdenharia a tamara, a melancia, o leite de camello: quer nos seus festins carne e sangue. Não teceu os pellos da cabra para se abrigar debaixo de tendas: o olmo cahido de velhice fornece cortiça para a sua cabana. Não domou o cavallo para perseguir a

(1) *Uber die Vergegenheit und die Zukunft der Americanischen Menscheit.*

(2) *Itinéraire de Paris à Jérusalem.*

gazella, — mas apanha o alce na carreira. Sua origem não se prende á das grandes nações civilisadas, nem o nome dos seus antepassados se lê nos fastos dos imperios : os contemporaneos de seus avós são os velhos carvalhos, que ainda se conservam em pé. Monumentos da natureza e não da historia, os tumulos de seus pais se elevam desconhecidos no meio das florestas ignoradas. Em uma palavra, — tudo entre os Americanos indica o selvagem que ainda não chegou ao estado de civilisação, — tudo entre os Arabes indica o homem civilisado recahido no estado selvatico. »

Prichard (1) referindo-se ao trecho do primeiro autor, que deixamos citado, não quer, como suppõe Martins, que haja tão grande differença entre os Americanos e muitas das nações do antigo continente. « Se Martins (escreve Prichard) tivesse igualmente estudado os habitantes das outras partes do mundo, suas vistas se teriam ampliado, e como é provavel, ter-se-hiam modificado as suas opiniões. » Poderia tambem o autor inglez combater a opinião do Chateaubriand, citando outra passagem deste autor, de alguma forma contraditoria com esta, em que se dá como causa de não haverem os Europeos inoculado a sua civilisação nos Americanos, o haver sido preciso destruir a que elles cá tinham.

Com a venia devida a tão altos engenhos, nem me parece que os Americanos estivessem ainda por tentar os primeiros passos no caminho da civilisação, nem por outro lado os reputo decahidos de um alto gráo de cultura intellectual. Tinham tal qual civilisação, essa mesma já fôra maior do que era, mas caminhavam precipites para a sua completa decadencia.

(1) T. 2.° p. 269.

Bastarão algumas considerações para demonstrar que tal facto se dava entre os *Tupys*.

A lingua *Tupy*, chamada vulgarmente lingua geral, tinha uma grammatica que pelo bem ordenado de cada uma de suas partes mereceu de ser comparada á grega á latina : demonstra mais habito de reflexão do que o que encontramos no povo que a fallava; abunda como bem nota Martins em expressões que indicam certa familiaridade com as considerações methaphysicas, concepções abstractas, a ponto de bastar para exprimir e explicar as verdades e os mysterios da mais espiritual de todas as religiões do christianismo; e reina em toda ella tal ordem, tal methodo, que alguem disse já que os *Tupys* não estavam em estado de a ter formado. Se não o estavam, e já o tinham feito, a consequencia é que depois disso haviam decahido.

Mas não é sómente a lingua que nos servirá para demonstrar a effectividade da sua decadencia. A sua religião se ia, ou se havia já transformado em superstição, assim como o seu governo em anarchia; isto é, o que em certo modo desculpa aquelles que nelles não reconheceram nem uma nem outra cousa.

Quanto á primeira, elles se haviam esquecido em todo ou em parte das graciosas ficções da sua mythologia : os autores mencionam apenas uma ou outra, ou poucas que lembravam ás tribus de quem bebiam taes noticias: já não reverenciavam a Tupan, não lhe cantavam aquelles hymnos de que os *Guarayos*, descendentes dos *Guaranis*, chegados em ultimo logar ainda se lembravam. Das duas classes de sacerdotes que tinham, a dos *Caraibas*, movidos pelo interesse e desejosos de maior ganancia, eram prodigos de promessas, e com a perspectiva do triumpho agourado,

faziam-nos recordar quasi esquecidas injurias; a dos Pagés vivia das superstições, que alimentava e corroborava n'aquelles animos timidos e credulos, por fórma que as suas crenças se haviam convertido em habito, e habito tão material, que não sabiam dar nexo algum ás suas idéas religiosas.

Assim tambem o governo. O ponto mais alto a que nesta materia haviam chegado, era o reconhecimento do principio de hereditariedade. « Morrendo um principal (diz Magalhães Gandavo (1) fica seu filho no mesmo logar. » O principio, porém, já não era observado. « Custumam os *Tupinambás* (diz outro autor) quando morre o principal da aldeia (2) *elegerem* o filho para succeder; se o não tem, ou este não serve, acceitam um irmão, e não tendo parentes elegem algum outro. »

A *eleição* mesmo já não era conhecida na maior parte das tribus. Algumas tinham as tres categorias de autoridades que procurei definir em um dos ultimos capitulos, outros se contentavam com o maioral das cabanas (3), outros emfim com o chefe militar e sómente para a guerra. Haverá maior prova de que elles realmente decahiam de um estado de perfeição relativa. Haviam reconhecido a necessidade social de sujeição de todos a um só, — pareceram temer os effeitos de uma morte subita, das maquinações contra a vida do chefe, das disputas e discordias intestinas por causa da substituição do governo, o que tudo parece indicar a admissão successiva dos principios

(1) Gandavo. *Tratado da terra do Brazil*, c. 7.

(2) Moke. Il semble tout d'abord que ces chefs de bourgade avaient existé partout; mais le principe anarchique qui prévalut de plus en plus les fit disparaître : p. 91.

(3) Não tem propriamente governo; mas cada cabana obedece a um chefe. Hans Stadt, c. 12.

hereditario e electivo, e logo percorrem todos os estados intermedios até a carencia de chefes em todos os tempos, excepto durante a guerra.

Continuemos.

Quando a religião se convertia em ritos e praticas cada vez mais barbaras, e os governos em desuniões e desordens cada vez mais funestas, não era de admirar que fossem ao mesmo passo perdendo os seus costumes — ainda mesmo aquelles que valiam como leis sociaes e politicas. Nas rixas que se originavam entre os homens da mesma tribu (era isso raro, mas uma ou outra vez teria de acontecer) mandava o costume que o offensor se désse, ou seus parentes o entregassem á pessoa do offendido. « A sua lei, diz a *N. do B.* é que o matador seja entregue aos parentes do morto : se foge, entregam um filho, ou filha, um parente, que não é morto, mas fica escravo. » Este costume era ainda observado entre os *Hurons* e *Iroquezes* e em algumas das tribus do Brazil; mas entre outras, em que estavam relaxados taes costumes, muitas vezes o offensor se recusava a pena de talião, e seus parentes não tinham firmeza bastante para sacrificarem-se ou sacrificar algum dentre os seus por amor da ordem. Por isto dizem uns autores « e morto o offensor ficam todos em paz como dantes » — e outro (1). « Os parentes do offensor se reunem contra o assassino e os seus, e os perseguem com odio mortal : é o que acabou pelos dividir, e tornal-os inimigos uns dos outros, como os vêmos. » É que entre elles as leis já não eram freio bastante aos desvarios da turbulencia; as injurias não eram punidas, e as vinganças dos particulares convertiam em guerras

(1) Gandavo, c. 10 e 11, e tambem Moke, p. 94.

intestinas, que, ainda depois da scisão da tribu se perpetuavam em odios reciprocos.

Os habitos guerreiros iam degenerando tambem. Entre elles algumas tabas eram melhor fortificadas, as dos *Tamoyos*, por exemplo, mais que as dos *Tupinambás* (1), outras tinham duas paliçadas, outras só uma, outras emfim nada. As mesmas provanças dos guerreiros já não eram tão fortes, e tremendas, como as tinham os *Caraïbas*; e entre alguns, para a admissão do moço á classe dos guerreiros, bastava uma prova de força e de ligeireza em vez de coragem e impassibilidade. D'aqui proveio que em quanto os *Tupys*, que primeiro se achavam em contacto com os Europeos eram taxados de crueis e indomaveis e pouco differentes dos tigres e bestas feras no meio das quaes viviam (2) os *Guaranis* alguns annos depois pareceram de genio docil, pouco atrevido, e como constituido para viver em perpetua tutella e dependencia. Os *Cheriguanos* chegaram a penetrar até os Andes, ali espantaram e aterraram os *Peruanos* com o excesso da sua barbaridade e selvatiqueza : modernamente, porém, um viajante que os frequentou (3) os retrata como homens sisudos, — mais doceis do que máos, bons pais, bons esposos, e de costumes inteiramente patriarchaes.

A decadencia do espirito militar, que compromettia a existencia da sua sociedade, póde ainda ser demonstrada, e talvez mais palpavelmente por outras considerações. Concertaram-se os *Tupys* em massas poderosas, e avassallaram o littoral do Brazil, em tão

(1) *Noticia do Brazil — Tamoyos*, « São as suas casas mais fortes que as dos *Tupinambás*. »
(2) *Lettres Édifiantes*. T. 9, p. 6.
(3) D'Orbigny.

pouco tempo que o espaço conquistado servirá de comprovar senão a violencia do ataque, ao menos a facilidade da conquista : derramaram-se como uma extensa linha de fortificações humanas, como que prevendo o futuro procurassem offerecer em todos os pontos uma barreira á proxima invasão dos Europeos. Mas em breve appareceram as desuniões e desavenças entre as tribus irmãs e colligadas; muitas das da beira-mar, a dos *Tupinãs*, dos *Maracás*, dos *Amoygpiras*, dos *Caetés*, foram expulsas para o interior. Por outro lado o descanço e o ocio os haviam amollecido: fortes uns contra os outros, já eram poucos e fracos no combate contra os *Tapuyas*. Os *Goianazes* ne *Goiatakases* se approximavam do littoral, os *Markaias* ou *Maracajás* (1) causavam terror aos proprios *Tupinambás* e *Tomoyos* : os *Amoyrés* se preparavam para descer as montanhas que lhes tinham servido de refugio, e a leval-os de rojo diante de si. Os elementos grosseiros que os retinham em sociedade pouco se desfaziam : principiavam a fraccionar-se, e as tribus a transformar-se em familias inimigas umas das outras. E nesse mesmo tempo a tradição que Lery (2) nos conservou, prova que elles já estavam fatigados de tantas guerras sem descanço. « Veio (dizia um velho ao protestante, que lhe pregára algumas verdades do christianismo) veio, ha já tantas luas que lhes perdemos a conta, um *mais*, um estrangeiro, vestido como vós, e usando barba tambem, o qual nos disse cousas semelhantes a essas : não o acreditamos. Veio depois outro que, em signal de maldição, nos deu a espada, com que depois nos temos uns aos outros offendido :

(1) Stadt, c. 4.
(2) Lery, p. 195.

assim que, tendo entrado tanto em tua posse, se, presentemente deixando o nosso costume, desistissimos disso, todas as nações se ririão de nós.

Concluiremos, pois, que os *Tupys*, pela invasão e pelo estado decadente em que foram achados, se prestavam maravilhosamente a qualquer plano de catechese ou de colonisação. Occupavam o littoral e as margens dos grandes rios, tendo todos os mesmos costumes e uma linguagem commum; de modo que, estudada uma tribu, facil era pregar o Evangelho a todas as outras, e firmar com todas accôrdos de paz e de alliança. Eram hospitaleiros e bons alliados, como o provaram aos Francezes e Hollandezes, que não os captivavam nunca : e isso eram garantias para o bom exito dos primeiros estabelecimentos. O seu fraccionamento, se não os impedia de se colligarem contra os colonos em numero que podesse causar susto, não repugnava tambem a união de todos debaixo dos principios de qualquer nova forma de associação.

CAPITULO XIII

DESCOBRIMENTO DO BRAZIL. — COMMERCIO COM OS FRANCEZES. — PRIMEIROS POVOADORES PORTUGUEZES. — CONSEQUENCIA DO PROCEDER TIDO PARA COM OS INDIGENAS. — FIM DAS CAPITANIAS E DOS PRIMEIROS DONATARIOS.

Approximava-se o tempo, em que o novo mundo por tantos seculos ignorado, ia como surgir do meio das ondas, e apparecer rico de toda a juventude da natureza em suas louçanias aos olhos dos mortaes assombrados. Colombo accrescentaria um mundo novo ao mundo antigo, e Pedro Alvares, afastado da sua derrota, e impellido pelas grandes correntes do oceano, vinha aportar ás terras de Santa Cruz, e com a sua descoberta provar á humanidade vaidosa de suas anteriores conquistas, com esta que não é de todas a somenos, que o acaso, o destino, a fatalidade, valem mais muitas vezes do que as forças todas da intelligencia combinada com os esforços da coragem, da perseverança e da magnanimidade.

No emtanto a linha maritima formada pelos invasores *tupis*, estendia-se por todo o littoral: a invasão tinha chegado ao seu termo, e todavia o movimento communicado a essas massas de tribus divididas, con-

tinuava na mesma direcção, como para provar de que ponto haviam partido. Pará, Maranhão. Ceará só mais tarde foram visitados dos Europeos: Do Rio Grande dos *Tapuyas* para o sul, ficavam os *Potiguares*, demorando os limites das suas terras entre este Rio e a Bahia da traição na Parahyba, por elles chamada — *Acajutibiró* (1); mas suas correrias passavam Itamaracá e chegavam até Pernambuco. « Povoado este rio (2) (da Parahyba) escreveu o autor da *Noticia do Brazil* ficam seguros os engenhos da capitania de Itamaracá, e alguns da de Pernambuco, que não lavram com temor dos *Pitaguares*. » « Faziam guerra, não só aos *Tobajaras*, accrescenta Jaboatão, mas tambem aos *Caetés* que tiveram de ceder-lhe o campo na Parahyba », até que foram ambos lançados de Goyanna e Itamaracá, e depois tambem de Olinda e Pernambuco, e « nisto (diz o autor) mostrava ser guerreiro, atrevido e ambicioso. »

Os *Caetés*, porém, batidos pelos *Potiguares* na Parahyba, continham os *Tobajaras* em Pernambuco, chegavam até o rio de S. Francisco, cuja margem esquerda lhes pertencia: obedecendo ao mesmo impulso, faziam guerra aos *Tupinambás* que ficavam da outra banda do rio. Em canôas de periperi, atadas com timbó, que não tinham capacidade para conter mais de 10 ou 12 pessoas, atravessavam o rio, e vinham ao longo da costa assaltar os *Tupinambás*. Destes diz Jaboatão (3) que traziam guerra com os *Caetés*, mas só quando procurados por elles. E supposto se jactassem de serem os primeiros povoadores da costa, o mesmo autor oppõe-lhes igual pretenção da parte

(1) *Acajú*, fructo, tiba abundancia, e r'y-*rio*.
(2) A *Noticia do Brazil* chama este rio « de S. Domingos. »
(3) Jaboatão. Proamb. 7.º

dos *Tobajaras*, pretenção que reputa mais bem fundada.

Os *Tupin-ikins* demoravam além dos *Tupinambás* para o sul, começando o seu territorio em Cananea e acabando em Porto Seguro. Se os não vemos apertados pelos *Tupinambos*, é porque já os *Aymorés* haviam descido de suas serras, e os tinham em continuo alarma : no emtanto para prova de que tambem elles caminhavam na direcção norte-sul, Laet nos refere que os *Tupin-ikins* estabelecidos ali havia muitos annos, tinham sido expulsos de Pernambuco.

Entre os *Tupin-ikins* e *Tamoyos*, e entre estes ultimos os *Carijós* ha como uma solução de continuidade : as tribus que mais os hostilisavam, vinham do interior, e tomavam por tanto direcção differente : caminhavam do occaso para o Oriente, e chegando ao littoral tomavam indifferentemente um ou outro rumo para o norte ou para o sul. Os *Tupin-ikins* ligaram-se com os Portugueuzes contra os *Tamoyos* do Rio e Cabo Frio (1). Os *Papanazes* que ficavam entre Porto-Seguro e Espirito-Santo, retiraram-se diante delles até confinarem com os *Goiatakazes*, que se estendiam desde Rerygtiga (15 leguas ao sul do Espirito-Santo) até a Parahyba do Sul. Da Parahyba até Angra estavam os *Tamoyos*, e depois delles vinham os *Goianazes*, que confinavam por um lado com os *Carijós*, e por outro tinham guerra com os *Tamoyos*, *mas só quando provocados*.

Os *Carijós* no emtanto, continuando na sua emigração, faziam pelo lado do Prata uma corrente contraria, á que pouco tempo depois se observou no Amazonas. Em quanto os *Tupinambaranas* desciam este

(1) Jaboatão...

rio, e se estabeleciam no Madeira, fugindo, segundo se escreveu (2) á recordação do insulto que um dos seus tinha recebido dos Hespanhóes, sendo açoitado pelo furto de uma vaca, — os *Guaranis*, sob a denomição de *Chiriguanos*, chegavam até aos Andes, cuja desmarcada altura, não era obstaculo seguro ás suas correrias e depredações.

Se a pressão dos indigenas do norte para o sul — pressão que ainda podemos observar, bem que a sociedade *Tupy* já tivesse tido um começo de desmoronamento, se isto, digo, não é por si só prova bastante da direcção que em sua marcha deveram ter levado os conquistadores *tupys*, serve ao menos de auxiliar, e, porque assim o digamos, de completar as outras provas que em outros logares apresentamos.

Tal era approximadamente a distribuição dos grupos indigenas do Brazil, quando o acaso dilatou de um modo tão inexperado os dominios já tão extensos do felicissimo rei de Portugal.

O primeiro cuidado dos navegantes portuguezes que acompanhavam a Pedro Alvares, segundo lêmos na carta de Vás de Caminha, foi saber se existiram no paiz minas de ouro, ou de prata; e tanto os illudia o desejo que no gesto incomprehensivel, ou pelo menos inexplicado de um selvagem, vendo uns castiçaes de prata e um collar de ouro, procuraram descobrir a confissão de que havia na terra d'aquelles metaes, como se os indigenas podessem adivinhar o apreço que de taes materias faziam os recem-chegados.

A primeira impressão causada pelos Europeos sobre os indigenas do Brazil não foi como em outras

(1) Gonberville. *Relation de la rivière des Amazones*, c. 63.

partes a quasi adoração dos novos hospedes: tendo contemplado o que de novo se lhes offerecia aos olhos, e na maior seguridade, se entregaram ao somno na presença d'aquelles mesmos, que antes admiravam do que eram admirados, e aos quaes pareceram n'aquelle tempo, homens doceis, singelos e facillimos de admittirem a religião christã. Indicio do que no futuro tinha de succeder em tão larga escala, os primeiros colonos do Brazil foram dois condemnados á morte: associaram-se-lhes, ao que se suppõe, dois grumetes fugidos á disciplina de bórdo; e em quanto partia a frota, estes homens reputados insensiveis e ferozes além da ultima expressão (1), os rodeavam e consolavam, compadecidos de sua sorte (2).

O primeiro destacado da conserva para levar a Portugal a noticia do descobrimento do Brazil, e com instancia ao rei de Portugal para que por amor da religião se apoderasse desta descoberta, commettera a violencia de arrancar de suas terras, e sem que a sua vontade fosse consultada, a dois indios, acto contra o qual se tinham pronunciado os capitães da frota de Pedro Alvares. Fizera-se o indice primeiro do que a historia da colonia: era a cubiça disfarçada com pretextos da religião, era o ataque aos senhores da terra, á liberdade dos indios, eram colonos degradados, condemnados á morte, ou espiritos baixos e viciados que procuravam as florestas para darem largas ás depravações do instincto bruto.

Armaram-se algumas expedições ao principio; mas não se descobrindo as tão desejadas minas de ouro e prata, a flôr da mocidade e a melhor parte da

(1) Magalhães Gandavo.
(2) V. Ayres Casal, Americo Vespucio, etc.

nobreza de Portugal, continuou a procurar Africa e India, onde seus avós tinham adquirido tanta gloria, e o Brazil ficou entregue ao esquecimento e abandono. Os Francezes, porém, que não tinham colonias, e principalmente os Normandos — marujos commerciantes, frequentavam estas paragens, travando estreitas relações com os indigenas, no meio dos quaes os Portuguezes os vieram encontrar: — Albuquerque em Maranhão, Pedro de Goes em Itamaracá, Duarte Coelho em Pernambuco, Christovão Jaques na Bahia, Mem e Estacio da Sá no Rio de Janeiro. Amigos e alliados bemqueridos dos indigenas por mar e por terra os encontramos, e a relação de Hans Stadt, nem só diz que existiam Normandos entre os *Tupinambás*, como nos faz ver quanto era estimada a sua alliança.

Talvez que o trato commercial dos Normandos com os indigenas fosse para um paiz cioso de suas conquistas e descobrimentos, como foi sempre Portugal, a causa mais ponderosa, pela qual se resolveu o successor do rei D. Manoel a lançar os olhos sobre o Brazil ; ao menos aos impetos do orgulho nacional offendido, devemos os estabelecimentos mandados a Itamaracá, Rio e Maranhão.

Para a America portugueza ou Nova Lusitania, pois de ambos os modos era então chamado o Brazil, adoptou-se o mesmo systema já ensaiado nas ilhas da Madeira e Açores, bem que não fossem identicas as circumstancias destes paizes. A communicação de Portugal com ilhas proximas era facil para uma nação maritima ; nas ilhas não encontraram os Portuguezes a opposição que era muito de temer no Brazil, senhoreado por uma raça aguerrida, numerosa e mais que tudo independente ; o espaço das ilhas era

muito limitado; o do Brazil immenso: applicando-se-lhe pois o mesmo systema com a monstruosa divisão territorial de 50 leguas de costa, e de um sem numero dellas pelo sertão a dentro, ficavam as capitanias isoladas, sem servirem de mutuo auxilio umas ás outras contra os inimigos de dentro ou de fóra, sem que Portugal as podesse soccorrer efficaz e promptamente, sem que o nucleo da colonia podesse assegurar a defensão e subsistencia da propria capitania, sem que emfim um systema de civilisação applicado aos indigenas, ou aos costume da maior parte dos povoadores fosse garantia de paz duradoura.

O certo é que com summa facilidade podéram os donatarios estabelecer-se em suas capitanias, fazer casas fortes, e chamar os indigenas á sua alliança. Comtudo um principio de dissolução havia nesses estabelecimentos, e eram os degradados. Portugal os remettia anteriormente para India e Africa; mas não podendo accudir aos vastos planos de conquistas que projectava com a escassez da sua população, teve de estender ao Brazil o mesmo systema, bem que os donatarios reconhecessem o mal e pedissem remedio contra elle (1). Duarte Coelho escrevia ao rei de Portugal em carta datada de Olinda de 20 de Dezembro de 1546 (2).

« Outro si, Senhor, já por tres vezes tenho escripto e disso dado conta a V. Alteza ácerca dos degradados, e isto, Senhor, digno por mim e por minhas terras,

(1) Balthazar Telles. *Chronica da Companhia em Portugal*, 3, 9, § 2.

« Sempre esta praga perseguiu o Brazil e as outras conquistas d'este reino. »

(2) Torre do Tombo de Lisboa.

e por quão pouco serviço de Deos e de V. Alteza, é, e bem o augmento desta nova Lusitania mandar que taes degradados, como de tres annos para quá me mandão, porque certifico a V. Alteza, e lhe juro polla hora da morte, que nenhum fruito nem bem fazem na terra, mas muito mal e danno, e por sua causa se fazem cada dia malles, e termos perdido o credito que até aqui tinhamos com os indios, porque o que Deos nem a natureza não remediou, como eu a posso remediar, Senhor, senão, com cada dia os mandar enforcar, o qual é grande discredito e menoscabo com os indios?... e outro si, não são para nenhum trabalho, vem proves e nús, e não podem deixar de usar de suas manhas, e nisto cuidão, resuão sempre em fugir, e em se irem, creia V. Alteza que são piores qua na terra que peste, pollo qual peço a V. Alteza que pollo amor de Deos tal peçonha me quá não mande, porque tem mais de destruir o serviço de Deos, e seu, e o bem meu, de quantos estão comigo, que não uzar de misericordia com tal gente; porque até nos navios em que vem, fazem mil malles; e como vem mais dos degradados que da gente de marêa os navios, levantão-se e fogem, e fazem mil malles, achamos que menos dous navios, que por trazerem muitos degradados são desaparecidos : torno a pedir a V. Alteza que tal gente me quá não mande, e que me faça mercê de mandar ás suas justiças que os não remettam nos navios que para minhas terras vierem, porque é, Senhor, deitarem-me á perder. »

Observa Southey (1) que sendo o numero destes homens desproporcionado ao dos melhores povoadores, achar-se-hiam por tal motivo mais acoroçoados

(1) *History of Brazil.* T. 1, c. 1, p. 29.

pelo exemplo na iniquidade do que melhorado pelos bons exemplos, mais servirião para communicar o mal, do que para aprender o bem. Só males resultava da sua communicação com os selvagens, por que cada qual delles tomava do outra a peior, os barbaros adquiriam novos meios de destruição e os Europeos novos modos de barbaridade. Estes cada vez mais se afastavam d'aquelle humano horror ás festas sanguinolentes dos selvagens, que malvados como eram, haviam ao principio experimentado; e os indigenas perderam aquelle respeito e veneração para com uma raça superior, o que mesmo para elles tão util lhes tinta sido.

Como eram poucos e se temiam dos indigenas, pareceu aos colonos que para viverem seguros careciam de que os seus alliados vivessem em continuas guerras; incitavam os odios, envenenavam as inimizades, aconselhavam e assistiam aos seus triumphos sanguinolentos. A lavoura, de que dependia a sua subsistencia era exercida pelos alliados, e não lhes bastando o serviço destes, posto que prestados quasi sem retribuição alguma de tão mesquinha que era, converteram a estes, e tomaram outros por escravos.

« Os moradores desta terra (diz um escriptor) (1), todos têm terras de sesmaria dadas e repartidas pelos capitães da terra; e a primeira cousa que pretendem alcançar são escravos para lhe fazerem e grangearem suas roças e fazenda, porque sem elles não se podem sustentar na terra. » E mais abaixo (2) « As pessoas que no Brazil querem viver, tanto que se fazem moradores da terra, por pobres que sejam, se cada um

(1) *Tratado da terra do Brazil*, 2.°, c. 1.
(2) *Tratado do Brazil*, 2.°, c. 2.

alcança dois pares ou meia duzia de escravos, que póde um por outro custar pouco mais ou menos até dez cruzados, logo têm remedio para a sua sustentação. »

Não sendo possivel que comprehendessem ou podessem explicar o procedimento dos Portuguezes procedimento que estavam longe de merecer, poderam os *Tupys* repetir o que a outros Europeos disseram os *Caraibas:* « Ou é bem ruim a tua terra para que assim nos venhas tomar a nossa, ou bem máo és tu para que assim nos persigas só por amor de nos fazer mal. »

Homens que nenhum vicio odiavam tanto como a avareza, que nenhuma qualidade estimavam mais que a liberdade, em nenhum apreço podiam ter aquelles para quem o interesse era tudo, e dos quaes diziam mostrando um pedaço d'ouro; « Eis o Deos dos christãos! Por amor disto perseguem-nos, maltratam-nos, escravisam-nos, e contra nós commetteram cousas horriveis (1). » Homens de quem se podia conseguir tudo por bons modos (2), mas amicissimos de sua liberdade e independencia, podiam ser á força escravisados ; mas em breve, passado o primeiro momento de pasmo, ou se levantam ou fugiam : presos, encorrentados, maltratados e obrigados a um trabalho incessante e violento esses do quaes nas colonias francezas se reconheceu, que, para se deixar morrer, bastavam ser olhados de travez, definhavam e morriam quando não quebravam as suas cadeias indo divulgar por todo o sertão os horrores dos colo-

(1) Benzoni. *Histoire du Nouveau Monde.* Referem-se aos Hespanhóes; mas não podiam com igual razão dizer o mesmo dos Portuguezes?

(2) *Histoire des Antilles :* p. 401.

nos, e levantando barreiras eternas entre homens que tão pouca fé sabiam guardar-lhes, e um povo de natureza desconfiado. Homens emfim que reputavam a maxima das vilezas e infamias o fugir dos laços da prisão de guerra, ou em derramar lagrimas na presença da morte, deviam considerar como bem indignos aquelles que se gloriavam de romper esses laços, nem se pejavam das lagrimas na presença dos contrarios. Quereis ouvir? Quando Hans Stadt cahiu prisioneiro dos *Tupinanbás*, teimava que não era Portuguez, mas alliado seu, como Francez, que dizia ser, os indios não lhe davam inteiro credito, bem que a côr dos olhos e dos cabellos os fizesse suspeitar de que poderia o prisioneiro fallar verdade. Ameaçado a todas as horas, Hans Stadt, já via de perto a morte, e a julgava inevitavel. Um dia puchado á terreiro, vendo mais feros os animos, mais cruas as ameaças, persuadiu-se que ia morrer; acudiu-lhe a lembrança da patria, e sem que as podesse conter de medo ou de saudade, as lagrimas lhe começaram a correr. Á tal vista os *Tupinanbás* batem palmas, soltam gritos, e á uma voz exclamaram : « É Portuguez! é Portuguez! » Epigramma ferino, que devendo referir-se sómente ás fezes d'aquella bellicosa nação, nodoava indistinctamente nomes illustres e provados em todas as partes do mundo. Por isso os odiavam, e o que será mais dura verdade ouvir-se, mas conclusão legitima do que acabamos de narrar, os desprezaram tambem.

Vem á pello o estudo de dois vocabulos da lingua geral ; já dissémos quaes sejam. Em quanto os *tupys*, não tiveram a temer senão de suas desavenças intestinas, empregavam uma só palavra para significar o seus contrarios na guerra — *tapuya* : depois as tri-

bus do interior ganhando forças sahiram impetuosas das florestas para perturbar os invasores que se effeminavam na posse não disputada da conquista, ou se enfraqueciam com lutas interminaveis, então formaram nova palavra para designar esta nova classe de inimigos — *tapuya-caapóra*, inimigos do matto, inimigos ferozes. Vieram por fim os Portuguezes — chamaram-n'os « *çobayana* » palavra inoffensiva e de sentido obvio, á qual nos primeiros tempos, não podia andar ligada outra idéa, senão a de serem homens — *da outra banda* — *d'além mar.*

O ardor, porém, dos Portuguezes de conquistar todas estas terras, de captivar todos os selvagens, se revelou sem rebuço no facto de chamarem *tapuyas* a todos os indios, fossem ou não seus amigos ; facto imprudentemente significativo, porque era a expressão franca da verdade ; imprudentemente dissémos, porque como se haveriam os indios de persuadir que eram seus verdadeiros alliados e amigos aquelles que os chamavam contrarios — *Tapuyas*? Era tão grosseiro o artificio que não póde ter cabimento nem mesmo na intelligencia rude dos selvagens. Retribuiram-lhes estes, modificando o sentido da palavra *çobayana*, que já não quer indicar simplesmente — o estrangeiro; mas propriamente — o contrario, o inimigo — como se o simples facto de serem Portuguezes esses homens, bastasse para os caracterisar de uma vez para sempre e irrevogavelmente, como seus inimigos natos. Nestas duas palavras, pois, está toda uma chronica : melhor, se encerra toda a historia da relação entre os Portuguezes e os Indios.

E ainda mais : á vista destes novos inimigos, a palavra antiga *tapuya caapóra* cahiu em desuso, como se a outra *çobayana* fosse a exacta equivalente para

exprimir a idéa de ferocidade que ligavam á primeira : aquella ficou sendo sómente empregada pelos Portuguezes para designar aquelles que não tinham recebido as algemas do captiveiro com os preceitos do christianismo. Para elles, como tambem para os missionarios, *tapuyas caapóra* significa o gentio, o idolatra.

Os alliados para acquisição dos objectos que o seu commercio com os Europeos lhes tornára necessario, não tinham aprendido mais artes que a de reduzirem os seus inimigos á escravidão, e como escravos eram vendidos por menos do que na Europa se vendia um boi ou um cavallo. Fundaram-se curraes para guardar os captivos, como terião os *Tupinambás* para os *Caetés*, ácerca dos quaes lêmos no *Tratado da terra do Brazil* (1) : « Os que não poderam fugir para a serra do Aquetibão, não poderam escapar de mortos, feridos ou captivos : destes captivos iam comendo os vencedores, quando queriam fazer as suas festas, e venderam delles aos moradores da Bahia e Pernambuco, infinidade de escravos ao troco de qualquer cousa, ao que iam ordinariamente os caravelões ao resgate, e todos vinham carregados desta gente, á qual Duarte Coelho de Albuquerque por sua parte acabou de desbaratar. E desta maneira se consumiu este gentio. » Para terem tantos escravos seguros, e sempre á mão de serem vendidos, foi necessario engenhar cercados onde os tivessem e guardassem. Isto se deprehende da asserção do autor que citamos, e muitos annos depois acharam-se vestigios disso pelo interior do Pará. « À margem do pequeno rio Uruá (escreveu o ouvidor Sampaio) está o logar de Alvares

(1) Capitulo 16.

antigamente *cayçara*, que quer dizer « curral, » onde tinham os Indios escravos. »

Com o fito de os destruir e escravisar os Hespanhóes tinham fechado os olhos a horrores contra o christianismo, chegando até a autorisal-os ; pois que o cap. 82 dos commentarios de Cabeza de Vaca, inscreve-se : « Os alcaides concedem aos indios permissão de comerem carne humana. » Neste capitulo diz o autor que tal permissão fôra dada por quererem os officiaes de Domingos Iral, carear por este meio a vontade dos naturaes, sendo constante que grande numero dos que receberam semelhante autorisação, eram christãos novamente convertidos. « No Brazil, diz Southey (1) todas as artes que podiam inflammar a animosidade de umas hordas contra outras, eram postas em pratica por aquelles desgraçados para que os naturaes no descanço da paz se não podessem fortalecer e combinar contra o inimigo commum : d'aqui lhes vinha outro proveito, e era, que em quanto elles estivessem em guerra, não faltarião escravos no mercado. No desenvolvimento deste plano aconselharam os selvagens do reconcavo e Itaparica, continuassem a sacrificar os seus inimigos nas suas costumadas festas. » Por estes e outros actos semelhantes dizia Las Casas (2) que a maior parte dos Hespanhóes abandonando-se a toda casta de vicios, eram immodestos, voluptuosos, lubricos ; de modo que comparados com os Indios, nestes se acharia mais virtudes e equidade. Isto era para o geral delles ; dos governadores e mais autoridades accrescentava, que um Hespanhol com mando em qualquer aldeia ou cidade, produzia maior

(1) *History of Brazil*. T. 1.° p. 389.
(2) *La découverte des Indes*. Paris, 1697; pag. 182.

somma de males pelos máos exemplos que dava, e escandalo de que era causador, do que de bens podiam produzir para a propagação da religião christã cem religiosos com a piedade e santidade de uma vida exemplar. Annos, mais de um seculo depois, repetia o Padre Antonio Vieira (1) as mesmas queixas a proposito dos colonos e governadôres do Estado do Maranhão, escrevendo ao rei de Portugal que para governadores mandasse ao Brazil pessoas de consciencia, e quanto aos colonos que com elles se não tinha menos que fazer do que com os selvagens.

Continuaremos ainda com a noticia da destruição dos Indios, pois de ordinario nos satisfazemos de saber que os horrores não foram aqui tantos, nem tão monstruosos como na America hespanhola. Saibamos um pouco do que entre nós se passou.

Não se contentando com os Indios que lhes eram precisos para as suas necessidades, os colonos os captivavam e exportavam para fóra do Brazil. Deste facto, que está pouco vulgarisado, são para nós documento irrefragavel as leis hespanholas de 1550 a 1570, citadas por Solazano, nas quaes se prohibia a posse de Indios importados do Brazil pelos Portuguezes, e vendidos nas Indias de Castella como escravos (2).

Não lhes bastando escravisar os pais, escravisavam tambem os filhos, dividiam as familias, como tinham dividido as tribus, quebravam os laços do amor paterno, unico ponto de apoio seguro para a sua colonisação e catechese, e do qual se serviram os Jesuitas com tanta astucia, e com tão pouco proveito.

Succedendo-se á peste da seára a da bexiga, que

(1) Carta de 20 de Abril de 1657.

(2) Apoiamo-nos na autoridade do historiador das Antilhas

em 1563 levou mais de trinta mil cathecumenos (1), aproveitaram-se os colonos destas calamidades como das guerras que adrede suscitavam. A mesa da consciencia resolveu [por esta vez sómente citaremos Constancio (2)] com a mais impudente iniquidade, que em caso de extrema penuria um homem podia vender-se a si e a seos filhos. O bispo e ouvidor do Estado publicaram esta decisão *para tranquillisar a consciencia dos colonos.*

O máo tratamento de que tanto tempo havia eram victimas, inflammou por fim os animos dos Indios, e uma como sublevação geral se manifestou por todo o littoral onde tinham chegado os Europeos (3) : causaram grandes males, até a total destruição de muitas capitanias e ruina de seus donatarios; mas em defi-

para prova dos males produzidos sobre os selvagens pela communição e trato com os Europeos. « Verdade é que elles têm degenerado de muitas das virtudes dos seus antepassados; mas é certo tambem que os Europeos com perniciosos exemplos, com os máos tratamentos de que usavam para com elles, enganando-os cobardemente, faltando-lhes em todo o tempo e cobardemente a fé promettida, tomando e queimando impediosamente suas casas e aldeias, violentando indignamente suas mulheres e filhas, lhes têm ensinado, com perpetua infamia do nome christão, a dissimulação, a mentira, a traição, a luxuria e muitos outros vicios quasi desconhecidos d'elles antes de commerciarem comnosco. *Histoire naturelle et morale des îles Antilles.* P. 2.ª, c. 7.

(1) *Lettres Édifiantes.* T. 9, p. 397. *Chronica da Companhia.* L. 3, § 41, 42.

(2) *Historia do Brazil.*

(3) « Foram notando os naturaes da terra em nossos Portuguezes outra intenção mui differente da com que aportaram a ella em Porto-Seguro : então tratavam com elles como hospedes, mostravam alegrar-se com sua presença e enchiam-n'os de favores e mimos; porém agora haviam-se como com inimigos, pretendiam desterral-os de suas patrias, fazer-se senhores d'ellas, e ainda de suas liberdades. Para remedio d'estes males e defensão sua natural, passaram palavra por toda a costa de

nitiva o resultado da guerra lhes foi em todas as partes desfavoravel. Emigraram os do sul mais para o sul (1), e os do norte, a contar-se do Rio de Janeiro, mais para o Norte, e vieram entrincheirar-se desde as serras do Ceará até aos grandes confluentes do Amazonas e além delles. Deveriam ser numerosissimos os *Tupys*, ainda quando dermos muito desconto aos viajantes que tratam, bem que accidentalmente, do numero e população de suas aldeias; e todavia rapida foi a sua destruição, tão rapida como nas outras partes da America, como foi, por exemplo, a dos *Aturès*, de cujo idioma ficou um papagaio por unico depositario (2).

Algumas palavras ácerca das principaes tribus.

Os *Tamoyos* (3), antigos alliados dos Francezes, confederarão-se com os *Tapuyas* do interior, tambem maltratados pelos Portuguezes, e apresentaram em campo uma força que seria a destruição da colonia, se Nobrega e Anchieta, mettendo-se de permeio, não firmassem novas pazes com risco da propria vida. Sacrificio e abnegação tanto mais dignos de louvor, quanto pouco antes disso Nobrega prégava do pulpito

Brazil, e confederaram-se as nações, suspendendo os arcos que maneavam entre si passando a força d'elles contra os Portuguezes, inimigo commum. » Vasconcellos. *Chronica da Companhia*. L. 1, n. 44.

(1) Obra citada n. 64. « Povoada (S. Vicente) de multidão de gentio, que as armas portuguezas afugentaram para o lado do Rio da Prata. »

(2) « Entre os *Maypuras* (é este um facto singular) vive ainda um velho papagaio, o qual dizem seus habitantes não o comprehenderem, porque falla a lingua dos *Atures*. » *Tableaux de la Nature*. T. 2, p. 230 (1.ª edição.)

(3) The *Tamoyos* would have been faithful friends, could they have been safe from the slavery hunters; made enemies by injustice, they were the most terrible of enemies. Southey.

e nas praças (1), que os seus inimigos serião victoriosos por estar Deos com a sua justiça, tendo os Portuguezes vexado e escravisado a uns em menosprezo do tratado, e soffrido que outros devorassem os seus prisioneiros. O resultado foi como sempre, e como em todas as partes, desfavoravel aos indigenas.

No governo de Antonio de Salema commerciavam os Francezes com os *Tamoyos* de Cabo-Frio. Christovão de Barros com 400 soldados e 700 Indios alliados vai atacar as suas aldeias, e soffre tal resistencia que desesperando de os poder vencer em quanto unidos, pactua com os Francezes. Trahidos e abandonados por estes, 10 ou 12 mil *Tamoyos* (2) fôram captivos ou mortos, e o restante delles embrenhou-se pelas florestas, ficando entre Ceará e Maranhão, dos quaes diz Laet (3) : « Os selvagens, que presentemente habitam estas paragens (Juruquaquara) dizem que ha quasi sob o tropico de Capricornio uma muito bella provincia, chamada *Caeté*, como quem dissesse grande floresta, coberta por todos os lados de bosques expessos, e de arvores muito altas, e nellas nações que se chamam *Tupinambás*, por sua valentia em que excediam os seus vizinhos. Dizem que não podendo resistir aos Portuguezes, retiraram-se ás florestas, atravessaram grande espaço de terras, e aqui chegaram, dividindo-se em muitas parentelas, e tomando os nomes dos logares em que habitam. *Paraná-enguares*, os

(1) Vasconcellos. *Chronica da Companhia*. L. 2, § 132, 139.

(2) Vasconcellos diz : de oito a dez mil. Porém fallando d'este encontro, escreveu o autor da *Noticia do Brazil*. « Fôram mortos infinitos e captivos dez a doze mil, e com esta victoria se atemorisaram tanto, que despejaram a ribeira e se fôram para o sertão. »

(3) *Laet*. p. 536.

habitantes das praias; *Ibuypab-enguares*, os das montanhas. »

Os *Tupiminós*, depois de convertidos e aldeiados, levantaram-se contra os Portuguezes que os captivaram, e depois de muitas derrotas e carnificinas, resolveram-se a ir de novo habitar as brenhas, donde foram tirados em parte (1).

Os *Tupinambás*, enfraquecidos e derrotados, emigraram debaixo do mando do Japy-assú: uns ficaram nas montanhas do Ibiapaba, outros passaram a Maranhão, Alcantara e Cumá, outres emfim chegaram até ao Amazonas estabelecendo-se desde a sua foz até a confluencia deste rio com o Madeira (2).

Os *Caetés* fôram escravisados e completamente destruidos, os *Tobajares* ficaram no Ceará, e os *Potiguares* um por um acabaram ao serviço dos Portuguezes. Foi uma das suas ultimas expedições á Bahia, assolada pelos *Amoyrés*, contra os quaes houve necessidade de serem empregados. O jesuita Diogo Nunes consegue arrebanhar 800 homens escolhidos, com a condição, que, apenas acabada a guerra, serião restituidos ao seio de suas familias. Chegam á Bahia, mas depois de conseguido o que delles se esperava, Botelho, que os commandava, os emprega em trabalhos forçados, mandando outros á defesa dos ilheos. Os *Potiguares* soffreram com paciencia por algum tempo; mas como vissem que nada se determinava quanto á sua partida, resolveram-se a fazel-a sem ordem. O Governador da Bahia põe a tropa em armas para o impedir, e como fosse grande o perigo, porque os Indios por sua parte pareciam dispostos a acceitar o

(1) Vasconcellos. *Chronica* II, n. 104 e 146.
(2) Beauchamp. *Histoire du Brésil*. T. 1. p. 332.

combate, outro jesuita os persuade a ficar, e ainda foi preciso empregar jesuitas para os separar de seus chefes, afim de serem mais facilmente escravisados. Em todas estas negociações (diz Southey) mais é para admirar o poder que os missionarios tinham sabido grangear sobre os Indios, do que o uso que desse poder faziam.

Quando os Portuguezes começaram a estender-se para o norte, onde se achavam reunidos os restos das tribus dispersas, a assolação e barbaridade chegou ao mais lastimoso extremo. Pedro Botelho se assignala entre todos pelas artes com que escravisa os seus alliados, e pelas tyrannias com que se torna odioso e intoleravel. As suas desgraças, sendo obrigado a fugir com a sua familia por meio dos sertões, e nesta fuga perdendo dois filhos, não fôram talvez castigo bastante ás suas iniquidades (1). Em Maranhão o indio Amaro, que se quer oppôr á violencia dos Portuguezes, colligando os seus irmãos em defesa propria, expira á bôca de uma peça. Bento Manoel persegue e acoça os *Tupinambás* desde o Maranhão até o Pará; captiva e mata quantos apprehende, e se entende, diz Gaspar Estaço, que passarião de 500 mil almas. Em 1618 Pedro Teixeira no Pará continuou a derrotal-os, de modo que os restos diminutos desta tribu tiveram de retirar-se para Tocantins e Iguapé. « O periodo, porém, ultimo da destruição dos *Tupinambás* (escreve o ouvidor Sampaio) (2) foi no anno de 1619, em que, unidas as forças de Pernambuco, Maranhão e Pará, derrotaram de todo as aldeias de Guanapú, Carapi, e o ultimo resto de Iguape. Em 1661 ainda tinhamos

(1) *Vida do Padre Vieira*. T. 2, 240.
(2) *Roteiro* citado, § 22 e 23.

bastante numero em povoações proprias, e nos serviamos nas guerras contra as mais nações de indios, que sempre respeitaram o nome de *Tupinambás*. Hoje (em 1774) existem alguns, mas quasi sem nome e gloria. »

As violencias commettidas contra os Indios, por tal forma os exacerbaram, que em todas as partes elles se opposeram rancorosamente aos colonos, e de tal modo que entre elles não póde mais haver conciliação.

Martim Affonso de Souza facilmente os sujeitou (1) e viveu em paz com elles. Não bastou este motivo para que fossem menos maltratados os Indios de S. Vicente : pelo contrario, quando, extinctos os do littoral, fôram procurados os do interior, quando os Europeos se fatigaram, os seus descendentes americanos continuaram a caçal-os com tanto aferro, que então e muitos annos depois, por todo o Brazil se encontravam paulistas, que não tinham nem queriam ter outro modo de vida.

Menos feliz do que seu irmão, Pero Lopes de Souza, teve alguns apertados conflictos com os *Pitigoares*, que o assediaram dentro da sua propria cidade, e dos quaes foi muitas vezes offendido (2), até que depois de longas viagens e innumeros trabalhos pereceu em um naufragio.

Pedro de Goes lutou cinco ou seis annos com os *Goiotakases* (3), mas por fim teve de largar a praça pedindo navios do Espirito-Santo que o transportas-

(1) Com este indio *Goianaz* teve Martim Affonso pouco trabalho por ser pouco bellicoso e facil de contentar. (*Noticia do Brazil.*)

(2) Rocha Pitta 2. § 106. Balthazar Telles *Chronica da Companhia*, 3, 1, 5. *Noticia do Brazil.*

(3) *Noticia do Brazil.* « Pozeram lhe cerco, padece fome e vê-se forçado a despovoar. »

sem d'ali, onde deixava sepultada a sua fortuna e parte da de Martim Ferreira, que nesta empreza o favorecera.

Vasco Fernandes Coutinho, que na India se tinha enriquecido, consumiu a sua fortuna com a capitania do Espirito-Santo. Tinha este povoador comsigo, dois nobres Portuguezes, mas degradados, aos quaes deixou entregue a capitania quando se retirou para Portugal, afim de pedir soccorro. Faltos de prudencia e de virtude, estes dois homens acabaram de perder a sua capitania. Os *Tupin-ikins* de um lado, e os *Goiatakases* do outro apertaram por tal forma os cerco em que o haviam posto, que depois de queimarem alguns engenhos e fazenda, mataram á frechadas a D. Jorge de Menezes, o que tambem fizeram depois a D. Simão de Castello Branco, a ponto que os restantes abandonaram a povoação e capitania. Vasco Fernandes, voltando, continuou a viver nos mesmos embaraços e sobresaltos, por causa dos *Aymorés*, que não deixavam fazer plantações: os engenhos não tinham safra, e ninguem podia ir ao campo. Collocados em tal extreiteza, os colonos emigravam continuadamente, tornando mais lastimavel a sorte dos que ficavam. (1) Fernão de Sá, filho de Mem de Sá, indo a soccorrel-o, morre em combate. Mem de Sá com esta noticia partiu para vingar a morte do filho, — começou uma guerra de surpresa e barbara, vingando-se á semelhança dos selvagens, cujos costumes se reprehendiam: atacava-os de noite ás subitas, por emboscadas, e matou homens, mulheres e crianças, sem poupar a pessoa viva, destruindo segundo os historiadores

(1) *Chronica da Companhia*; 2, 106. Southey narra o facto, observando que os *Aymorés* não tinham aldeias.

300 aldeias (1), e pondo fogo ás mattas para lhes tirar todo o refugio. Não obstante isso, pouco tempo depois dessa expedição, a capitania dos Ilheos estava quasi completamente despovoada e desoccupada. « Na povoação desta capitania [diz a *Noticia* (2)] gastou Vasco Fernandes o que adquiriu na India e todo o patrimonio que tinha em Portugal, que todo para isso vendeu, o qual acabou nella tão pobremente que chegaram a dar-lhe de comer pelo amor de Deos, e não sei se teve um lençol em que o amortalhassem. E seu filho, do mesmo nome, vive hoje na mesma capitania tão necessitado, que não tem mais de seu que o titulo de capitão e governador della. »

Pedro de Campos Tourinho seguindo, ao que se diz, o mesmo rumo de Cabral, desembarcou em Porto Seguro (3). Soffreu tambem grandes trabalhos e vexames para a conquista da terra (4), e como tivesse vendido quanto tinha para os aprestos da expedição, sua familia, por sua morte, a vendeu a juro de 100$, de modo que não se aproveitaram os seus descendentes do fructo dos suores de seu pai. Os duques de Aveiro tambem se não poderam applaudir da compra que haviam feito, porque, descendo os *Aymorés*, assolaram até o ultimo engenho, destruiram de todo as villas de S. Amaro e Santa Cruz e deixaram a de Porto Seguro arruinada e falta de moradores.

Francisco Pereira Coutinho, bem recebido pelos *Tupinambás*, mas cioso da autoridade moral que Diogo

(1) Vasconcellos. *Chronica da Companhia*, 3, 53, 54.

(2) Cap. 42.

(3) Vasconcellos. *Chronica da Companhia*. L. 1, 142.

(4) *Noticia do Brazil*, 35. « Com a guerra que lhe fez o gentio *Tupinikins* que vivia n'aquella terra, e que lh'a fez tão cruel que o teve cercado por muitas vezes, e posto em grande aperto com o que lhe mataram muita gente. »

Alvares exercia sobre elles, maltratou ou consentiu que fossem maltratados os Indios. Levantou-se por este motivo uma guerra cruel e encarniçada, que durou mais de oito annos : os Indios queimaram-lhe os engenhos, poseram-n'o em cerco e fizeram-n'o soffrer as mais duras privações. Com a morte de um filho, de outros parentes e companheiros seus Coutinho abandonou a sua capitania e recolheu-se á dos Ilheos. Feitas as pazes algum tempo depois, quando elle voltava, naufragou em Itaparica e foi morto pelos Indios, escapando bem poucos dos que o acompanhavam. « Desta maneira (diz a *Noticia*) acabou ás mãos dos *Tupinambás*, o esforçado cavalleiro Francisco Pereira Coutinho, cujo esforço não poderam render os *Runes* e *Malabares* da India : gastou a vida, o que em muitos annos tinha ganho na India, e o que tinha em Portugal, com o que deixou sua mulher e filhos postos no hospital. »

Duarte Coelho em Pernambuco, segundo a expressão de Rocha Pitta, teve de conquistar palmo a palmo o que lhe fòra concedido ás leguas : e se resistiu ao impeto dos selvagens, foi com o auxilio dos chefes dos *Tobajáras*, seus alliados, que exterminaram ou fizeram os *Caetés* despejar a capitania.

Em Maranhão continuados infortunios pareciam dever inspirar aos primeiros povoadores com a lembrança das proprias desgraças, a commiseração para com as tribus indigenas.

Assim em todas as partes foi preciso exterminar os Indios, ou retirarem-se os colonos; nem permittiu Deos que tantas injustiças aproveitassem nem mesmo aos descendentes d'aquelles, que as commetteram ou consentiram que em seu nome as commettessem outros.

SEGUNDA PARTE

INTRODUCÇÃO

CAPITULO I

Desenvolvida como melhor podemos a primeira parte do programma, de que nos coube tratar, que se nos parece menos interessante, é com certeza mais espinhosa para o escriptor.

Tratamos nesta segunda parte de descrever o estado physico, moral e intellectual dos póvos da Oceania; de comparal-os com os tres semelhantes estados dos que, adoptando nós a antiga denominação, chamaremos Brazis, e de deduzir desta comparação qual delles estava mais apto para receber a civilisação.

Seja-nos permittido uma observação, talvez melhor um reparo, antes que entremos em materia. Se nesta segunda parte se refere o nosso programma a toda a Oceania, parece que a primeira deveria abranger toda a America; e se pelo contrario de todas as partes da America convinha que tão sómente nos occupassemos com o Brazil, o que este Instituto tem principalmente em vista, seria isso motivo bastante para que na Oceania procurassemos circumscrever um espaço,

onde a semelhança ou dessemelhança de raça comparada com a indigena do Brazil — do clima — do solo — das producções naturaes — do resultado de tentativas de civilisação, ou de qualquer outra circumstancia de maior momento, offerecesse pontos de contacto ou de partida, de modo que se houvesse de oppôr uma raça á outra, um clima a outro clima, de modo que pelos meios empregados se podesse apreciar os resultados dos differentes methodos de colonisação, catechese e civilisação. Emfim quer me parecer, além de mais simples, mais congruente, oppôr-se o mundo novo ao mundo novissimo, ou pelo contrario, alguma das raças indigenas da America á alguma das raças indigenas da Oceania.

Adstricto, porém, ao desenvolvimento do programma tal qual foi distribuido, occupar-me-hei de toda a Oceania, que tanto pelas circumstancias geographicas como pela novidade e diversidade das raças que encerra, merece ser chamado mais propriamente que a America — mundo novo.

A Oceania na época do seu descobrimento. Póde bem ser materia de controversia saber-se de que descobrimento aqui se trata; se outros póvos antes dos Europeos não tinham já visitado a Oceania; e se, mesmo a respeito destes ultimos, devemos considerar como descoberta qualquer das suas ilhas só no tempo em que os viajantes sobre ellas escreveram relações mais noticiosas e menos imperfeitas; porque não raras vezes acontece que a relação escripta é, de um seculo e mais, posterior ao descobrimento. Assim é que tendo o Hespanhol — Quiros — aportado em 1606 nas ilhas que elle chamou Australia del Espiritu Santo, denominadas em 1768 as Novas Cycladas por Bougainville, e as Novas Hebrides em 1773 por Cook; e

não obstante ter o Hespanhol escripto a relação de sua viagem, é só desde os dois ultimos viajantes, isto é, mais de seculo e meio depois, que datam as noções mais exactas destas ilhas, tanto a respeito dos seus habitantes, como das suas producções. Não queremos multiplicar exemplos; mas é bem raro que a historia do descobrimento de qualquer dessas ilhas, de qualquer desses rochedos perdidos no meio do mar, não careça para completar-se dos escriptos dos viajantes que se foram succedendo um após outros por espaço de bem longos annos.

Admittamos que se trata do descobrimento pelos Europeos; porque não é possivel seguirmos os Arabes no seu commercio com esta parte do mundo, ainda que modernamente se tenha posto fóra de duvida e disso nos dê testemundo o *Cosmos indicopheustes* (1) que os Arabes dados ao commercio e á marinha frequentaram Ceylão desde tempos mui remotos, e que a elles deveu esta ilha a sua importancia commercial durante a idade média até as descobertas dos Portu guezes na India.

Deixaremos tambem de parte as viagens do Veneziano Marco Polo, bem que pelo seculo 13 já tivesse este aventureiro intrepido percorrido uma parte das ilhas da Malasia, conhecida tambem com a denomina ção de Oceania Occidental.

Ainda assim seria por demais extenso o espaço, vasto por demais o periodo que nos restaria a percorrer desde Magalhães e Fernão Mendes Pinto até as viagens de Cook e Bougainville, ou mais propriamente até as ultimas descobertas do infatigavel Rienzi. O espaço seria de metade do mundo conhecido (2) o periodo de

(1) Apud Montfaucon, p. 336.

(2) De mais de metade, diz Rienzi, porque segundo elle os

mais de tres seculos, durante os quaes foram tantos os viajantes e tão successivas as descobertas que occuparnos detalhadamente de cada uma dellas, seria materia de volumes que não com muita facilidade se poderia reduzir aos limites de uma comparação.

Abundam as difficuldades nesta parte do nosso trabalho. Assim por exemplo o que ha mais facil do que as divisões geraes que faz a geographia de qualquer das grandes partes do mundo? O que mais simples que as denominações a ellas impostas pelos viajantes ou admittidas pelo geographo? Pela posição, pelas dimensões, pela forma é bem conhecido o velho e o novo mundo. Dão-se na Oceania as mesmas circumstancias e todavia as suas divisões naturaes, assim como os seus limites parecendo assumpto de não admittir controversia, tem dado logar a opiniões bem differentes. Nem as mesmas denominações são por todos geralmente admittidas, nem as mesmas divisões geralmente seguidas. Hesita-se ainda hoje se devem ou podem ser acceitos os nomes de Malasia, Micronesia e Polynesia, ou se, em relação ás raças se deverá esta grande porção do mundo subdividir nas cinco partes de Rienzi no seu importante trabalho sobre a Oceania, ou nas quatro de Eichtal na sua « *Historia e origem dos Fullahs* » (memoria apresentada á sociedade ethnographica de Paris) ou nas tres com que alguns geographos abrangem toda a Oceania debaixo das denominações de Notasia, Australia e Polynesia.

Comtudo adoptaremos a divisão do Eichtal por ser

limites da Oceania de léste a oeste vem a ser da ilha de Sala a de Kerguelen e dos 40 gráos de latitude septentrional, as ilhas do Bispo, que demoram aos 50 gráos de latitude meridional; vindo a comprehender sómente em terras um espaço que calcula em mais de 500,000 leguas quadradas.

a mais simples, e nos parecer que é a que melhor se adapta a ethnographia.

Assim pois temos.

A Polynesia, cujos principaes pontos são a Nova Zelandia, e os archipelagos de Sandwich, de Taiti e de Tonga. Quizeram dar-lhe o nome de Pletonesia do tabu, que é a interdicção religiosa a que estão sujeitas estas ilhas, como diremos em seu logar.

A Melanesia, nome imposto por Urville (1) antigamente chamada Ilhas dos Negros, por causa da população que as habita. Comprehende o continente da Australia, bem como as numerosas ilhas que se estendem ao norte e nordeste deste continente, entre elle e o archipelago chamado — Ilhas Mariannas.

A Micronesia, sendo os seus pontos mais importantes as ilhas Carolinas e Mariannas; mas não se deve confundir esta parte com aquella a que Rienzi dá o mesmo nome; porque o Micronesia ou Oceania septentrional de Rienzi começa quasi com o tropico de Cancer, mas não comprehende senão pequenas ilhas e rochedos desertos estendendo-se de leste a oeste da ilha de Necher ás de Borodino.

A quarta parte emfim, será o archipelago indiatico, como a chamam os escriptores inglezes — a Malasia, ou como quer Rienzi a Malaynesia, segundo a pronunciação *malayú*.

Esta divisão, porém, não nos servirá senão para determinar qual a variedade, especie ou raça humana que comprehendemos debaixo das denominações de *Malaios*, *Melanesios* e *Polynesios*.

Dos *Mecronesios* não trata, tanto porque, segundo uns autores, consta a Micronesia de rochedos este-

(1) *Voyage de l'Astrolabe.*

reis, e por consequencia sem população, como porque, segundo outros, são os seus pontos principaes as ilhas Mariannas e Carolinas, e devem os seus habitantes ser classificados em algum dos grupos ou raças mencionadas.

Se omittirmos a divisão do mundo Oceanico para evitarmos esta primeira e comparativamente pequena questão de geographia, restar-nos-ha ainda a outra mais importante das raças. Descrevel-as no tempo dos descobrimentos europeos seria trabalho por demais difficil, e que, além de difficil não nos parece de muita utilidade para a questão que nos occupa.

A escassez que temos de livros relativos aos primeiros tempos do Brazil nos fará bem comprehender o que acontecerá com os que dizem respeito a Oceania. Não são em grande numero este livros, que nem facilmente se encontram, nem facilmente se combinam.

Por outro lado a antropologia e etnographia são sciencias de data muito moderna que ainda não ha muito, era ao que parece bem pouco reconhecida a sua importancia. O que n'aquelles tempos os viajantes e navegantes nos poderião transmittir de mais exacto seria um ou outro caracter physico, que os comprehendesse, um ou outro costume em desharmonia com os da Europa, — alguma nação acanhada de suas idéas religiosas; mas tudo isso, confesso, sem nexo, e sem ordem.

Se disto vos quereis convencer, procurarei dar uma prova baseando-a na autoridade de um nome não menor que o de Cuvier.

Admirava-se o grande naturalista de que fossem tão pouco conhecidos os caracteres physicos das raças humanas, e não acabava de comprehender a indifferen-

ça dos viajantes a semelhante respeito. Toma nota de não ter havido nenhum ramo da historia natural, — na Geologia, Mineralogia, Botanica, Zoologia, em cujo progresso se não tivessem interessado, nenhum recanto da terra que não houvessem visitado para fezerem conhecidas as suas riquezas. Admira-se de que não sómente houvessem descripto com precisão, mas até desenhado todos os seres da natureza desde os mycroscopicos até os que são da mais gigantesca estatura, — e que ao mesmo tempo se esquecessem do homem como que fosse objecto de pouca monta, e indigno de lhes occupar a attenção.

Os que na sciencia succederam a Cuvier, que não são muitos, abalroaram-se com iguaes difficuldades. Virey, Borey de Saint Vicent, Dumoulin e o ultimo de todos elles, Prichard, são testemunhos irrecusaveis das asserções d'aquelle altissimo engenho. Os viajantes que estes autores poderam consultar, são quasi os mesmos que Cuvier já tivera á sua disposição; as relações dos modernos igualmente imperfeitas, e a força intellectual da analyse e deducção não era em qualquer delles, e difficilmente poderia ser maior do que em Cuvier. O que ajuntaram de seu ao que já existia como conquistas da sciencia, foram algumas figuras mais perfeitas, algumas descripções em partes mais exactas dos homens da Australia e da Polynesia.

Aproveito-me agradecido dos trabalhos dos homens professionaes. Querendo apenas cumprir um dever para o que me não sobram forças; para louvor me parece bastante o acêrto na escolha dos autores, em cuja opinião tenho de basear esta resumida parte do meu trabalho.

« A Oceania (escreve Rienzi no começo de sua obra) mais extensa por si só do que todo o resto do

nosso globo, é comtudo a sua porção menos conhecida, posto que a mais variada. Terra de prodigios que contém as raças humanas as mais oppostas, as mais estupendas maravilhas da natureza, e os mais admiraveis monumentos da arte. Ali se vê o pigmeu ao lado do gigante, o branco ao lado do preto, junto a uma tribu de costumes patriarchaes uma aldeia de antropophagos; e não muito distante das mais embrutecidas hordas de selvagens, nações que antes dos Europeos já eram civilisadas. »

Os terremotos e aerolithos transtornam os campos, e os vulcões fulminam aldeias inteiras. No seu continente austral os animaes, os mais extravagantes, e na ilha que é a maior tanto no seu archipelago como no globo, o orang-outango, bimano antropomorpho, offerecem aos philosophos assumptos dignos de profunda meditação. Uma de suas ilhas se ensoberbece com a magestade de seus templos e de seus antigos palacios, superiores aos monumentos do Mexico, e comparaveis ás obras primas da Persia e do Egypto. Outras ostentam pagodes, mesquitas e tumulos modernos, que rivalisam em graça e elegancia com o que a China nos offerece de mais acabado neste genero.

« Parti de Lima... Continuai a vossa navegação ao travez do immenso labyrintho das ilhas da Polynesia, deparareis no meio da vossa derrota com um quinto continente quasi tamanho como a Europa, e que vos apresenta a imagem de um mundo transtornado. Ali achareis outros astros, outros sêres, outro clima. Ali saúda-se o sol no horizonte, em quanto aqui nos cobre a noite com suas trevas; goza-se ali do estio, emquanto aqui nos contrista o inverno; é outomno, quando temos a primavera, desce o barometro quando melhora o tempo, e sobe para annunciar a tempestade: algumas

vezes em Dezembro incendeiam-se as florestas, e outras o vento nordeste, semelhante ao kausin do Egypto, queima a terra, e reduzindo a pó alarga o ambito das vastas solidões da Australia. Admira-se um vulcão sem cratéra e sem lávas que lança chammas de continuo, vegetaes gitantescos, alguns dos quaes crescem no oceano, e outros na areia pura, cerejas que crescem com a amendoa por fóra, pêras tendo o talo da parte mais larga do fructo, aves singulares taes como a aguia e o papo vermelho, (rouge-gorge) brancos, o cysne e o papagaio preto, a êma que caminha e não póde vòar, carangueijos azues, cães que não ladram; kangurú composto extraordinario do gato, do rato, do macaco, do *opossum*, e do harda; o echidné espinhoso, mamifero sem peitos que parece ser ovipero; o ornithorinco que se prende aos phocas e aos quadrupedes, a ave, e ao reptil, creatura fantastica lançada por Deos no mundo para com a sua presença destruir todos os systemas dos naturalistas e confundir o orgulho dos sabios.

« Supponde agora reunidos os homens que habitam estas partes longinquas, o *Malaio* com as suas especiarias : a camphora, o benjuim, o ambar, e o sagú; o *Melanesio* com as suas preciosas madeiras, o páo ferro, e o ebano, o *Polynesio* que Deos abençoou com os fructos da arvore do pão, e o *Buguis*, filho mais velho da sua civilisação, ao mesmo tempo marujo, e negociante. O *Australio* (conclue o mesmo autor) o *Australio* estupido e nú, não tomará parte neste grande concurso, e o Europeo que já reina sobre grande parte desses póvos, ali se verá no meio delles onde veio para os instruir e governar, para os julgar e combater, para meditar ou enriquecer-se. »

Á vós, porém, não vos importam os prodigios e as maravilhas da terra oceanica. Diante desses feno-

menos que por todos os modos excitam a curiosidade, e deixam a imaginação como que estupefacta e assombrada, passaes como o navegante hespanhol que pela primeira vez attentou na estatua gigantesca da mulher de Lot, de continuo batida pelas vagas.

Passaes de longe; mas o desejo que vos levou a devassar os segredos dessas terras afastadas, talvez vos fez enxergar na molle estupenda de granito, o metal que se ria em vossos sonhos, e cujo nome por ventura lhe impôreis como esse navegante. Menosprezaes os monumentos d'architectura indostanica, que sabeis em Java, Sumatra, Bali e Tenian, — a caverna de *Kea-uai* de formação vulcanica, com estalactites de formas as mais variadas e caprichosa, onde se observam os mais admiraveis effeitos da refracção da luz. O vulcão da Australia sem cratéra nem lávas, mas que lança chammas de continuo, — o de *Alvay* nas Filippinas, que póde pela constancia da sua ignição servir de farol aos navegantes, nem vos interessa aquelle de *Honai*, chamado *Kero-ea*, cuja cratéra (segundo a tradição dos indigenas) Pelê e os deoses, que presidem aos vulcões, escolheram para palacio, onde nadam em um mar de lávas, e dançam no turbilhão das chammas enfumaçadas.

Nada disto basta para vos prender a attenção : o albatroz (*diomeda exulans*) que, com azas de oito a dez pés de extensão, vôando projecta sobre o mar a sombra do seu vulto branco; a aguia de cabeça parda, a tartaruga verde, o macaco de Bornés verde tambem, que dizem assemelhar-se mais ao homem do que ao Orang-Outango; o cysne preto, o phalangen semelhante á nossa preguiça, imagem do Australio estupido e inerte, nemas aves do paraiso martyres do luxo, que não passam vivas os limites da Australia,

nem o echudué, nem o ornithorines, nem o passaro sino (oiseau cloche), cujo canto, como o vôo do kattá africano, indica a proximidade de alguma fonte; nem a raflesia a flôr gigante sem haste nem folhas com oito pés de circumferencia, nem o *upas* malefico, (1) e semelhante á mancenilha da America, cuja folhagem nenhum passaro embelleza, cujo abrigo nenhum animal procura, e de cujas folhas longas, que se meneiam no ar, espalhando um veneno subtil, foge a serpente espavorida.

Não vos importa o *korbi-kalao* de craneo duro como a pedra, nem as arvores incombustiveis da nova Galles, nem que o mar produza aquelle *fucus*, que serve de assucar aos chinezes, nem que o trabalho incessante do coral, auxiliado pelos vulcões prepare ao mundo nova parte habitavel.

Nada disto : querereis factos, datas, nomes, e com isto a descripção de raças, de seus costumes, com consideração sobre a sua sociabilidade ou perfectibilidade. Ha, porém, mais de cem pessoas cujos nomes vos podera citar, a não ser por demais fastidioso, a quem o amor da sciencia, a catechese, ou a curiosidade levaram á Oceania; mais de quinhentos, mais talvez de mil volumes se tem escripto sobre ella. E apezar disso, ou mesmo por isso, a historia de qualquer das suas partes, sómente quanto á descoberta, é bem mais

(1) Hamilton nega a existencia do *upas*, *ipas* ou *antchar*, que de todos estes modos se escreve. Darvin e Foerch referem estas maravilhas quasi como deixamos escripto; accrescentando que a esta arvore era costume prender-se o criminoso. Parece que o seu succo cahindo sobre alguma ferida, é veneno mortal. Faria e Souza parece querer referir-se ao *upas*, quando falla de uma arvore, cuja sombra da parte do poente é mortal, se senão passa para a do nascente, que é o antidoto d'aquella. — Faria e Souza, edicção de 1703, tomo 1.º, pag. 579.

complicada que a do Brazil. Não hesitamos em asseverar que o mais importante das suas raças, a mais extensa das suas ilhas — a grande Polynesia do Crawfurd e a Australia, podem ser e já tem sido objecto de questões mais intrincadas que os *tapuyas* menos conhecidos, que os sertões menos explorados de Goyaz e Matto-Grosso.

Devendo, porém, desempenhar de qualquer forma a tarefa que me foi dada, a propria obrigação em que estou constituido, se por um lado me absolve da imputação de audacia, que sem isso me condemnaria, por outro lado me desculpará de que o trabalho não corresponda a elevação e importancia do assumpto.

CAPITULO II

MALAIOS

Principiando a occupar-nos das raças desta parte do mundo, damos preferencia aos *Malaios* por serem os mais numerosos. Esta raça, cujo berço é por Marsden collocado no antigo imperio de Menangharbon, é segundo Rienzi, originaria da parte occidental de Bornéo; pois, como pretende este autor, Bornéo é a grande *officina gentium* da Oceania.

Algumas palavras dizemos de passagem sobre esta ilha. Bornéo foi visitada em 1521 pelos companheiros de Magalhães. Alguns annos depois (em 1526) ali chegaram os Portuguezes com intento de fundar um estabelecimento, para o que, vista a sua fraqueza, procuraram conseguir careando a boa vontade do principe por meio de um presente que lhe offerececam. Infelizmente consistia o presente em pannos de tapeçaria, e o principe de ignorante e supersticioso, não o quiz acceitar, julgando que as figuras que via desenhadas no tapete eram de homens encantados, que de noite voltarião ao seu proprio ser para o estrangular durante o somno. Os que mais tarde foram recebidos, não escaparam de morte violenta que lhes deram : os Hollandezes e Inglezes que ali chegaram

com o mesmo intento não escaparam de igual sorte, até que por fim os Hollandezes apresentaram n'aquelles mares uma poderosa armada, e extorquiram por meio da força e do terror o monopolio do commercio da pimenta.

Voltando, porém, ao nosso assumpto:

A raça *malaia* tendo em tempos remotos colonisado as costas orientaes de Madagascar e Formosa, occupa hoje a maior parte dos estados maritimos de Sumadra (conhecida dos Arabes com o nome de *Sabornu*) uma parte das Molucas, Java, Nicobar, Pimang, Nias, Singhapura, Linging e Buitang. Eichtal na sua *Historia e origem dos Fullahs*, diz que á esta raça, que elle designa com o epitheto de amorenada (*brunâtre*) pertencem as populações de Sumatra, os *Malaios*, *Lampungs*, *Reyangs*, os *Batus*, *Jáos*, *Buguis*, os de *Makasar*, e as colonias *malaias*, espalhadas por diversos. Não se póde duvidar que estes homens fossem dados á navegação; pois que fundaram colonias, mas o que ainda mais confirma é a diversidade de embarcações que fabricavam. Nas *Perigrinações* de Fernão Mendes Pinto encontramos a cada passo as designações de lorchas, lancharas, juncos, champanas, paráos, lanteas, fustas, vancões almadias, balões, jumpangos e chimfangas, embarcações que percorriam aquelles mares. E quando alguma e todas ellas fossem tão imperfeitas como quererá parecer pela falsa idéa que ainda se tem d'aquelles póvos, havia ali cousas que facilitavam e desenvolviam o amor que tinham a navegaçam; causas que forticalficavam a opinião dos que pretendem que longe de descenderem do imperio de Menangharbu, como quer Marsden, foram elles os que civilisaram aquelle paiz, estabelecendo-se entre os rios de Palembang e Siah, porque facto

estendiam muito longe as suas excursões, antes que os Portuguezes tivessem visitado as Indias Orientaes.

As causas a que alludimos em relação a esta prosperidade naval são a segurança da navegação em um mar juncado de ilhas, offerecendo a terra sempre em proximidade, a commodidade de portos em que pequenas embarcações facilmente encontram abrigo, correntes sabidas, monções para a ida e volta em quadras differentes do anno, motivos pelos quaes nos seus paráos emprehenderam e levaram ao cabo viagens, que em outras circumstancias seria impossivel se realizassem.

Passando a caracterisal-os, convém que notemos a difficuldade de comprehender debaixo da mesma descripção, não tão sómente os homens que povoam a mesma parte do mundo oceanico, como ainda os que habitam a mesma ilha, o que com muitas acontece, e especialmente com Java e Sumatra. Nesta ultima por exemplo, estão tão entrelaçadas as raças e diversidades da especie, que uma só e simples classificação que os abranja a todos é quasi impossivel. No emtanto são geralmente considerados *Malaios* os de Menangkarbu, os de Achen, os *Batas*, os *Reyangs* e os *Lampungs*.

A simples noticia que já démos de Menang-karbu, accrescentaremos, sómente para dar uma idéa da sua antiguidade, que este imperio se constituio sob a influencia asiatica; porque diz-se que em 1160 um chefe arabe de nome Seri Turi Bouvana, que se dava por descendente de Carlos Magno viera estabelecer-se na peninsula de Melakka, e que data delle a fundação do Imperio.

O reino de Achen em Sumatra representou um papel importante na historia da conquista dos Portu-

guezes nas partes do oriente. Em 1511 Affonso de Albuquerque aportou a Sumatra, onde foi seguido por Pires de Andrade e Diogo Pacheco, morrendo o ultimo nas suas tentativas do descobrimento das imaginaveis ilhas do ouro, em que segundo Fernão Mendes muito se empenhava um dos reis de Portugal (1). Quasi desde o apparecimento dos Portuguezes n'aquellas partes, mas principalmente desde que se estabeleceram em Malakka a sua metropole, começou a luta com os indigenas, e tão acerrima que se prolongou até 1582. Faria, Mendes Pinto, Castanheda, Couto e Barros tratam desses combates que tiveram a conquista em resultado, bem que custassem aos Portuguezes avultado numero de homens e prejuizos de enormes cabedaes.

O *Batas*, na parte septentrional de Sumadra occupavam o grande espaço comprehendido entre Achem, Menang-Karbu e o mar, nem todos são sertanejos, ainda que como preferem o interior apparecem raros á beira-mar. Não obstante Faria e Souza que em poucas palavras nos dá delles uma idéa tristissima, dizendo que « los que llaman *Batas*, habitan el interior, y son bestialisimos comedores de carne humana (2) » estes homens, a acreditarmos o que delles se conta, têm governo regular, assembléas deliberantes e habeis oradores. Refere-se tambem que sabem de ordinario ler e escrever, que são bons agricultores, accrescentando-se para prova da sua boa indole que são raros os crimes entre elles. Passam por bellicosos, pro-

(1) Fernão Mendes. *Peregrinações*, c. 3.°, pag. 14 : « El-rei dos *Batas*, que habita a ilha de Sumatra, da parte do oceano, onde se presume que jaz a ilha do Ouro, que El-rei D. João III algumas vezes tentou mandar descobrir. »

(2) Pag. 200, edicção de 1703.

bos, de boa fé e prudentes; mas apezar destas boas qualidades, e do gráo de civilisação a que haviam attingido, Raffles, neste ponto de accòrdo com Faria e Souza, os reputa anthropophagos. Querem comtudo os seus panegeristas explicar o facto pela veneração que dizem ter ao seu codigo, o qual condemna a serem devorados vivos os adulteros, os ladrões nocturnos, os prisioneiros de guerra importantes, e duas outras especies de criminosos. Conta-se que antigamente se alimentavam tambem dos parentes, quando chegados a uma idade em que por si não podiam grangear o sustento. Nestes casos suspendiam-se estes velhos ao ramo transversal de alguma arvore, em quanto os mais lhe cantavam ao redor cantigas de sentido metaphorico, nas quaes diziam que era da natureza cahir o fructo depois de maduro. Quando ás victimas faltavam as forças e as mãos com que se seguravam, cahiam e eram logo assassinados, tirando cada parente a porção que lhe vinha a caber.

Os *Reyangs* que se suppõe vindos do rio do mesmo nome, que corre na parte occidental de Bornéo, não fallam propriamente a lingua *malaia*, bem que pertençam á mesma raça. As mães como as de algumas outras ilhas da Oceania, apertam a cabeça aos filhos quando nascem, como era costume tambem entre os *Omaguás* e *Combebas*. Comprimem-lhes o craneo, achatam-lhes o nariz, e alongam-lhes as orelhas de modo que tomem quanto é possivel uma posição vertical sobre a cabeça. Têm os olhos vivos e negros, algumas vezes obliquos como os chinezes, o que parece provir de uma mistura das duas raças, sendo hoje difficil apreciar-se em que proporções se acham confundidas. Vivendo de vegetaes, são de indole pacifica, indolentes, e até servis de humildes que são, de

menos má fé e crueldade que os *malaios*, pouco odientos, mas implacaveis na vingança, e propensos á desconfiança.

Pelas suas leis o furto rime-se com o dobro do valor furtado, e o homicidio com a satisfacção de uma multa: tem por prisão uma gaiola de bambú, o que parece confirmar o que nos refere a historia ácerca de Timur e Bayazid. Para prova do crime ou isenção da culpa usam do juramento judiciario, e dos principaes meios para tal fim empregados na Europa, durante a idade média.

Quanto á religião são os *Reyangs* musulmanos ou idolatras, reconhecem a Allah e crêm no poder dos bons e máos espiritos, consagram muita respeito ao tumulo de seus antepassados, por cujos manes juram; acreditando tambem que depois da morte a alma passa a animar os tigres e crocodilos, por cujo motivo são estes animaes entre elles muito respeitados.

Os *Lampongs* com os mesmos caracteres que os *Reyangs* têm os mesmos costumes, ainda que mais corrompidos: differençam-se, porém, quanto ao physico em terem os olhos mais geralmente obliquos, e quanto ao moral em adorarem o mar. Esta adoração, que é geral, não obstante que sejam muitos delles musulmanos, porque entre os póvos da Oceania parece que as crenças acamadas e sobrepostas umas ás outras subsistem conjunctamente na melhor harmonia, como no Capitolio os deoses de natureza e religiões differentes. Assim é que os *malaios* de Palembang bem que sectarios do Mahometismo, têm nas suas crenças muitos vestigios do paganismo. Crêm por exemplo que a terra que, segundo elles, se conserva immovel, é sustenta la por um boi, o boi por uma pedra, a pedra por um peixe, o peixe pela agua, a agua pelo ar,

o ar pelas trevas e as trevas pela luz. Crença que se assemelha a uma alegoria, cujo sentido se perdeu.

Entre os *Lampungs* como entre os *Reyangs*, e os demais póvos de Sumatra, é geral o respeito e adoração que têm aos tigres, cujos assaltos soffrem com a maior pusilanimidade, não os atacando nunca senão para tomarem vingança de algum proximo parente. Amão o opio tão apaixonadamente como os Chins, senão mais que estes, e jogadores acerrimos deleitamse em ver brigas de gallos, tomando tal interesse nestes espectaculos que chegam a apostar as mulheres, mães e filhos.

Eis como Rienzi nos decreve os homens de Palembang e os do sudoeste de Sumatra. « São de alta estatura (diz elle, t. 1,° 133 b.) e assemelham-se aos Kayans de Bornéo. São valentes, altivo, temperantes e justos, mas apaixonados e violentos. Fortemente agarrados aos seus antigos costumes, qualquer innovação lhes desagrada. De caracter naturalmente independente, mostram-se mui ciosos de suas antigas franquezas. Longe de guardarem fé nos seus contractos, não tem nenhum escrupulo em illudir o estrangeiro. São destros no manejo de suas armas, e quando entram em combate collocam na primeira linha as mulheres e os filhos. Assim foi que na ultima guerra com os Hollandezes, morreram 120 mulheres firmes nos seus postos e com os filhos nos braços. » Até aqui Rienzi.

Homens que entrando em batalha começavam por experimentar taes golpes, sentir-se-hiam por tal forma possuidos do desejo de vingança, que nem durante a acção lhe occorreria o pensamento da fuga, nem depois da victoria se inclinarião á piedade.

Não omittiremos um costume que pinta ao vivo a

côr da civilisação dos *Sumatrenses*. É o desafio ao canto com letra e musica improvisadas, o que nas reuniões publicas era um espectaculo e um entretenimento nas conversações familiares. Chama-se este divertimento em Sumatra, como em Bornéo, onde era igualmente usado, *pantum*. Tinha logar o desafio entre homem e mulher, e rematava por via de regra com uma troca de flôres, symbolos da linguagem mistica, tão usada no oriente, ainda que só intelligivel para os iniciados neste modo de communicação. Pretende o autor, que ha pouco citamos, que nestes divertimentos as figuras e allusões fazem-se notar muitas vezes pela delicadeza, e que em algumas é para admirar a força da imaginação e vivacidade do sentimento poetico.

Estes homens tendo já chegado a tal grão de cultura intellectual, que podesse ser vulgar entre os homens e ainda mesmo entre as mulheres o talento do improviso, tinham, dado tambem á sua linguagem aquella forma regular e constante que só com a escriptura se consegue. De facto os *malaios* de Sumatra tiveram um modo de escriptura original antes da adopção dos caracteres arabes que os Europeos lá acharam. O malaio como o arabe se escreve da direita para a esquerda, em quanto os *Batas Reyangs* e *Lampungs* escrevem da esquerda para a direita como o sanscripto e as linguas vivas da Europa.

Se a ilha de Sumatra pela diversidade das raças que encerra, torna difficil o trabalho da sua classificação, Java tão assombrosa pelos fenomenos da natureza que ali quasi diariamente se repetem de um modo ao mesmo tempo espantoso e sublime; tão assombrosa, dizemos, como notavel pelas obras da arte, é um testemunho importante de quão pouco proveito-

sa e instructiva será a comparação entre uma raça que tinha realizado tantas maravilhas architectonicas, e aquella cuja historia sómente pela tradição se transmittia, cujas construcções eram tugurios mal formados que não estendiam a sua duração além de alguns poucos invernos.

Os *Jáos* são de pequena estatura e de côr amarellada, são hospitaleiros, respeitam os laços de familia, e não sem fortes motivos, abandonam o logar onde os seus maiores descançam. Em vez do *pantum*, o entretenimento honesto dos *sumatrenses*, os *Jáos* (diz Raffles) apreciam o *tandack*, danças de loureiras ou bailadeiras (boyadires). Estas danças tem logar todas as noites em praça publica á luz de tochas e lanternas. Inferiores, porém, ás bailadeiras propriamente ditas, estas com maneiras lascivas, incitam e provocam os espectadores a tomarem parte no divertimento comprando a entrada, que é o lucro que disso tiram.

Se por um lado se dão com extremo ao vicio do opio, a idéa que fazem da perfeição physica na mulher estimando tanto as que são magras, como os Chins as gordas, fez com que estas usem de um alimento tanto, ou ainda mais nocivo.

Leschenault de la Tour escreveu a Humboldt que nos seus mercados nacionaes se vende uma argilla ferruginosa torrada e dobrada em forma de canella que as mulheres comem porque as faz emmagrecer. Este vicio fortificado pelo habito torna-se infelizmente uma necessidade, e ellas vão perdendo o appetite, até que entisicam; porque, segundo a mesma autoridade, o *ampó*, que assim chamam a tal argilla, parece ter a propriedade de absorver o succo gastrico, de modo que, sem as satisfazer, dissimúla as necessidades do estomago.

É antiquissima a civilisação de Java, e os seus annaes remontam á mais alta antiguidade. Não obstante, Raffles considera que, o que nelles ha de mais certo, data do anno 76 da nossa era, que corresponde ao 1º da era javaneza.

A sua religião foi o brahmismo em quanto floresceu o imperio de Madjapahit; mas no anno 1400 da era javaneza, depois de uma grande batalha que se prolongou duvidosa por espaço de 7 dias, Madjapahit foi tomada e destruida, e sobre as ruinas ainda fumegantes do imperio brahminico se elevou o mahometismo, ha pouco mais de tres seculos e meio.

A sua religião era pois o mahometismo, mas com vestigios do culto de brahma entremeado de outras crenças e superstições. Apezar de musulmanos e credulos, eram de facil tolerancia; mas tão eivados de prejuizos que em quanto os *Jäos* instruidos pretendem ser descendentes de Wichnou, os grosseiros habitantes das montanhas se julgam nascidos do *Wawou* que é uma especie de macaco.

Entre os muitos genios secundarios que reverenciam tornam-se notaveis o *kabo-kamali* ou seu Mercurio, protector dos ladrões e feiticeiros, o *dadengaw* dos caçadores e animaes ferozes; e os *prayangans* que habitam as arvores e as margens dos rios: estes podem a seu bel prazer tomar as formas de mulheres divinamente bellas que enfeitiçam os homens e os fazem enlouquecer.

Se a sua religião não é puramente a do Arabe, ao menos o alcorão é restrictamente observado como lei escripta; mas além dos preceitos do alcorão, tem outras leis admittidas pelo costume. Em consequencia destas duas fontes de legislação, tem duas especies de tribunaes — o *panghulu* que decide pelo alcorão dos

crimes e causas mais graves e o *djaksa* para os delictos policiaes ou correccionaes, regulando-se pelos usos e costumes.

O que, porém, torna Java sobre modo digna de attenção e estudo é a architectura e a esculptura, pois apresenta segundo os testemunhos de Rienzi e Raffles tão numerosos e admiraveis monumentos, que estas duas artes, florescendo ali mais do que na Persia e no Mexico, chegaram a rivalizar com as do Egypto e Hindostão.

Dizem os Arabes dos monumentos que elles são as pedras escriptas querendo, e assim é sem duvida, que elles relatem aos seculos presentes a historia, o genio, e a indole dos póvos que deixaram de existir. Em Java tambem o estudioso Raffles não obstante suppôr que os seus maiores monumentos são de uma época entre o nosso 6º e 9º seculo, quer que alguns sejam de construcção anterior á vinda de Christo, pondo-os assim de accôrdo com os annaes por elle descobertos e decifrados; e cujas paginas quando apresentam o cunho da verisimilhança datam do anno 76 da era vulgar.

Eis um brevissimo summario destes prodigios; prodigios os chamamos com alguma propriedade, considerando o tempo, o logar e os homens que os realizaram.

Ha o grande templo de *Brambanan*, que tem uma piramide por tecto, e á entrada duas estatuas colossaes de guardas do templo — ou rechás — que os que a viram reputam da mais perfeita belleza, e semelhantes ás do templo de Benarêz, a patria das artes na India.

Ao norte de Brambanan vê-se o templo de *Loro-Djorang*, que consta de vinte edificios pequenos, sendo doze delles templos, em um dos quaes se nota uma

bella estatua de *Ganeza*. Toda esta maquina, dizem, está rodeada de immensas construcções.

Os mil templos (Tchandi Siwou) com as estatuas dos rechás de 9 pés d'alto, posto que de joelhos. Deste escreve Rienzi que « nunca se contemplou maior numero de columnas, de estatuas, de baixos relevos, amontoados no mesmo logar, tudo acabado e polido com o gosto mais fino e exercido. »

Apezar da perfeição do *Tchandi-Sevvou* assevera-se que o templo de *Kalibening*, que se assemelha ao ultimo, revela comtudo mais arte e pericia de execução.

O de *Boro-bodo* que, segundo Raffles, data do 6°, ou quando muito do 8° seculo da era javaneza, é construido em uma collina. Conta sete ordens de muralhas que decrescem no pender do monte, sendo o cimo da collina e ao mesmo tempo do edificio coròado de um zimborio ou cupula magnifica. A muralha exterior é acompanhada de uma linha triplice de 72 torres, e nas muralhas e torres vê-se de espaço a espaço nichos abertos, que resguardam figuras de tamanho maior que o ordinario e em numero de mais de 400!

O que assombra, porém, é que no monte dos deoses *Gounong Dieng* tambem chamado *Gounong prahó* por affectar a forma de um prahó ou canôa, encontram-se os restos de 400 templos, dispostos de um modo admiravel, e formando grandes ruas regulares.

Além destes ha o magnifico mausoléo musulmano de *Trangulan;* o pequeno edificio de *Sentul* de rara elegancia; o de *Gùdah*, cujos ornatos e esculptura revelam admiravel habilidade; as ruinas de Madjapahit, que cobrem o espaço de muitas milhas, e as antiguidades de *Penataram* reputadas as mais curiosas e consideraveis de Java.

Este povo tão dado ás artes, já antes das suas relações com os Europeos, estava dividido e em guerras que datavam de muitos seculos. O espirito guerreiro, succedendo-se ao genio das artes, influira para que toda a população masculina fosse sujeita ao serviço militar, de modo que a Providencia, que deu um ferrão ás abelhas para defenderem as suas muralhas de cera, parecia ter chamado toda esta população ás armas, aguerrindo-a durante muitos seculos para que defendessem da occupação estrangeira as obras dos seus antepassados.

Não seria, pois, sem grande difficuldade que ali se estabelecerião os Europeos. Quasi esgotados os recursos de Portugal, e quando n'aquelles mares declinava o seu poder, appareceram em 1596 os Hollandezes sob o commando de Hontman. Ali formaram um estabelecimento em 1600 ; mas foi sómente fomentando as desavenças entre os soberanos e os vassallos, favorecendo ora a uns, ora a outros, que ensancharam as suas possessões e cimentaram o seu poder com o sangue de infinitas victimas.

« Estes negociantes conquistadores escreve o autor que já por vezes citamos (1), souberam fundar-se e consolidar o seu dominio, aproveitando-se habilmente das desordens originadas das leis feudaes em vigor, e aniquilar o poder dos reis e dos grandes vassallos, já auxiliando a estes contra os soberanos, já auxiliando os soberanos contra os vassallos, quando já estavam por estes meio convencidos. »

Se quereis fazer uma idéa do que foram os Hollandezes em Java, e de como o amor do lucro tão poderoso e fatal como a ambição barateia o sangue huma-

(1) Rienzi, t. 1, pag. 97.

no para conseguir os seus seus fins, basta saibaes que rebellaram-se não em um seculo barbaro, mas em 1737, não selvagens nem anthropophagos que se tornara uma desculpa sediça para a crueldade, mas os Chins de Batavia. Batidos os revoltosos fóra da cidade, os de dentro que não tinham tomado parte activa na revolta, foram obrigados a recolher-se ás suas casas emquanto a população christã se deu ordem de os matar e roubar sem mercê nem piedade; e assim se executou por tal forma que de nove mil que eram escaparam só 150!

Semelhantes aos Jáos são os habitantes das ilhas de Maduré, Lombok, e Bali. Sómente os de Bali (chamada tambem a pequena Java), em numero de um milhão de habitantes, posto que empreguem as designações de *allah* e *tuan* (1) seguem o culto de Chiva, depois que abandonáram o de Buhda. São de côr mais clara, mais fortes, mais bem feitos, mais intelligentes que os *Jáos*; porém ao mesmo tempo mais altivos, e insociaveis; Não contam sómente as quatro classes dos sectarios de Chiva; mas uma 5.ª a dos seus *poleas* aqui chamados chandallas, classe impura que por isso habita fóra das povoações.

O mais notavel dos seus costumes é levarem ao extremo da barbaridade, o sacrificio das viuvas, no tumulo dos maridos, e o das escravas por morte das senhoras.

Escrevem e têm livros, mas de folhas de palmeiras que offerecem pouca duração, e além de ser trabalhoso o processo da escriptura, poucos se dão ao mister de amanuenses, porque temem offender escrupulos e

(1) Palavra que na lingua *malaia* serve para exprimir a noção da divindade.

prejuizos com a forma que casualmente dessem á letra.

Como a descripção de cada uma dessas grandes familias que os ethnographos grupam debaixo da denominação commum de *Malaios*, trazia alguma confusão, consultarei alguns autores (cabendo o primeiro logar a Rienzi) para dar uma noticia dos seus caracteres physicos em geral.

São os *malaios* de estatura média, mas fornidos e bem proporcionados, de modo que apresentam os caracteristicos da força: posto que andem descalços, têm os pés pequenos, alimentamse como os habitantes de climas quentes, de substancias ligeiras, tomadas em pequenas quantidades, o seu alimento é o arroz, o sagú, peixe, fructas, e especiarias. Homens e mulheres fazem frequente uso de perfumes, queimando nos ses aposentos benjoim e gommas odoriferas.

Usam os *Malaios* de uma comida que lhes ennegrece os dentes, o que reputam signal de belleza. É esta comida o *betel*, que mascam misturando com cal viva, noz do *areck* e fumo: a esta mistura chamam os Jáos *Seri*, e se crê que seja estomacal, porque a isso se quer attribuir terem geralmente os que della fazem uso habitual o halito perfumado. Outros, em vez do *betel* tomam o *gambir*, tambem julgado estomacal, extrahido da substancia adstringente de uma planta sarmentosa, que tambem ennegrece os dentes, céo da bocca e lingua, mas sem alterar as gengivas. Em algumas das ilhas da Malasia limam os dentes, em outras cobrem-nos de ouro, geralmente, porém, os ennegrecem, temendo apparecer com elles brancos a que chamam dentadura de cão.

Parecem participar dos Hindous e dos Chins; porém a côr da pelle approxima-se ao vermelho escuro do ti-

jolo que distingue os *Illinezes* e *Caraibas*. Approxima-se tambem em alguns ao branco e ao preto, o que se deve a mistura de raças. O tamanho da cabeça é menor que o setimo da altura ; o angulo facial, segundo a medida de Rienzi formado de 2 linhas, que partem dos dentes incisivos superiores, acanbando uma á nascença do nariz outra no orificio auricular, é de 80 a 85 gráos, raras vezes de 85 a 90; o nariz é curto, grosso, e algumas vezes achatado, a bôca grande, mesmo entre as mulheres, os olhos muitas vezes obliquos mais ou menos conforme a repetição de cruzamento com os *Chins*.

Este facto que por tal forma generalisamos, carece de explicação. Sabe-se que os *Chins* desde tempos mui remotos emigram para as ilhas da Oceania atrahidos pelos lucros que lhe deixa o commercio e interesse da lavoura e pescaria : ali se estabeleceram em grande numero, e como as leis da China obstem sob a comminação das penas mais sevéra as emigração do outro sexo, casam-se com as mulheres indigenas, e d'ahi vem a obliquidade dos olhos que não é caracter proprio da primeira raça *malaia*.

As mulheres são bonitas, asseiadas, esbeltas, flexiveis de talhe, e pouco pudicas; entre estas a côr é de ordinario mais clara, sendo quasi brancas as de Manilha e Formosa.

Francisco Legual (1), dizendo que as mulheres de Java que não se expõem como os homens aos grandes ardores do sol, são menos trigueiras que elles, accrescenta que tem o rosto bello, o seio alto e bem feito, a tez boa e fina, e os olhos vivos, o riso agradavel, e que algumas ha que dançam com graça.

(1) Francisco Legual (*Voyages de*) Amsterdam, t. 2 °, pag. 130.

Concluimos a descripção dos caracteres physicos desta raça com dizer que está sujeita a febres, syphiles, elefantiases, e á lepra; querendo alguns que elles fossem os primeiros a conhecer o terrivel cholera, que os *Jáos* chamam *Mordechi*.

Vejamos agora se podemos acabar e explicar o retrato do homem com o desenho de suas habitações.

As habitações ruraes (1) nas principaes ilhas da Malasia, não são nunca isoladas, mas grupadas e agglomeradas como pequenas aldeias; e tanto as ruraes como as urbanas são cercadas de jardins. Em Java e Sumatra, nas Filippinas e Celebs aquellas são construidas em um plano pouco elevado do solo, sem nenhuma outra abertura mais do que a porta. As paredes e divisões são de bambú entretecido; o tecto das folhas lanceoladas do *nipa*, ou de outra especie de bambú a que chamam *sirap*. De um lado mora o pai de familia, do outro os filhos, corre uma varanda pela frente, que vai de uma a outra extremidade da casa, onde os homens tomam fresco, e as mulheres se entregam ás suas occupações domesticas. As casas dos chefes têm 5 ou 6 quartos, e importariam em 20 quando as ordinarias custassem um.

Não tem sómente casas vulgares, e moradas dos chefes, mas tambem palacios, e como além dos palacios muito acima delles em sumptuosidade e arte os templos, de que já nos occupamos.

O palacio (*kratan*) offerece a perspectiva de um vasto quadrado de altas muralhas, circumvaladas por um fôsso. O *kratan* de Djokarta tem uma legua de circuito, e delle se diz que no cerco que soffreu em 1812

(1) A descripção que damos das habitações e vestidos dos *Malaios* é tirada de Raffles e Crawfurd.

não conteve menos de quinze mil homens. Estes palacios têm na frente uma praça, o *alun-alun*, ao lado da praça a principal escadaria, no fim della, já no cimo do edificio, uma plataforma ou terraço, donde o soberano se mostra ao povo, em quanto os *pangerans*, que são os principes e os nobres, occupam os degráos, segundo as suas dignidades formando um espectaculo vistoso.

Do outro lado do *alun-alun* fica a mesquita, e no centro da praça uma vasta galeria aberta por todos os lados, e sustentada por dois renques de columnas. A esta galeria, que pintam e douram ricamente, dão o nome de *mindopo* ou *bangral*, ainda que tambem se chame com os mesmos nomes uma construcção a um lado da praça, onde se reunem os *pangerans* antes da audiencia do sultão.

As casas têm poucos moveis, pois não usão mesas nem cadeiras. Os *Jáos* comem em esteiras, de pernas cruzadas, sem facas nem garfos, e servindo-se da colher sómente para tomar os liquidos. Segundo o uso musulmano, não levam ao prato senão a mão direita, e tomam o comer com o pollegar e outro dedo.

O vestuario é-lhes necessario por causa da temperatura da atmosphera qual é em Java, Sumatra, Borneo, etc. Nestas ilhas vestem-se bem, e prezam o alinho.

Tiveram antigamente leis sumptuarias, e antes que cahissem em desuso, cada classe tinha um vestuario privativo que não podiam modificar, sendo certos estofos reservados aos principes da familia real. Hoje a mais importante distincção que neste particular extrema as classes está na maneira de trazer o *kris*.

Os sacerdotes têm um vestido branco e um turbante semelhante ao dos Arabes. Os *Malaios* em geral, como

os *Jáos* de classe inferior, usam do *sarong*, especie de sacco sem fundo que usam como os escocezes do *plaid* e um bonnet ou lenço na cabeça, quasi a modo de turbante. Além do *sarong*, mesmo o *Jáo* de classe inferior usa do *kolumbi*, que é um vestido de mangas curtas, o *kris* como arma defensiva, e na cabeça um lenço em vez de turbante. Os homens costumam voltar o cabello para o alto da cabeça e o seguram com um pente.

Os nobres têm dois vestuarios, o de guerra e o de côrte: o primeiro quasi nada mais é do que umas pantalonas e tres *krises* do lado direito, e nas costas e do lado esquerdo a espada e boldrié. Trazem tambem sandalia e pantufos, e usam os cabellos compridos, que os homens da alta classe julgam de boa feição trazer fluctuantes. Os *malaios*, porém, que não são *Jáos* assim como os *Buguis* os trazem curtos qualquer que seja a classe a que pertençam.

Dos tres *krises* com que os *Jáos* se apresentam, o primeiro é adquirido, o segundo é herdado e o terceiro dadiva esponsalicia do sogro. Assim apresenta-se o nobre, revelando ter ao mesmo tempo, descendentes, posses e mulher.

Se vão á côrte, os nobres levam os braços e as espaduas nuas, assim como o tronco do corpo até á cintura; esfregam-se com uns pós de côr branca ou de amarello brilhante, côr extrahida talvez do açafrão.

As damas differem no trajar do commum das mulheres pelo luxo e riqueza do estofo que vestem, e pelo uso de pedras preciosas. Assim como os homens trazem sandalias, e se vão á côrte, é da etiqueta que levem diamantes, flôres na cabeça, e uma cinta de seda amarella com franjas vermelhas nas pontas. Esta distincção de trajes entre as mulheres das diversas classes não importa, como se poderia suppôr, uma

differença radical nas condições. Todas ellas activas e industriosas se encarregam de tecer os vestidos dos maridos; porque estes se enorgulhecem e vangloriam de que ellas se mostrem peritas, e neste ponto se acham por tal forma niveladas, que a esposa do rei sujeita-se a este costume como a mulher do mais pobre.

São dados á navegação como eram os *malaios*, podiam transformar-se e de facto se transformavam em piratas, ainda que algumas vezes tambem a sua actividade se empregaria em tratos mais honestos. Davam-se pois ao commercio, e a China de ha muitos seculos mercado das suas producções, dava-lhes tambem commerciantes.

Após o commercio vinha a colonisação lenta e insensivel que se origina das relações do commercio, do cruzamento das raças, da troca dos costumes, da linguagem e da religião. E tantos eram e tantos são ainda os Chins nestas partes que arrostam a autoridade dos principes indigenas, ao passo que zombavam dos Hollandezes. Diz Crawford que os djonks, ou juncos, navios de 100 a 150 toneladas transportam annualmente de 400 a 500 Chins para Java, além dos que demandam as Filippinas, Hollo, Buitang, Banka e outras ilhas.

A agricultura abandonada pelos *Malaios*, que a estimam em pouco, está nas mãos dos *Chins*, povo laborioso e activo que só tem dois feriados, o primeiro e ultimo de cada anno. O primeiro que é destinado a visitas entre si, depois da commemoração dos finados com que rematam o anno. Dos generos da sua cultura, que são ao mesmo tempo os de producção brazileira, a Oceania hollandeza dá annualmente 6:000 toneladas de café além de 150:000 quintaes que Java

produz, e 12 a 15 milhões de lb. de assucar, (cerca de 300:000 arrobas) que lá se vende por um sexto do preço dos assucares do Brazil. Estes resultados são devidos em grande parte á industria hollandeza; mas fôra injusto negar-se que os *Chins* cooperam poderosamente para elles; porque os *Chins* inimigos do ocio parecem ter profundamente gravado no espirito a maxima de um dos Imperadores do celeste imperio, que lhes dizia exhortando-os ao trabalho. « Se em algum recanto do celeste imperio existir um homem que nada faça, deve de haver outro que por essa mesma razão soffra e careça do necessario. »

Na Malasia é toleravel a sorte das mulheres, excepto entre os *Batas* e alguns outros, que as reputam ou pelo menos as tratam como bestas de carga. A anthropophagia, que mais ou menos existe em toda a Oceania domina aqui principalmente, assim como a escravatura, que é alimentada por uma especie de trafico activado pela pirataria. Os *Achenenses*, os *Buguis* e os *Malaios* são os principaes traficantes, e os theatros de suas mais frequentes expedições as ilhas Celebes, Filippinas, Pulo-Nias, Bornéo, Timor e a Papuazia.

São todos muito dados á bebida, que conhecem com o nome de *kavva*, cujo nome parece recordar o cauim dos nossos Indios. Em vez de pinturas, trazem desenhos gravados na pelle de modo indelevel, como diz entre outros, Faria e Souza. « En la piel de todo el cuerpo usan muchas labores. »

Quanto á linguagem não tendo podido consultar senão alguns vocabularios imperfeitos e resumidos, refiro-me á opinião de Rienzi, que diz ser o malaio a mais extensa das linguas da Oceania, a qual com mais pureza é fallada em Sumatra, donde é originaria. E usada (escreve o mesmo autor) nas costas das ilhas

que fazem parte da Malasia, em parte da peninsula da Malakka, e o que é mais extraordinario em Madagascar, junto ás costas d'Africa e na ilha Formosa situada perto da China e do Japão. Esta lingua, accrescenta elle, tão harmoniosa como a italiana e o portuguez está consagrada aos negocios e ao commercio : e bem que tenha admittido muitos vocabulos sanscritos, talingas e arabes, é como o Hindostão na India, como a lingua franca em Argel e no Levante, e como o Francez na Europa.

Com o uso de uma lingua perfeita, harmoniosa e rica, não chegaram comtudo os *malaios* a compor tratado nenhum scientifico ou especulativo : delles se diz que eram mais versados em astronomia do que em nenhuma outra sciencia; pois que nas suas navegações se guiavam pelos astros, e conheciam o curso dos planetas, as pleiades, o syrio, orion, &. Tinham, porém, litteratura se lhes faltava a sciencia. Sabe-se de muitos romances dos *Jáos*, entre outros o do malaventurado Pandji, principe de fabulosa memoria, de apologos sanscriptos, de poesias antigas e paraphrases dos dois grandes poemas epicos da India o *Mahabharata* de Viara e o *Ramayana* de Valmiki; e entre as grandes obras da sua litteratura conta-se o *Bratayoudha* poema epico da guerra sagrada, e o *Maneumaya* obra mythologica.

Tratando da litteratura não nos devemos esquecer do theatro. Têm elles duas especies de composições dramaticas : o *topeng*, cujos personagens são mascarados, e o *waiang*, theatro de sombrinhas e bonecos. O assumpto do *topeng* é tirado da historia de Pandgi, o herôe predilecto da historia de Java. Quando, porém, o principe assiste ao espectaculo os actores deixam a mascara, e cada um recita a sua parte; nas

outras occasiões, o que é mais frequente, o *dalang*, que corresponde ao nosso director, contra-regra, e ao mesmo tempo ao nosso pento de theatro, vai recitando o dialogo, em quanto os actores em numero de seis gesticulam; e a musica composta de quatro instrumentos, os acompanha, exprimindo os diversos affectos que se querem transmittir aos espectadores.

O que faz entre elles as vezes de comedia é uma acção mal concertada entre um macaco, um cão e um idiota: e outras vezes uma especie de pantomima, em que os personagens se combatem, vestidos com pelles de animaes ferozes.

O assumpto do *wayang* é tirado dos primeiros tempos da historia de Java, antes da destruição do imperio de Madjapahit. Ha tres especies de *wayangs*.

O *wayang-purva*, que trata dos deoses, semideoses, e heróes de Java, e da India, segundo os poemas de Rama e Mitanraga.

O *wayang-gedok*, começa donde acaba aquelle, desde o tempo de *Parikisit*, e do seu successor *Lalean* até o seu restabelecimento. O drama do primeiro genero é recitado na lingua erudita, escripta ou religiosa de Java, o *kawi*; e o segundo em *jáo* vulgar.

O *wayang-klitik* é uma representação de bonecos, e o assumpto tirado das chronicas *javanezas*, desde o imperio de Majajaran, até o fim do de Madjapahit.

O *dalang*, personagem de que já fallamos é muito repeitado, e a sua profissão debaixo de muitos pontos, comparavel á dos antigos bardos. E é tanto mais considerado o seu emprego, que ao *dalang* incumbe abençoar o primogenito de cada familia, repetindo com solemnidade diversas passagens das antigas lendas.

Generalisando os factos temos que a religião mais seguida, é o mahometismo, posto que o culto de Budha

tenha sectarios no interior de Java, e o de Chiva em alguns outros pontos.

Temos para os caracteres, segundo a maior parte dos viajantes hollandezes (1) que os naturaes destas ilhas são robustos, bem feitos, nervosos e bem musculados, o rosto chato, faces largas, palpebras grandes, olhos pequenos, maxillas grandes, cabellos corridos, tez morena, pouca barba, ao que se deve accrescentar que deixam crescer as unhas, e limão os dentes.

Quanto á condição dos *malaios*, diremos, generalisando tambem os factos, que elles viviam no estado feudal. Uma pequena parte da nação se compunha dos nobres, os *orang-kaias*, que viviam na maior independencia, e exerciam um despotismo tanto mais violento, que davam por fundamento a sua proeminencia o terem uma origem divina : a maioria era serva ou escrava; porém eram os nobres os que apezar de seu numero limitado avultavam pela influencia moral. Estes aproveitavam-se do seu poderio para se rebellarem contra o sultão, e autoridades superiores, em quanto por outro lado pesavam despoticamente sobre a população, de cujos suores viviam e se opulentavam.

« Curvados (escreve Rienzi) (2), curvados sob o imperio da organisação feudal, os *malaios* são inquietos, turbulentos... amam com paixão as navegações longinquas, as emigrações, as guerras, as emprezas arriscadas, as aventuras perigosas, as festas, a pilhagem, os combates, os jogos, a vingança e a galanteria. Posto que fallem a lingua mais doce e mais harmoniosa do Oriente, são perfidos, ferozes, e implacaveis

(1) *Recueil des Voyages de la compagnie d'Hollande*. Amsterdam, 1702, t. 1.°, pag. 392.

(2) Rienzi, observações citadas, t. 1.°, pag. 87.

em suas inimizades. Pouco religiosos, não obedecendo a alguma outra lei senão aos prejuizos insensatos de uma pretendida honra, raras vezes de accôrdo com as leis da justiça e da humanidade, estão sempre em armas, e sempre em guerras, ou entre si, ou com os seus vizinhos. »

É tempo já de nos occuparmos com os *Polynesios.*

CAPITULO III

POLYNESIOS

Démos como principaes pontos da Polynesia, segundo a divisão de Eichtal (1), a Nova Zeelandia, os archipelagos de Sandwich, Taiti e Tonga; porque, como quer este autor em todos estes pontos, ainda que tão afastados, é a raça a mesma e a linguagem identica.

Para dar uma idéa ainda que fraca da importancia do povo de que nos vamos occupar, citaremos um trecho de Eichtal na obra citada, o qual depois de varias considerações em que procura provar a conformidade das raças na Oceania, nota por fim a semelhança da sua organisação social e do seu systema religioso, systema que segundo nos tem revelado Morenhout (2) é muito superior a idéa que delle se tinha formado ao principio, e que apresenta concordancias tão extraordinarias com os systemas religiosos da Asia e do Egypto, que hoje de necessidade devemos ali reconhecer um fóco de iniciação, que tinha sido por muito tempo ignorado.

(1) *Histoire et origine des Foullahs.*
(2) *Voyage aux Iles du Grand Ocean.*

« Este desenvolvimento pareceu tão extraordinario a alguns escriptores, á frente dos quaes deveremos collocar Urville e Morenhout, que elles acreditavam que tal desenvolvimento não podia ter tido começo em uma sociedade puramente insular. Por outro lado, apoiando-se em algumas tradições locaes, collocáram a séde deste desenvolvimento em um continente que outr'ora teria existido á leste da Oceania, e que depois terá desapparecido por um cataclysmo terrestre. Esta hypothese que tambem estes autores não apresentaram senão sob a fórma dubitativa, está com effeito longe de poder ser demonstrada, e nem por ventura se faz precisa para a explicação dos factos a que deve a sua invenção, mas ao menos demonstra qual é o gráo de impressão produzida pelo expectaculo da civilisação polynesia sobre aquelles que a estudaram. »

Qualquer, porém, que tenha sido a origem dos polynesios, passaremos de leve sobre o assumpto, como um d'aquelles pontos duvidosos, para cuja solução nem a historia nem os monumentos, nem as relações dos viajantes nos prestam sufficiente luz.

A affinidade dos dialectos polynesios ha muito entrevista, mas completamente demonstrada pela primeira vez pelo illustre Marsden (1), levou Crawfurd a presuppôr a existencia de um povo que elle chamou « The great polynesian people », que os Francezes traduziram, o grande *Polynesio* (le grande polynesien) expressão que foi como consagrada por Balbi no seu Atlas Ethnographico.

Pensando que a civilisação polynesia deveria ter tido um foco, quer Crawfurd enxergal-o em Java :

(1) *Misc. Works.*

acha que as palavras mais usuaes em outros dialectos tem no *jão* uma fórma mais pura e logica. Assim é que comparando o *jão* com o *malaio*, vê que muitos termos, tendo na primeira lingua um sentido proprio, são empregados na segunda em sentido figurado; e que outros termos *malaios*, são apparentemente simples, porém na realidade compostos de particulas elementares cujas radicaes são *javanezas*. Conclue pois que a lingua *Java*, em relação ás outras do archipelago, tem a physionomia de uma lingua mãe.

Tudo isto que se allega, prova quanto a nós a influencia exercida por Java sobre as ilhas proximas; mas não demonstra que seja o paiz primitivo dos *Polynesios*, nem que os seus habitantes fossem aquelles de que descenderam as outras raças da Oceania.

Esta nação, como diz Crawford do seu grande povo *polynesio*, tinha chegado segundo todas as probabilidades a um estado superior aos dos *Mexicanos*, porque não sómente tinham o uso do ferro, e dos grandes animaes desconhecidos aos *Mexicanos*, como a difusão da sua lingua por tão largo espaço, prova ter aquella nação feito consideraveis progressos na navegação. Parece mesmo que terá possuido um alphabeto e um calendario nacional, o que, se assim fosse, tornaria incontestavel a sua superioridade.

Marsden (1) indicando a necessidade de uma lingua mãe, não se inclina muito a procural-a em Java : não sabe em que direcção se terá propagado esta lingua ao travez do archipelago, com quanto lhe pareça verisimil que a sua direcção tenha sido de leste a oeste. No mais, bem que por virtude de circumstancias, tenha sido o *malaio* melhor cultivado que os

(1) *Misc. Works*. pag. 5.

outros dialectos (1) julga que longe de ser lingua mãe não é senão um dialecto como os outros.

Segundo Crawford, pois, este povo communicou ao menos em parte a sua lingua, artes e costumes, a todos os póvos do archipelago. Marsden, (2), porém, se oppoz a esta opinião pensando que os elementos semelhantes das differentes linguas da Polynesia, não são senão os proprios restos da lingua primitiva commum a toda a raça amorenada (*brunâtre*), e que os elementos dissemilhantes provinham simplesmente das alterações successivas que o tempo e as circumstancias não deixam de introduzir nas linguas, sobre tudo nas que são escriptas.

Quanto aos aborigenes da Polynesia (Guygues (3)) parece querer descobril-os nos *Chins*, que segundo elle desde o 4° seculo da era christã, viajavam nos mares da America, chegando ao Perú e percorrendo muitas ilhas da Malasia e até algumas da Polynesia.

Court de Gebelin, o autor do *Mundo Primitivo*, vai muito além das navegações dos *chinezes*, pretendendo achar entre os *Fenicios* os primeiros povoadores da Polynesia. Funda-se para esta opinião, em que estas ilhas devem ser os restos de um antigo continente revolucionado pelas aguas e vulcões, que ali ainda hoje occasionam terriveis desastres; e para explicar a falta absoluta de tradições locaes, pretende que fosse o cataclysmo posterior a estas viagens, que datarião de cerca de tres mil annos.

(1) Obra citada, pag. 79.
(2) Obra citada, pag. 15.
(3) Vide t. 2.° das *Memorias da Academia das Inscripções*. « Recherches sur les navigations des Chinois du côté de l'Amérique, et de quelques peuples situés à l'extrémité orientale d'Asie. »

Ellis (1) suppõe que os *Polynesios* são originarios da America meridional, bem que nem um, nem outro dos autores citados descobrissem fundamento algum nem mesmo para uma hypothese neste sentido; em quanto outros negam que haja semelhança alguma entre os *Polynesios* e *Americanos*, nem de leis, nem de costumes, nem de constituição physica. Este autor, porém, escrevendo sob a influencia de opiniões inteiramente differentes das que Urville e Morenhout adoptaram, concorda, ainda assim com elles quanto a direcção que tiveram os *Polynesios* em suas emigrações.

« Os monumentos que se encontram (escreve elle) (2), nas ilhas da Polynesia oriental são todos por extremo grosseiros, e por consequencia fazem crêr que o povo a que pertenciam devia descender de uma nação, cujo estado fosse proximo ao da barbaria, e assim, incapaz de construir as embarcações por cujo meio deveria elle ter percorrido nos mares do sul de seis a oito mil milhas, contra os ventos geraes (*alisados*) que sopram regularmente de leste, o que de necessidade se deverá suppôr se quizermos que os *polynesios* descendam dos *malaios*.

« Por outro lado facil é de conceber como os *malaios* terião podido vir do levante : os ventos terião facilitado a sua passagem; e de mais o estado elementar da sua civilisação quando foram descobertos, antes faria lembrar a condição dos aborigenes da America do que a dos asiaticos. »

Apoia-se tambem este autor no exemplo frequente de viagens em frageis canôas, seguindo a mesma

(1) *Polynesia researches.*
(2) T. 2.°, pag. 50.

direcção, e nas tradições da ilha de Raiatea, e de uma das de Harvey, concluindo que as populações das ilhas do mar do sul vieram de leste. O que parece comprovar a opinião deste autor é que as derrotas maritimas lembradas pelos viajantes ou conservadas nas tradições dos naturaes, effectuaram-se invariavelmente de leste a oeste, isto é, em sentido directamente contrario ao que deveria ter acontecido no caso de que a população destas ilhas tivesse vindo do archipelago indiatico. Isto comtude não tem sido razão bastante para que os autores uniformisassem as suas opiniões ou conjecturas. Lesson os faz descendentes dos *Carolinos*, *Mongoes* e *Japões*. Marsden os reputa originarios de Sumatra, Maltebrun de Java (nem sómente os *Polynesios* como os *Malaios*); Forster (pai) (1) de um antigo continente que se suppõe submergido e reduzido a ilhas : é esta igualmente a opinião de Dumond d'Urville (2); sendo que quanto a direcção destas emigrações são concordes. Ellis, Morenhout, Urville e Mac Colloc (3).

Rienzi considerando-os como tribus dispersas da mesma nação, porém ainda semelhantes em linguagem, instituições ceremonias e no tapu, algumas vezes com as mesmas leis e o mesmo culto, quer que a sua patria commum, a officina gentium, seja Bornéo, e o tronco dos *Polynesios*, os *Dayas Buguis*.

Alguns dentre estes homens, (escreve elle (4)) terão abandonado a sua antiga patria e transportado o sobresalente da sua população, seguindo o mar entre Kalemantan e Mindanáo; e por este meio terão pene-

(1) 2.ª *Viagem de Cook*.
(2) *Voyage de l'Astrolabe*.
(3) *Researches philosophical and antiquarian*.
(4) T. 1.º, pag. 356.

trado no grande archipelago das Carolinas, donde se foram successivamente estabelecendo em outras ilhas, á medida que os polypos e vulcões, teriam collocado novas terras no Oceano.

Eichtal, que já algumas vezes citamos, expondo as opiniões de Marsden e de Crawfurd, acha-as desculpaveis, porque não poderam ter estes dois autores muitas noções dos *Polynesios*; pois o que no seu tempo havia a tal respeito de mais importante eram os dados fornecidos por Cook, e Bouganville, não tendo ainda apparecido os trabalhos dos Missionarios Inglezes, os de Freycinet, Urville, Chamisso, Luthe, Kotzbue, Dillon e Morenhout e de outros sobre as populações, linguas e instituições dos *Polynesios*. Na opinião de Eichtal a origem da civilisação do grande *Polynesio* do archipelago se acha na *Polynesia* propriamente dita; pois este autor pretende que tenha havido importação dos elementos *Polynesios* para a região occidental da Oceania, e que o inverso não seja igualmente verdadeiro. Esta falta de reciprocidade explica elle por considerações meteorologicas, que é certo, outros antes delle já tinham feito, mas que elle collige e reproduz porque fazem ao seu caso. Os fundamentos da sua opinião podem resumir-se em poucas palavras. Em toda a extenção do mar do sul, entre os tropicos, o curso dos ventos alisados é de leste a oeste: as correntes geraes seguem a mesma direcção, por cujo motivo as fracas embarcações dos *Polynesios* poderião ir facilmente de ilha em ilha, da Polynesia ao archipelago, donde uma vez chegadas, se verião impossibilitadas de voltar.

Morenhout resume as suas opiniões sobre a origem e emigração deste povo (1).

(1) *Voyage aux Iles du Grand Océan*, t. 2 c., pag. 250.

« Se é verdade que os fócos das populações se possam reconhecer pela belleza e perfeição corporea de cada uma das familias que as constituem; e se cada um destes fócos é o centro de uma lingua mãe da qual provieram differentes idiomas ou dialectos, é certo que as ilhas Polynesias são o fóco da grande familia malaia; porque só nas ilhas Polynesias esta raça junta a uma estatura elevada e ás bellas proporções uma regularidade e belleza corporea que se não acha em nenhuma das partes das ilhas malaias, nas quaes, assim como differem a linguagem, os habitos e os costumes, differem os traços, e por toda a parte parecem corrompidos pela mistura de especies menos bellas, e de idiomas menos perfeitos.

La Perouse, compartilhando as opiniões do seu tempo, quanto á origem malaia dos *Polymesios*, procura prevenir e responder a objecção que se poderia formular de terem os *Polynesios* estatura, força e proporções superiores aos malaios. Suppõe que elles deverião estas qualidades á abundancia de alimentos, á doçura do clima, e á influencia de differentes causas physicas que tivessem constantemente obrado sobre elles durante muitas gerações successivas. Não obstante, Morenhout conclue que o fóco dessa bella raça teria sido um continente situado a leste do mar Pacifico.

Como semelhante hypothese foi mais amplamente desenvolvida por d'Urville, aproveitar-nos-hemos da exposição deste viajante (1).

« Quando se reflecte attentamente nesta admiravel semelhança de caracteres physicos, de costumes, de

(1) *Voyage de l'Astrolabe.* Philologie, pag. 303. Morenhout, t. 1, pag. 571, Ellis, t. 1, pag. 386.

idéas religiosas e de linguagem entre os grupos da Polynesia; semelhança tal que estes homens pareceriam antes pertencer a provincias da mesma nação do que a archipelagos distinctos e separados por immensos intervallos de mar; quando ao mesma tempo se considera a singular diversidade que reina entre as tribus das ilhas occidentaes; emfim quando se pensa que em nenhuma parte, nem ao oriente nem ao occidente da Polynesia se acham regiões que possamos reputar com algum fundamento, nem mesmo apparencia delle, berço dos póvos *Polynesios :* não seria mais simples suppôr que um continente ou grande ilha como a Australia deveu de occupar outr'ora uma porção da Oceania, habitada por um povo, do qual não são as tribus *polynesias* senão fragmentos sobrexistentes de alguma grande convulsão do globo? Em qualquer parte da Oceania (accrescenta o mesmo autor) em que ha ilhas altas, estas apresentam vestigios mais ou menos recentes de vulcões, e outras ainda contem cratéras em plena actividade. »

Temos largamente exposto a opinião destes autores por me parecer que do que se tem ultimamente escripto sobre a origem e emigração dos *Polynesios*, nasceu a idéa de os comparar com os *Americanos*. É que se pretende achar identidade de origem entre os *Americanos* e *Polynesios*, principalmente entre estes e os *Americanos* do sul, e entre os ultimos mais particularmente ainda com os *Caraibas;* e os *Caraibas* como quer D'Orbigny pertencem á raça *Guarani-braziliense*. Ora considerados os póvos da Oceania como *Polynesios*, negros, e os descendentes desta mistura, teriamos de nos occupar de tres e não de quatro especies; e a comparação seria tanto mais facil que por um lado haveria identidade de origem entre

os *Tupys* e *Polynesios*; por outro são os *malaios* inferiores áquelles, e os pretos ficariam quasi fóra de comparação, por lhe serem inferiores, sendo que os de muitas partes, como os *Australios* estão no ultimo gráo da escala da humanidade.

Infelizmente a opinião dos que procuram descobrir identidade de raça entre estes póvos carece de fundamento (1).

O autor hespanhol Martiny de Zuniga (2) considerando a constancia dos ventos, das monções e das marés nas ilhas Filippinas, a impossibilidade de ter vindo a emigração do oeste, combate a supposição da origem asiatica dos *Polynesios*, assentando que esses insulares provinham antes da America, que do continente, passaram ás ilhas mais proximas, e se espalharam de ilha em ilha, chegando até Madagascar. Procurou, e julgou achar nos *Chilenos* o seu termo de comparação para o que, segundo a opinião dos entendidos, lhe foi preciso alterar o tagale.

Dummore Lang (3), porém, escrevendo sobre a origem e emigração dos *Polynesios*, estabelece uma opinião inteiramente contraria a do autor hespanhol, querendo dar-lhes uma origem asiatica.

Ellis (4) tambem dá aos *Americanos* e *Polynesios* uma origem asiatica mas entrevê semelhanças entre os ultimos e os *Mexicanos*, e alguns habitantes da America do sul.

Eichtal estabelece a existencia desde tempos immemoriaes de uma civilisação polynesia elementar, po-

(1) V. *Exp. de La Perouse.*
(2) *Istoria de las Islas Felipinas*. Manila, 1803 : citado por Dummore Langue : pag. 83.
(3) Eichtal. *Mem.* T. 2.°, p. 233, 1.ª parte.
(4) T. 1. p. 119 : cit.

rém muito regular e completa; e, suppondo que o seu desenvolvimento teve por theatro um dos dois continentes, Asia ou America, decide-se pelo ultimo. Como não podemos entrar em discussão com Eichtal e ao mesmo tempo não tenha ainda a sciencia admittido as suas conclusões, contentar-me-hei de oppôr a sua, outras autoridades respeitaveis.

Combatendo a hypothese da origem americana dos *Polynesios*, diz Marsden (1) que as linguas do sudoeste da America não offerecem affinidade alguma com o *Polynesio*. D'Urville vai mais longe, dizendo que não a achou entre o *Polynesio*, e nenhuma das do continente vizinho. « Nenhuma das linguas da America (diz elle) offerece o menor ponto de contacto com o *Polynesio*. » Guilherme Humboldt diz que poderia haver alguma connexidade entre as linguas da America e da Polynesia; mas accrescenta que o estudo das linguas americanas não permitte marchar senão com muita reserva sob a fé de taes indicações.

Morenhout por fim admitte que a identidade de origem dos *Americanos* e *Oceanicos* se conclue da constancia dos ventos reinantes, que se opporião á emigração asiatica; mas acha que semelhante hypothese não tem por apoio senão costumes mais ou menos analogos, do que pouco se póde concluir, por serem communs ás nações na sua infancia; que de resto não tem a menor affinidade de caracteres nem de linguagem.

« Emfim (diz elle), parece inteiramente impossivel que embarcações semelhantes ás que foram achadas entre os habitantes do novo mundo tivessem podido vencer a prodigiosa distancia que os separa da ilha

(1) Pag. 5.

de Pascoa, a mais oriental das ilhas oceanicas até hoje conhecidas. Pois de qualquer ponto que partissem deverião atravessar de 1200 a 1500 milhas, para tocar nesta ilha, que é como um ponto imperceptivel nesta immensidade; e terião perecido á fome e á sêde antes de ali chegarem. Quanto áquelles autores que com um rasgo de penna os fazem vir do Mexico, da California, do estreito de Behring mesmo ás ilhas de Sandwich, e d'ali pecorrerem as quatro partidas do Oceano Pacifico, é força que responda um sorriso á simples exposição de tal systema; porque basta lançar os olhos sobre os meios de navegação dos Indios *americanos* para nos convencermos de que taes navegadores não teriam podido andar tantas milhas quantos gráos se pretende que elles tinham percorrido. »

Rienzi os considera como descendentes dos *Dayas* puros de Bornéo, cujos caracteres apresentam, accrescendo que entre ambos se reputa sagrada a propriedade dos grandes e dos sacerdotes, e é a linguagem destes como o termo médio, como uma transição entre o *malaio* e o *polynesio*. Dos *Dayas*, que o mesmo autor acha extremamente semelhante ao do Taiti, e Nova Zeelandia e Baltas, quer elle tambem que provenham os *Touradjas* e *Buguis* de Celebs, os *Balinenses*, os das ilhas de Nias, Nasau ou Poggi, Ternate e Gilollo, os de uma parte das *Molucas*, e do archipelagodas Philippinas e das ilhas Paláos.

Passando a caracterisal-os, Cook e Bougainville, que principiaram a observar com mais escrupulo a Oceania, retratam os *Polynesios* de um modo por demais lisongeiro, apresentando-nos os homens como outros tantos Hercules, e as mulheres como se fossem outras tantas Venus.

Como estes exageraram o physico, exaltaram outros

a condição e o moral, encarecendo a felicidade extrema e a innocencia que fruiam os *Polynesios*. Segundo estes seria a Polynesia a patria privilegiada do homem : ali a natureza mais do que em qualquer outra parte generosa teria prodigalisado aos felizes habitantes desta porção do globo, saúde, alegria e abundancia, harmonisando-se em venturoso consorcio, o céo, o solo, as producções e os homens.

Descendo, porém, das regiões da fantasia, Moranhout (Tom. 2.º, pag. 248) os descreve quanto ao physico : « A côr azeitonada (*olivâtre*) tirante a moreno mas não de cobre, e variando pouco nas differentes ilhas : estatura elevada, muito acima do talhe médio, membros nervosos e perfeitamente desenhados, fronte alta, physionomia aberta, olhos negros, grandes, vivos e cheios de expressão, nariz quasi nada achatado, bôca bem feita, postos que os labios sejam geralmente mais grossos que os da raça branca, dentadura soberba, face oval, angulo facial approximando-se ao da raça branca, e muitas vezes igual, cabellos negros e frisando em largos anneis. »

Crawford dá delles uma descripção bem differente, notando principalmente que a estatura média seja de 4 polegadas inferior á dos Europeos.

Ellis mais minucioso e mais confuso tambem do que Morenhout diz que a côr é de um moreno azeitonado, bronzeada ou avermelhada, tão distante do negro e do ebano dos Africanos, como do amarello dos *Malaios* e da chamada côr de cobre dos *Americanos*. No mais neste particular nota a diversidade que se encontra nos homens de differentes ilhas e ainda nos da mesma ilha. Estatura acima da média, menos fortemente musculados que os de Sandwich, mais robustos que os *Marquesanos*, e todavia no talhe e forças

inferiores aos da Nova *Zeelandia*. Accrescenta que têm os membros bem conformados, movimentos promptos, maneiras nobres, graciosas e faceis.

O que delles mais geralmente se escreve, é que têm physionomia franca e sympathica, fronte baixa, mas tambem alta e bem feita, sobrecilios negros, bem desenhados, algumas vezes curvos, mas geralmente rectos : olhos raras vezes grandes, mas plenos, brilhantes e negros de jaspe; nariz recto ou aquilino, raramente chato, ventas cheias, dentes brancos, posto que alguma cousa compridos de mais, dentadura completa, excepto em extrema velhice, orelhas grandes, queixo inferior saliente, face oval ou redonda, feições raramente angulosas e de perfil semelhante aos Europeos, cabello negro, brilhante, ou castanho escuro, corridios, mas não seccos nem asperos como o dos *Americanos*.

Rienzi reconhecendo com La Perouse e muitos outros a superioridade das formas corporeas dos *Polynesios*, comparadas com as dos *Malaios*, os descreve approximando-se aos *Dayas*, isto é, a côr amarellada mas ou menos carregada, fronte mais elevada que a dos *Malaios*, e a physionomia mais delicada, altos, robustos e mais bem feitos do que aquelles, os cabellos negros, abundantes e asperos : a cebeça sem os caracteres da belleza, nem os da grandeza ; o nariz curto, indicio de pouca energia e constancia, a bôca grande indicando appetites grosseiros, olhos espantados (*hagards*) a vista obliqua, indicio de timidez, temor ou tristeza, de exterior agradavel com o angulo facial um pouco menos aberto que o da raça caucasia.

Não se contentando, como os *Guaranis*, de pintarem o corpo de diversas côres e desenhos, eram versa-

dos na arte de gravar signaes na pelle de modo indelevel (*tatuage*).

É este um costume que se acha geralmente admittido na Polynesia, ainda que tenha, segundo as tribus, defferentes significações.

Nas Carolinas não procedem a esta operação senão sob a influencia de idéas e com praticas religiosas. O chefe que é o operador invoca o favor da divindade sobre a pessoa que vai assignalar; e como o agouro favoravel póde não manifestar-se logo, retarda-se muitas vezes a operação por longo tempo, e até por toda a vida do individuo; pois crêm ou fazem crêr que, se o fizessem sem aquella intercessão, o mar, a só cousa que elles respeitam, submergeria as suas ilhas. Luke diz que os habitantes de Otidia recusavam repetidas vezes abrir taes marcas aos officiaes russos que lh'o pediam, de cujo facto Rienzi conclue que talvez uma especie de distincção nacional inhibisse os *Polynesios* de os conferir a estranhos.

Se não é caracterisco nacional é ao menos distincção de classe, que de quanto mais signaes se cobre tanto mais elevada é. Lesson diz que elles vestem e quasi cobrem por esta forma a nudez. Os chefes de Nuka-Hiva como que trazem um colete natural, os da classe inferior têm menos desenhos e de menos arte, muitos dos escravos carecem absolutamente delles. Mas o que indica que este desenho não é simples fantasia ou capricho do operador é a fidelidade com que elles procuram reproduzir os traços que copiam de uns para outros. Lêmos nos romances de Cooper que por signaes desta arte gravados se reconhecia a turba ou familia a que pertencia o operado.

Aqui acontece o mesmo; mas aos signaes da infancia usam accrescentar outros, quando adultos, para

memoria de seus feitos, ou memoria de algum acontecimento. E nem só por esse motivo, sendo que tivessem em vista o mesmo que os *Guaranis* com as suas pinturas. Lesson é desta opinião quando pretende que visto como o seu aspecto adquire assim uma apparencia notavel de ferocidade, esse uso proveria do desejo de inspirarem grande temor aos inimigos, como tambem para conservação dos documentos da sua gloria; pois é um testemunho da paciencia do guerreiro: soffre a dôr que sempre acompanha uma operação que fere os orgãos mais sensiveis da periferia do corpo.

Quanto ás mulheres, posto que geralmente menores que os homens, são proporcionalmente mais fortes e maiores que as mulheres inglezas (o que já não é pouco) formas plenas, mas sem corpulencia, sendo algumas notavelmente altas e robustas. Parece, porém, que se distinguem entre todas as mulheres da Oceania, porque as suas bailadeiras são estimadas pela belleza e elegancia, maneiras faceis e graciosas, que neste ramo lhes tem dado a primazia.

É notavel esta divergencia entre tantos autores, muitos dos quaes fallam por observação propria, divergencia que seria inexplicavel se se não attendesse aos effeitos do cruzamento das raças e as distancias em que se acham collocados os differentes grupos destes póvos.

Eichtal suppõe que estes autores illudidos pelas informações do vulgo terão dado os mesmos nomes á raças differentes nos caracteres physicos; mas não tão differentes que a semelhança ou identidade de linguagem não baste para os fazer classificar na mesma raça.

Se quanto aos caracteres physicos estes homens

não correspondem ás descripções enthusiastas de Cook e Bougainville, o moral tambem resente-se do bem e do mal que nelles por assim dizer se contrabalançavam, tornando-se muito lastimavel que os seus costumes e a sua organisação social tornem anthipaticos como avançam os mais reflectidos a qualquer civilisação já formada.

Como os *Americanos*, têm os sentidos mais extensos e mais finos, porque os exercem mais; são mais ageis e fortes por causa dos exercicios gymnasticos a que constantemente e desde a mais verde infancia se applicam. Seja ou não verdadeiro o principio de Adelon de que o moral se desenvolve á custa do phy ico, é certo que elles rimem caro as vantagens physicas que possam ter sobre os Europeos, possuindo muito mais limitadas do que estes as faculdades intellectuaes: nem podem blasonar de perseverantes sendo que é esta virtude a que mais concorre para desenvolver a intelligencia e levar a effeito as grandes obras que planeja.

Francos no seu procedimento, resolutos nas emprezas que não demandam actos successivos e multiplices; pacientes, sobrios, doceis, hospitaleiros, dotados de bastante intellectualidade e de talento raro para as artes mechanicas, são frouxos, dados á preguiça e á ociosidade.

Pacificos, simplices, constantes nas suas amizades, extremosos pelas mães, cheios de deferencia para com os velhos, são por outro lado extremosamente vingativos como todos os póvos na infancia, e como são aquelles para os quaes o perdão das offensas não se tem convertido em preceito.

Menos emprehendedores do que os seus antepassados, são além disso ignorantes, desdenham a arte de

ler e escrever e tem crueldade fria calculada e a peior de todas, pois, originada da superstição, se lhes figura como acto de meritoria fortaleza.

Se entre os *Guaranis* o valor guerreiro maculava-se com a anthropophagia depois da victoria, entre estes a propria paz se macula de sangue, porque quando duas tribus inimigas depunham entre si as armas, cada uma dellas offerecia a outra um escravo para ser sacrificado como sello da alliança.

Dentre as suas qualidades, boas ou más, as que mais avultam são o amor, a ociosidade e independencia. A ociosidade comtudo, nos póvos collocados em estado quasi primitivo, não póde ter os mesmos perniciosos effeitos como em uma sociedade constituida, e acaso já corrupta. Nesta se póde dizer com o proverbio, que ella é a mãe de todos os vicios; porque ou se dá em pessoas que deverião viver do seu trabalho, e que na ausencia delle vegetam como parasytas, ou nos que vivem de capitaes accumulados; e uns e outros para emprego da actividade inherente ao pensamento, applicam-se a cousas nocivas a elles proprios senão prejudiciaes á sociedade cuja ordem perturbam.

Entre os *Americanos* e *Polynesios*, a ociosidade, em relação ao estado social, não teria outro effeito senão dar-lhes tal reluctancia e negação para o trabalho, que muitas vezes contrariaria, como de facto, os projectos mais bem combinados de reformas no sentido da civilisação europea. Comtudo, os Europeos que tanto se indignam com esta predisposição moral, se se achassem em circumstancias identicas, acaso continuarião a reputar o trabalho como a primeira das virtudes? Tirem-se-lhes as necessidades facticias, colloquem-n'os em um clima aprazivel e benigno, onde todos, sem muito custo possam achar nutrição, abrigo

e vestidos, e tenho que não clamarião tanto uma disposição que mais que de qualquer outra causa se origina da benignidade do paiz habitado.

Conservam um tal qual resquicio de civilisação, mas ao contrario dos *Malaios*, os *Polynesios* fogem das praias e procuram o sertão : ali a sua indole guerreira os retem no habito de lutas sanguinolentas. Vivendo de ataques, de surpresa, de emboscadas nas florestas, de acommettimentos repentinos, o temor de represalias grupou-lhes as habitações, construidas sobre estacadas e defendidas por paliçadas.

Mas cousa admiravel! todos elles ignoram o uso do arco e frechas, como instrumentos de guerra; ainda mesmo os de Otaiti, Hauay e Tonga que são os menos rudes.

Todavia não é por semelhante facto que devemos aquilatar o estado de civilisação a que já haviam chegado. Rienzi, depois de tratar dos progressos da sua industria na fabricação dos tecidos e estofos, accrescenta que as esculpturas dos Novos Zeelandezes, dos Taitienses, dos de Peliú e de outras ilhas das Carolinas, são obras primas de elegancia.

Na nautica tambem tinham feito rapidos progressos, o que por ventura se deverá attribuir á sua posição insular. Eram habeis marujos, e excellentes constructores. Tinham algumas de suas embarcações a denominação de « volantes » pela rapidez da marcha, e os navegantes europeos admiravam o acabado de taes construcções. Maltebrum acha que elles dividiam a rosa dos ventos precisamente, como, segundo Themostenes, o faziam os *Gregos* e os *Romanos* desde Alexandre até Claudio.

Passando a occupar-nos da sua religião, não nos podemos furtar ao desejo de fazer um extracto de

Ellis (1) sobre o genesis destes póvos : é um hymno, um *magnificat* ao Deos Supremo dos *Polynesios*.

« Elle existia! Taaroa era o seu nome, a sua residencia o vacuo! Nem terra, nem céos, nem homens, nada havia ainda. Chama, e cousa alguma lhe responde; existia unico; e por isso se transformou no universo. Os eixos (polos) são Taaroa, os rechedos Taaroa, as areias Taaroa! Este foi o nome porque elle a si proprio se fez conhecido.

« Taaroa é a claridade, o germen, a base; é o incorruptivel, o forte, o Creador do universo! O universo grande e sagrado, que é como o involucro de Taaroa : elle é quem o move e o harmonisa.

Deos se dirigiu aos elementos e lhes disse : — Vós eixos, vós rochedos, vós areias, nós todos que existimos, vinde a formar a terra. Elle as toma, amalgama, amassa, e comprime, e mais, e ainda mais; porém estas materias não se adunam. Logo com a mão direita arroja os sete céos para formar a base primeira. Creou-se a luz, as trevas já não existem. Tudo se move, o interior do universo brilha, e Deos fica em extasis perante a immensidade! Cessou a quietação, reina o movimento, os céos giram e se arqueiam, o mar occupa a sua profundeza, o universo jaz creado. »

Sem duvida, está bem longe este hymno da sublimidade concisa do *fiat lux* que o pagão Longino apreciava; bem longe da exposição singela do Genesis, e ao mesmo tempo tão profunda, que todo o esforço da gealogia como que não tem servido senão de comprovar a divindade da inspiração de Moysés; mas ainda que muito inferior em merecimento litterario, é uma

(1) T. 1, pag. 419.

paraphrase da creação que não era muito de esperar ser achada aonde estava.

Bem que no trecho citado existia alguma cousa de material, e mesmo de muito material, como seja a coexistencia das areias e rochedos com o espirito creador; desse mesmo estado, tinham decahido muito os *Polynesios*, quando primeiramente foram visitados pelos Europeos. Então foram encontrados com superstições grosseiras, convertidas em artigos de fé. Nessa época é certo que adoravam alguns o fabricador, o artifice do universo, a que davam o nome de *Dinatá* a mesma entidade que o Taaroa de Ellis : outros seguiam o Islamismo. Aquelles primeiros, porém, veneravam os manes dos seus antepassados, que por esta forma divinisavam, ao passo que pretendiam descender dos *Antilopes*, e tambem adoravam e tinham grande veneração a certos passaros, cujo canto reputavam fatidico.

Segundo Lesson, todos os *Polynesios* reconhecem uma trindade e adoram além disso as almas dos bons, acreditando que as dos máos, ainda depois de separadas dos corpos, continuam a fazer mal e a influenciarem-n'o. Esta opinião é contrariada pelo Padre Le Gobien na sua *Historia das Filippinas*, ao menos pelo que respeita aos habitantes das Mariannas; ainda que em verdade estes em rigor poderiam ser considerados como excepção da raça a que pertenciam. Isolados e segregados dos mais homens por mares de immensa extensão, acreditavam-se os unicos habitantes do universo (1) ou antes tinham para si que o universo era aquillo que viam dentro dos estreitos limites de suas ilhas.

(1) Rienzi, t. 1, pag. 389.

O que, porém, era e ainda é em grande parte cancellas oppostas á civilisação europea, ou christã, era o poder e influencia do seu sacerdocio. « O sacerdocio diz Balbi, antes da introducção do Christianismo nos archipelagos de Sandwich e Taiti, e ainda hoje no da Polynesia, é exercido por homens influentes cujas funcções mysteriosos têm extraordinario poder sobre os espiritos dos insulares. O rei ou o supremo chefe entre estes póvos, é, em cada estado, 'considerado como o primeiro pontifice, e depois delle, as dignidades mais elevadas, os cargos mais eminentes são distribuidos pelas differentes classes da sociedade conforme a importancia dos logares. Os sacerdotes na opinião destes insulares, gozam de sciencia sobrenatural : ler no futuro, annunciar as vontades dos deoses, interpretar os sonhos, curar as molestias mais inveteradas, pedir offerendas, são as mais communs de suas occupações jornaleiras. Honrados e respeitados, a sua pessoa é geralmente respeitada nos combates, porque estes novos Calchas, a exemplo dos antigos sacerdotes de Marte unem o thuribulo a espada; e depois de se terem batido dirigem aos deoses os votos da tribu victoriosa. »

Até aqui Balbi.

Ligados intimamente os interesses do céo com os da terra na pessoa do chefe supremo, gemia o povo debaixo de uma superstição cruel e do mais intoleravel despotismo. Eram principes e ao mesmo tempo sacerdotes, ou tinham os principaes cargos do sacerdocio em homens de confiança, e de ordinario nos membros da familia real, que tinham o maior interesse em sustentar a sua autoridade e prestigio. Assim que sendo já extraordinario o respeito que dos nobres exigiam, quasi não restava formula nem de-

monstração para que qualquer do povo se podesse approximar do rei.

Tratando dos nobres, diz o Padre Cantova, missionario hespanhol, chega-se aos *Tamóles* (que são os nobres ou olygarchas das Carolinas), com extrema veneração.

Quando algum delles dá audiencia, apparece sobre uma mesa elevada, e os póvos se inclinam perante elle até ao chão; desde que o avistam caminham curvos e com a cabeça quasi entre os joelhos até chegarem-se a elle. Suas palavras são reverenciadas como oraculos, as suas ordens executadas com obediencia.

Cook diz na sua terceira viagem que nem os mesmos nobres se acercam ao rei de Tonga senão com as demonstrações do mais profundo respeito, tocando-lhe os pés com as mãos e cabeça.

Resta-nos tratar de dois assumptos intimamente ligados com a sua religião, a immortalidade da alma e uma superstição de taes effeitos que não é possivel omittil-a neste trabalho.

Nem todos os *Polynesios* tinhão a mesma opinião quanto á vida futura. Os da Nova Zeelandia acreditavam que os prisioneiros devorados iam para o inferno, os das Mariannas pensavam o mesmo dos que morriam de morte violenta; mas em geral, se exceptuarmos os Carolinos, não ligavam as idéas de céo e de inferno, em cuja existencia acreditavam, nenhuma noção de premio nem de castigo. Repugnava-lhes, o que é natural, a destruição absoluta do *eu* e o consideravam sobreexistente á materia; mas conservando a indole de que fosse anteriormente dotado; o bom continuava a fazer bem e o máo a produzir o mal.

Outro particular que elles infelizmente attribuiam á religião, eram os sacrificios dos prisioneiros ou a an-

thropophagia. Este uso barbaro e cruento, em nenhuma outra parte é tão vulgar como na Oceania. Não eram barbaros por amor da vingança, porque, segundo Lesson, se persuadiam que por tal forma vinham a adquerir a força e coragem d'aquelles que devoravam. Entre os *Jáos* não havia guerreiro afamado que tivesse tomado parte nestes horriveis festins; mas, como era o uso de algumas tribus celebres, não comiam de ordinario senão o coração dos prisioneiros. Os *Polynesios*, neste ponto mais barbaros que os *Americanos*, não se contentavam com o sangue dos que aprisionavam na guerra, sacrificavam os seus proprios. Tiravam as victimas da classe do povo, e Lesson accescenta que preferiam aquelles que não tinham parentes nem amigos, e cuja morte não podesse perturbar a ordem. Com este sacrificio do qual nem mesmo as mulheres se reputavam seguras, ainda quando gravidas, eram castigados os criminosos e turbulentos, aos quaes ás vezes davam a morte de um só golpe, e outras lentamente no meio de horriveis e requintadas torturas.

Não era pois de admirar que este costume, admittido por lei e como sanccionado e santificado pela religião, fosse ali mais commum do que em parte alguma. Alguns *Malaios* eram anthrophagos; e eram-no muitos *Polynesios*, eram-no ainda mais os *Australios*: e desta barbaria haviam tambem resquicios entre os *Batas* de Sumatra, os *Dayas* de Kalemantan e os *Alfurás* de Mindanás.

D'Urville accrescenta que os da Nova Zeelandia assavam os chefes inimigos que morriam na batalha; e que não contentes com isto reclamavam da tribu vencida as mulheres destes chefes para lhes darem a mesma sorte. Aos *Arikis* seus summos sacerdotes

incumbia a tarefa de assarem os homens prisioneiros.

Uma outra pratica existia ali, um costume, uma cousa, intimamente travada com a religião e com a politica, sem ser nenhuma dellas, ou antes participando igualmente de ambas, influindo ao mesmo tempo sobre a sociedade, sobre o individuo, sobre todos os actos da vontade ainda os mais innocentes a todo o momento, presente em todos os logares como o olho de uma divindade ciosa do seu poder. Caber-lhe-hia o nome de interdicção religiosa, mas tinha tão variadas accepções e della dimanavam taes e tantos effeitos, que não deparando em nossa lingua com algum vocabulo que a defina, adoptaremos a designação polynesia de *Tabú* ou *Tapú*, que de ambos os modos a escrevem os autores.

Mais do que a religião, ou lei fundamental politica, o *Tapú* applicando-se ás cousas e pessoas, aos actos e circumstancias delles, involvem ao mesmo tempo a idéa de interdicção religiosa, de excommunhão, de suspensão dos direitos e liberdades, e de propriedade e até de vontade, no sentido mais restricto da palavra. Meio de governo e de dominio mais efficaz do que nenhum outro conhecido; se era uma arma poderosa para conter e reprimir uma sociedade tão má, e tão imperfeitamente constituida, era tambem um instrumento de despotismo, a que não havia resistir.

Nicholas, o primeiro viajante que estudando os *Novos Hollandezes* comprehendeu toda a importancia do *tabú* e suas consequencias, elogia os beneficos effeitos desta instituição, como se poderia elogiar a união da fogueira com a forca; observa este autor que o *tabú* regula não só todas as suas instituições, mas até os seus trabalhos diarios, de forma que não ha

um só acto da vida em que não intervenha esse magico dyssilabo.

Esta superstição dominava em toda a Polynesia com infinidade de mortes de innocentes, e tendo os vivos submettidos a uma constante espada de Damocles, e sujeitos a tantas privações, que nem mesmo rezenhal-as é facil.

« Esta lei barbara, escreve Lesson (1), prohibia ás mulheres, sob pena de morte inexoravel, comer porco, bananas, côco, fazer uso do fogo, que homens accendessem, e de entrar nos logares em que elles comem. O predecessor do famoso *Tamehá-mehá* era tão grandemente *tabú*, que não era licito vêl-o durante o dia, sendo por tanto condemnada á morte quem quer que o visse ainda que por acaso. »

Para dar uma idéa menos incompleta do *tabú*, citaremos a autoridade e até por vezes as proprias palavras de d'Urville.

Ainda que os *Zeelandezes* sejam os que com mais cegueira de superstição seguem o *tabú*, todos os *Polynesios* observam religiosamente, se o não empregam com a mesma latitude. Acreditam que esta superstição é agradavel ao *Atuá*, que é o nome porque conhecem a Deos, e tanto basta para que tomem como a norma unica das suas acções, convencidos inteiramente que qualquer objecto, animado ou inanimado, consagrado pelo *tabú*, se acha por esse facto debaixo da protecção da divindade que o não deixaria de destruir, quando violado, assim como aos sacrilegos que o ousassem profanar. Mas por grande que seja a sua confiança no poder divino, tratam de anticipar a sua colera, temendo a parte que sobre elles possa recahir,

(1) *Researches*, t. 1, p. 52, b.

e punem severamente o culpado, qualquer que seja a sua jerarchia. O nobre despojado dos seus bens e graduação passa a pertencer á classe infima. Se o culpado é um destes, em alguns casos, e quasi sempre se é escravo, só a morte é castigo bastante para a enormidade do delicto.

O *tabú* ou é absoluto e comprehende a todos, e então ninguem se póde approximar do objecto consagrado, com receio de temerosos castigos, ou é relativo e não affecta senão a uma ou a muitas determinadas pessoas. Neste caso, o individuo que está sob a influencia da tal excommunhão, fica fóra da sociedade, e como que da vida humana, pois nem sequer póde usar das mãos para tomar os seus alimentos. Se é nobre póde ter comsigo escravos que o sirvam, mas sujeitos a mesma condição do senhor; e se é homem do povo, vê-se reduzido a tal estado de miseria, que della não podem dar idéa e que sabemos das outr'ora fulminadas pelo Vaticano. Baste dizer-se que tinham necessidade de tomar os alimentos com a bôca durante o periodo da expiação.

Certos objectos, certos corpos, e desses corpos certas partes, certos estados da vida são essencialmente sujeitos áquella interdicção. No homem a cabeça por ser o ponto culminante, e os cabellos ainda mais do que a cabeça. Por isso não querem alimentos pendurados em suas cabanas, pois poderião casualmente tocal-os com a cabeça e d'ahi resultarião grandes males. Por isso receiam entrar na camara dos navios, porque poderia no emtanto estar alguem passeando ou passar sobre a coberta. Por isso emfim quando cortam os cabellos, tem todo o cuidado em que não possa andar ninguem sobre o logar em que elles se depositam, e depois de tosqueados, ficam por alguns dias in-

terdictos; ao menos não podem comer com as mãos.

Os doentes em perigo de vida, as mulheres gravidas são tambem interdictas; ficam então expostas ao tempo, em uma especie de barraca afastados de todo o commercio humano, dos amigos e parentes, excepto dos escravos, quando é pessoa que os tenha. Recusam-lhes certos alimentos, e muitas vezes os conservam longos dias em dieta absoluta. Se morrem todos os seus utensis ficam fóra de uso, e as pessoas que nesse estado os serviram não podem voltar á vida ordinaria sem ser por meio de preparações e purificações, ainda hoje mal conhecidas dos Europeos.

O homem que constroe uma canôa, que edifica uma casa, fica igualmente interdicto; mas neste caso a interdicção tomando-lhe o uso das mãos para comer, não as algema para o trabalho, nem lhes corta o contacto com os outros homens.

Como o *tabú* póde ser imposto por pessoas de classes differentes, é claro que será tanto mais grave e respeitado, quanto mais grada fôr a pessoa de que dimane. A tribu respeita cegamente o *tabú* imposto pelo chefe : o governo local ou o *Rangatira* impõe-no aos que dependem da sua autoridade : o homem do povo emfim, sujeito a todas as interdicções dos chefes e superiores póde submetter-se ao *tabu*, como entre nós ao cumprimento de um voto. O costume o tem admittido em certas circumstancias, como na despedida de pessoas que se estimem, na persuasão de que lhe aproveitará o sacrificio que se faz.

O chefe, porém, que já goza de certa inviolabilidade, sob a garantia do céo, pois que se reputam *tabús*, usa ou póde usar da faculdade de o impôr como meio preventivo ou politico. Teme por exemplo, que pelo consumo se extinga o peixe, o marisco, a caça; consa-

gra-os pelo trabalho até que se tenham multiplicado; quer arredar de sua casa ou lavoura vizinhos importunos; quer o monopolio do commercio de um navio que ali chega, o *tabu* lhe satisfaz os desejos e assegura o resultado. Como despotismo é terrivel. Quer o chefe punir a algum dos seus vassallos, lança o *tabu* na sua casa, no seu campo, nos objectos do seu uso, e o dono vê-se na mais estreita miseria, porque se o viola fica indigitado como victima agradavel ao *Atua*.

Com isto resistem á influencia dos estrangeiros, porque para o pôr fóra de combate basta pronunciarem aquella palavra magica. Querem punir o commandante de um navio, prival-o de refrescos, lá tem o *tabu*. Podem estes commandantes empregar a força; mas a força tanto é um meio pessimo de civilisação, quanto é insufficiente o raciocinio para desfazer prejuizos que só o tempo vai gastando. Quando algum missionario para desraizar essa busão, se offerecia a arrostar a colera de *Atua*, respondiam-lhe os indigenas que, sendo elles igualmente *tabus*, pois que eram sacerdotes, não lhes faria mal o que fizessem; mas a elles sim, que de certo não ficariam impunes.

Por esta forma assegura o chefe, em quanto vivo, o seu dominio; mas como com a sua morte ficam os seus parentes e amigos sob a influencia do *tabu*, as tribus vizinhas, aproveitando-se do ensejo, cahem sobre a sua tribu, que, se não é muito numerosa e aguerrida, de necessidade succumbe na luta.

Se pois semelhante instituição é um elemento de ordem temporaria, não o é de conservação, e por consequencia nem tambem de progresso. Serve como sustentaculo de pequenos governos, senão theocraticos, ao menos despoticos em summo gráo, como dizem era a formula governativa de Badak, Honay e Taiti.

É oligarchico em outras partes como as Carolinas, onde se compunha o governo de muitas familias nobres, chamadas *tamóles*, das quaes já fallamos.

Generalisemos.

Consideramos os *Malaios* e *Polynesios* como duas raças não obstante algumas autoridades em contrario. Assim é que a descripção que faz Crawfurd dos *Malaios* é igualmente applicavel aos *Polynesios*. Bory tambem designa o geral dos habitantes do archipelago como *Malaios*.

Se as observações de todos os viajantes nos confirmam na opinião de que quanto mais proximos estão os povos do estado selvagem, tanto mais se multiplicam as semelhanças; não é de admirar que as tribus insulares menos civilisadas apresentem caracteres physicos tão approximados que Crawford e Bory julguem poder comprehendel-os na mesma descripção.

O primeiro (Crawford) diz que estes homens são baixos, grossos, robustos, com os braços mais carnudos do que musculosos, com os membros inferiores bem conformados, ainda que um pouco grossos e pesados, rosto redondo, bôca grande, dentes bellos, quando os não tingem, ossos das faces salientes, e por isso as faces fundas, nariz curto e pequeno, olhos pequenos e negros, a côr morena mas variando tanto de intensidade, que as differenças do clima não bastam para explical-o. Os mais claros, segundo Crawford, são os de oeste, os *Batas* de Sumatra que ficam debaixo do equador. Marsden, porém, diz que os de Sumatra têm a côr amarellada approximando-se ao vermelho, propriamente côr de cobre. Segundo aquelle primeiro autor os mais claros, depois dos de Sumatra, são os cannibaes de Bornéo e os *Dayas*. *Os Jàos*, gozando de mais commodidades de vida, têm comtudo

a côr mais carregada. Os cabellos são raros pelo corpo, menos raros na barba, mas duros, corridos, compridos, e sempre pretos. A estatura média para os homens é de 4 pés e 10 polegadas (francezas) e para as mulheres 4 e 7 polegadas.

Bory diverge em muitos pontos. Segundo este a estatura é elevada de 5 pés e 3 e 4 polegadas, sendo ainda mais altos os das Mariannas, bem feitos, musculosos, nunca gordos em excesso, membros proporcionados, pés pequenos, posto que não usem calçados; côr de ruibarbo tirante a vermelho de tijolo, amarellada, morena, do cobre de Roselle, approximando-se ao branco, da côr de cinza e do preto, segundo a mistura do sangue e vizinhança do equador: a bôca média, os dentes verticaes, os labios como os dos Europeos, só que as vezes são mais expessos, e vivamente coloridos; o nariz tambem semelhante ao dos Europeos, deprimido ao chegar da testa, mas de ordinario bem feito, barba regular; porém os orientaes parecem não tel-a; e as mulheres podem passar por bellas entre os povos do littoral.

Compunha-se a sociedade Polynesia de 3 castas, além dos escravos, e essas foram observadas por Forster (pai) no Taiti, — por Le Gobien nas Mariannas e pelo capitão Lutke nas Carolinas: a classe dos chefes, a dos proprietarios livres, e a dos servos.

A primeira enfatuada de si, dos seus privilegios, é intoleravel; a ultima jazendo em abatimento miseravel e profundo, que o despotismo dos chefes, os sacrificios dos prisioneiros, o *tabú* e mil outras superstições, não tornavam mais toleravel. Por miseravel, porém, que fosse a sua condição não ganharam com a ida dos Europeos.

« Os primeiros navegantes (escreve Rienzi) foram

tratados por elles como deoses, ou monarchas; mas em troco das suas dadivas e dons, introduziram-lhe os vicios e raramente os beneficios da civilisação: hoje maldizem elles aquella illimitada hospitalidade que nos concederam seus pais, nisso menos prudentes que os *Chins*. Eram outr'ora muito numerosos, mas foram decimados pelas nossas armas de fogo, pelas necessidades ficticias, males reaes e molestias vergonhosas e muitas causas de discordias, que semeamos entre estes homens simplices. Assim imaginam, ao ver chegar um navio, que todos os flagellos vão romper do seu bojo para amargurar-lhes a existencia.

Deixemos para outro logar os corolarios, e occupemo-nos dos *Malaios*.

CAPITULO IV

Melanesios

A Melanesia, tambem conhecida com a denominação de ilhas dos Negros, por causa da côr dos seus naturaes, comprehende o continente da Australia, e as ilhas que se estendem ao norte e nordeste deste continente entre a Polynesia e o archipelago. Todas estas terras são povoadas de raças negras, que ainda não foram bem estudadas. Nós, porém, debaixo da denominação de Melanesios, comprehenderemos os *Papuás*, os *Alfurás* (*Alfurés* ou *Harafurs*) os *Endamenes* e *Australios*. Talvez mesmo que todos se podessem comprehender na mesma descripção e sob a designação commum de pretos oceanicos; porque não obstante dizer o Padre Bernardo de Lafuente, referindo-se aos habitantes de Luçon, que estes se dividem em duas raças, uma das quaes é mais preta que a outra, poderiamos, fundados em que as gradações da mesma côr é um caracter pouco seguro para a classificação das raças, grupal-os, como Eichtal, em uma só.

No emtanto, como esses homens estavam diversamente preparados ou dispostos para a civilisação, importa ao nosso proposito que os descrevamos sepa-

radamente; em quanto que tambem por outro lado, tendo regeitado a confusão dos *Malaios* e *Polynesios*, deveriamos, para sermos consequentes, regeitar a dos *Papuás* e *Australios*. Parece-nos, é certo, haver mais dessemelhança entre aquelles do que entre estes, e, ainda quando assim seja, corre-nos essa obrigação para que da comparação possamos concluir a identidade de origem, ou a igualdade de circumstancias, em relação ao assumpto que nos occupa.

Eichtal pretende que a sua raça preta oceanica seja a indigena; porque a encontra sempre no interior das terras, para onde pensa que terião sido impellidas por inimigos mais poderosos : é isto o que se observou nas Molucas, Celebs, Bornéo e Filippinas. A duvida que faz não a encontramos em Java e Sumatra, assim como nas ilhas circumvizinhas, observa o mesmo autor, para a resolver, que ella se encontra ao noroeste da cadeia que formam aquellas duas grandes ilhas, na peninsula de Malaca, e nas ilhas de Andamen. Instando mais na sua opinião, dá por incontestavel que a India meridional fosse outr'ora occupada por esta raça, de cujos restos, depois de subjugada, quer elle que se hajam composto as classes inferiores.

Nesta hypothese, que ao menos tem o merito da simplicidade, haveria na Oceania uma só raça da qual, entrelaçada e cruzada, reciproca e successivamente com os *Arabes* e *Chins*, provieram os mestiços, hoje constituidos nos differentes grupos *Malaios* e *Polynesios*.

Maltebrun inclina-se tambem em favor da unidade da raça preta na Oceania, com o fundamento de que a côr de todos elles tem uma breve mistura de amarello. É exacta a observação, mas se este facto isolado bastasse para os confundir, seria quanto á côr

sómente. Um celebre naturalista (Buffon) nota que os habitantes da Nova Guiné são verdadeiros negros, e semelhantes aos da costa d'Africa, e que pelo contrario os da nova Bretanha são homens de pouca barba, de cabellos pretos e compridos, de côr mais vermelha que preta, e com mais industria que a que tinham os habitantes das ilhas descobertas por Tasman: observa, como o Padre Le Gobien, menos intensidade na côr de uns que na de outros; accrescenta para melhor caracterisal-os que uns têm carapinha, e outros cabellos corridos. Apoia-se de mais na autoridade de Cateret, segundo o qual os *Tasmanios* são como os pretos da costa d'Africa, ao passo que os da Nova Bretanha, não têm o cabello, que chama *lanôso*, nem o nariz chato, nem os labios grossos, e não obstante tudo isto confunde os *Papuás* com os pretos da Nova Guiné. Confunde-os, e para salvar-se de cahir em contradicção, applica preventivamente o facto á sua theoria, de que o calor influe na coloração da pelle, dizendo que, posto os habitantes da Nova Bretanha habitem mais perto de equador, não deverá ali ser o calor tão forte como nas terras em que os homens andam nús, e têm o cabello *lanôso*. Convém notar-se que pouco antes dissera o mesmo autor que os *Papuás* se vestem ou cobrem com esteiras, parecendo ao mesmo tempo indicar que os da Nova Guiné andam despidos.

Nisto se póde observar quanto a sua theoria o preoccupava. No facto de andarem os *Papuás* com certa especie de vestidos, enxerga a prova de ser mais frio o clima que elles habitavam, não obstante ser mais equatorial, sem se lembrar que trazer uma esteira, como estes, em vez de cascas de arvores, e molhos de folhas, como os *Tasmanios*, se alguma cousa prova é

sómente mais industria. E sendo que devia provar, em favor de sua theoria mais intensidade de calor nas ilhas de Tasman, cujos habitantes têm carapinha, do que na Nova Bretanha, e nas terras habitadas dos *Papuás* de cabellos corredios, argumenta da consequencia que quer tirar para o principio que estabelece e conclue que por isso mesmo que os habitantes da Nova Bretanha não têm carapinha como os pretos da costa d'Africa, deve ali ser mais temperado o clima.

Não é possivel, apezar de tão respeitavel autoridade, confundir estas duas especies, tão destinctas no moral como no physico. Os *Papuás*, segundo o dizer de todos os modernos autores, são relativamente mais bellos e muito mais intelligentes do que os *Endamenios* e *Australios*, e todas as variedades dessas creaturas miserandas, que Deos em um instante de colera lançou ao mundo como uma transição pouco sensivel entre o ultimo dos Hottentotes, e o primeiro dos *ourang-outangos*.

Os *Papuás,* segundo a idéa predominante em Rienzi, quanto ao berço destes póvos, são tambem originarios de Bornéo, que, caminhando para o norte, se deveram estabelecer nas ilhas Filippinas, e para o noroeste na peninsula de Malakka, onde são conhecidos com a denominação de *Senang*. Depois, quando se estendessem para leste deveram ter encontrado os negros *Endamenes* da Nova Guiné aos quaes venceram e derrotaram e d'ali passaram ás ilhas da Luizida, Nova Bretanha, Nova Irlanda, ao archipelago de Salomão, ao de Santa Cruz ou de Quiros, ás ilhas de Loyalty, á nova Caledonia, ao archipelago de Vits até a ilha de Van Diemen. Existem em grande numero na Nova Zeelandia; segundo Cook ha tradição

de sua existencia no Taiti, e hoje habitam principalmente a nova Guiné. A todos estes logares chegaram os *Papuás* (*Papus* escreve erradamente Buffon e outros depois delle.) Aquella palavra é corrupção do malaio *puá*, moreno ou preto, que dobram como usam os meninos e os póvos na sua infancia para darem mais força á expressão. A designação de *Endamenios*, que elles proprios deram a outra raça, recorda os pretos hediondos da ilha do Andamen com os quaes apresentam estes a mais triste semelhança. Os *Endamenes* (1) mais fracos e menos intelligentes que os seus contrarios desertaram da Papuasia ou Nova Guiné, e passando o estreito de Torres, se estabeleceram no vasto continente da Australia, onde parece que haverão de extinguir-se.

A historia desta parte da Oceania (Papuasia) em poucas palavras se resume. Foi descoberta em 1511 pelos Portuguezes Francisco de Abreu e Antonio Serrano, estes, porém, não estabeleceram ali feitoria alguma como nem tambem D. José de Menezes, que se acredita tel-a visitado em 1526. Dois annos depois, em 1528 o general hespanhol Alvaro Saavedra deu-lhe o nome de ilhas do *Ouro*. A este seguiu-se Grijalva em 1537. Comtudo as mais exactas noções da terra e dos seus habitantes são devidas a Schontem, a Roggwen e Abel Tasmam e mais que a estes a Cook e Bougainville.

Depois deste brevissimo bosquejo, passemos a descrever os seus naturaes, começando pela descripção de Lomaire (2) que Buffon resume nestes termos. « São muito negros, selvagens e brutaes; trazem an-

(1) Rienzi.
(2) *Navigation : Australe.*

neis nas orelhas, nas azas e cartilagem média do nariz. São fortes, bem proporcionados, ageis na carreira, dentes negros, bastante barba, cabellos pretos, curtos e riçados, que comtudo não são tão embaraçados como os dos negros. Têm maças, lanças, espadas e outras armas de páo, pois não conhecem o ferro, e mordendo como os cães, até os dentes lhes servem de arma offensiva. As mulheres são medonhas, têm mamas longas e pendentes, ventre excessivamente grande, pernas e braços finissimos, feições horrendas physionomia de macacos. »

Esta descripção em que parece ter-se amalgamado os caracteres das duas raças pretas oceanicas differe em muitos pontos das de Gomelli Carreri (1) « são homens, diz este autor, corpulentos, de talhe gigantesco, cabellos riçados e dotados de muita força. »

No que vai inteiramente de accôrdo com o Padre Le Gobien, quando diz dos habitantes das Mariannas : (2) « São mais claros que os *Filippinos* e mais robustos que os Europeos; são de estatura alta e de corpo bem proporcionado; nutrem-se de fructas, raizes, e peixes, e apezar disso são alguns tão gordos que parecem inchados, o que os não impede de serem ageis, e longevos de cem a mais annos, sem enfermidade alguma.

Modernamente tem sido descriptos os *Papuás*, como homens de estatura alta, de pelle negra e lusidia, com 1/8 de amarello, tendo o angulo facial de 69 gráos no maximo, e 63 e 64 no minimo; dão-lhes cabellos negros, nem lisos nem encarapinhados, mas bastante finos e frisando muito e naturalmente, o que lhes dá um enorme volume apparente á cabeça.

(1) *Voyages*, t. 5, p. 298.
(2) *Istoria de las Islas Mariannas*, de 1700.

Os seus instrumentos de guerra são arcos, escudos, fundas, e para estas trazem pedras bem arredondadas em malhas de canhamo. Andam nús, ainda que alguns mahometanos tragam lenços na cabeça, os chefes porém, usam de umas como tangas de esteira com franjas de folhas de bananeiras, e tingem-nas de côres muito vivas.

Os que Luçon vio na ilha de Banka andavam igualmente nús com armas bem trabalhadas, que eram arcos e cacetes : quanto ao physico dá-lhes este autor para a estatura média, 5 pés e 3 ou 5 polegadas, representando-os como dotados de membros delgados, e sendo pouco musculosos.

Os seus alimentos são simples, batatas, inhames, peixes, tartarugas e mariscos, sendo a base o sagú de que fazem provisão. Não usam forno como os *Polynesios*, mas grelhas de bambú, especie de nosso muquém, arranjados em pleno ar.

A polygamia é geral, a religião entre alguns é o mahometismo e outros têm apenas idolos de madeira rematados por craneos humanos.

« Os naturaes, lê-se na relação da *Viagem de Grijalva*, são homens de cabellos frisados e comem carne humana; e dão-se a taes artes e malvadezas que só o diabo póde correr parelhas com elles. »

ALFURÁS.

Os *Alfurás* ou *Harafurs* (que Forster escreve *Haraforás*) têm sido, ainda que erradamente considerados como raça distincta.

Essa palavra na lingua dos indigenas de Bornéo, exprimindo a mesma que « homem selvagem » é in-

distinctamente applicada ás tribus que vivem n'aquelle estado, qualquer que seja a sua côr. Assim os *Alfurás* de Burú são côr de cobre, os *Batas*, que são os *Alfurás* de Sumatra são de côr de amarella escura; os *Puradjás* (*Alfurás* de Celebs) são semelhantes aos *Batas* e de côr mais clara que a dos *Malaios;* os de Mindanáo, Mindora, &, são de um negro carregado. Nas Filippinas havia tambem *Alfurás*.

Quanto a estas ultimas ilhas, diremos algumas palavras, relativas ao fim do celebre Magalhães, tão intrepido quanto infeliz navegante. Alguns autores e notadamente Faria e Souza discrepam, neste ponto; no emtanto parece averiguado que chegando este navegante em 1521 á ilha Zebu, quiz começar por converter os seus habitantes ao christianismo; e levado de um zelo imprudente e pouco esclarecido como se julgasse que as formulas influem radicalmente sobre a essencia das cousas, ou que as exterioridades da religião equivalem ás crenças, lançou a agua do baptismo sobre o rei Zebu e a familia real. Os naturaes tomaram por offensivo aquelle acto; e o rei de Mactan possuido de indignação e colera offerece combate aos Hespanhóes, no qual acabou Magalhães com seis dos seus companheiros.

Os principaes habitantes das Filippinas são os *Aetas* ou *Alpurás* de côr negra. e nas formas semelhantes aos *Papuás*.

Andam nús, tendo por unicas armas e arco o a frecha, sem industria nem lavoura alguma; pois além da caça e pesca, não se alimentam senão de fructos silvestres.

Escravos de todas as superstições, e acreditando principalmente nos máos genios, a sua religião, se tal nome lhe cabe, é antes o requinte de temor pusila-

nime do que verdadeiro culto. Ignoram as consolações das supplicas e não admittem nem a recompensa futura das boas obras, nem o castigo das más, ou antes, não parece que suspeitem a immortalidade da alma.

De vontade inerte, de curta intelligencia, obedecem aos missionarios; mas não se compenetram dos preceitos que lhes escutam; ouvem-nos, mas não os entendem; seguem-nos, mas logo que se lhes proporciona alguma occasião, fogem de novo para as montanhas; e são estes que assim fogem, os que com mais difficuldade voltarão para escutar as lições de seus padres.

ENDAMENIOS.

Os *Endamenes* ou *Endamenios* são de côr negra fuliginosa, de estatura baixa, de aspecto selvagem e feroz. Delles diz Rienzi (1) que dois viajantes arabes que no seculo 9.º da nossa éra os visitaram, depois de haverem percorrido a India e a China, os pintaram taes quaes os viram os Inglezes, quando ali se quizeram estabelecer e dessemelhantes da pintura que delles faz Hamilton, segundo o qual é um povo de boa indole, vivendo de arroz e apenas de outros vegetaes.

Eis o que escreveram aquelles dois viajantes: « Além da ilha de Nejabalos (Rienzi suppõe que se trata de Nickobar) se estende o mar de Andamen; os póvos que a habitam comem a carne crua; a côr é negra, o cabelle frisado, o aspecto medonho, com pés de quasi um covado de tamanho, e andam absolutamente nús. Não têm barcos, e se os tivessem devora-

(1) T. 1.º, pag. 115.

riam todos os navegantes que passassem por aquelles logares. » Rienzi accrescenta : « labios grossos, nariz achatado, ventre proeminente, membros descarnados e mal formados. Os homens são destros e amigos de sua independencia : mas ao mesmo tempo são cavilosos, vingativos o sordidos, que todas as manhãs se chafurdam no lodo para se preservarem dos insectos. »

As cabanas são formadas de 3 a 4 esteios, atados no alto, sobre os quaes engenham um tecto de ramos e folhas de arvores. Não usam sal na comida. Não ensaiaram ainda a cultura das terras; as mulheres sobre que pesam todos os encargos da vida domestica, se occupam de apanhar mariscos para sustento de seus barbaros senhores.

Gostam em extremo de cantigas e danças, mas bem longe de serem de genio sociavel os Inglezes que em 1791 ali fundaram uma colonia, com o nome de Chatam para os deportados de Bengala, dois annos depois a abandonaram pela intratabilidade de seus naturaes.

AUSTRALIOS.

O vasto paiz dos *Australios* foi descoberto em 1606 por Luiz Vaz de Torres, segundo commandante da expedição confiada a Fernando Vaz de Quiros.

A estes seguiram-se outros até os annos de 1688 a 1699, em que mais escrupulosamente do que então se havia feito. Dampier observou os selvagens e o paiz que Cook foi o primeiro a descrever com alguma exacção.

Os *Australios* e *Endamenios* têm a mesma origem, os mesmos costumes, os mesmos caracteres physicos, o mesmo gráo de intelligencia. Talvez podessemos

accrescentar que os *Tasmanios* pertencem ao mesmo grupo.

A *Tasmania* diremos de passagem foi descoberta em 1642 pelo Hollandez Tasman, que deu á terra o nome de Van-Diemen em honra do governador geral de Batavia. Por isso Balbi a chama Diemenia, bem que o nome do descobridor fosse posteriormente e com razão preferido.

Os habitantes da Tasmania são mais negros do que *Australios*; porém tambem menos feios e mais intelligentes. Andam nús, excepto no inverno em que se vestem de pelles de Kangurús. Vivem de caça, pesca de mariscos e peixinhos, têm pernas, braços e peitos muito pellosos, mas de pello algodoado e felpudo, têm por armas lanças de páo aguçado e achas de pedras. Por estas dessemelhanças alguns autores consideram os *Tasmanios* não como *Australios*, mas como uma das ultimas variedades dos *Papuás*, quaes são os de Mallicolo e Nova Caledonia, ou então como uma mistura de *Papuás* e *Australios*.

Os pobre *Australios* tão mal favorecidos no physico pela natureza, que na sua ultima variedade são chamados pelos naturaes de Andragiri-Gugons e aos quaes propoz Rienzi que se lhes désse o nome de Pithecomorphos, quasi macacos, são effectivamente muito semelhantes a estes animaes tanto no exterior como na quasi nulla concepção. Não obstante, sendo verdadeiro o axioma de Pascal de que o homem não é nem anjo, nem bruto, não devemos dar muito credito aos colonos inglezes, quando pretendem que elles carecem inteiramente de intelligencia, com quanto diga Rienzi (1), que elles vivem em tal estado de de-

(1) T. 3.°, p. 435.

gradação que muito nos deve humilhar e affligir.

O *Australio*, o mais desgraçado de todos os entes, não goza plenamente senão dos sentidos do ouvido e da vista como todos os póvos selvaticos. Immundos, occupando o ultimo logar na escala social da civilisação, parecem o élo intermedio entre o homem e orang-outango, cuja mobilidade imitam em certos movimentos promptos, bruscos e como que irreflectidos. « Um singular movimento de contorsão subita que elles dão á cabeça, e a maneira burlesca com que levantam as mãos olhando para o sol ou para qualquer outro objecto distante, mais os approximam aos movimentos d'aquelles animaes que aos dos bipedes civilisados. »

No physico distinguem-se facilmente por terem os braços muito compridos, as pernas finas e ainda mais compridas do que os braços, a bôca grande, o nariz largo e chato. Os da terra do rei George são de estatura média, membros delgados, abdomen protuberante : vestem-se durante o inverno com pelles de kangurús, e fazem tugurios a que dão a forma de um forno, cobrindo-os com cortiça das arvores durante as chuvas, e sobrepondo-lhes pedras para as segurar.

No moral e intellectual não podéram ainda ser bem estudados, porque uma como nuvem lhes empana qualquer d'aqulles estados da alma, cuja existencia não podendo facilmente ser deduzida dos seus actos, quasi é preciso adivinhal-a.

Têm certo sentimento de superstição, porque não se póde chamar religião o que nem os induz ao bem, nem os reprime do mal; mas esta especie de quasi religião, não chega entre elles a mais do que a crença nos sonhos, encantos e sortilegios, e ao medo e temor dos feiticeiros.

Conhecem os genios do bem e do mal, aquelle representado em *Coyan*, este em *Potoyan*, que á noite divagam e se temem da luz, motivo porque a accendem. Veneram os tumulos, e ainda que por este facto pareçam denotar algum conhecimento da vida futura, será bem difficil definir-se no que julgam que ella consiste.

Sem consciencia do bem nem do mal, sem piedade alguma prostituem as mulheres por uma fatia de pão (1) e sacrificam sem remorsos os filhos, o que de ordinario acontece quando nascem gemeos; porque o pai, movido de não sei que superstição, mata um, e a mãe, por necessidade, vê-se muitas vezes constrangida a abandonar o outro. Além disto usam os *Australios* tirar um dente dianteiro ao filho, cortar uma falange do dedo á filha e matar a criança, se acontece morrer a mãe, antes de desmamada a criança.

Qualquer que fosse o principio de que se originou a anthropophagia, quer provenha do sentimento de odio, e vingança entre póvos barbaros, quer do instincto da conservação nos tempos de fome; é certo que no *Taiti* de um *anno de fome*, o que equivale as nossas seccas, se diz que é — estação de comer gente. — Diz Rienzi, comtudo, como já o havia dito Southey (2) dos degradados portuguezes, que não é raro adoptarem os deportados tão barbaro costume, que a tanto chega a depravação da natureza humana.

Estes homens mudando de vivenda com a escacez dos objectos, de que se alimentam, são essencialmente nomados, e nisto nos confirma Cuningham, quando nos diz que os que têm grutas sao os que habitam

(1) Rienzi. — T. 3, p. 58.
(2) *History of Brazil.*

perto da costa, onde as ostras e peixes lhes asseguram sufficiente nutrição.

No mais não são muito difficeis na escolha de alimentos : vermes, cobras, reptis, baleias, ainda podres, tudo lhes serve.

Vingativos e desconfiados como todos os barbaros, nem perdôam a injuria que se lhes faça, nem crêm na sinceridade do perdão que se lhes conceda, quando são os aggressores. Isto dizemos, apezar do seu acolorado panygerista Dawson, que os pinta como homens sensiveis a qualquer bom tratamento, susceptiveis de reconhecimento, e chega até a pretender, com ingenua credulidade, que desconhecem o sentimento de vingança, e estão sempre dispostos a perdoar as injurias que recebem.

O certo é que os Inglezes, que passam por melhores colonisadores, nada delles têm podido conseguir, porque não tendo estes indigenas feito em parte alguma grandes progressos, é precisamente nas proximidades de Sidney, onde se encontram os menos aproveitados.

Se nos objectam que estes homens não foram ali em missão especial de catechese, poderiamos retorquir que não são menos barbaros os indigenas d'aquellas partes, frequentadas por missionarios inglezes no espaço de cerca de 20 annos.

Um dos governadores de Cumberland, procurando meios de os fixar em determinado logar, mandou-lhes construir cabanas e depois de promptas perguntou ao chefe a quem as mostrava : Que taes? Bem boas, respondeu-lhe o selvagem — optimas para quando chover.

Convém no emtanto observar que nem sempre estas pobres creaturas são objectos de tal solicitude.

Dawson, que já citamos, diz que os deportados, em distancia da colonia atiram-lhe como as féras. A *Gazeta de Sidney*, ainda não ha muito tempo, fallava de envenar os selvagens das margens do lago Hunter, como meio mais proprio e expedito de se livrarem delles. Um advogado d'aquella colonia, Wardel, defendendo em juizo a um criminoso de homicidio na pessoa de um selvagem, sustentou n'aquelle logar, no jury, que matar um anthropophago, qual suppunha ser o morto, visto ser indigena, não era crime, como bem o sustenvam e demonstravam os muitos eruditos, sabios e circunspectos Barbeyrac, Puffendorfio, Bacon, e outros de igual farinha e polpa.

Ainda mais, Prichard (1), discorre largamente sobre « la conduite de certains blancs de notre colonie de la Nouvelle Hollande qu'on dit avoir tiré parfois sur des pauvres sauvages, pour les donner en pâture à leurs chiens » proceder igual aos Hespanhóes no Novo Mundo, segundo refere o Abbade Gregoire (2) citado pelo mesmo Prichard de que na chegada dos cães de fila, mandados buscar de Cuba para S. Domingos, se lhes deu em pitança o primeiro negro, que casualmento passava. « E a promptidão com que elles devoravam a sua preza, accrescenta o mesmo autor, encheu de jubilo os tigres brancos de rosto humano. »

As mulheres mais infortunadas entre os *Australios* do que entre os *Tupys*, são como bestas de carga sujeitas a todas as privações e trabalhos, e soffrem os máos tratos dos seus brutaes possuidores, a que aliás ellas alimentam, e que por astucia, violencia e traição usam arrancar das tribus inimigas.

(1) *Hist. N. de l'homme*. T. 1, p. 9.
(2) *De la Litterature des nègres*. Paris, 1808, in-8.

« Então, escreve Laplace (1) começa para estas desgraçadas a longa série de miserias e tormentos, que só acabão com a vida. A quasi nenhuma belleza de que as dotára a natureza madrasta, decahe promptamente com os mais peniveis trabalhos, e os mais duros tratos, sem lhe assegurar a affeição do tyranno que muitas vezes a abandona quando a saciedade lhe embotou os desejos, ou quando uma nova captura lhe augmenta o numero das victimas da sua brutalidade. Verdade é que essas pobres creaturas não são alguma cousa supportaveis senão na flôr da juventude. Nesta idade, ao travez das crostas de sordidez e gordura, unico véo que resguarda os seus encantos, descobre-se-lhes um talhe esbelto, e seios graciosamente contornados. Sob os cabellos em desalinho apparece uma fronte com o cunho da belleza, e olhos que se volvem com meiguice, a mesma bôca adornada de dentes alvos e bem dispostos não é sem attractivos; porém com alguns mezes de escravidão, apagam-se esses traços, o olhar como que se embrutece, e ellas poderião ser escolhidas como typo da mais repulsiva fealdade. E como não seria assim? Como é que os dotes physicos e as qualidades do coração poderião resistir a pancadas e humilhações de todo o genero, e a fadigas do que nos póvos menos civilisados da Europa, nas ultimas classes sociaes, não tem a mulher que receiar a milesima parte?

« Vêde a companheira do *Australio* carregando as costas o filho pequeno e o sacco do farnel, com os instrumentos da pesca, atravessando mattas e brejos, e obrigadas a vingar combros de areia, seguindo os

(1) *Voyage de la Favorite.*

passos do senhor, que desempedido, sem carga e inaccessivel á piedade apressa a jornada da familia prolongando-a do romper do dia até ao pôr do sol! No momento em que faz alto a tribu, ou mude de residencia ou prosiga em alguma expedição guerreira, os homens entregam-se ao descanço; as mulheres pelo contrario, cortam lenha para fazer alimentar o fogo, durante a noite, e pelas margens dos rios e dos lagos vão procurando mariscos que assam sobre carvões para alimento dos seus maridos. Se lhes falta este recurso, dão caça aos lagartos e opossuns, que perseguem até a copa das arvores mais altas, occultos nas concavidades em que estes inoffensiveis animaes se julgarião em segurança. »

Além do caracter insociavel dos *Australios*, da sua intelligencia muito pouco desenvolvida, encontram os colonisadores grande obstaculo na diversidade e dessemelhança dos dialectos. « Apezar da unidade incontestavel de origem, da semelhança dos caracteres e costumes das differentes tribus da *Australia*, conta esta grande porção da terra tantos idiomas, quantas são as suas povoações; posto que se não possa explicar esta estraordinaria diversidade, e o que ainda mais é, não offerece nenhum destes idiomas a menor semelhança com os que se fallam nas ilhas da Polynesia que são as mais proximas da Australia. »

A descripção que faz Buffon dos *Australios*, e que preferimos por não ser das mais exageradas, será uma prova mais — de que em qualquer dos Estados — physico, moral e intellectual, são estes os ultimos dos seres racionaes.

« Os da Nova Hollanda (escreve este autor) são de todos os homens os mais miseraveis; e os que mais se assemelham aos brutos: são altos, direitos, delga-

dos, os membros compridos e franzinos, a cabeça grande, a fronte redonda, as sobrancelhas espessas.

Têm sempre as palpebras meio cahidas, habito que contrahem desde a infancia para resguardarem os olhos dos mosquitos que os incommodam e perseguem. E como nunca abrem perfeitamente os olhos não podem ver ao longe, excepto se levantam a cabeça como se quizessem ver alguma cousa acima delles.

« Têm o nariz grosso, os labios tambem grossos, a bôca grande; ao que se suppõe, arrancam os dois dentes da frente da maxilla superior, porque é falta que em todos se nota sem distincção de sexo nem de idade. Sem barba, rosto comprido, aspecto desagradavel, sem uma só feição menos horrida. Têm os cabellos curtos, pretos e de carapinha, a côr negra como os de Guiné; não trazem vestidos, mas sómente cascas de arvores presas no meio do corpo em fórma de cinto, com um punhado de hervas compridas no meio. Não têm casas, dormem ao relento, sem cobertor e sem outro leito mais do que a terra. Vivem em malocas de 20 e 30 homens, mulheres e crianças, todos de mistura. Sem pão, nem grão, nem legumes, têm por alimento ordinario um pequeno peixe que apanham, cortando os pequenos braços de mar com pedras que amontoam. »

Concluamos agora.

CONCLUSÃO.

Chegado quasi ao fim do nosso trabalho, convém lançarmos os olhos sobre os principaes pontos que

temos de tomar para termo de comparação, escolhendo dentre elles os que nos parecerem mais importantes para a resolução que nos parece dever ter o nosso programma.

Qual dos póvos da Oceania ou do Brazil estavam mais aptos para receberem a civilisação?

De dois modos se póde entender esta palavra: ha a civilisação filha do christianismo que tem por base a fé na religião de Christo; e a outra civilisação que nasce de certos habitos de vida policiada, com leis, industria, artes, sciencias e religião propria. Considerada do primeiro modo, devemos crêr que são todos os homens aptos para a receberem, porque Christo mandou a seus apostolos que a pregassem a todas as gentes.

Devendo nós concluir theologicamente que a nossa religião deverá triumphar de todos os erros, a comparação vem a estabelecer-se, não sobre o gráo da intelligencia de tal ou tal povo para a comprehender, nem sobre a cultura anteriormente e por outros meios adquirida; mas sobre a predisposição que tivessem para abraçal-a e circumstancias em que estivessem, de qualquer natureza que fossem, que a facilitassem ou retardassem. Tomada neste sentido, já o dissemos, mais facilmente poderá ser recebida por um povo selvagem; mas de boa indole, do que por aquelles que professarem uma religião differente e antipathica, ainda que o seu desenvolvimento politico a deva fazer considerar como um povo civilisado, absolumento fallando. Tanto é isto assim, que o divorcio entre o judaismo e o christianismo, e as seitas que do seio deste ultimo se tem levantado, e que ameação perpetuar-se ao travez dos seculos, são a prova de que ella encontra mais obstaculos, onde acha me-

nos dessemelhanças, como entre irmãos desavindos são mais profundas as antipathias.

Muito nos enganamos se a simples contraposição dos caracteres, e o resumo do estado dos póvos da Oceania e Brazil não bastam para que possa qualquer resolver por si o problema em favos dos ultimos.

Comparemos.

Temos no Brazil duas raças — *Tupys* e *Tapuyas* — a primeira habitando o littoral e as margens dos grandes rios, a segunda o interior das terras.

Uns tendo uma só lingua, que era a geral — lingua rica e variada, na qual se lhes podia pregar todos os mysterios da religião christã, outros com differentes dialectos, ou mais propriamente, segundo o dizer dos missionarios, com linguas diversissimas entre si.

Um sem casas, sem artes, sem industria, sem lavoura, sem habitos de vida menos inculta, em quanto os outros tinham casas, aldeias fortificadas, generos que cultivavam, uma theogonia complicada, e costumes que eram leis.

Mas para os primeiros povoadores o principal era a occupação e posse do littoral, que demonstrasse a prioridade de suas conquistas. No littoral acharam os colonos uma só raça, com a mesma linguagem e costumes, facil, hospitaleira, constante em suas amizades; mas fraccionada por discordias intestinas. Tudo isto podia e devia ser aproveitado para a catechese. As suas discordias por um lado embaraçavam a confederação em numero que podesse pôr em perigo os estabelecimentos portuguezes; por outro não repugnavam a união de todos sob novos principios, prestando-se pelo contrario a qualquer plano de catechese. A sua hospitalidade abria as portas aos

missionarios, em quanto a unidade de lingua e uniformidade de costumes facilitavam-lhes a pregação do Evangelho poupando-lhes maiores trabalhos.

Não tinham cartas privilegiadas, nem desigualdade radical de condições, nem se perpetuava o sacerdocio em determinadas classes ou familias; mas longe disso caminhando rapidamente para a sua decadencia, a religião se tinha convertido em formulas superstíciosas, e os vinculos sociaes se relaxavam.

Eram não só faceis, mas segundo o confessavam os proprios missionarios, facillimos de admittirem a religião christã. Se, porém, nada conseguiram, nem os colonos, nem os missionarios, foi por tão palpaveis razões que nos contentaremos da as expender em poucas palavras.

No principio nos mandavam os Portuguezes os seus degradados: eram aquelles sobre os quaes as penas não produziam effeito, os criminosos reincidentes, e os condemnados pelos crimes mais graves.

Estes homens, sentinas dos vicios das grandes cidades, regeitados por uma sociedade, que com quanto começasse a envelhecer, os não podia tolerar, e achando-se em contacto com póvos selvagens, adoptaram os costumes dos barbaros com os quaes viviam, impunham a sua vontade aos colonos puros, aos quaes sobrepujavam de muito em numero, attrahiam os barbaros, cuja sociedade tambem procuravam, e pervertidos por milhares de vicios que os póvos não conhecem na sua infancia, barbarisavam-se e barbarisavam-nos ainda mais do que eram. A bebedeira habitual, o furto, o adulterio, a bexiga, a syphilis, crimes, vicios e molestias por elles desconhecidas, começaram a grassar e a propagar-se embotando-lhes a intelligencia, enfraquecendo-lhes o corpo, e dando-lhes em

vez das luzes e necessidades creadoras da civilisação, os desregramentos e vicios das sociedades velhas e corrompidas.

Os colonos puros eram, dissemos em numero muitissimo inferior; portanto perdiam-se as suas boas obras e viam contrariadas as suas boas intenções e os seus melhores planos. Nem sobre elles era sem influencia o máo exemplo dos outros. Vivendo em um seculo no qual se negava intelligencia, racionalidade, natureza humana aos selvagens, testemunhas da impunidade dos delictos commettidos pelos outros contra os indigenas, na impotencia em que estava a autoridade de os castigar ou prevenir; tendo ainda jovens, abandonado a sua patria, em uma quadra, em que ainda se não affronta impunemente o espectaculo dos vicios, porque a moral não alargou raizes pela intelligencia e coração, tornavam-se dentro em pouco tão bons como os outros. Perigava a conquista portugueza e no solo ainda virgem do Brazil plantaram-se as sementes más que não poderemos extirpar tão cedo.

Unidos pelos mesmos costumes eram pouco comparados á multidão dos indigenas. Eram alliados; mas o senso intimo lhes dizia que a alliança cimentada pelo vicio, não póde ser duradoura. Não queriam arar a terra e precisavam de trabalhadores; não tinham o recurso da costa d'Africa, e precisavam de escravos: dos Indios uns eram hostis e lhes faziam todo o damno imaginavel, outros amigos, mas por demais poderosos para serem queridos sem receio, por demais ciosos da sua independencia e liberdade para serem subjugados sem difficuldade, por demais vingativos para se esquecerem de injurias immerecidas.

Neste extremo o genio do mal suscitou-lhes dois

meios — a discordia das tribus e a escravidão dos indigenas.

Então conseguindo de Portugal a publicação de leis, de que os indigenas não tinham nem podiam ter conhecimento, castigando a todos indistinctamente pelo crime de alguns, se é que represalias sejam crimes, indispuseram contra si os seus proprios alliados, e tornaram-se mais intoleraveis para os que vivendo nas selvas desconfiavam do bom semblante, das boas promessas de tão falsos amigos.

Então igualmente para conjurar a tempestade imminente que a sua imprudencia havia suscitado, os miseraveis deportados que já tinham feito cahir a seus compatriotas no desprezo dos barbaros, atiçaram os odios e as discordias entre as tribus, e como o sacrificio dos prisioneiros serviam efficazmente para perpetuar estas inimizades, os indignos do nome christão animavam e acoroçoavam com a sua presença estas festas sanguinolentas dando-lhes escravos para que os sacrificassem, ou inimigos que matavam para que nelles se cevassem. Deste modo descançavam algum tempo, em quanto com a hypocrisia cynica do interesse indignamente acobertado com o pretexto da religião que deveram professar, resgatavam para o baptismo os escravos das guerras, que elles mesmos haviam suscitado de modo que as aguas da redempção fossem como o stygma do captiveiro.

Por esses tempos os Jesuitas, estabelecendo-se no paiz, começaram a sua tarefa. Era pessimo o estado moral e religioso dos colonos, o clero secular dava o exemplo de vicios e escandalos que era do seu dever reprimir, e a autoridade mal se fazia respeitar. Então appareceram os religiosos de Jesus como defensores dos opprimidos; a sua illustração, o seu desinteresse

individual, a pertinacia com que persistiam em seus planos, o affan com que se davam ao engrandecimento da sua ordem, o amor que mostravam aos indigenas, os bons officios que em todas as occasiões lhes prestavam, attrahiam um sem numero delles, que vinham beber as suas doutrinas, e á sombra das missões abrigar uma existencia disputada pelo rancor dos *tapuyas* e pela cubiça dos colonos. Dir-se-hia que Deos se amerciara emfim dos pobres selvagens, suscitando-lhes aquelles protectores para o bem temporal e salvação futura. Os effeitos comtudo não corresponderam ás esperanças. Não bons colonisadores, porém missionarios zelosos segregaram completamente os indigenas da convivencia dos Portuguezes para que, como se dizia, o exemplo dos máos costumes não tivessem sobre elles perniciosa influencia. Seja-nos tambem permittido crêr que, para que fosse mais efficaz o sequestro que delles faziam, não deixaram de lhes inspirar maior gráo de temor para com os Portuguezes, afim de que os evitassem e fugissem.

Deste apartamento não era de nenhum modo possivel que podesse resultar a fusão dos dois póvos, cousa a que se devia attender, nem o accôrdo de idéas, nem a uniformidade de sentimentos, nem a creação de reciprocas necessidades, que tornando-os dependentes uns dos outros fosse a garantia de uma paz duradoura. Este grave erro tinha por certo impressionado o abbade Raynal quando referindo-se á America portugueza, resume o seu plano de colonisação no entrelaçamento das duas raças, julgando que se deveria ter mandado rapazes e raparigas que se alternassem com os naturaes da terra. Muitos annos depois se lembrou o governo portuguez de favorecer esta medida, mandando que aos Portuguezes que

se casassem com as Indias do Pará, sendo soldados, se désse baixa, e sendo paisanos se fizessem mercês.

Os colonos, já irritados com a escassez de escravos para as suas lavouras começaram a soffrer necessidades urgentes, quando os Indios domesticos se occupavam com o serviço das missões, do que vinha ao publico pouco proveito immediato. D'aqui nasceu o odio ao systema, depois aos Jesuitas; d'aqui a necessidade em que estes se viam de sacrificarem os seus protegidos para momentanea satisfacção do clamor publico.

Se o sangue de tantos milhares de victimas não fosse objecto de bem tristes meditações, rir-nos-hiamos hoje, de ver como com um rasgo de penna julgava Portugal que podia mudar a indole de um povo, e fazer respeitada pelos indigenas a autoridade, que elles nem de nome conheciam: rir-nos-hiamos de ver como eram executadas essas leis, que se diziam feitas a bem da liberdade, e que não eram senão occasião de novos vexames e de maior numero de captiveiros. Se um fazendeiro maltratava o indio, se o prendia e espancava, se o feria ou matava, recorra o indio ou seus parentes á autoridade, á autoridade que elle não conhecia e que o não reconhecia a elle como membro da Republica, a autoridade connivente nesses crimes, ou sem força para os reprimir. Se depois a vingança o levava a algum acto de desespero : — Prendei-o, insulta os vassallos de El-rei — devasta as suas propriedades — é escravo legitimo.

Se um Portuguez passava, um d'aquelles de quem tantas offensas recebiam; se um missionario os acompanhava; se porque sem distincção eram todos maltratados, se vingavam indistinctamente sobre todos, se de qualquer modo obstavam á pregação do Evan-

gelho : — Prendei-o para que saiba o que é o Evangelho ! E prendiam de facto não só os culpados, mas a quantos topavam, amigos ou inimigos, trazendo-os carregados de ferros, para o seio de uma sociedade que se fazia odiada : ali á força de açoites, de máos tratos, poucas vezes de caricias, abusando da sua credulidade, arrastavam-n'os perante o tribunal. Lêde os differentes livros de missões que ainda se encontram nos nossos archivos municipaes; a formula é simples e tão geralmente seguida, que por maior commodidade poderiam ser stereotypados os termos da matricula : declarou ter sido preso em guerra justa ! e poderiam accrescentar que eram nos sertões comprados por um fio de contas ou de missangas, por um lenço ou prego, e revendidos por um cruzado nas povoações.

Neste cahos de interesses encontrados desconheceram os jesuitas a obra santa para a qual a Providencia os chamara entre os selvagens : embrenharam-se nas missôes, obraram prodigios de constancia; mas como já tinham dado de mão á colonisação para só pensar na catechese, deslembraram-se tambem da religião e do principio vivicante que ella encerra, do seu espirito para só cuidarem e impôrem com o maior rigor formulas e praticas que os selvagens como automatos repetiam.

Pensando em Deos, e no paraiso esqueceram-se da terra e da sociedade; não era um povo a quem educavam, eram noviços que instruiam ; não eram homens que educavam para a sociedade, eram barbaros aos quaes se applicava o processo de Loyola para quebrar e subjugar a vontade, reduzindo-os a uma obediencia cega, a uma passibilidade morta, inerte e improductiva.

Relaxavam os laços de familia tornando os filhos e mulheres denunciantes dos pais e maridos, tiravam-lhes a vontade e o amor á independencia: e á força de humilhações, de disciplinas, de castigos infamantes impostos em praça publica, impostos até aos seus maiores, e por estes recebidos como actos meritorios, apagaram e consumiram um tal qual sentimento de dignidade propria sem a qual nenhum esforço louvavel se póde conseguir da nossa especie.

Chegaram a dominar absolutamente os espiritos dos neophitos, e quer usassem, quer abusassem do poder que tinham adquirido, é certo que sem a sua intervenção e assentimento nada se podia conseguir com elles. Eis o que em fins do seculo passado, escrevia Domingos Alves Branco Moniz Barreto (1) e que damos como um exemplo entre mil :

« O governo e jurisdicção que têm estes padres temporalmente nos Indios é tão dispotico que elles arbitraria e absolutamente os condemnam a horrorosos castigos, depõem capitães-mores e outros officiaes, nomeiam sem autoridade outros em seu logar, punindo-os com prisões, gollilhas e ferros; e finalmente resistem a todas e quaesquer ordens do governador e da justiça, que os mesmos Indios não ousam cumprir, sem que lhes seja ordenado pelos seus padres assistentes, e estes sem que tambem lhes seja ordenado pelos prelados de suas respectivas religiões.

« Não ha muito tempo que sendo nomeado pelo Exm. Marquez de Valença, governador que foi da capitania da Bahia, um capitão-mór dos indios d'aldeia de S. Felix do Rio-Real, o missionario que se achava

(1) *Plano sobre a civilisação dos indios do Brazil*, por D. A. B. M. B. — MS. do Instituto Historico Brazileiro.

nella não quiz cumprir a patente d'aquelle Indio, nem dar-lhe posse do seu emprego por motivos particulares; e ainda em cima trazendo de olho ao mesmo Indio por ter sido promovido sem o seu consentimento e approvação, deixou passar tempo e suscitou a mesma questão governando áquella capitania D. Rodrigo José de Menezes; depoz segunda vez o mesmo Indio, e do mesmo modo nomeou outro em seu logar. Chegando o clamor á presença deste governador, e ordenando de novo por uma portaria sua ao regente missionario, restituisse a jurisdicção ao mesmo Indio, ainda assim não obedeceu, causando até uma perturbação entre os outros Indios, por lhes fazer crêr que o governador mandava fosse lhe restituida a jurisdicção. Estava de má fé, dizia o missionario, e era de esperar que os tratasse mal, sendo que bastou isso para que os mesmos o não quizessem conhecer por seu capitão-mór, nem obedecer-lhe de modo algum. »

Quando se extinguiram os missionarios estes homens enfraquecidos por uma luta de seculos, educados n'uma tutela constante, envilecidos pela escravidão, sem vontade, sem animo, sem que soubessem governar ou tomar uma resolução, consumidos e destruidos pelas guerras, pestes, fome, resgates, e captiveiro, offereceram-se como facil preza á avidez dos colonos que os acharam reunidos, e indefensos. Não foram pois estes padres os mestres, os instructores, dos neophytos que deveram ter guiado pelos caminhos da civilisação : dir-se-hia antes que foram os sacerdotes que a Providencia chamou para junto do leito de um povo moribundo para ali durante mais de dois seculos assistirem ás suas conversões, ministrarem-lhes os sacramentos e abrirem-lhes as portas do céo.

Se se devesse ajuizar dos missionarios do Brazil pela regra do Divino Mestre, ex fructibus eorum &— concluir-se-hia, ou que foi por elles mal interpretada a palavra do christianismo, que devendo ser vida produziu a morte, ou que a Providencia os escolheu para instrumentos de suas vistas inperscrutaveis no exterminio dos indigenas, e no fundamento da dominação portugueza : sem a sua intervenção não resistirião os Portuguezes á furia dos selvagens, nem os selvagens sem os seus conselhos se deixariam tantas vezes persudir a descerem das florestas, e a quebrarem as suas armas em signal de alliança para que as tentativas contra a sua liberdade os achassem desprevenidos e indefensos.

Dissemos a opinião entre nós consagrada de que elles foram os unicos e verdadeiros amigos dos indigenas : queremos crêr, e crêmos que de boa fé patrocinaram a sua causa : todavia se os avaliamos pelas suas obras, vêmos que elles prestaram grandes e importantes serviços, mas aos Portuguezes ; intimidaram os estranhos, fortaleceram os estabelecimentos creados, fundaram novas povoações com a tranquillidade que lhes asseguravam, contendo os barbaros, repellindo os piratas e cahiram emfim quando já se achava consolidado o dominio portuguez, por uma posse diuturna, e não disputada. Que foram pois ? Os protectores dos indigenas que se extinguiram, ou a salvaguarda dos Portuguezes que prosperaram ?

Quaesquer, porém, que fossem os erros provenientes do modo porque se effectuou a colonisação portugueza ; qualquer que fosse a influencia exercida no contacto com os indigenas, nada disso altera as condições de sociabilidade e civilisação em que se achavam os indigenas, nem desmente a asserção dos primei-

ros navegantes e missionarios de que eram facillimos de admittirem á religião christã.

Passemos á Oceania,

Tres são as raças com que aqui deparamos, *Malayos*, *Australios* e *Polynesios*. Procedamos por ordem, segundo a importancia numerica de cada uma destas raças e vejamos se uma simples recapitulação, do que sobre cada uma dellas deixamos escripto, basta, como nos parece, para que possa qualquer resolver o nosso programma em sentido favoravel aos indigenas do Brazil.

Os *Malaios* constituem a raça mais numerosa da Oceania. Estes, porém, longe de serem barbaros eram dados á navegação desde tempos mui remotos. Favorecidos pelas circumstancias de habitarem as ilhas numerosos e proximas dos ventos constantes, das correntes conhecidas, deram expansão ao seu genio essencialmente aventureiro, ao amor que tinham ás expedições longinquas, estabelecendo uma infinidade de colonias, e por esta forma propagando e vulgarisando a sua lingua por todas as terras da Oceania.

Em quanto os *Brazis* sacrificavam e devoravam os seus prisioneiros de guerra, destes uns eram anthropophagos por preceito religioso, outros sacrificavam as viuvas, nas exequias dos maridos, e as escravas nas das senhoras, além de que igualmente devoravam os prisioneiros.

Os nossos davam-se com paixão ás bebidas espirituosas, os da Oceania davam-se com igual excesso ás mesmas bebidas e além disso ao opio, em quanto as mulheres de algumas partes tomavam o *ampó* para emmagrecerem, viciando por esta forma o germen das gerações futuras.

Tinham, cousa de que os nossos careciam, classes

privilegiadas e até com mais distincções do que na India e na China.

Assim os habitantes de Bali, a pequena Java, sectarios de *Chiva* não têm sómente as quatro classes que se contam na India entre os póvos da mesma crença; mas uma quinta mais que não entra em conta por ser reputada impura, e como tal habita fóra das povoações, longe do contacto de todas as outras. Eram estes os *Sudras* ou *Poleas* destas ilhas, os *Chandalas* chamados.

Em Java, uns como os nobres pretendiam ser descendentes de *Wichnou* em quanto os montanhezes compartilhando taes prejuizos, fazem provir os seus antecedentes da especie de macacos que conhecem com o nome de *Wouwons*. Aquelles tinham vestuarios proprios, que em todas as occasiões os differençasse dos outros aos quaes a macula inexpiavel de origem tirava todo o meio de purificação ou rehabilitação.

Todos tinham governos estabelecidos e despoticos, como é de necessidade que sejam, onde se acham classes bem descriminadas, e constituidas desde tempos immemoriaes. O estado era feudal; os nobres exerciam o mais intoleravel despotismo, e viviam na maior independencia, fundando as suas prerogativas na santidade de sua origem, em quanto os servos, e os escravos, gemiam sob as oppressões e extorsões de todas as classes superiores. As discordias que entre elles appareciam não provinham nunca de movimento popular, eram alevantes ou rebeldias dos nobres contra o rei, ou manifestações dos reis contra os nobres, esforçando-se cada um por dilatar e estender o circulo de suas prerogativas e direitos.

Em muitas partes como em Java tinham palacios,

côrte, etiqueta e civilisação, não lhes faltando nem escravatura, nem o trafico que exerciam por meio da pirataria.

O que completa o quadro do seu desenvolvimento intellectual era terem uma litteratura rica e variada, romances, poemas, theatro historico e mimico, templos, tumulos e monumentos, construcções antigas e de tal belleza artistica, que são reputadas superiores as da Persia, e comparadas as mais bellas do Hindostão; por fim archivos de uma remotissima antiguidade, e que começam a fazer fé dos *76 annos* da nossa era, que é o primeiro da *javaneza.*

Esta raça como mais particularmente se observou nos homens de Palembang, repugnavam a qualquer innovação, a qualquer mudança nos seus costumes, a que são extremamente afferrados, e no seu caracter bellicoso achava incentivo e recursos para a luta com os Europeos. Foi por estas causas que o reino de Achen lutou por quasi um seculo com os Portuguezes, então no auge da sua prosperidade, obrigando-os por fim a recuarem, depois de cançados, e desacoroçoados, e consumidos innumeros thesouros.

Os Hollandezes se estabeleceram em Java, e em outros pontos da Oceania; mas dando de mão á pregação do Evangelho, suscitavam e fumentavam discordias entre os reis e os nobres, que mutuamente se enfraqueciam e destruiam, em quanto elles com o sangue de milhares de victimas iam consolidando o seu poder. Destruir, porém, não é civilisar.

A pregação do Evangelho, ou antes a civilisação que tem por base o christianismo encontrou um sem numero de obstaculos nas religiões que os *Malaios* professavam : desta causa primaria deverá ter nascido

a opinião aliás verdadeira, de que eram em extremo afferrados a seus costumes.

Seguiam elles o culto de *Chiva* ou o de *Brahma*, e o de *Mahomet*. Peço desculpa de ter de entrar em algumas considerações metaphysicas : serei breve, e procurarei ser claro.

Não sendo os dogmas fructo da politica; mas pelo contrario, sendo as sociedades productos das religiões, seria preciso substituir uma religião por outra, para mudar-se a forma social. Estas mudanças que em todos os casos não se operam senão por meio do tempo, e de violencias, são de extrema difficuldade quando está no seu auge a religião que se pretende extirpar, e impossiveis quando tem creado raizes no seio de uma sociedade que a par della se foi desenvolvendo e fortalecendo, comprehendendo ambas na occasião do ataque, que uma sem a outra não poderia subsistir.

Vejamos quaes são os dogmas da religião de *Brahma*, e quaes os seus effeitos na ordem politica.

Brahma e *Chiva* são os dois deoses da trindade admittida pelos livros sagrados da India : na sua essencia a religião é uma.

Brahma é o principio unico, o autor de todas as cousas, a alma universal, é uma unidade infinita que se manifesta nos espiritos, nos seres e nos objectos da natureza, uma substancia que se acha presente em qualquer acção, vida ou intelligencia. É tudo, pois comprehende tudo. Os individuos são sombras que passam ; só existe *Brahma*, que é o fim supremo da creação, que delle nasce, nelle subsiste, e a elle tem de voltar. Todos os espiritos se haverão de confundir na unidade da substancia eterna, depois de um nu-

mero maior ou menor de transformações em castigo de faltas commettidas.

Se Deos é tudo, e os individuos outras tantas illusões não póde existir a individualidade. Os individuos são sombras, que *Brahma* cria por emanações da sua propria substancia, procedendo na sua marcha do mais ao menos perfeito. A individualidade pois, dependente da unidade absoluta, não existe para si, mas para o ser de que emana; não existe esse principio nem mesmo da eternidade, não obstante reconhecerem os premios e castigos futuros, porque estes dois extremos oppostos combinam-se para aniquilal-o. O castigo suppõe a emenda, a rehabilitação para a recompensa, e a recompensa vem a ser o fim do individuo, por que é a absorpção da alma humana na alma universal. *Brahma* pois é o principio e o fim de tudo.

Negando a religião personalidade ao homem, o governo não podia admittir a liberdade social, e por tanto constituia-se despotico.

Além disso *Brahma* cria por emanações successivas, procedendo do mais ao menos perfeito; haverá pois tantas desigualdades no seres quantos forem os actos de emanações. O homem quatro vezes creado, formará quatro classes, ou quatro especies de creaturas differentes. Se pois a natureza humana é multiplice, e se compõe como a dos animaes de muitas classes, que se não podem confundir, e antes devem perpetuar-se de geração em geração, o governo accommodando-se a este novo principio transformava-se logicamente em um despotismo hierarchico de castas.

Se, porém, a soberania pertencer de direito á classe mais nobre, a classe divina, *Brahma* é de direito senhor da creação, tudo lhe pertence; e se os outros

homens alguma cousa desfructam do que ha no mundo é isso devido a puro effeito de sua generosidade.

Se os que governam são os mais proximos de Deos, são elles os que só podem interpretar a sua vontade, e devem assim accumular o poder temporal e o espiritual. O estado é por tanto theocratico, e todas as espheras sociaes se regem e ordenam dogmaticamente por leis que são ao mesmo tempo politicas, civeis, moraes, e religiosas.

Ainda mais: se Deos é tudo, a sciencia unica é a sciencia de Deos: della depende a arte, a industria, a agricultura, o commercio: a religiao em summa é o centro e o fim de toda a actividade.

Concluimos.

A religião de Christo pregando a confraternidade e amor do proximo, repugna a idéa da multiplicidade da natureza humana, e por consequencia o regimen de castas: a historia mostra que elle se compadece com todas as fórmas de governo, mas a razão faz ver que não póde sem renegar de sua verdade sublime, caminhar com theocracias de credos differentes. Por outro lado como a religião de *Brahma* é a sciencia e o principio da actividade dos que a professam, os homens desta communhão não poderiam acceitar a bandeira d'uma civilisação baseada em outros principios por causa do antagonismo fatal; e dir-se-hia mesmo impossivel, que deveria apparecer entre as faculdades moraes e intellectuaes. Seria preciso extirpal-a, offendendo o poder dos governantes, ferindo o interesse de castas poderosas, arrepellando os prejuizos do vulgo, que, ainda quando victimas de seus erros, não são os que em favor delles pugnam com menos aferro.

Menos teremos que espender ácerca do Mahome-

tismo, o qual, posto que não sufficientemente, tem sido com tudo melhor apreciado.

A fatalidade que é a base da fé mahometana, faria á primeira vista suppôr que os crentes, como elles se chamam, assistirião de braços cruzados á invasão e predominio de uma crença differente; se não tivessem uma fé tão viva e tenaz, se a gloria do seu paraiso não reservasse um logar distincto aos que morressem por amor do propheta, e se emfim a sua religião não admittisse como o christianismo o principio do proselytismo.

Hoje que a Turquia é considerada como um elemento necessario ao equilibrio europeo, depois que a sublime Porta deixou de infundir receios pela tranquillidade da Europa, as opiniões sobre o Islamismo modificaram-se singularmente por effeitos da politica, chegando a pretender certos autores, sem duvida pouco orthodoxos que ella é a mais apropriada ao caracter de certos póvos, como sejam os Africanos.

Não é essa a nossa questão.

« Até aqui (escreve Eichtal) (1) tem sido os musulmanos inconvertiveis pelos christãos, e esta resistencia se explica pela propria natureza do seu dogma, simplicissimo em si, e que por outro lado achando-se em harmonia com o christianismo em um grande numero de pontos, é um protesto expresso contra os outros em que della se separa. »

Em outra parte diz o mesmo autor com referencia a Africa. «Nenhuma duvida temos a este respeito. Toda a tentativa de proselytismo entre as populações musulmanas as sublevaria de um jacto tornando-as desconfiadas e hostis para com os Europeos, e no caso

(1) *Mem.* cit. (S. Eth.). T. 1, p. 2 pag. 164.

de ter algum successo, não deixaria de produzir uma luta religiosa com os effeitos desastrosos, que sempre acompanham semelhantes lutas. »

Um outro autor (Buxton) (1) diz: « São por tal forma enraizados os seus prejuizos, que alguns missionarios não hesitam em declarar que elles prefeririam empregar os seus esforços com pagões do que com musulmanos. » O que combina com a asserção de Molliano « de que os missionarios fariam inquestionavelmente conversões entre os idolatras, mas que experimentarião invencivel resistencia da parte dos musulmanos. »

Resulta do que levamos dito que se os musulmanos não são inteiramente refractarios á acção do christianismo, ao menos não o chegarião a adoptar sem grandissimas difficuldades. Se o raciocinio o demonstra, os factos a têm confirmado. Faria e Souza (2) diz em uma parte da sua obra referindo-se aos mouros « con estos és toda la porfia portuguesa. »

POLYNESIOS.

Quando mesmo a idéa de comparar os indigenas do Brazil com os da Oceania tinha nascido da supposição de que descendem estes dos *Americanos*, regeitando nós tal opinião, fundados nas autoridades de Marsden, Morhenhout, Urville e Humboldt, temos regeitado implicitamente a paridade que de tal facto se poderia achar no estado de ambos para os effeitos da civilisação.

(1) Thomas Fowel Buxton, trad. de *Pacaud*. « *De la traite des esclaves en Afrique et des moyens d'y remédier*, p. 335.

(2) T. 1, p. 83, ob. cit.

Os *Polynesios* são no physico superiores aos *Malaios*, com a côr mais carregada que a destes, e ao mesmo tempo mais altos, mais robustos, mais bem feitos. Os *Tupys* pertencem a um typo differente, mas apresentam todos os caracteres da força. Comtudo para os effeitos da civilisação as dessemelhanças physicas entre uns e outros não são de grande importancia.

No moral, feita a excepção de que os *Malaios* são mais e muito mais sanguinarios, abundam as semelhanças. São ambos preguiçosos, vingativos e resolutos para os actos que demandam, não perseverança de que são pouco capazes, mas energia subita. Uns e outros, sobrios, hospitaleiros, amigos da sua independencia, uns e outros, amigos de lutas e combates; mas o *Tupy* procurava o inimigo ás claras, em quanto os *Polynesios*, desconhecendo o arco e frechas, amavam as traições e as emboscadas.

No intellectual é admittido que desde tempos immemoriaes tinham os *Polynesios* uma civilisação, que embora fosse elementar, era comtudo regular e completa.

Mas se tinham essa tal qual civilisação, não podemos suppôr que o novo programma se refira senão á introducção do christianismo entre elles.

Nisto, porém, já differem.

Os *Polynesios* bem que dotados de talento e com rara intelligencia para as artes mechanicas, como tambem tinham os nossos indigenas, eram tão aferrados aos seus costumes que se tornavam antipaticos a qualquer civilisação já formada.

Além desta disposição pouco favoravel, contava a sua sociedade tres castas, a primeira das quaes era intoleravel pelo despotismo que exercia, em quanto

a ultima jazia submergida no ultimo grão de servilismo e miseria. Todos na actualidade, como que para isso se tinham dado as mãos, fogem dos Europeos, e maldizem a cega confiança e imprudente hospitalidade de seus pais.

Em religião são mahometanos; porém muitos não têm senão superstição grosseira, idéas confusas de uma outra vida e a credulidade nos feitiços e mandingas.

Entre todos, o sacerdocio, em cujo apice está o rei, é muito influente e respeitado, de modo que como se achem confundidos em uma só pessoa, ou pelo menos em uma só casta, os interesses do céo e os da terra, gemia a maior parte debaixo do peso de uma theocracia cruel e supersticiosa.

Mas o maximo dos obstaculos era *tabú*, em mãos de homens que por certo se não quererião servir delle em damno proprio.

O *tabu* regulando todos os actos, todos os momentos da vida, e sendo exercido por todos os chefes e autoridades, era uma palavra fatal, com a qual podia o chefe afastar os estrangeiros do seu povo, regeitar as suas relações quando dellas se temessem, e embaraçar todos os esforços que se tentassem para os civilisar.

MELANESIOS

Temo por fim os *Melanesios*, que são os *Papuás* de pelle negra e lusidia, de estatura média, sadios, de cabellos riçados, mais intelligentes do que os *Australios*, e em religião idolatras e musulmanos.

Os *Alfurás*, escravos de todas as superstições, em

intelligencia inferiores aos *Papuás*, e superiores aos *Australios*, deixam-se guiar pelos missionarios, mas sem amor á vida das missões, e aproveitando-se de qualquer aberta para voltarem ás suas montanhas, e retomarem o seu estado anterior.

Por fim os *Australios*, entes desgraçadissimos no moral como no physico, avessos a todo o ensino, fallando innumeras linguas, e collocados (diz Rienzi) no ultimo gráo de embrutecimento da especie humana.

Comtudo as differenças entre estas variedades não são tão caracteristicas que os autores os não deem a conhecer com a designação generica de pretos da Oceania.

Os Inglezes, o que sem duvida será devido ao caracter dos indigenas, têm ali commettido crimes iguaes áquelles porque são accusados os Hespanhóes da America. Se é certo o que nos conta o abbade Gregorio (1) de que á chegada de uns cães de fila mandados de Cuba para S. Domingos, deu-se-lhes em pitança e como para experimental-os o primeiro negro que casualmente passava : Prichard (2) lembra tambem o proceder de certos brancos da colonia ingleza da Nova Hollanda, dos quaes contam seus compatriotas terem por vezes atirado nos selvagens, para os dar em carniça aos cães.

Um membro dos communs no primeiro quartel deste seculo chamava a attenção dos seus compatriotas para os vexames praticados pelos colonos inglezes contra os indigenas das terras em que se estabeleciam ; e tirando as consequencias dos factos conhecidos, mostrava que a população da Australia e Polynesia,

(1) *De la Littérature des Nègres. Paris*, 1818.
(2) T. 1.º, p. 9 : da trad. franceza.

montando a mais de dois milhões, tinha rapidamente decrescido; e que tomando a Inglaterra posse da ilha de Van Diémen, em pouco mais de vinte annos se achavam destruidos os indigenas. Concluiremos melhor o que são estes homens pelo arrazoado de seus defensores.

« É para nós fóra de duvida (escreve Rienzi) que os *Austrahos* são susceptiveis de civilisação; julgamos comtudo que nesta obra se terá de arrostar com os maiores obstaculos, e indicando em resumo quaes sejam as difficuldades que antolha, taes como fazer-lhe perder o amor á vida errante, arredal-os do contacto dos deportados, ganhar-lhes a confiança. Conclue o mesmo autor que mais de uma geração terá de desapparecer antes que elles se habituem aos costumes das nações civilisadas, deixando os habitos da vida selvagem pelos das nações civilisadas.

No emtanto para provar que os philantropicos inglezes estão bem longe de procurar semelhantes resultados, copiarei de Rienzi (1) a opinião de um colono de Hobart Town, que a 23 de Março de 1835 escrevia :

« Quanto á população negra, é pouco numerosa, e desconhece completamente os beneficios da civilisação. São tão estupidos estes homens, que em um paiz, onde a benignidade do clima dispensa vestidos, não se resolvem a constranger os membros dentro dos tecidos de lã, que se lhes offerecem em troca da liberdade, preferindo um viver commodo e independente á servidão e ao trabalho.

« Os brancos justamente indignados de tão brutal loucura, exprimem a sua divergencia de opinião apon-

(1) T. 3.º, pag. 558 ib.

tando-lhes aos peitos os canos das espingardas, ao que elles retrucam com botes de lança, quando se lhe offerece occasião. Sem duvida que não terminará esta controversia senão quando uma das côres houver exterminado a outra. »

Temos informações mais recentes que não desmentem ás anteriores. O *Boletim da Sociedade Geographica* noticia a publicação ultimamente feita em Londres da viagem de Owen Stanley pelo naturalista da expedição John Macgellivray, obra elogiada pela curiosidade das noticias sobre os costumes e caracter dos *Australios* : « Os missionarios inglezes (diz o resumo que consultamos) não só têm conseguido muito poucos resultados dos seus trabalhos com os naturaes, mas se vêm muitas vezes expostos a ser atacados por estes, em consequencia das suggestões dos deportados, a que aquelles de melhor grato se prestam. Estes indigenas, em geral quasi embrutecidos, têm pessima opinião dos brancos, que elles consideram como inimigos, dos quaes se devem acautelar. Ha excepções, mas parece que são raras. »

Estas opiniões servirião para demonstrar a extrema difficuldade que haveria na empreza da civilisação dos *Australios*, e esta consequencia ainda mais se confirma com um facto por tal forma generico, que o podemos considerar como regra geral.

A experiencia mostra que a raça preta em contacto com outra qualquer se deixa sempre subjugar, o que é prova de incontestavel inferioridade ; e de facto os *Autralios* são muito inferiores aos *Guaranis*, tanto no physico como nas faculdades moraes e intellectuaes.

RESUMO E CONCLUSÃO

Os *Malaios* tinham a religião de *Brahma* e a de *Mahomet;* uma civilisação antiga, o governo feudal; o regimen de castas.

Os *Polynesios* tinham uma civilisação rudimentaria, mas completa; igualmente o regimen de castas; um sacerdocio influente e a superstição do *tabú.*

Os negros, emfim, dos quaes os *Papuás*, os mais intelligentes, eram inferiores aos *Americanos*, sendo os mais, como os *Australios*, estupidos e quasi embrutecidos, sem religião, sem costumes, com fórmas comparadas as dos macacos, aos quaes se não avantajam muito em belleza ou penetração, e fallando diversissimos dialectos.

Dos tres — os primeiros eram já civilisados, e só com muita difficuldade admittiram o christianismo; os ultimos com uma intelligencia quasi nulla, e por tanto quasi incapazes de o comprehenderem. Estas raças emfim estavam disseminadas por uma extensão immensa, que se calcula abranger a metade do mundo conhecido, e fallavam muitas e diversissimas linguas com uma infinidade de dialectos.

Contrapômos a estes os *Tupys* — uma só lingua, uma só raça, com os mesmos costumes, com a mesma religião, com a mesma indole, dominando o littoral, fraccionados em pequenas tribus, com um governo sem força, um sacerdocio sem influencia

Quer os Portuguezes no Brazil, quer os Hollandezes e Inglezes na Oceania em contacto aquelles com os *Tupys* ou *Tapuyas*, estes com a raça preta ou amarella da Oceania, não conseguiram mais do que tornar odiado o nome europeo pelos indigenas destas differentes partes. Não tiramos a consequencia (aliás

plausivel) de que todos commetteram grandes erros; mas considerando quantas boas intenções, esforço, thesouro, vida, se sacrificaram e perderam; quanta dedidicação, virtude e sciencia se consumiu sem resultado, quanto tempo gasto, quanta perseverança sem fructo, quanta experiencia perdida, lamentariamos a impotencia do homen para fazer o bem extreme do mal; e reconhecendo o eterno principio de que só Deos crea sem destruir, desistiriamos de toda a tentativa, se Deos não nos tivesse dado a intenção e boa vontade para desculpa do erro, e a esperança para estimulo de novos esforços.

Aqui finda o meu trabalho, apresentando, porém, resolvido este programma como entendi, e como pude, cabe-me agradecer, como de boa mente o faço à Sua Magestade o Imperador, haver-me dado occasião de coordenar os estudos sobre os nossos indigenas, que já de algum tempo antes me occupavam, e de ter feito nascer a opportunidade de os apresentar a esta associação tão altamente protegida. Se, além do prazer de ter concluido uma tarefa, que talvez erradamente reputo difficil, me fosse dado enunciar um desejo, quizera não que fosse isto considerado como o panegyrico de uma raça, que mais merece commiseração do que louvor; mas como um brado, embora fraco, em favor da catechese dos indigenas. Em uma época em que tanto se trata da colonisação estrangeira, cujas utilidades e vantagens estou bem longe de contestar, seria bem que um pouco nos voltassemos para as nossas florestas, e considerassemos se alguma antipathia ha entre a philantropia e o amor da prosperidade nacional, ou se se dá alguma repugnancia para que sob o mesmo impulso progridam a catechese e a colonisação.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

Paris. — Typ. H. Garnier, 6, rue des Saints-Pères, 322.8.1909.

PARIS. — IMP. E. DESFOSSÉS, 13, QUAI VOLTAIRE. — 40396. — 10-09.